

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
– PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

WANDERLEY DE SOUSA SILVA

CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

JOÃO PESSOA – PB
2025

WANDERLEY DE SOUSA SILVA

**CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?**



Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Campus João Pessoa, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto

**JOÃO PESSOA – PB
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *campus* João Pessoa

S586c

Silva, Wanderley de Sousa.

Clubes de protagonismo juvenil no ensino médio integrado : um horizonte para formação integral? / Wanderley de Sousa Silva. – 2025.

314 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto.

1. Ensino Médio Integrado. 2. Protagonismo juvenil. 3. Formação integral. 4. Clubs de protagonismo juvenil. 5. Educação Profissional e Tecnológica. I. Título.

CDU 377

Bibliotecária responsável Taíze Araújo da Silva – CRB15/536

WANDERLEY DE SOUSA SILVA

Clube de protagonismo juvenil no Ensino Médio Integrado: um horizonte para formação integral?

DISSERTAÇÃO submetida ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), linha de pesquisa: “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”, em cumprimento aos requisitos institucionais para a obtenção do Título de **MESTRE**.

Aprovado em 31 de outubro de 2025.

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Orientador

Prof. Dr. Alysson André Regis Oliveira

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Examinador interno

Profa. Dra. Darliane Silva do Amaral

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Examinadora Externa

Documento assinado eletronicamente por:

- **Luis Gomes de Moura Neto, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/11/2025 15:39:15.
- **Alysson Andre Regis Oliveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/11/2025 15:40:26.
- **Darliane Silva do Amaral, PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR NA ÁREA DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**, em 11/11/2025 15:48:58.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 11/11/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 792777
Verificador: f0690b6ac1
Código de Autenticação:



AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de força, inspiração e esperança, rendo meus primeiros agradecimentos. Foi Ele quem me sustentou em cada passo, acalmou meu coração nas incertezas, iluminou meu caminho nas escolhas difíceis e me concedeu ânimo para seguir firme, mesmo diante dos desafios mais árduos.

Aos meus amados pais, Severino Luis da Silva e Josefa Francisca de Sousa Silva, minha gratidão é infinita. Vocês são o alicerce de tudo o que conquistei. Cada sacrifício feito em silêncio, cada noite de preocupação, cada palavra de incentivo e cada gesto de amor foram a força que me manteve de pé. Vocês me ensinaram o valor do trabalho honesto, da persistência e da fé. Todo esforço de vocês para que eu tivesse oportunidades e pudesse sonhar mais alto jamais será esquecido. Este título é, antes de tudo, uma vitória de vocês, que plantaram em mim as sementes da coragem e da determinação.

Às minhas queridas irmãs, Claudiane de Sousa Silva e Josiane de Sousa Silva, meu agradecimento carinhoso por toda a paciência, compreensão e torcida constante. Em cada mensagem, abraço e gesto de apoio, senti a certeza de que não caminhava sozinho. Vocês compreenderam minhas ausências, aceitaram minhas longas horas de estudo e vibraram a cada conquista como se fossem suas. O carinho e a cumplicidade de vocês tornaram o fardo mais leve e o coração mais tranquilo.

À minha amada Tamiris Ramos, que foi presença firme e afetuosa durante toda esta caminhada, minha gratidão mais profunda. Seu amor paciente, sua capacidade de compreender minhas ausências e sua fé inabalável em nosso futuro me deram serenidade nos momentos de maior cansaço. Obrigado por acreditar em nós, por esperar junto comigo as conquistas que sonhamos e por ser meu refúgio seguro quando precisei de conforto e alegria. Este trabalho também é fruto do nosso amor e da confiança que nos une.

Aos meus queridos colegas do CMEI Prefeito Osvaldo Rabelo Filho, deixo registrada minha mais sincera e profunda gratidão. Cada um de vocês — Auxiliares de Serviços Gerais, Porteiros, Merendeiras, equipe do Setor Administrativo, Professoras, Coordenadoras e Gestora — teve um papel essencial nesta caminhada. As palavras de carinho, os gestos de incentivo e a constante parceria foram combustível nos momentos de desafio. Em cada conversa, em cada gesto de apoio, encontrei não apenas profissionais dedicados, mas pessoas generosas que acreditaram em mim, sem levar consideração estigmas que comumente nos são impostos, mas contribuindo ativamente para o meu crescimento. Levarei comigo o aprendizado, o afeto e a inspiração que cada um de vocês me proporcionou ao longo dessa jornada.

Aos queridos colegas da Turma 5 do PROFEPT, meu sincero reconhecimento. Cada palavra de incentivo, cada troca de experiências e cada gesto de companheirismo tornaram essa jornada mais rica e menos solitária. Vocês fizeram parte dos dias de estudo intenso, dos debates construtivos e das vitórias partilhadas, deixando memórias que levarei para sempre.

Por fim, expresso minha gratidão ao meu orientador, Professor Doutor Luís Gomes de Moura Neto, pela parceria essencial na construção deste trabalho. Sua orientação segura, paciência, incentivo e confiança foram fundamentais para que cada etapa fosse superada com qualidade e aprendizado. A dedicação com que o senhor compartilhou seus conhecimentos, a clareza das orientações e a generosidade em cada conselho ultrapassaram o papel de orientador, tornando-se também um exemplo de profissionalismo e humanidade. Sua postura acolhedora e, ao mesmo tempo, firme, mostrou-me a importância de aliar rigor científico à sensibilidade humana. Sou profundamente grato pelo tempo que dedicou a cada detalhe, pelas oportunidades de reflexão que proporcionou e por ter acreditado em meu potencial mesmo quando eu duvidava. Levo para minha vida os ensinamentos que vão muito além das páginas desta dissertação.

Este mestrado é muito mais que uma conquista acadêmica. É a soma de orações, de sacrifícios, de apoio e de amor de cada um que caminhou ao meu lado. A todos vocês, minha gratidão eterna e o compromisso de honrar, com meu trabalho e minha vida, tudo o que plantaram em mim.

RESUMO

Esta dissertação investiga como os Clubes de Protagonismo Juvenil, associados ao Ensino Médio Integrado (EMI), contribuem para a formação integral dos estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) de Bayeux–PB. Trata-se de um estudo de caso, de natureza predominantemente exploratória, culminando em abordagem descritiva, com amostragem não probabilística por conveniência. A pesquisa, desenvolvida entre 2024 e 2025, envolveu 62 participantes (50 estudantes, 10 professores, uma coordenadora e uma gestora) e utilizou observações, questionários e entrevistas. Para análise, adotou-se a Análise Temática nas observações, a Inferência Estatística nos questionários e a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) nas entrevistas. Os resultados indicam que os clubes despertam entusiasmo, compromisso e senso de responsabilidade, sendo reconhecidos como espaços pedagógicos capazes de integrar saberes técnicos, científicos, éticos, estéticos e políticos. As motivações para criação e manutenção dos clubes revelaram forte componente afetivo, mostrando que o engajamento se fundamenta em experiências significativas e prazerosas. Observou-se, contudo, a necessidade de maior compreensão, por parte de professores, coordenação e gestão, acerca de processos de criação, organização, estruturação e avaliação desses espaços, pois, embora haja reconhecimento de seu valor, faltam práticas planejadas e intencionais. As entrevistas reforçaram a percepção de que a gestão escolar deve superar uma postura meramente reconhecedora, assumindo compromisso efetivo com o fortalecimento dos clubes. Evidenciou-se também a importância de formações docentes específicas e de dispositivos curriculares, como a disciplina de práticas integradoras, para dar sustentação às ações. Outro achado relevante diz respeito ao equilíbrio entre atividades escolares e participação nos clubes: embora a maioria dos estudantes perceba ganhos em autonomia e protagonismo, parte deles relata sobrecarga, demandando acompanhamento pedagógico contínuo. Como ação interventiva, propôs-se o Workshop “Clube em Ação – da Teoria à Prática”, com a finalidade de apoiar a formação de professores, gestores e estudantes sobre proposição, organização, estruturação e avaliação dos clubes. Realizado na escola e avaliado pelos participantes, o workshop demonstrou impacto significativo: antes da atividade, os envolvidos declaravam não se sentir aptos a criar e conduzir clubes de forma autônoma; após a experiência, relataram ter adquirido segurança e competência para tal. Para favorecer a replicação dessa prática em outras escolas que adotam a metodologia dos Clubes de Protagonismo Juvenil, foi elaborado um manual orientador, que descreve o passo a passo e disponibiliza todo o material necessário para sua implementação. Conclui-se que os Clubes de Protagonismo Juvenil configuram um dispositivo privilegiado de formação integral e cidadã, mas sua efetividade depende de intencionalidade institucional, planejamento sistemático, apoio permanente e adoção de estratégias formativas como a intervenção proposta, que potencializa a sustentabilidade e a qualidade dessas iniciativas.

Palavras-chave: Protagonismo Juvenil; Formação Integral; Ensino Médio Integrado; Clubes de Protagonismo Juvenil; Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

This dissertation investigates how Youth Protagonism Clubs, associated with Integrated High School (EMI), contribute to the comprehensive education of students at the Citizen Integral Technical School (ECIT) in Bayeux, Paraíba, Brazil. It is a case study of predominantly exploratory nature, culminating in a descriptive approach, with non-probabilistic convenience sampling. The research, conducted between 2024 and 2025, involved 62 participants (50 students, 10 teachers, one coordinator, and one principal) and used observations, questionnaires, and interviews. Data were analyzed through Thematic Analysis for observations, Statistical Inference for questionnaires, and Bardin's (2011) Content Analysis for interviews. The results indicate that the clubs foster enthusiasm, commitment, and a sense of responsibility, being recognized as pedagogical spaces capable of integrating technical, scientific, ethical, aesthetic, and political knowledge. The main motivation for creating and maintaining the clubs revealed a strong affective component, showing that student engagement is grounded in meaningful and enjoyable experiences. However, the study highlights the need for greater understanding by teachers, coordinators, and school management regarding the creation, organization, structuring, and evaluation of these spaces, as recognition of their value is not always accompanied by intentional and planned practices. Interviews reinforced the view that school management must move beyond merely acknowledging the importance of youth clubs to actively supporting and strengthening them. The findings also emphasize the importance of specific teacher training and curricular devices, such as integrative practice courses, to sustain these activities. Another relevant point concerns the balance between school activities and club participation: while most students report gains in autonomy and protagonism, some mention overload, requiring continuous pedagogical monitoring. As an intervention, the "Clube em Ação – from Theory to Practice" Workshop was implemented to strengthen knowledge and skills related to the proposition, organization, structuring, and evaluation of the clubs. Developed within the school and evaluated by the participants, the workshop proved effective: before the activity, students and educators reported not feeling able to autonomously create or conduct a club, whereas after participation they expressed confidence and competence to do so. To enable replication in other schools adopting the Youth Protagonism Club methodology, a step-by-step manual with all necessary materials was produced. In conclusion, Youth Protagonism Clubs constitute a privileged mechanism for comprehensive and civic education, promoting meaningful learning and intrinsic motivation. Their effectiveness, however, depends on institutional intentionality, systematic planning, ongoing support, and the incorporation of formative strategies such as the proposed workshop, which enhances the sustainability and quality of these initiatives.

Keywords: youth protagonism; comprehensive education; integrated high school; Youth Protagonism Clubs; vocational and technological education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Questionário 1: Pergunta 1 – Tema: Afetividade	68
Figura 2 – Questionário 1: Pergunta 2 – Tema: Afetividade	69
Figura 3 – Questionário 1: Pergunta 3 – Tema: Afetividade	70
Figura 4 – Questionário 1: Pergunta 4 – Tema: Realidade local	72
Figura 5 – Questionário 1: Pergunta 5 – Tema: Realidade local	73
Figura 6 – Questionário 1: Pergunta 6 – Tema: Realidade local	75
Figura 7 – Questionário 1: Pergunta 7 – Tema: Carreira acadêmica	78
Figura 8 – Questionário 1: Pergunta 8 – Tema: Carreira acadêmica	80
Figura 9 – Questionário 1: Pergunta 9 – Tema: Carreira acadêmica	82
Figura 10 – Questionário 1: Pergunta 10 – Tema: Problemas emocionais	84
Figura 11 – Questionário 1: Pergunta 11 – Tema: Problemas emocionais	85
Figura 12 – Questionário 1: Pergunta 12 – Tema: Problemas emocionais	87
Figura 13 – Questionário 1: Pergunta 13 – Tema: Vida Profissional	89
Figura 14 – Questionário 1: Pergunta 14 – Tema: Vida Profissional	90
Figura 15 – Questionário 1: Pergunta 15 – Tema: Vida Profissional	92
Figura 16 – Médias das Porcentagens por Tema	94
Figura 17 – Questionário 2: Pergunta 1 – Escada de Participação Juvenil	99
Figura 18 – Questionário 2: Pergunta 2 – Escada de Participação Juvenil	100
Figura 19 – Questionário 2: Pergunta 3 – Escada de Participação Juvenil	102
Figura 20 – Parte expositiva do Workshop Clube em Ação : da Teoria a Prática	209
Figura 21 – Parte prática do Workshop Clube em Ação: da Teoria a Prática	211
Figura 22 – Parte prática do Workshop : Compartilhamento de Ideias	212
Figura 23 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 1	213
Figura 24 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 2	215
Figura 25 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 3	217
Figura 26 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 4	220
Figura 27 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 5	222
Figura 28 – Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática – Professor	225
Figura 29 – Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática – Coordenação	225
Figura 30 – Manual para o desenvolvimento do Workshop	227
Figura 31 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Definição	228
Figura 32 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Materiais necessários	229

Figura 33 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Divulgação	230
Figura 34 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Avaliação 1ª etapa	230
Figura 35 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Parte Expositiva	231
Figura 36 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Parte Prática	232
Figura 37 – Manual para o desenvolvimento do Workshop : Avaliação 2ª etapa	233
Figura 38 – Avaliação do PE : Questão 1	235
Figura 39 – Avaliação do PE : Questão 2	236
Figura 40 – Avaliação do PE : Questão 3	237
Figura 41 – Avaliação do PE : Questão 4	238
Figura 42 – Avaliação do PE : Questão 5	240
Figura 43 – Avaliação do PE : Questão 6	241
Figura 44 – Avaliação do PE : Questão 7	242
Figura 45 – Avaliação do PE : Questão 8	244

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 1	105
Quadro 2 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 2	106
Quadro 3 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 3	108
Quadro 4 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 4	110
Quadro 5 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 5	113
Quadro 6 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 6	115
Quadro 7 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 1	117
Quadro 8 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 2	120
Quadro 9 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 3	122
Quadro 10 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 4	125
Quadro 11 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 5	128
Quadro 12 – Entrevista com o Professor: Pergunta 1	130
Quadro 13 – Entrevista com o Professor: Pergunta 2	132
Quadro 14 – Entrevista com o Professor: Pergunta 3	135
Quadro 15 – Entrevista com o Professor: Pergunta 4	138
Quadro 16 – Entrevista com o Professor: Pergunta 5	144
Quadro 17 – Entrevista com o Professor: Pergunta 6	148
Quadro 18 – Entrevista com o Professor: Pergunta 7	151
Quadro 19 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 1	155
Quadro 20 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 2	158
Quadro 21 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 3	162
Quadro 22 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 4	168
Quadro 23 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 5	172
Quadro 24 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 6	179
Quadro 25 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 7	186
Quadro 26 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 8	191
Quadro 27 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 9	197
Quadro 28 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 10	201

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECIT – Escola Cidadã Integral Técnica

EMI – Ensino Médio Integrado

ICE – Instituto de Corresponsabilidade pela Educação

SEDE-PE: Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco

SEDUC/PB – Secretaria de Educação da Paraíba

SEE-CE: Secretaria de Educação do Estado do Ceará

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

PE – Produto Educacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1.	AS FASES DO OUTRORA QUE NOS TRAZEM ATÉ AQUI.....	12
1.1	UMA NOVA FORMA DE PENSAR A EDUCAÇÃO: CONTEXTOS E DIREÇÕES.....	14
2.	JUSTIFICATIVA.....	17
3.	OBJETIVOS.....	20
3.1	OBJETIVO GERAL.....	20
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
4.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
4.1	O PROBLEMA DE PESQUISA: CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS.....	22
4.2	ENSINO MÉDIO INTEGRADO – EMI: DA EXPECTATIVA À REALIDADE.....	25
4.3	FORMAÇÃO INTEGRAL : A COMPLETUDE DO SER.....	29
4.4	ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA: UM AMBIENTE DE POSSIBILIDADES.....	31
4.5	PROTAGONISMO JUVENIL: DA AUTONOMIA AO AUTOCONHECIMENTO.....	33
4.6	JUVENTUDE EM FORMAÇÃO: LIBERDADE E AUTONOMIA COMO SOLO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA	34
4.7	OS CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL: DO CONCEITO À ORGANIZAÇÃO	38
5.	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	40
5.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	40
5.1.1	Quanto à classificação.....	40
5.1.2	Quanto à abordagem.....	42
5.1.3	Quanto à tipologia da pesquisa.....	42
5.2	UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA.....	43
5.2.1	Quanto ao universo da investigação	43
5.2.2	Quanto à amostragem da pesquisa	43
5.2.3	Quanto à amostra do estudo.....	44
5.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	44
5.3.1	Quanto a análise dos dados colhidos	49
5.4	ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS DADOS COLHIDOS	52
5.4.1	Das Observações: Os Clubes de Protagonismo Juvenil em uma instituição de EMI	52
5.4.2	Dos Questionários: Questionário 1 – Motivação que produz ação educativa nos Clubes de Protagonismo Juvenil	67
5.4.3	Dos Questionários: Questionário 2 – Autopercepção Juvenil no Desenvolvimento da Autonomia: Quando Escola e Clube se Encontram	97
5.4.4	Das Entrevistas: Vivência e Olhares Múltiplos: Como diferentes atores percebem os Clubes de Protagonismo Juvenil no Ensino Médio Integrado	104
5.5	PROTOTIPAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE): DO PLANEJAMENTO À AÇÃO NO ENSINO.....	205
5.5.1	Tipologia do PE escolhido.....	206
5.5.2	Estruturação do PE: pensando a aplicação do Workshop.....	207
5.5.3	Execução do PE: Desenvolvendo a teoria na prática	208
5.5.4	Desdobramentos do Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática – Manual.....	226
5.5.5	Avaliação do PE.....	234
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246

–	REFERÊNCIAS.....	251
–	ANEXOS.....	264
–	ANEXO I.....	264
–	ANEXO II	268
–	APÊNDICES.....	283
–	APÊNDICE A: Roteiro de Observações.....	283
–	APÊNDICE B: Questionário 1.....	291
–	APÊNDICE C: Questionário 2.....	295
–	APÊNDICE D: Roteiro de Entrevistas.....	298
–	APÊNDICE E: Ficha de Avaliação do Produto Educacional 1.....	311
–	APÊNDICE F: Ficha de Avaliação do Produto Educacional 2.....	313

1. AS FASES DO OUTRORA QUE NOS TRAZEM ATÉ AQUI

A Educação pode transformar vidas! Observando as fases pelas quais passei, vejo que cada uma delas foi necessária para que hoje estivesse desenvolvendo esta dissertação. Filho de um pedreiro com uma dona de casa, nem sempre os horizontes que estavam postos eram motivadores, tampouco, geradores de sonhos, muitas vezes eles se apresentavam como limitadores, podendo chegar até a gerar degradações de sonhos. No entanto, não satisfeito com esta realidade, sendo ainda um jovem do interior do estado de Pernambuco, passei a me questionar sobre as possibilidades de obter, ou de conquistar, novos caminhos, perspectivas e direções. Algo que me levasse a novos patamares, lugares, e posições, que outrora seriam impossíveis de se conhecer e de ocupar. Na busca incessante deste objetivo, vi que seria na educação onde poderia encontrar a porta da esperança para a minha vida.

Mesmo tendo vivenciado um ensino fundamental conturbado com inúmeras complicações dentro das instituições de ensino, fui apresentado a um modelo de educação que valorizava tudo o que era significativo para o estudante, e que dava, a ele, a oportunidade de se posicionar e escolher formar a si, dentro de uma sistemática que lhe seria oportunizada.

O intento era a construção da formação integral dos indivíduos, sendo que o vetor principal que direcionaria esta formação seriam os valores que cada estudante carregava dentro de si. Para que isso fosse possível, eram disponibilizados muitos meios, direções e espaços de interação, mas, aquele que mais oportunizou mudanças foi o Clube de Protagonismo Juvenil. Neste, os estudantes podiam expressar-se, coordenar atividades, gerar discussões relevantes a sociedade, produzir ações para a comunidade, entre outras atividades. Era um espaço direcionado única e exclusivamente para o desenvolvimento intra e interpessoal, abrangendo responsabilizações, tanto individuais, quanto coletivas.

A partir de então, a educação passou a fazer sentido na minha vida, pois, diante de mim, não estava posto apenas a tela pálida do quadro branco, e sim, a própria realidade que, até então, vivenciava. Tal realidade me constrangeu a, não só formar a mim mesmo com o que aprendi nesta instituição de ensino, mas, também, a disseminar tudo o que havia aprendido ali com outros jovens, para que novas pessoas tivessem acesso a uma educação libertadora e que construíssem o caminho para a efetivação dos sonhos.

Assim sendo, anos depois, fui convidado a integrar um grupo de Jovens Protagonistas que desenvolviam formações continuadas, acolhimentos e implantações de escolas em tempo integral. Passei a desenvolver estas atividades e disseminei estas metodologias com a intenção

de que elas oportunizassem espaços, momentos e meios para a formação integral de inúmeros jovens por todos os cantos do Brasil, desde capitais abastadas, a vilarejos de ribeirinhos.

O intuito era levar esse novo modelo educativo aos quatro cantos deste país. Viajei inúmeros estados do Brasil, em todas as suas regiões, levando a experiência que modificou minha forma de entender a educação e os processos formativos do ser. Auxiliei em formação de professores, formei mais jovens protagonistas, ajudei a implantar inúmeros clubes de protagonismo juvenil, auxiliei no desenvolvimento da sistematização do conhecimento que me deu condições de pensar e ir além das barreiras superficiais que me limitavam anteriormente, e, como era de se esperar, compartilhei as experiências que tive neste modo de ver e fazer educação, para que, através da minha história, outros pudessem crer que, sim, a educação transforma vidas.

Tendo a oportunidade de aprender e participar de tantos momentos de disseminação de conhecimento deste novo modelo educacional, e comparando-o com o modelo tradicional que frequentemente verificamos nas escolas brasileiras, a dicotomia posta, entre eles, ficava cada vez mais evidente, a ponto das discrepâncias serem motivo de inquietações. Estas, me fizeram refletir nos abismos que separam as duas ideações educacionais. De um lado uma educação que padroniza os indivíduos, do outro uma que respeita suas particularidades. De um lado uma educação preocupada com situações e questões sociais, do outro, uma preocupada com meros resultados em gabaritos.

Tais reflexões se efetivaram, exatamente, quando me debruçava para escolher a temática que definiria os rumos desta dissertação. Eu, juntamente com meu orientador, decidimos, então, casar estes dois momentos da minha vida em um registro único, trazendo fatos, descrições e análises que oportunizassem reflexões, não só sobre a minha história com este modelo educacional, mas, antes, sobre as possibilidades educativas, a partir de uma comparação posta pelo embate entre a educação tradicional, presente na maioria das escolas brasileiras, e as possibilidades educativas, para a formação integral dos indivíduos, oportunizadas por metodologias trazidas neste novo modelo educacional.

Assim sendo, e estando ciente que não poderia abraçar todas as ramificações que derivam desta dicotomia, me debrucei sobre as possibilidades trazidas pelo espaço educativo não formal dos Clubes de Protagonismo Juvenil. A análise deste espaço educativo nos permitiria abordar alguns dos valores trazidos neste novo modo de ver educação, além de que oportunizaria um estudo mais apurado sobre a eficácia, ou, ao menos, as possibilidades, advindas das bases teóricas desta metodologia, bem como, de sua execução.

Com o intuito de estar fundamentado nas bases conceituais que enredam a Educação Profissional e Tecnológica – EPT, as análises, que a posteriori faríamos, seriam colhidas de uma instituição que possuísse, como eixo central, a própria EPT, para que, assim, verificássemos se a junção destes fatores – EPT (advinda do EMI) e Clubes de Protagonismo – oportunizam de fato a possibilidade de se formar indivíduos de maneira integral, ou se, ao menos, direcionam, em algum grau, para tal efetivação.

Assim, levando em consideração o percurso formativo apresentado e as inquietações que o acompanharam, apontamos que esta dissertação delineará, portanto, uma investigação sob um olhar crítico e fundamentado, das interfaces estabelecidas entre o Ensino Médio Integrado e os Clubes de Protagonismo Juvenil, analisando a real potencialidade desta interação para a formação integral dos sujeitos. A partir da problematização das práticas educativas tradicionais, que confrontam a metodologia dos Clubes de Protagonismo Juvenil, buscamos evidenciar de que modo tais experiências podem contribuir para uma educação emancipadora, capaz de articular saberes, valores e competências necessárias à construção de projetos de vida.

Ao explicitar os objetivos, assim como os caminhos metodológicos, que orientaram este estudo, reafirmamos a convicção de que a educação, quando compreendida em sua dimensão social, política e transformadora, constitui-se como um instrumento privilegiado, não só de superação das limitações históricas, mas também de ampliação dos horizontes de possibilidades que afetam o processo formativo dos estudantes, abrangendo não só aspectos individuais, mas também aqueles que se desenvolvem através da coletividade.

1.1 UMA NOVA FORMA DE PENSAR A EDUCAÇÃO: CONTEXTOS E DIREÇÕES

Há muitos anos o processo educativo, efetivado nas escolas brasileiras, tem como base os conceitos comumente aceitos e os métodos utilizados pela pedagogia tradicional. A prática desta tendência pedagógica visa a construção de cidadãos padronizados, com uma formação única, baseada no enciclopedismo, em que a centralidade do processo de ensino e aprendizagem é focada exclusivamente no professor e os conteúdos abordados por ele são separados da experiência dos alunos e de suas realidades sociais. Entende-se que o importante para o processo formativo da pedagogia tradicional é a alienação dos indivíduos, sem qualquer respeito ou interesse pelas experiências e aspirações dos educandos (LIBÂNEO, 1982).

Contudo, a partir do ano de 2006 surge no Brasil, e mais especificamente no Estado de Pernambuco, uma proposta de escola que supostamente oportunizava uma educação voltada aos interesses dos estudantes, escola que respeitava, e até mesmo exaltava, as experiências

prévias dos educandos e que sistematizava uma educação pública voltada para a formação integral (SILVA, 2014).

Não demorou muito para que este modelo de escola fosse expandido pelo Brasil e atingisse grande parte dos estados da federação. O principal disseminador deste modelo de escola é o Instituto de Corresponsabilidade pela Educação - ICE, que vem difundindo pela nação seus valores e entendimentos quanto ao desenvolvimento da educação integral (ICE, 2015). Na Paraíba, o ICE vem ganhando cada vez mais espaço, visto que, a partir de 2018, participou da implantação de mais de 100 Escolas Cidadãs Integrais (SEEDUC/PB, 2018a).

Existe uma discussão sobre as intenções que o ICE tem por traz da difusão deste tipo de escola, uma vez que os mantenedores e os maiores impulsionadores desta nova forma de ver e fazer a educação são presidentes e donos de multinacionais, entre outros agentes que servem as demandas do capital. No entanto, se observarmos a concepção do entendimento sobre a formação omnilateral de Marx (1985, p. 554) veremos que ele repercute em *O' Capital* que do sistema fabril, “[...] brotou o germe da educação do futuro que conjugará o trabalho produtivo de todos os meninos além de uma certa idade com o ensino e a ginástica, constituindo-se em método de elevar a produção social e de único meio de produzir seres humanos plenamente desenvolvidos”.

Se em um sistema tão desumanizante quanto o fabril, Marx (1985) enxergou a gênese da possível educação do futuro, podemos também fazer o mesmo exercício mental e observar, para além das intenções capitalistas impetradas neste modelo de escola, e focar naquilo que contribui para a construção de uma educação verdadeiramente emancipadora. Este modelo de escola traz propostas e métodos que, de certa maneira, vão contra o que a pedagogia tradicional defende. A identificação dos professores como tutores ou guias no aprendizado, o protagonismo dos jovens na construção dos conhecimentos e as múltiplas aprendizagens que são possíveis dentro do ambiente escolar, são alguns dos princípios que norteiam as bases de ação na referida escola (ICE, 2015).

Como meio para subsidiar a aplicação desses princípios, é desenvolvido, dentro do ambiente escolar, um espaço de aprendizagem, denominado Clubes de Protagonismo Juvenil. Ele é um espaço criado para os jovens estudantes desenvolverem atividades relacionadas às suas experiências e necessidades no intuito de propiciar a autonomia, o trabalho em equipe e a auto-organização. Os integrantes dos clubes devem dialogar, refletir, planejar e executar atividades que proporcionem estudos, pesquisas, relatos de experiências, reflexões e registro das discussões sobre os aspectos relacionados, ou não, à vida escolar (SANTOS, 2020).

“[...] É a partir de determinados interesses dos estudantes que surgem os clubes juvenis nas escolas” (SANTOS, 2020, p. 4). Eles se organizam autonomamente, e elencam temas que nortearão os Clubes. Tais temas conduzirão a debates, pesquisas, apresentações, com o intuito de desenvolver o protagonismo no aluno, dando ao estudante autonomia dentro do ambiente escolar. No Estado da Paraíba, o desenvolvimento dos Clubes pode ocorrer associado ao ensino técnico, tendo em vista que algumas escolas implantadas no estado seguem o modelo de ensino técnico integrado ao médio. Segundo a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, se busca uma formação geral integral, lidando, no ambiente escolar, com os mais diversos temas, discutindo, inclusive, os que envolvem o mundo do trabalho (SEEDUC/PB, 2018a).

Tendo ciência desta realidade, o presente trabalho intencionou averiguar a atuação dos Clubes de Protagonismo Juvenil, no Ensino Médio Integrado (EMI), e as contribuições desta relação para o desenvolvimento da formação integral dos estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) de Bayeux - PB. O problema que norteou as ações desta pesquisa se desdobra a partir da seguinte questão: Como os Clubes de Protagonismo Juvenil, estando associados ao Ensino Médio Integrado (EMI), desenvolvem ações visando a formação integral dos estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) de Bayeux - PB?

Para que se possa chegar à resposta desta questão, foi necessário verificar como os clubes de protagonismo se organizam, qual era sua funcionalidade dentro do ambiente escolar e como se dava a efetivação das ações dos clubes em um ambiente de educação integrada. Para tanto, utilizando de observações, questionários e entrevistas, se analisou as possíveis contribuições dos clubes, na, e para, a construção de uma educação que oportunizasse a formação integral dos indivíduos.

Ao fim das análises, e com o intuito de transcender as páginas que a posteriori seriam escritas relatando as fases desta pesquisa, foi desenvolvido, dentro do ambiente escolar, um workshop intitulado: “Clube em Ação: da teoria à prática” que, baseando-se nas informações coletadas na fase exploratória da pesquisa, teve a intensão de aprofundar, um pouco mais, nas temáticas dos clubes, bem como nos processos organizacionais que um clube de protagonismo demanda.

O intuito primeiro com o Workshop foi o de oportunizar um espaço de reflexão e formação para que os estudantes, recém-chegados a este novo modelo escolar, pudessem ter um contato, não só, com as possibilidades de aprendizagens geradas nos clubes, mas também, com os processos organizacionais que, invariavelmente, precedem a efetivação do desenvolvimento humano que este espaço pedagógico não formal oportuniza.

Por certo, a partir do material produzido para a efetivação deste Workshop, material este que foi aplicado e que tem o potencial de ser replicado estado a fora, desenvolvemos também um manual que traz de forma detalhada os processos necessários ao desenvolvimento do evento em qualquer escola que queira alçar luz sobre os conceitos, princípios, valores e processos organizativos dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Esperamos, portanto, que a discussão, sobre os Clubes, bem como, a exequibilidade das ações ali propostas, se reverbere, e não apenas isso, esperamos, também, que este material funcione como norte, a fim de gerar possíveis soluções para problemas informacionais que permeiam a temática dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Queremos que este material seja o estopim para novas discussões a fim de produzir melhorias para esse modelo de educação, que apesar de tão presente, quanto vemos ser no sistema educativo paraibano, se mostra ainda tão pouco analisado, ou se quer discutido, algo que dificulta a efetivação, não só do desenvolvimento das práticas dos clubes, mas também, das melhorias que este ambiente educacional pode gerar nas escolas, e, em consequência, na sociedade, bem como a todos os estudantes que deles participam.

2. JUSTIFICATIVA

A proposta desta pesquisa surge do contato que o pesquisador teve com as metodologias aplicadas neste modelo de escola, uma vez que, o mesmo, estudou em uma das escolas implantadas em Pernambuco, e durante os anos de 2016 a 2019 participou ativamente de sua difusão no Brasil, especialmente no Estado da Paraíba, como voluntário do ICE. Além disso, trabalhou com a formação e implantação de inúmeros Clubes de Protagonismo em escolas recém implantadas, agindo como formador e conhecendo as minúcias desta metodologia educativa.

Tanto envolvimento com a difusão e aplicação das metodologias deste modelo de escola, especialmente com os Clubes de Protagonismo, gera no pesquisador um senso especial de importância na efetivação desta pesquisa. Sendo esta prática educativa válida ou não, é importante, para o pesquisador, verificar a que serviu seu empenho na implantação dessas escolas e na efetivação de inúmeros clubes, verificando pontos positivos na intenção de apontar o que pode ser replicado, e os negativos para se formular proposições a fim de superá-los.

Esta investigação dialoga diretamente com marcos legais da educação brasileira. Os Clubes de Protagonismo Juvenil oferecem meios para materializar, no cotidiano escolar, os princípios previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2018) e nas Diretrizes da Educação Profissional e Tecnológica (2012), bem como no Decreto nº

5.154/2004, que orienta a articulação entre formação geral e profissional. Além disso, respondem à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo às competências gerais que destacam autogestão, argumentação, responsabilidade, cidadania e a construção do Projeto de Vida dos estudantes. Ao mesmo tempo, contribuem para a gestão democrática preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), na medida em que fortalecem a participação do discente na vida escolar.

Embora os Clubes de Protagonismo já estejam amplamente difundidos em redes de ensino integral de vários Estados, eles ainda carecem de análises rigorosas no âmbito acadêmico, sobretudo no contexto do Ensino Médio Integrado (EMI). Esta lacuna reforça a relevância deste estudo para a linha de pesquisa *Práticas Educativas em EPT*, particularmente no Macroprojeto 3 – Práticas educativas no currículo integrado. A investigação possibilitará, inclusive, a proposição de indicadores de avaliação mais amplos que o IDEB, por serem capazes de captar não apenas um número em uma tabela fixa de descritores, mas dimensões qualitativas que nos oportunizam inferências sobre o processo de formação integral daqueles que participaram desta pesquisa.

Além disso, a BNCC reconhece que a educação deve contemplar dimensões cognitivas, sociais, afetivas, éticas e estéticas. Os clubes se mostram como ambientes privilegiados para que os jovens desenvolvam competências socioemocionais, tais como cooperação, resiliência e empatia. A importância do desenvolvimento de tais aspectos é destacada em pesquisas da OCDE e por agendas internacionais como o ODS 4 (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 4 da Agenda 2030) da ONU, que busca assegurar educação de qualidade inclusiva e equitativa. Ao permitir que estudantes planejem e implementem projetos próprios, os Clubes de Protagonismo Juvenil favorecem a autonomia e o protagonismo, ampliando o sentido da experiência escolar.

Tal relevância é evidenciada na possibilidade que temos de aprofundar o conhecimento sobre a ação pedagógica dos Clubes que, embora já apresente diversas replicações nas mais distintas regiões do Brasil, ainda carece de análises rigorosas no âmbito acadêmico. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica em tempo integral, torna-se imprescindível clarificar os fundamentos conceituais e metodológicos dessa metodologia, que, mesmo com ampla difusão nacional, permanece pouco estudada. Ademais, compreender de que maneira esses novos espaços educativos se articulam com o ambiente escolar tradicional, nos permite avaliar em que medida tal interação tem contribuído para o fortalecimento do processo formativo e para a compreensão das realidades educacionais brasileiras, especialmente no que se refere à tríade Estudante–Escola–Conhecimento.

É importante que tenhamos ciência que a escola deve ser, antes que tudo, um ambiente de oportunidades para os estudantes. Este ambiente deve conceder a chance deles trabalharem suas potencialidades, desenvolvendo prazeres, sensações, vivências, dando aos jovens a oportunidade de se colocarem no mundo através do ambiente sistemático de ensino, ou seja, da própria escola (MENEZES e MENEZES, 2024).

Fazendo-se coro ao que Vasconcellos (2009, p. 77) diz quando afirma que “ [...]é absolutamente decisivo que os alunos assumam seu papel de sujeitos, que sejam protagonistas do seu processo de educação, superando a longa tradição da maquinaria escolar que tenta, de todas as formas, ainda que com a melhor das intenções, reduzi-los a meros ‘receptáculos ’”, devemos transformar o entendimento padrão do processo educativo e abrir os horizontes ante as necessidades, aspirações e ambições dos jovens. É preciso efetivar não só os conhecimentos advindos de uma pedagogia tradicional, mas também, o desenvolvimento de jovens que se enxergarem enquanto indivíduos capazes de propor ideias, construir novas realidades, intervir em situações e organizar processos que afetam contextos regionais, culturais e todos aqueles que lhe sejam importantes.

Tais premissas são percebidas quando analisamos a caracterização dos clubes enquanto espaços educativos. Observamos que a atividade dos Clubes de Protagonismo gera nos estudantes um senso de pertencimento do processo de ensinar e aprender, e de desenvolver conhecimento (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023). Santos (2020, p. 2) corrobora com esta visão e afirma que as atividades dos clubes de protagonismo “permitem aos jovens estudantes desenvolverem ações juntos em função dos seus interesses, buscando transformações pessoais e coletivas, que ultrapassem o espaço escolar. Além da interação com diferentes pessoas, desenvolver diálogos e alargar seu repertório de conhecimentos em diferentes aspectos”. Diante disso, podemos vislumbrar possíveis potencialidades neste espaço educativo não formal, mas para que avancemos em seu conhecimento, de uma forma mais apurada, é salutar a realização de estudos com o foco em desbravar e desvelar os pontos que ainda se mantêm nebulosos quanto aos clubes.

Se observarmos apenas os clubes de protagonismo já teremos um vasto campo de estudo, mas, o intuito desta pesquisa é analisar os clubes em um contexto de Ensino Médio Integrado (EMI) ao técnico. Tal coexistência, nos concede a oportunidade de analisar dois temas de extrema importância em um mesmo ambiente. Os clubes de protagonismo ocorrendo dentro do EMI pode gerar inúmeras situações didáticas e não só as que veem da sistematização fria da ação docente em uma vertente mais tradicional.

O protagonismo juvenil, por exemplo, quando trabalhado de forma sistemática, tem se mostrado um elemento importante para a redução da evasão e a melhoria da aprendizagem em redes estaduais de tempo integral, como evidenciam experiências de Pernambuco, Ceará e São Paulo (SEDE – PERNAMBUCO, 2025). Contudo, ainda não se sabe em que medida o desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo implica em tais resultados, especialmente quando associados ao EMI. Ao documentar e analisar essas práticas, esta pesquisa oferece subsídios para as redes em expansão que desejam adotar ou aperfeiçoar esta metodologia.

Ao observar a interação entre clubes e EMI em uma Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT), a pesquisa viabiliza a compreensão de como a ação autônoma dos estudantes pode gerar situações didáticas que articulam conhecimentos gerais, de uma educação propedêutica, e específicos, com os temas propostos nos Clubes. Essa perspectiva se aproxima da proposição de Ramos (2008, p. 21), que defende a integração entre formação básica e profissional como condição para compreender a realidade e produzir a vida. Dessa forma, a investigação poderá revelar de que modo os Clubes reforçam a formação integral dos estudantes, enquanto, ao mesmo tempo produz um senso identitário no EMI.

Por fim, entendemos que esta pesquisa tem a capacidade de propor um modelo lógico que clarifique fundamentos conceituais e metodológicos dos Clubes de Protagonismo Juvenil. A apreciação deste modelo pode facilitar a replicação em outras realidades, apoiando gestores, formadores e pesquisadores interessados na integração entre os Clubes de Protagonismo e o EMI. A conclusão desta pesquisa, portanto, tem o potencial necessário para que ocorra um verdadeiro fortalecimento de práticas educativas inovadoras e sólidas, contribuindo para a ampliação do protagonismo juvenil e para a efetiva formação integral advinda da relação aqui evidenciada entre os Clubes de Protagonismo e o Ensino Médio Integrado.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Averiguar a atuação dos Clubes de Protagonismo Juvenil, no Ensino Médio Integrado (EMI), e as contribuições desta relação para o desenvolvimento da formação integral dos estudantes de uma Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) do Estado da Paraíba.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender, através de documentos oficiais, os aspectos que embasam a criação, desenvolvimento e manutenção dos Clubes de protagonismo Juvenil no estado da Paraíba.
- Verificar a funcionalidade, organização e desafios enfrentados nos Clubes de Protagonismo Juvenil da ECIT de Bayuex – PB, e o impacto desses fatores para a formação integral dos estudantes.
- Avaliar se a prática dos Clubes de Protagonismo Juvenil na Educação Profissional e Tecnológica abre possibilidades para a formação integral dos estudantes.
- Desenvolver um Workshop voltado as atividades que antecedem a efetivação dos Clubes de Protagonismo Juvenil, trazendo a sistematização do processo de planejamento, organização e estruturação e avaliação dos Clubes, indo do conceito até prática.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se discutir qualquer tema, que possua relevância acadêmica, com responsabilidade e compromisso ético, se faz necessária a busca por autores, que em seus respectivos nortes teóricos, reverberam, cientificamente, o fenômeno estudado. Para que assim ocorra, executamos a exposição e análise, não só dos autores que discutem os clubes de protagonismo, o ensino médio integrado ou a formação integral, mas também, aqueles que repercutem temas, adjacentes a estes, para que assim, possamos compreender os mais diversos aspectos que circunscrevem o problema aqui anunciado.

O intuito, desta pesquisa, com a execução de uma acurada verificação teórica, é o de compreender, de maneira satisfatória, a ambiência na qual se encontram os clubes de protagonismo juvenil. Tal compreensão desnudará indagações sobre como os clubes se desenvolvem e como esta prática pedagógica, quando associada ao ensino médio integrado, pode auxiliar na formação integral dos indivíduos, dentro de uma perspectiva centrada na emancipação dos indivíduos. Dessa maneira, a verificação dos dados que foram colhidos por esta pesquisa pode ser executada com um amparo teórico amplo, o que oportuniza análises mais precisas, advindas de uma contextualização cientificamente confiável.

4.1 O PROBLEMA DE PESQUISA: CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS

Com o intuito de repercutir ainda mais os aspectos que circunscrevem os clubes de protagonismo, sua interação com o ensino médio integrado e o desenvolvimento da formação integral dos estudantes na rede estadual da Paraíba, a presente pesquisa está norteada a partir do seguinte problema: Como os Clubes de Protagonismo Juvenil, estando associados ao Ensino Médio Integrado (EMI), desenvolvem ações visando a formação integral dos estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) de Bayeux - PB? Para que possamos responder este questionamento, é necessário entendermos, sumariamente, o que nos levou a elencar tal temática como foco desta pesquisa. É preciso destrinchar um pouco mais o contexto dos clubes e seus entornos, partindo do macro para o micro, até compreendermos as bases do problema, a fim de gerar possíveis soluções.

Partindo deste ponto, podemos introduzir esta discussão a partir do fato de que durante todo construto histórico, até aos dias de hoje, a educação ofertada na maioria das escolas brasileiras se mantém eivada de conceitos e práticas retrógradas, estáticas, desinteressantes e sem nexos causal com a vida dos estudantes. Atualmente esse fator tem ficado ainda mais em evidência, visto que a sociedade tem se tornado cada vez mais imediatista, acelerada e multidiversa. Dada tal realidade, entende-se que a escola não pode se abster condenando-se a manutenção de um sistema educativo que mais padroniza e aliena, do que educa e emancipa.

“A Contemporaneidade, é inegável, e tem testemunhado um alargamento progressivo do raio da ação escolar [...]” (AQUINO, 2012, p. 1), onde os agentes envolvidos no processo de desenvolvimento da educação, definirão como esse alargamento se dará a fim de desenvolver, no ambiente escolar, um espaço de construção significativa, concebendo a escola como um ambiente de elucidação e não de alienação. É preciso que a escola seja concebida pelos estudantes, não como uma obrigação, e sim como meio de desenvolver-se.

Dayreel afirma que “[...] para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, tornando-se cada vez mais uma 'obrigação' necessária[...]. Parece que assistimos a uma crise da escola [...], com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe” (DAYREEL, 2007, p. 1106). Tal reflexão é pertinente, afinal, qual a função da escola? Seria apenas apreciação de conceitos? A sistematização fria do conhecimento? Ou será que se deve entender a escola como um espaço de desenvolvimento do ser humano em seus múltiplos aspectos? A escola não é apenas um ambiente de aprender as técnicas, mas antes, de desenvolver o humano. “a escola não é - e nem pode ser – uma máquina de ensinar e de aprender. Ela não é redutível a uma lógica de “serviço público”. Ela não depende da simples

eficácia de suas funções sociais. Ela remete a valores ou, mais precisamente, a princípios” (MEIRIEU, 2005, p. 24).

Pode-se considerar que o desenvolvimento desses princípios e valores não podem se estabelecer na escola e, menos ainda, na vida dos educandos, se o processo educativo continuar trilhando o caminho da padronização dos indivíduos, algo recorrente nas escolas brasileiras. Nesse contexto é comum se ver pessoas distintas, com ideais distintos e motivações distintas, sendo enquadradas em um único meio e forma de desenvolvimento educativo. É verdade, no entanto, que, mesmo neste cenário, algumas iniciativas têm sido efetivadas no Brasil a fim de remediar esta situação.

O Estado de Pernambuco, em 2004, criou os Centros de Educação Experimental – CEEs. Eram escolas que recebiam uma reforma estrutural e pedagógica, desenvolviam um entendimento particular de educação integral, como projeto piloto no estado. Em 2006, os CEEs foram transformados em política do Estado, transformando os centros experimentais em Escolas de Referência em Ensino Médio - EREMs, difundindo, assim, esse novo modelo de escola, implantando em 260 escolas, estado a fora, essas novas metodologias que modificavam os entendimentos que se tinha, até então, sobre o ambiente escolar (SILVA, 2014).

“Um fato curioso é que a partir da experiência, aparentemente, bem-sucedida, outros estados brasileiros, assessorados pelo pernambucano, também enveredaram pela educação integral no Ensino Médio” (SILVA, 2014, p. 20) como é o caso da Paraíba. A Secretaria Estadual de Educação da Paraíba (SEEDUC/PB) fundamentando-se no Plano Nacional de Educação, no Plano Estadual de Educação e na Medida Provisória do Estado da Paraíba, Nº 267 de 07 de fevereiro de 2018: “Cria o Programa de Educação Integral, formada por Escolas Cidadãs Integral –ECI, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas –ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas -ECIS [...]” (PARAÍBA, 2018b, p. 28).

A partir disso, iniciou a difusão deste modelo de Escola, que se deu através do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação – ICE. Basicamente o ICE trabalha com metodologias próprias que tiveram a gênese conceitual e prática advindas das experiências com as escolas de Pernambuco (MAGALHÃES, 2008). Na Paraíba, além de replicar as experiências pernambucanas, algumas escolas associaram ao modelo do ICE a experiência com a integração oportunizada pela educação técnica de nível médio, esta, ocorrendo nas ECITs (CARVALHO; RODRIGUES, 2019).

O ICE, assim como a secretaria de Educação do Estado da Paraíba, defende que a escola deve ser um ambiente de múltiplos aprendizados, aberta às proposições dos estudantes e que efetive o desenvolvimento da autonomia, protagonismo e os processos de autorregulação

(MAGALHÃES, 2008). Uma das propostas efetivadas nas ECITs é o Clube de Protagonismo Juvenil. Em suma, o Clube de Protagonismo Juvenil prevê que a formação do jovem estudante deve ser feita além das unidades de ensino tradicionais, são criados momentos de aprendizagens dentro do ambiente escolar, no entanto, os estudantes passam a ser os responsáveis principais pela estruturação, coordenação, desenvolvimento e aplicação das ações dos referidos Clubes.

“O Clube Juvenil é traduzido em espaço no qual os jovens estudantes são convocados a apresentarem, nessa atividade sistematicamente pedagógica, seus interesses e escolhas de vida, não apenas acadêmica, mas sobretudo emocional, cultural, esportiva e artística” (SANTOS, 2020, p. 1). Neste sentido percebe-se que o intuito dos Clubes não é meramente proporcionar mais uma maneira ou método para efetivação do processo de ensino e aprendizagem, antes, é uma maneira, um germe, um possível caminho rumo à formação integral dos estudantes, ainda mais nas ECITs uma vez que o sistema de ensino que supostamente é vivenciado é o integrado através do Ensino Médio Integrado (ao técnico) - EMI (SEDUC/PB, 2018b).

O desenvolvimento das ações dos clubes está fortemente embasado no protagonismo juvenil e na perspectiva de uma formação que não se limite aos currículos pré-estabelecidos, mas, que dê liberdade aos estudantes de cultivarem dentro do ambiente escolar os questionamentos, aspirações, sentimentos e talentos particulares de cada um, (SEDE-PE, 2025) trazendo para o seio da escola as diversas possibilidades temáticas, gerando assim, situações de aprendizagem significativas e mais aproximadas ao contexto social no qual os estudantes estão inseridos.

O Clube de Protagonismo Juvenil “Atende e constitui-se um direito público e subjetivo para aqueles que buscam alternativas para uma formação integral” (SANTOS, 2020, p. 1). Entende-se por formação integral o desenvolvimento do ser humano em seus aspectos fundamentalmente estruturantes, tais como a Ciência, a Cultura e o Trabalho, ambos entrelaçados e oportunizando a criação de um mundo menos individualista e mais solidário, ao passo que possibilite a superação das desigualdades sociais tão proeminentes atualmente, em uma sociedade onde a dualidade estrutural insiste em resistir (CIAVATTA, 2014).

O Fato de tornar o educando mais autônomo, de respeitar suas realidades sociais e baseado nelas construir um ambiente de aprendizado significativo, e associado a isso, obter formação técnica integrada a formação geral, como ocorre nas ECITs, oportuniza aos estudantes o desenvolvimento dos aspectos ontológicos fundamentais do ser. Ou seja, se os Clubes de Protagonismo funcionam e são desenvolvidos tal qual se mostra nos documentos apresentados pelo ICE e pela Secretaria do Estado da Paraíba, podemos afirmar que os Clubes podem auxiliar, e muito, no processo de efetivação da formação integral dos estudantes, estabelecendo-

se assim como tema de imprescindível importância não só para as escolas paraibanas, mas primordialmente para a educação brasileira como um todo.

4.2 ENSINO MÉDIO INTEGRADO – EMI: DA EXPECTATIVA À REALIDADE

A educação profissional surge no Brasil em uma sociedade ainda incipiente em seus valores humanos e socialmente instável. É no período colonial do Brasil, em que se percebe os primeiros indícios da educação profissional, mesmo que de maneira jocosa, se via o despertar de uma nova visão quanto ao processo educativo (MOURA, 2007). No entanto, é percebido que esse novo modo de conceber a educação se fundava em preceitos assistencialistas, a fim de atender os “marginalizados da sociedade”, e, em seguida no início do século XX, acatar as demandas do mercado de trabalho geradas pela revolução industrial (CASTRO; NETO, 2021).

Tal realidade perdura até os dias atuais, no entanto o entendimento de desenvolver uma educação profissional que abandone os princípios exploratórios, e de manutenção da dualidade de educação para elite e para os marginalizados, vem se intensificando e novos conceitos vem sendo desenvolvidos neste âmbito. Para Pacheco (2010, p. 23) “A referência fundamental para a educação profissional e tecnológica é o homem e, por isso, o trabalho, como categoria estruturante do ser social, é seu elemento constituinte.” Assim, o trabalho se estabelece como meio pelo qual o homem interage com o mundo e apreende seus valores e princípios, desenvolvendo o seu ser enquanto interage com a natureza através do trabalho. Ele ainda repercute que

“A educação para o trabalho nessa perspectiva se entende como potencializadora do ser humano, enquanto integralidade, no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade, na perspectiva de sua emancipação.”(PACHECO, 2010, p. 24)

Ao passo que o homem interage com a natureza através do trabalho, ele passa a incorporar diversos conhecimentos outrora desconhecidos, assim, ele constrói a sua identidade enquanto desenvolve o trabalho, gerando em si a capacidade de entender-se enquanto homem, que, por sua vez, o torna capaz de perceber-se enquanto ser integral e emancipado em meio as interações realizadas em sociedade.

Esse entendimento clássico do trabalho, em uma perspectiva ontológica, nos faz questionar como o processo educativo tem sido efetivado, tendo em vista que a sociedade, em geral, ainda sustenta um pensamento mercantilista da educação, onde o que importa não é o processo formativo do homem enquanto trabalha ou aprende ofícios, mas no lucro que esse conhecimento pode gerar. Apesar dos avanços, quanto ao desenvolvimento de uma educação profissional emancipadora, a sociedade, de maneira geral, não desenvolveu o entendimento do trabalho como parte do processo formativo, mas o tem limitado a apenas o resultado do processo. Isso decorre, muito, da visão política e econômica que prepondera na sociedade atualmente, principalmente se focarmos no contexto da sociedade brasileira.

Pacheco (2008, p. 3) reflete que na consolidação de uma educação profissional e tecnológica “O desafio é constituir uma cultura de formação profissional e de trabalho que ultrapasse o sentido da subordinação e possibilite a autonomia necessária na construção e democratização do conhecimento.” Para que isso se estabeleça é necessário que ocorra uma “articulação das políticas de EPT com os programas de trabalho, emprego, renda, inclusão e desenvolvimento social.” (PACHECO, 2008, p. 3)

Por óbvio, essa articulação deve ocorrer ainda no ambiente escolar, ou mais precisamente durante o processo de ensino e aprendizagem, para que não só os profissionais da educação, mas também, os estudantes, tenham a oportunidade de, em um ambiente propício para a construção de debates, efetivarem práticas, que gerem, assim, um novo sentido de formação do homem, em um novo modo de fazer educação. Esse novo processo de aprendizado “trata-se de uma educação voltada para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e equilibrada social e ambientalmente.”

A partir de então, os estudantes têm a possibilidade de construir seu ser (seu caráter identitário), através de uma nova abordagem quanto a educação profissional, o que certamente gera mais pertencimento em todo o processo de desenvolvimento do ser dotado de poderes sociais, políticos, educacionais, científicos etc. Para Pacheco (2010, p. 24) “as novas formas de relação entre conhecimento, produção e relações sociais demandam o domínio integrado de conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos.” Portanto, se faz necessário o desenvolvimento de um processo educativo voltado a essa integração, a esta interrelação. Não é mais possível o desenvolvimento de uma educação segregacionista, é urgente o desenvolvimento de uma educação integrativa, no mais puro sentido da palavra.

O processo educativo desenvolvido no Brasil se apresenta, ainda hoje, como impulsionador da dualidade estrutural presente na sociedade. Se observarmos, ao longo dos anos, como o Ensino médio é desenvolvido, verificaríamos a constatação dessa realidade. Um

processo educativo elitizado é voltado ao conhecimento científico para a classe rica, outro se apresenta como opção viável para a classe trabalhadora, tendo em vista a sua marginalização, seria, então, a profissionalização o meio pelo qual a classe trabalhadora poderia se encontrar e “contribuir” com a sociedade (CASTRO; NETO, 2021).

No entanto, ao passar dos anos, e após inúmeras discussões sobre o desenvolvimento da educação profissional em território nacional, se verificou que esse modo de fazer educação deve ocorrer não de forma segregada, como comumente se observa em escolas profissionalizantes, mas sim de maneira integrada, onde o cidadão tenha a oportunidade de acesso, tanto à formação profissional, quanto aos conceitos científicos adjacentes a ela. Surge então os primeiros movimentos que visam a construção de um ensino médio que não seja segregacionista, mas sim integrador, voltado para a construção de um currículo que una os mais distintos aspectos da formação humana, oportunizando assim a possibilidade de uma formação integral dos interagentes do processo educativo, através de uma concepção pedagógica, que demanda uma formação ampla a partir dos fundamentos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, visando à formação humana integral (CIAVATTA; RAMOS, 2011).

Castro e Neto (2021, p. 2) repercutem o fato de que em 2012 houve um avanço na educação profissional, que foi a normatização da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio, surge então os primeiros indícios da formação de um Ensino Médio Integrado – EMI. Eles repercutem ainda que “ após um longo período de discussões, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio por meio do Parecer CNE/CEB Nº 11/12, de maio de 2012.” Isso gerou uma certa expectativa e boas promessas para o futuro, porém, apenas o estabelecimento da possibilidade de se desenvolver o Ensino Médio Integrado, em território nacional, não garantia o seu sucesso, os autores ressaltam “que as diretrizes apontam para construção de um currículo integrado, contudo, são os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e as condições materiais que concretizarão ou não a integração”(CASTRO; NETO, 2021, p. 2).

Se faz necessário entender como este novo modelo de educação que visa a uma formação integrada se apresenta, e como podemos vivenciá-la no dia a dia do processo educativo. O EMI se caracteriza, atualmente, pela integração da educação propedêutica com o ensino profissional, estes, atuando em conjunto para disponibilizar uma formação que abranja as mais diversas potencialidades dos estudantes. Quando se fala sobre ensino médio integrado, é preciso enfrentar um dilema que se sustenta através das décadas, ao falarmos de EMI temos que ter em mente que estamos tratando de um assunto muito caro para a educação em geral, que é a integração. Quando incitamos que o ambiente é “integrado” é preciso evidenciar que

esta dita integração tem particularidades próprias que não necessariamente são aquelas que embasam o pensamento clássico Marxiano.

Ramos (2014, p. 25-26) vem corroborar com este entendimento afirmando que “[...] nunca haverá uma escola que consiga implantar o currículo integrado em sua totalidade”. Isso se dá, muito, pelo fato de que a maioria dos pensadores, que defendem uma educação baseada em um currículo integrado, consideram que a integração em um currículo escolar é um processo e nunca um fato estabelecido. Ramos (2014, p. 26) pondera sobre esta constatação, afirmando que “[...] mais do que uma forma, ou um formato, ou um modelo, a integração é um processo que se constrói no fazer cotidiano da escola”.

Apesar do modelo de educação desempenhada pelo Ensino Médio Integrado atual não abranger a totalidade do regime de integração que a maioria dos autores defendem, ao passar dos anos, estes mesmos autores, passaram a aceitar uma concepção de integração distinta da que defendem veementemente, desde que desempenhada de uma maneira específica. Inicialmente, o conceito da práxis educativa da integração se estabelecia no trabalho como meio pelo qual se aprende, e deixavam claro que “[...]tanto na formação omnilateral, politécnica ou integral, cuja gênese está na obra de Marx e Engels, como na escola unitária, de Gramsci, não há espaço para a profissionalização stricto sensu quando se trata da formação de adolescentes” (MOURA, 2013, p. 707).

No entanto, quando se discute o processo educativo, partindo do sistema político no qual estão inseridos, ou seja, em uma sociedade capitalista, esses mesmos autores consideram a possibilidade da associação da profissionalização no ambiente escolar, ainda na formação básica, desde que associada à educação intelectual, física e tecnológica, entendendo essa associação como o germe da educação do futuro (MARX, 1996).

Tendo em mente esta perspectiva marxista, pode-se afirmar que o Ensino Médio Integrado pode valer como um ambiente que oportuniza esse germe do processo de desenvolvimento do ser humano em uma perspectiva humana integral, omnilateral ou politécnica (MOURA, 2013). Passadas essas considerações, é interessante refletir sobre qual o objetivo que se tem quando é proposto o desenvolvimento do processo educativo. Ramos (2008, p. 1) questiona se “Visamos a uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega direitos; ou visamos a uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção da vida, assegurando direitos sociais plenos?” Ela ainda afirma fazer parte da segunda categoria, sabendo que apenas assim se pode construir um processo verdadeiramente emancipatório na educação.

Ramos (2008) defende a perspectiva de uma integração educativa baseada nas realidades vivenciadas, propõe “a análise do conceito de integração em três sentidos que se complementam, a saber: como concepção de formação humana; como forma de relacionar ensino médio e educação profissional; e como relação entre parte e totalidade na proposta curricular” (RAMOS, 2008, p. 2). Ao defender estes pilares ela torna possível o entendimento de como o Ensino Médio Integrado deve ser desenvolvido dentro de uma perspectiva formativa que gere emancipação apesar do contexto que o circunscreve. Apesar da autora clarificar e gerar nortes para a exequibilidade do EMI, é sabido que na maioria dos ambientes educativos, que passam a inserir um currículo baseado na integração, encontramos dificuldades em sua execução, haja vista que, mesmo sendo um germe da educação do futuro, o desenvolvimento de um processo educativo integrativo, e não rígido e massificado, como são os regimes tradicionais, geram pressões impostas pelo sistema capitalista, que possui suas demandas, e, por isso, insistem, fortemente, na manutenção da dualidade estrutural.

No entanto, a estratégia de desenvolver, mesmo que de maneira simplificada, a perspectiva de educação integrada, ao associar a educação propedêutica com o ensino Técnico, torna possível a construção de um caminho que oportuniza, não só, a liberdade no processo educativo, mas também, possibilidades rumo a emancipação dos agentes inseridos nesse contexto.

Assim, é correto afirmar que o Ensino Médio Integrado, em seu regime atual, se apresenta como uma estratégia inteligente de usar aquilo que fere para sanar as feridas, ou seja, a profissionalização para jovens, que outrora não se apresentava como meio viável, passa a ser, desde que integrada ao seu contexto, seja ele social, científico ou cultural. Oportunizar isso aos jovens, ainda na formação básica, certamente gera neles senso de pertencimento, responsabilidade social e a apropriação dos conhecimentos compartilhados, e não meramente uma assimilação fria e rígida, como costumeiramente vemos ser o produto do processo educativo efetivado pelos regimes educacionais tradicionais.

4.3 FORMAÇÃO INTEGRAL : A COMPLETUDE DO SER

A formação integral é um conceito fundamental no campo educacional, pois reconhece a necessidade de desenvolver o ser humano em sua totalidade, contemplando, por exemplo, dimensões cognitivas, emocionais, sociais, culturais e éticas. Mais do que uma metodologia, representa uma visão ampla de educação voltada à vida. Por isso, torna-se essencial compreender, com profundidade, do que se trata.

“A formação integral, enquanto concepção teórica pressupõe o desenvolvimento integrado do sujeito durante seu percurso formativo, ou seja, possui em sua proposta de ensino potencialidades que pretende desenvolver cognitivamente por meio da mescla das mais diversas áreas do conhecimento inter-relacionando-as.” (APPIO; EWALD; SILVA, 2020, p. 1)

Assim, entende-se que é necessário proporcionar aos indivíduos o acesso aos mais distintos conhecimentos, para que, com o acesso a tais conhecimentos, ele possa desenvolver-se tanto quanto pode e deseja, dentro de todas as potencialidades que lhes são cabíveis. Quando se fala sobre formação integral, é feito um paralelo ao que se conhece como educação emancipadora. Ora, não é possível desenvolver a formação integral dos indivíduos sem que esta traga a ele emancipação.

Freire (1985, p. 125) repercute que a educação emancipadora é estabelecida através de “um processo pelo qual o educador convida os educandos a desvelar a realidade criticamente”. Portanto, ao passo que a formação integral pressupõe uma educação emancipadora, infere-se que para que haja a formação integral dos indivíduos, é necessário que eles, através de um processo autônomo e crítico, haja intencionalmente na sociedade, no seu grupo social particular, no seu trabalho, na escola etc. Nos mais distintos lugares inseridos das mais diversas situações, a fim de conhecer a realidade e a partir desse conhecimento elevar-se a outros patamares do processo de autopercepção.

“A formação integral nos remete a ideia de uma formação ampla e completa, a qual envolve as diversas dimensões constitutivas de quem forma e de quem está sendo formado (APPIO; EWALD; SILVA, 2020, p. 1). É um processo que é desenvolvido através de envolvimento social, onde a cooperação auxilia no processo de construção dos conhecimentos, sejam estes científicos, ou intrínsecos de cada ser. Para que haja a formação integral, por óbvio, é necessário ocorrer o processo educativo que seja integral. Maurício (2009, p. 54-55) entende a

“Educação Integral como um movimento onde se reconhece a pessoa como um todo, tendo um corpo e intelecto, e que essa integralidade se constrói através de linguagens diversas, envolvendo várias atividades e circunstâncias, onde os aspectos afetivo, cognitivo, físico, social e outros se constituem conjuntamente”

Concebendo, assim, a integralidade do ser, ele traz luz a concepção da constituição do homem nos seus mais distintos aspectos, portanto, a educação, em seu processo formativo, deve abranger, de maneira consistente, todos os elementos constituintes do ser, a fim de desenvolver o homem nas suas distintas qualidades, consagrando-se, assim, como uma educação verdadeiramente integral.

Dado tal contexto, pode-se fazer coro ao entendimento de Lino(2021, p. 14) que é categórico ao afirmar que “é a educação integral que garante a formação do sujeito em todas as dimensões, aproveitando cada oportunidade em várias instâncias culturais.”

Cientes disso, e visando a construção de uma educação emancipadora, com o foco voltado para a elevação do homem, em todas as suas potencialidades, é que faz sentido a defesa sistemática da educação integral enquanto possibilidade de revolução social, pois, se através dela se consegue o desenvolvimento pleno do ser, e se esse desenvolvimento for democratizado em uma escala nacional – e de maneira idealizada, quem sabe, até mundial – é possível aventar a possibilidade de mudança da sociedade, quebrando, assim, os inúmeros paradigmas que sustentam a fragmentação do homem, que ocorre desde o processo de obtenção dos conhecimentos oportunizados pelo acervo cultural, até o entendimento de características formadoras do homem enquanto ser, que possui inúmeras demandas e não apenas as que, hoje, lhes são impostas como essenciais.

4.4 ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA: UM AMBIENTE DE POSSIBILIDADES.

Já se discutiu aqui que não é possível o desenvolvimento integral de um currículo integrado, e o porquê disso. No entanto, existem possibilidades que são oportunizadas a fim de se conquistar avanços na busca desse ideal. Uma dessas possibilidades é a oportunidade de associar o ensino propedêutico e o mundo do trabalho. Esta realidade é vivenciada nas Escolas Cidadãs Integrais Técnicas. Através do artigo 6º, no parágrafo VI da lei 11.100/18, foi criado, no Estado da Paraíba, este novo modelo de escola, estabelecendo que ela seria uma:

“[...] escola de Ensino Médio profissionalizante em período integral, com conteúdo pedagógico voltado para a profissionalização, método didático e administrativo próprios, conforme regulamentação, observada a Base Nacional Curricular Comum, tendo como objetivo a formação de profissionais qualificados e capazes de influir positivamente no mundo de trabalho, atuando com protagonismo na vida profissional e social.” (PARAÍBA, 2018a, p. 1)

As ECITs, como comumente são conhecidas as Escolas Cidadãs Integrals Técnicas, se dispõem a trabalhar questões do mundo do trabalho, em seus diversos cursos Técnicos, associando-os aos conteúdos científicos da grade comum das demais redes de ensino. Essa associação está longe de atender a padrões mais elevados do que seria a formação omnilateral – Integral – mas, sabendo que a formação integral ainda é um ideal a ser conquistado e que não é possível, hoje, estabelecer um regime integral de formação omnilateral, entende-se que se deve buscar os caminhos que se apresentem possibilidades, horizontes que, mesmo distantes, a oportunizem um direcionamento, um caminho rumo a uma educação sadia, visando a emancipação do indivíduo (MOURA, 2013), algo que, resguardadas as proporções, podemos obter através das ECITs.

Santos (2021) ao rememorar os escritos de Antunes e Padilha (2010) afirma que eles vão elencar cinco eixos para as instituições que vão, ou pretendem, desenvolver uma escola baseada na educação emancipadora com o foco na educação cidadã. O primeiro eixo estabelece que a ação pedagógica da escola, como um todo, deve ser exemplo, focando nas questões de importar-se com as histórias de vidas, gerando qualidade de oportunidades para a cidadania.

O segundo fala sobre a importância da gestão se fortalecer nos laços realizados com toda a comunidade escolar. O terceiro preconiza o processo de socialização que deve existir entre os coparticipantes do meio escolar, o quarto defende um processo avaliativo estabelecido através do diálogo e o quinto e último, segundo suas próprias palavras, estabelece o “[...] respeito a todas as iniciativas relacionadas ao projeto eco-político-pedagógico da escola, à educação pensada enquanto princípios, diretrizes e propostas de ação numa dimensão poética, ética, estética, sensível, criativa e crítica” (ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 44).

Já que, segundo a lei 11.100/18, que estabelece os parâmetros quanto a criação e caracterização das ECITs, as Escolas Cidadãs Integrals Técnicas tem o intuito de desenvolver indivíduos preparados não só para o mundo do trabalho, mas também para o estabelecimento de relações sociais sadias, seguindo os parâmetros de uma educação cidadã. Amparando-se em Antunes e Padilha (2010), pode-se inferir que as ECITs podem ser um caminho viável na construção de uma educação humana, visando não apenas as demandas mercadológicas, a fim de satisfazer os anseios meramente capitalistas, mas também na satisfação intrínseca do ser, no seu processo de autopercepção, identificação e emancipação.

4.5 PROTAGONISMO JUVENIL: DA AUTONOMIA AO AUTOCONHECIMENTO

Antes de se aprofundar sobre as práticas ou vivências dos Clubes de Protagonismo Juvenil, é essencial buscar entender, a priori, o que se pode classificar como protagonismo juvenil. “o protagonismo juvenil se afirma como tema fundante de uma perspectiva de empoderamento do jovem, enquanto agente ativo da construção de uma categoria social de juventude, consciente de seu papel de agente de transformação e renovação contínua da sociedade” (STAMATO, 2008, p. 56-57).

Muitas vezes o jovem não tem a percepção clara do seu valor ou potencial, as vezes ele nem consegue entender-se dentro dos ambientes e perspectivas que lhes são apresentados. O desenvolvimento do Protagonismo Juvenil, situa, o jovem, enquanto agente transformador do meio ao qual está inserido, seja da sua comunidade, da sociedade, do país, através de intervenções políticas, de cunho sociais. É dado ao jovem a oportunidade de elevar a sua consciência crítica a um patamar que o estabeleça como a possibilidade de mudança, inquietação através de um processo de autopercepção.

“o protagonismo juvenil abrange diferentes ações que têm por atores os próprios jovens, caracterizando-se como uma estratégia político-pedagógica que fortalece o poder e a capacidade de ação, rompendo com a imagem de apatia e alienação atribuída à juventude atual” (STAMATO, 2008, p. 3). É uma reconfiguração da visão que a sociedade tem do jovem, bem como, da que o jovem tem de si mesmo, afastando a imagem de desconfiança e incredulidade que paira sobre o jovem, dando-lhe, agora, oportunidade de mostrar-se, desenvolver-se e colocar-se ante as mais diversas situações da vida, não mais com uma atuação coadjuvante mas como o promotor da solução.

Costa (2001, p. 179), ao trabalhar com o Protagonismo Juvenil voltado para questões pedagógicas, afirma que o Protagonismo Juvenil, no que se refere a práticas educativas, tem o objetivo de desenvolver “a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso”. Tal responsabilização só é desenvolvida no jovem se ele passa a ter uma autopercepção madura, entendendo o seu lugar no mundo, bem como, o impacto que suas ações têm no processo de desenvolvimento de uma sociedade mais crítica, justa e equânime.

Para que o jovem amadureça, e possa aventar tais possibilidades, a escola pode dar condições para que ele se desenvolva, principalmente no processo de autopercepção. “É preponderante que a escola outorgue a liberdade de pensamento, discernimento e a expressão

de sentimentos para conferir ao estudante o papel essencial da sua vida - ser protagonista do seu próprio destino” (SOUZA; GUISSO, 2021, p. 11).

Stamato (2008) ao analisar as reflexões de Escámez e Gil (2003) afirma que ao estabelecer seus estudos nos pressupostos de Kant e Weber, veem que os principais objetivos da educação se estabelecem nos processos de desenvolvimento da autonomia e da autorresponsabilidade. Para tanto, Escámez e Gil (2003, p. 7) afirmam que a compreensão destes aspectos aparece quando o jovem, olha para si e, passa a “assumir a própria autonomia, isto é, na aceitação de que sou capaz de ter pensamentos que posso justificar e de tomar decisões das quais posso dar conta aos demais e a mim mesmo”

Ao passo que o jovem passa a desenvolver-se e estabelece uma visão crítica sobre si e sobre o mundo no qual está inserido, ele tem a oportunidade de desenvolver ações que podem trazer significantes modificações, tanto para sua vida, no processo de autoafirmação e autonomia, quanto para a sociedade ou ao ambiente comunitário no qual se encontra, podendo gerar transformações reais à problemas que insistem em resistir.

4.6 JUVENTUDE EM FORMAÇÃO: LIBERDADE E AUTONOMIA COMO SOLO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Existem, hoje, inúmeras discussões que versam sobre as posições que o jovem tem tomado frente aos desafios e circunstâncias na contemporaneidade. Tais discussões buscam refletir sobre o agir e o pensar do jovem, visando sempre seu futuro e bem-estar. Quando nos debruçamos para analisar os processos formativos da juventude, em suas respectivas realidades sociais, vemos que “a compreensão da juventude como uma condição singular em relação a outros segmentos populacionais [...] evidencia que a realidade dos jovens é marcada por ampla diversidade; e que as diferentes situações exigem respostas diferenciadas” (Instituto Cidadania, 2004, p.19).

Sendo sabedora desta realidade, a sociedade, como um todo, não pode se fadar a manutenção de entendimentos limitantes, quanto a atuação ativa dos jovens, nem, tão pouco, se colocar como limitadora dos destinos ou visões juvenis. Se faz necessário, dentro deste contexto, o desenvolvimento de políticas, espaços e discussões que “devem se basear na participação ativa dos jovens, considerando-os como protagonistas das ações que dizem respeito a si mesmos e à sociedade em que estão inseridos” (Instituto Cidadania, 2004, p. 19).

Para que tal medida se concretize, efetivamente, é necessário que a sociedade, como um todo, pulverize a crença de que o processo formativo do jovem pode e deve ter influência de sua realidade social, seus quereres, suas crenças etc. É preciso dar aos jovens a oportunidade de se colocarem no mundo como parte formadora e seletora dos meios, conceitos e caminhos para seu estabelecimento enquanto seres pensantes, bem como, para o estabelecimento de uma sociedade cada dia mais atualizada e renovada em seus mais distintos aspectos. Esse movimento, certamente, só poderá se realizar se a base formativa desses indivíduos se estabelecer em processos formativos que gerem uma educação verdadeiramente crítica.

Assim sendo, e buscando embasamento para a discussão sobre os processos constitutivos do pensamento crítico, sublinha-se que não há outro pensador, que tenha se debruçado tanto no processo de construção do pensamento crítico, com o intuito de entender a concepção e manutenção deste fenômeno, que Paulo Freire.

Fiori (1987, p. 6) ao trazer luz sobre a pedagogia defendida por Freire (1970), evidencia que Freire desenvolve um pensamento, quanto as práticas educativas, que está amparado firmemente “numa pedagogia em que o esforço totalizador da “práxis” humana, busca, na interioridade desta, retotalizar-se como ‘prática da liberdade’”. Ou seja, a educação, ou processos educativos, devem conduzir o indivíduo ao processo de autoconhecimento, que no fim se caracteriza como a manifestação da sua própria essência, reconectando-o à manifestação mais pura do seu ser, gerando nele o entendimento do que é viver a liberdade.

Porém, é preciso salientar que este não tem sido o padrão que se pode verificar nos ambientes educacionais hoje atuantes. Assim como esclarece Freire (1970) quando aborda a pedagogia do Oprimido, fica evidente que a pedagogia preponderante, na atualidade, é a pedagogia das classes dominantes. Os métodos que vemos sendo aplicados são os métodos desenvolvidos por esta classe dominante. Métodos que contradizem, veementemente, o conceito de educação formativa geradora de liberdade.

Se a educação, dentro de uma perspectiva formadora e emancipatória, deve conduzir os indivíduos a um processo que gere liberdade, percebe-se que a “educação” desenvolvida pelo sistema atual tem sido conduzida de maneira diametralmente oposta, em seus conceitos, métodos e práticas. Diante desta realidade, pode-se afirmar que o sistema, ora posto, não contempla a máxima da educação que emancipa, e não consegue coabitar com ela, pois o regime atual, não pode, ao mesmo tempo e contraditoriamente, servir, tanto à libertação, que ocorre quando temos um processo formativo emancipatório, quanto a manutenção de sua própria dominação, que é o foco principal de seu processo formativo.

Retornando ao conceito da práxis, agora voltada a uma perspectiva educativa, ou seja, aquela que se confere na execução simultânea da teoria e da prática dos processos formativos, percebe-se que ela só pode ser explanada se, antes, é percebido o desenvolvimento de duas categorias cruciais para o desenvolvimento do pensamento crítico, que são a autonomia e a liberdade. Mesmo que esses temas tenham sido pontuados anteriormente, se faz necessário categorizá-los para que se tenha dimensão de sua importância. Ao observar os pensamentos de Freire, vemos que uma pedagogia geradora de liberdade se apresenta como possuidora de exigências processuais. Estas exigências, instrumentalizarão o processo de conscientização dos indivíduos e o reconhecimento dos privilégios de sua prática (FREIRE, 1987).

A visão da liberdade tem, nesta pedagogia, uma posição de relevo. Ela é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos (FREIRE, 1987). Não é possível construir um senso crítico, sem que, antes, se dê livre acesso as mais diversas perspectivas de mundo. A liberdade se caracteriza como fator primário de importância para a construção de uma formação crítica.

Sem ela, os processos que antecedem a formação do pensamento crítico ficam impossibilitados, gerando, assim, estagnação na formação dos indivíduos, bem como, na transformação que se deseja para a sociedade. Sabedores desta realidade, se faz necessário, não só conhecer a teoria, ou os estudos que embasam a tese da liberdade, tão defendida na atualidade, mas também, deve-se trazer à tona a sua exequibilidade, para que a transformação que se deseja não fique limitada apenas às páginas de livros, mas que consiga ultrapassar a realidade que, invariavelmente, é posta pela sociedade que se mantém ainda tão imersa aos conceitos, e práticas, estipulados pelas classes dominantes.

Assim como verifica-se ser indispensável a cultura de uma pedagogia da liberdade, se verifica, tanto quanto necessária, uma pedagogia da autonomia. Para que se compreenda a importância da autonomia na obtenção de criticidade, é necessário desvelar como, geralmente, se apresenta a situação dos educandos em seus contextos formativos. Freire (1999, p. 35) ao refletir sobre essa condição, discute que, de certa maneira, é comum encontrar os educandos numa situação semelhante a de “oprimidos” onde, segundo percepções dele, aparecem sem voz, “castrados, no seu poder de criar e de recriar, e no seu poder de transformar o mundo” (FREIRE, 1999, p. 23).

Tal situação gera certo entrave no processo formativo dos jovens, tendo em vista que, para Freire, o ato de estudar não se caracteriza apenas na visão dominante, enciclopédica, preocupada com resultados e gabaritos, ou seja, a dita educação “bancária”. Para ele “Estudar

não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 2001, p. 13). É possível verificar, a partir dos pressupostos de Freire, que “a educação bancária [...] reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua disciplina é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade” (FREIRE, 2001, p. 10).

Se a pedagogia bancária se caracteriza pela reprodução simples do imposto, sem qualquer reflexão ou posicionamento, pode-se afirmar que a pedagogia da autonomia se caracterizaria como uma pedagogia de decisão, uma pedagogia que oportuniza escolhas a partir de intimas particularidades dos indivíduos. A autonomia, em si, traz o amadurecimento do ser. É um retorno ao autoconhecimento, é um processo de vir a ser. Neste sentido, corrobora-se com o pensamento de Freire quando afirma que “a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade” (FREIRE, 1997, p. 121).

Freire (2000, p 46) sustenta que para que seja efetiva uma prática educativa que visa a autonomia, uma das fases, indispensáveis, a ser executada, é a dos processos formativos como oportunidade de cada educando “assumir-se”. Isso implica na liberdade dada ao educando de gerar para si, e em si, os meios de autogestão, seja nas tomadas de decisão, seja em qualquer âmbito que o circunscreva. Uma discussão, bastante coerente com o processo de conquista da autonomia, que é trazida por Freire (2000) é a perspectiva da assunção do eu ou nós. Para ele, a autonomia reflete “[...] a assunção de nós, por nós mesmos”(FREIRE, 2000, P. 47). É compreender e entender-se no processo de assumir-se enquanto sujeito da sua própria assunção, a percepção crítica de si em si.

Ao passo que o educando passa por estes processos, as atividades do dia a dia, bem como aquelas que lhes são interpostas pela sociedade, ou por outros participantes dos seus círculos de convivência, acabam tendo um nível de dificuldade diminuído e passam a serem resolvidas com mais celeridade e efetividade. A autonomia, portanto, traz ao educando o fator “decisão”, fator este que modifica perspectivas, condiciona oportunidades e gesta ações. Sem a qual, o ser humano está fadado a uma mera reprodução do que lhe é imposto, ou simplesmente, ao que Freire vem denominar como, a reprodução da “cultura dominante”.

Estando já cientes, e intencionados a gerar uma mudança no contexto atual, se faz necessário o desenvolvimento de ações mais concretas, e adaptadas a ele. Para que se vislumbre mudanças, é preciso que a prática da educação se concretize como um manifesto à liberdade e a autonomia dos indivíduos. Tendo em vista que a grande maioria dos aprendizes, no âmbito educacional, é composta por jovens, é preciso fomentar a busca de consciência crítica, para que,

mesmo que não se consiga mudar a realidade posta, do mundo, que se busque a modificação desta realidade com uma percepção lúcida dos fatos, dentro de um padrão de maturidade. Se faz necessário, portanto, evitar o processo de submissão ao protocolo massificador do pensamento único (FREIRE, 1987). Para que isso ocorra, é necessário entender os processos educativos como uma grande e complexa rede de informações, onde podemos encontrar estratégias para instigar a anunciação de caminhos que oportunizam liberdade e autonomia, a fim de condicionar o pensamento crítico.

Por fim, e com o intuito de lograr êxito com o desenvolvimento de indivíduos verdadeiramente críticos e sapientes de suas potencialidades, contextos e habilidades, se faz necessário a prática de um processo educativo diferente do que vemos sendo apresentado, até então. É preciso discutir caminhos que gerem, não só o aprendizado em si, mas, também, a emancipação ideológica dos indivíduos. Estes caminhos advirão a partir da prática da liberdade, bem como, do desenvolvimento da autonomia, o que acarretará a construção da tão esperada consciência crítica na nova geração (FREIRE, 1987).

Esse é um processo imprescindível na construção de pessoas mais conscientes, e dele depende toda e qualquer intenção de se criar uma sociedade mais justa e equânime. Caso se cometa o erro de não se enfatizar o desenvolvimento de um processo formativo que gere a integração da prática da liberdade com o desenvolvimento da autonomia, a formação de sujeitos verdadeiramente críticos se torna uma missão impossível. É por isso que a cultura de um ambiente formativo gerador de criticidade é tão imprescindível, pois, caso ele não se estabeleça, certamente, as classes dominantes, com seus meios e métodos, desenvolverão ainda mais o processo de massificação do pensamento, nos fazendo indivíduos limitados ao seu bel prazer e impossibilitados de gerar a tão desejada transformação da sociedade.

4.7 OS CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL: DO CONCEITO À ORGANIZAÇÃO

Para que possamos identificar os impactos dos clubes, bem como as possibilidades que podem advir de suas práticas, se faz necessário, sumariamente entender o que de fato são os clubes e como eles se aplicam a realidade juvenil. Segundo Santos (2020, p. 4) “o Clube Juvenil chega como um espaço criado para jovens estudantes onde poderão desenvolver diversas atividades relacionadas às suas experiências e necessidades no intuito de propiciar a autonomia, o trabalho em equipe, a auto-organização e tomadas de decisões”, portanto, o Clube de Protagonismo Juvenil se estabelece em um espaço, dentro do ambiente escolar, onde os

jovens/adolescentes podem desenvolver atividades que lhes são significativas, que lhes oportunizam crescimento, não só intelectual, mas também de cunho social e político.

Silva (2018 p. 67) vai afirmar que “Os Clubes de Protagonismo pretendem promover e estimular o trabalho em equipe a partir da integração dos estudantes em atividades relacionadas às suas habilidades pessoais.” Assim, se torna possível o desenvolvimento das capacidades, habilidades intrínsecas dos estudantes. Identifica-se aqui que os estudantes não estarão presos a um currículo pré-estabelecido, não serão interpelados a desenvolver algo que já foi decidido sem a consulta prévia. Os estudantes poderão, nos Clubes de Protagonismo, desenvolver atividades que realmente fazem sentido para eles, que abrangem não só o interesse do crescimento intelectual, mas também, e pode-se afirmar, os de cunho interpessoal.

Mas como são criados os clubes dentro do ambiente escolar? Inicialmente é preciso verificar as possibilidades de cada ambiente escolar, Santos (2020, p. 4) vai afirmar que “o primeiro passo para se criar um clube juvenil é conhecer bem o projeto político pedagógico da escola e definir o que é possível fazer como contribuição as atividades pedagógicas coletivas da escola e seu território”. Os clubes de protagonismo, apesar de serem integralmente desenvolvidos pelos estudantes, desde a sua concepção, até seus resultados, devem servir para beneficiar a comunidade escolar, a comunidade na qual a escola está inserida e as vidas dos estudantes. Ou seja, os clubes não podem ser criados sem um direcionamento claro do “por quê” da sua existência, para tanto os estudantes devem viabilizar projetos que tragam algum impacto educativo, social ou político.

Após esse primeiro momento, os estudantes, que tiveram as ideias dos temas dos Clubes, devem oportunizar um momento para que os demais estudantes da escola possam manifestar seu desejo em participar dos referidos clubes. Silva (2018, p. 23) relata que “as inscrições para participar dos Clubes de Protagonismo acontecem no “dia D dos Clubes”, dia em que os estudantes têm a oportunidade de conhecer as propostas dos colegas e inscrever-se.” Dia “D”, Dia do Protagonismo, Feira dos Clubes, muitos são os nomes para esse dia, mas o intuito é apenas um, oportunizar a todos que compartilham do mesmo interesse em um determinado tema, efetivar a inscrição no clube que trata sobre ele.

Após este momento, as atividades dos clubes iniciam, elas devem ser sistematicamente organizadas, porém, esta organização deve ser desenvolvida integralmente pelos estudantes, assim como Silva (2018, p. 23) faz questão de lembrar, pois “nos Clubes não há mediação do professor, de ONGs ou de profissional monitor; a intenção é que os estudantes protagonizem suas experiências de gestão, autonomia e compartilhamento.” No ambiente dos clubes será possível desenvolver não só o tema que será trabalhado, mas também os processos de auto-

organização, a fim de trazer, ainda na juventude, o senso de responsabilidade e comprometimento com os compromissos assumidos.

Por fim, um dos pontos primordiais para a manutenção das atividades dos clubes é a construção do Plano de Ação. A fim de que sejam possíveis as ações dos clubes, a metodologia do Plano de Ação é de suma importância, pois

“[...]essa proposta pedagógica aponta o Plano de Ação como a “bússola do Clube” e deve conter: a missão, que representa o sonho dos integrantes do Clube; o objetivo, que deve estar atrelado às pretensões do grupo; os valores; os resultados esperados; as prioridades, estratégias, funções da equipe, plano de atividades e os resultados alcançados durante o ano letivo.” (SILVA, 2018, p. 68)

Toda essa organização dará luz ao caminho no qual os estudantes passarão a trilhar, a fim de que todas as atividades que são desenvolvidas nos clubes, o sejam, dentro de um padrão mínimo de organização. Faz-se necessário lembrar que esse direcionamento não tem a intenção de podá-los, mas sim, de conduzi-los a efetivarem atividades mais consistentes, oportunizando assim, vivências mais significativas, que possibilitará, a cada integrante dos clubes, a chance de desenvolver, neste espaço sistematicamente pedagógico, tudo o que lhes realiza, tanto nas questões mais pragmáticas da obtenção do conhecimento, quanto nas que tangem a emancipação de cada indivíduo.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

5.1.1 Quanto à classificação

Como já antecipamos tanto na introdução desta dissertação como em sua justificativa, a pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Cidadã Integral Técnica, do município de Bayeux. Para tanto, decidimos analisar os tipos de pesquisa que mais se adequavam aos objetivos propostos e decidimos que o Estudo de Caso seria o mais adequado. “Na opinião de Stake (1999), a finalidade dos estudos de caso é tornar compreensível o caso, através da particularização”.

Entre os vários autores que discutem o uso do estudo de caso em educação (ANDRÉ, 2013; MAZZOTTI, 2006; STAKE, 1999; YIN, 2001), há dois traços comuns a todos. O

primeiro estabelece que o caso deve ter uma particularidade que merece ser investigada. Atendendo a esta perspectiva, compreendemos que os Clubes de Protagonismo Juvenil se constituem em um caso que merece investigação, pois se refere a uma experiência educativa específica e metodologicamente diferenciada dentro do Ensino Médio Integrado, tal relação corresponde ao critério de particularidade defendido pelos autores.

A singularidade deste caso — marcada pela relação estabelecida entre os Clubes e o Ensino Médio Integrado em um mesmo ambiente educativo — amplia e enriquece as possibilidades de análise, conferindo relevância social ao estudo. Tal configuração não apenas favorece uma compreensão mais abrangente das práticas formativas, como também potencializa a geração de contribuições teóricas e práticas para a educação profissional e para a formação integral dos estudantes.

O segundo ponto de concordância entre os autores revela que o estudo deve considerar a multiplicidade de aspectos que caracteriza o caso, o que vai requerer o uso de múltiplos procedimentos metodológicos para desenvolver um estudo em profundidade (ANDRÉ, 2013; MAZZOTTI, 2006; STAKE, 1999; YIN, 2001). Sabendo disso, verificamos que os Clubes de Protagonismo Juvenil estão inseridos em um contexto que reúne variáveis pedagógicas, organizacionais, sociais e culturais, e isso exige uma abordagem que se efetive com profundidade através de múltiplas lentes. Entendemos que a investigação que propomos requer a utilização de entrevistas, observações, análise de documentos e outros instrumentos, a fim de captar a complexidade e a interrelação entre os diferentes elementos que estruturam o fenômeno dos Clubes de Protagonismo Juvenil em um ambiente de EMI.

É bom salientar que o estudo de caso é “a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2001, p. 19). Não ocasionalmente, buscamos investigar como e por que os Clubes de Protagonismo operam enquanto dispositivos formativos no EMI, ou seja, tomamos como base para as análises um fenômeno contemporâneo, situado em um contexto real e sobre o qual exercemos baixo controle.

A análise dos Clubes de Protagonismo Juvenil no Ensino Médio Integrado nos permite examinar, com profundidade, as dinâmicas de participação estudantil, os sentidos atribuídos pelos jovens e as repercussões dessas práticas para a formação integral. Assim, podemos gerar inferências sobre como esses processos formativos complexos dialogam com a teoria da educação profissional e porque é necessário que haja o fortalecimento do protagonismo juvenil no ambiente escolar.

5.1.2 Quanto à abordagem

A abordagem que conduziu a análise dos dados, colhidos por esta pesquisa, foi a combinada, ou seja, tanto qualitativa, quanto, a quantitativa. Historicamente, se colocou estas abordagens como que antagônicas, contudo, para Thiollent (1984, p. 46), “a discussão qualidade versus quantidade corresponde muitas vezes a um problema mal colocado que, no fundo, está ligado às características dos pesquisadores”. Porém, com o passar dos anos, verificou-se que cada abordagem, em si, tem muito o que contribuir para com a outra e que a interação entre elas gera uma análise mais completa do fenômeno, bem como, das especificidades que o circunscrevem.

Minayo e Sanches (1993) afirmam que

“A relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

Partindo deste pressuposto, pode-se afirmar que a abordagem combinada oportuniza o suporte necessário para as análises que a posteriori serão apresentadas. Pois, nos dá vasão, tanto para análises mais subjetivas do fenômeno da pesquisa, quanto para desdobramentos mais objetivos em tabulações e quantificações de dados que posteriormente servirão de base para as discussões dos resultados colhidos.

5.1.3 Quanto à tipologia da pesquisa

Esta pesquisa teve como caracterização tipológica inicialmente a predominância da perspectiva exploratória, culminando posteriormente em uma perspectiva mais descritiva. Para Raupp e Beuren (2006) a pesquisa exploratória se caracteriza quando se estuda um fato, ambiente ou contexto em que há pouco conhecimento sobre a temática abordada. Eles ainda afirmam que “uma característica interessante na pesquisa exploratória, é o fato de que ela oportuniza o aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática não

contemplada de modo satisfatório anteriormente[...]”, e isso acaba contribuindo no esclarecimento de questões superficialmente abordadas sobre o assunto (RAUPP; BEUREN, 2006, p. 80). Assim, se torna possível identificar, no lócus da pesquisa, se o que se diz na teoria está sendo posto em prática, e se essa práxis, caso efetivada, gera, ou não, resultados significativos visando a formação integral dos estudantes.

Por fim, será realizado o desenvolvimento da fase descritiva da pesquisa. Para Andrade “a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem que o pesquisador interfira neles” (ANDRADE, 2002, apud RAUPP; BEUREN, 2006, p. 81). Assim, o pesquisador pode realizar o estudo dos fenômenos físicos, humanos e sociais, sem que ocorra nenhum tipo de manipulação dos dados colhidos no campo de pesquisa. Tais procedimentos se fazem necessário visto que o objeto de estudo desta pesquisa - os Clubes de Protagonismo - a partir da condição na qual se encontra - que aqui é o fato de existir a interação deles com o ensino médio integrado - não tem a repercussão necessária. Tendo em vista que os Clubes de Protagonismo Juvenil têm se difundido pelo país, nas escolas integrais, se faz necessário conhecer mais sobre este fenômeno e sobre tudo o que lhe diz respeito.

5.2 UNIVERSO, AMOSTRAGEM E AMOSTRA

5.2.1 Quanto ao universo da investigação

A população escolhida para a realização desta pesquisa está aportada nos alunos, professores, coordenador (a) e o (a) gestor (a) da Escola Cidadã Integral Técnica de Bayeux. “O universo ou a população-alvo é o conjunto dos seres animados e inanimados que apresenta pelo menos uma característica em comum [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 225). A escolha desta população se deu pelo fato de existir, nessa escola, tanto o desenvolvimento dos clubes de protagonismo, quanto a relação destes com o Ensino Médio Integrado. Assim, se torna conveniente o estudo partindo deste amplo grupo, tendo em vista que oportuniza, ao pesquisador, um rico campo a ser explorado.

5.2.2 Quanto à amostragem da pesquisa

A amostragem desenvolvida por esta pesquisa teve norte não probabilístico, por conveniência. A amostragem não probabilística por conveniência envolve o juízo do pesquisador para selecionar, na população, pessoas que sejam boas fontes de informação para

os propósitos do processo. “Este tipo de amostragem prevê um número de participantes em cada uma das categorias, que são preenchidas pelo pesquisador por conta da conveniência e/ou julgamento” (FREITAG, 2018, p. 671). Esta pesquisa se fixou na análise dos ambientes próprios e particulares dos clubes desenvolvidos no ensino médio integrado, na intenção de averiguar se esta relação (Clubes e EMI) contribui no desenvolvimento da formação integral dos estudantes.

5.2.3 Quanto à amostra do estudo

“Amostra é parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou um plano. Refere-se ao subconjunto do universo ou da população, por meio do qual estabelecemos ou estimamos as características desse universo ou dessa população” (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 98). Para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente se estabeleceu uma amostra máxima composta por 112 participantes. Sendo no máximo 100 estudantes, 10 professores, que interagem com os estudantes durante as atividades dos clubes de protagonismo, 1 coordenador (a) e 1 gestor (a) da Escola Cidadã Integral Técnica de Bayeux.

Ao passo que a pesquisa iniciou, e foi se desdobrando, se percebeu a dificuldade em chegar ao quantitativo máximo de 112 participantes, chegando assim ao número de 62 participantes, sendo 50 estudantes, 10 professores 1 coordenadora e 1 Gestora. É preciso salientar que todos os 50 estudantes foram observados e responderam os questionários propostos, mas apenas quatro deles foram escolhidos para a realização da entrevista, bem como, dos 10 professores observados, apenas 1 foi escolhido para ser entrevistado, obedecendo assim ao que estabelecemos anteriormente no planejamento proposto.

5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Quanto da coleta de dados, os instrumentos utilizados para este fim foram a Observação, Questionários e Entrevistas. Antes de qualquer ação, é bom frisar que esta pesquisa está embasada nas recomendações da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, tendo o aval do Comitê de Ética em Pesquisa sob o número do parecer 7.720.980 (ANEXO I), visando, sempre, o bem-estar dos participantes e zelando para que todos os procedimentos aqui efetivados transcorram dentro dos padrões éticos competentes.

Também se faz necessário o esclarecimento de que caso fosse verificado a existência de alguma pessoa com deficiência entre a amostra analisada por esta pesquisa, os instrumentos de

coletas de dados seriam devidamente adaptados de acordo com a necessidade de cada participante, essa adaptação seria feita através do apoio institucional oportunizado pelo Instituto Federal da Paraíba - IFPB, com seus colaboradores, seja para a tradução dos textos para o braile, seja na presença de um intérprete de Libras e demais necessidades, o pesquisador juntamente com o IFPB se responsabilizou por estas adaptações.

A observação foi estruturada através de um roteiro (APÊNDICE A) que delineou os pontos principais a serem observados. Ocorreu no momento de atuação dos clubes, onde se observou o contexto e a rotina de um quantitativo restrito de estudantes e professores, este número dependeu essencialmente do entrosamento destes com os clubes de Protagonismo.

“Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser, antes de tudo, controlada e sistemática” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25). É bom lembrar que nas observações o único registro a ser realizado seria o fotográfico, porém se, e somente se, o clube fosse composto por 100% de alunos que tivessem assinado os TCLEs e TALE, caso contrário nenhum registro midiático seria efetivado.

Em uma pesquisa com seres humanos verificamos que a “observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26), isso oportuniza maior precisão aos dados coletados e legitimidade durante a composição da argumentação feita a posteriori. Para se ter uma contextualização que oportunize uma boa visualização do fenômeno estudado, os pontos que foram observados se aportaram em quatro aspectos principais: a estrutura oportunizada aos estudantes para efetivação das ações dos clubes, seja na questão de materiais ou espaços; a organização, desenvolvimento e resultados dos clubes de protagonismo; o suporte dado pela gestão escolar para seu funcionamento e a relação desta prática pedagógica com o eixo técnico da escola, identificando interações e/ou complementações entre os conhecimentos desenvolvidos na educação profissional e os desenvolvidos nos clubes de protagonismo.

Foi, também, no momento da observação, que o pesquisador pôde identificar quais dos estudantes e dos professores que seriam submetidos à entrevista, esta escolha se deu por conveniência, em um momento posterior ao da observação, onde dentre os alunos observados quatro (4) foram escolhidos para a entrevista e dos professores um (1) foi submetido a entrevista.

Logo após o processo de observação, foram aplicados dois questionários (APÊNDICES B e C), onde os estudantes tiveram um tempo médio de 40 minutos para que pudessem responder. O primeiro questionário (APÊNDICE B) teve o intuito de compreender quais as

principais motivações que levam os estudantes a quererem desenvolver uma atividade extracurricular como os Clubes de Protagonismo Juvenil dentro da escola.

O segundo (APÊNDICE C), baseando-se na proposta de Antônio Carlos Gomes da Costa (2000), entusiasta juvenil, A Escada da Participação Juvenil, que segundo Silva (2009, p. 39) nos auxilia a “compreendermos os estágios de desenvolvimento pessoal e social dos(as) jovens, e os níveis de protagonismo em cada ação”, nos concedeu informações para que inferíssemos se os clubes de protagonismo, segundo Costa(2000), tem contribuído para a formação de jovens verdadeiramente protagonistas.

No que tange a utilização de questionários, é importante frisar que eles foram constituídos por uma série ordenada de perguntas, sendo respondidas pelos participantes da pesquisa, oferecendo respostas mais objetivas e pontuais (MARKONI; LAKATOS, 2017). O questionário como uma técnica de investigação oportuniza a obtenção de informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores e comportamentos, seja no presente ou passado (GIL, 2014).

Eles puderam nos conceder a base que precisávamos para analisarmos, de maneira objetiva e direcionada, particularidades que levam os estudantes a fase decisória, não só do porquê desenvolver uma atividade extracurricular, como são os Clubes de protagonismo Juvenil, mas também se o desenvolvimento desse modo de fazer educação tem contribuído para a estruturação do protagonismo juvenil nos estudantes, dando-nos condições de verificar se de fato foram encontrados vestígios da formação integral durante este processo.

Se faz necessário entendermos a estrutura de cada questionário e o seu propósito para esta pesquisa. O primeiro questionário (APÊNDICE B) foi estruturado a partir de cinco temas principais, estes distribuídos em três perguntas cada tema, totalizando quinze perguntas norteadoras. Cada pergunta teve como alternativas de resposta uma escala de cinco afirmações. Estas, iniciaram em Concordo Totalmente e terminaram em Discordo Totalmente. Os cinco temas abordados no questionário foram, respectivamente, a afetividade, a realidade local, a carreira acadêmica, problemas emocionais e vida profissional.

Salientamos que, tais temas, foram abordados de maneira sucinta nas perguntas e não de maneira a constranger os respondentes. Desvendar o trato com esses temas nos oportuniza a possibilidade de entender as motivações centrais que instigam os estudantes na escolha e desenvolvimento de determinados temas, nos clubes, além de amparar as análises das interrelações, que podem existir, entre as cinco áreas, listadas no questionário, e os clubes protagonismo existentes “in loco”.

O Segundo questionário (APÊNDICE C) foi estruturado a partir da teoria: Escada de Participação Juvenil desenvolvida por Costa(2000). Esta teoria estabelece o desenvolvimento níveis de participação ao qual o jovem se submete, estando estruturada em dez degraus (níveis), estes, compostos na seguinte ordem:

- 1. Participação manipulada** – Os adultos determinam e controlam o que os jovens deverão fazer numa determinada situação.
- 2. Participação decorativa** – Os jovens apenas marcam presença em uma ação, sem influir no seu curso e sem transmitir qualquer mensagem especial aos adultos.
- 3. Participação simbólica** – A presença dos jovens em uma atividade ou evento serve apenas para mostrar e lembrar aos adultos que eles existem e que são considerados importantes. A participação é, ela mesma, uma mensagem.
- 4. Participação operacional** – Os jovens participam apenas da execução de uma ação.
- 5. Participação planejadora e operacional** – Os jovens participam do planejamento e da execução de uma ação.
- 6. Participação decisória, planejadora e operacional** – Os jovens participam da decisão de se fazer algo ou não, do planejamento e da execução de uma ação.
- 7. Participação decisória, planejadora, operacional e avaliadora** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução e da avaliação de uma ação.
- 8. Participação colaborativa plena** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução, da avaliação e da apropriação dos resultados.
- 9. Participação plenamente autônoma** – Os jovens realizam todas as etapas.
- 10. Participação condutora** – Os jovens, além de realizar todas as etapas, orientam a participação dos adultos.

Inicialmente foi realizada a apresentação da escada de participação para que os respondentes se familiarizem com a tese. Após a apresentação lhes foi entregue o questionário 2 e lhes foi perguntado, em três situações distintas, onde eles se enquadram dentro dessa estrutura. Assim, pudemos observar a avaliação que os estudantes fazem deles mesmos e como eles veem o próprio processo de protagonismo tanto nos clubes quanto no contexto escolar, mas, ainda mais que isso, nos oportunizou a verificação de como se percebem durante a relação efetivada entre os Clubes de Protagonismo Juvenil e o Ensino Médio Integrado.

A última fase da coleta de dados se deu através de entrevistas (APÊNDICE D), nelas tivemos a oportunidade de realizar as captações de áudio. O uso da entrevista se fez necessário tendo em vista que por meio dela “[...]os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e

subjetivos. Considera-se a entrevista como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas”(BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017, p. 24).

Dessa forma, pudemos realizar análises que transcenderam a aparência fenotípica passando a identificar os pontos essenciais do fenômeno estudado. As entrevistas ocorreram com quatro grupos de representantes de esferas da escola, sendo eles: quatro (4) estudantes, escolhidos pelo pesquisador durante a fase da observação, com estes, o foco foi abordar as rotinas nos clubes dos quais participavam, contribuições dos clubes nas suas vidas, tanto no contexto escolar, quanto fora dele. Também questionamos sobre as motivações que os (as) fazem participar dessa atividade de forma mais objetiva, abordamos questões direcionadas ao apoio ofertado pela instituição, indagamos sobre as possíveis consequências que podem ser geradas a partir das vivências nos clubes e trouxemos pontos de verificação sobre a relação existente entre os Clubes e o EMI.

Outro representante entrevistado foi um professor que, durante as observações, se mostrou atuante e interagiu com os estudantes no transcorrer das atividades dos clubes. Com ele se abordou o impacto dessas atividades na produtividade dos estudantes no que diz respeito as atividades curriculares no ensino médio integrado, foi questionado, a partir da perspectiva dele, quanto as atividades dos Clubes de Protagonismo Juvenil, associados ao ensino médio integrado, podem contribuir para a formação integral dos estudantes, bem como outros pontos adjacentes ao tema principal desta pesquisa.

O terceiro entrevistado foi a responsável pela coordenação pedagógica da escola, com esta, foi questionado o processo de escolha das metodologias aplicadas nas atividades propostas para os estudantes, assim como, é o entendimento da coordenação pedagógica sobre a atividade dos clubes no contexto da formação integral e como que ela dá o suporte quanto as metodologias e ao trato diário com os estudantes.

Por fim, o quarto e último entrevistado foi a gestora da dita instituição de ensino. Com esta se tratou sobre as condições e o suporte dado aos estudantes para que as atividades dos clubes de protagonismo pudessem, não só acontecer, mas também, que possam ser efetivadas em sua plenitude. Também questionamos sobre qual a visão da gestão sobre as atividades dos clubes de protagonismo e como ela concebe essas atividades, se as considerava válidas ou não para a formação integral dos estudantes e, se sim, quais as contribuições que essas atividades têm trazido, quando associadas a um ambiente de Ensino Médio Integrado ao técnico, segundo a perspectiva da gestão.

Salientamos que o critério adotado para a escolha tanto dos estudantes, quanto do professor, para as entrevista se estabeleceu no nível de interação que os mesmo apresentaram

ter durante as atividades que foram acompanhadas na fase das observações. Sublinhamos também, que o tipo de entrevista que foi efetivada com os participantes foi a semiestruturada. O intuito maior foi o de “[...] propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante [...]” (DUARTE, 2004 p. 216), para que, assim, se pudesse extrair, de maneira mais translúcida, as informações que aqui se fariam relevantes, abordando não só um dos participantes da instituição, mas as mais distintas perspectivas, dos diversos agentes constituintes da instituição escolar.

Compreendemos, que dessa maneira podemos, não apenas balizar as reais contribuições dos Clubes de Protagonismo Juvenil no contexto do Ensino Médio Integrado, mas também analisar, de forma aprofundada, as percepções singulares de cada entrevistado acerca desses clubes e de sua influência na construção de um ambiente escolar que favoreça a formação integral dos estudantes. Desse modo, a pesquisa reafirma a razão social da escola como espaço privilegiado de produção de educação e de desenvolvimento humano pleno, pois nos dá a oportunidade de esclarecer como as experiências vivenciadas nos Clubes, durante o EMI, podem fortalecer o protagonismo juvenil a fim de qualificar o processo formativo daqueles que decidem experienciar a atividade pedagógica dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

5.3.1 Quanto a análise dos dados colhidos

Talvez seja esta uma das fases mais cruciais de todo o enredo desenvolvido em toda e qualquer pesquisa. Após a realização da coleta dos dados, que foi desenvolvida de forma satisfatória, dentro dos padrões éticos que nos competia, cumprindo a necessidade de se ter temas academicamente relevantes sendo abordados nesses dados, agora se faz necessário extrair deles toda a gama de informações que podem ser gerados, para que assim possamos chegar a razão fíndica da pesquisa.

Segundo Teixeira (2003, p. 195) “O tratamento dos dados é a seção do projeto da investigação que se ocupa com a explicação de como se pretende tratar os dados a coletar, inclusive justificando por que referido tratamento é o mais adequado aos propósitos do estudo.” Teixeira (2003) citando Vergara(1997) afirma que os objetivos da investigação só são alcançados com a coleta, o tratamento e, posteriormente, com a interpretação dos dados, buscando assegurar com isso a correlação entre objetivos e formas de atingi-los, fazendo sempre o retorno necessário ao princípio que inquietou o desenvolvimento inicial da pesquisa.

Atualmente existem inúmeras técnicas de análise de dados em pesquisas que lidam com aspectos sociais ou com seres humanos, no entanto, para que se tenha uma fidedignidade cabível, é necessário, ao menos, que se tenha um fio condutor, um norte metodológico. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa, como já vimos anteriormente, foram observações, questionários e entrevistas. Para as observações, utilizaremos a metodologia de Análise Temática – AT. Decidimos utilizá-la, pois a partir dela poderemos “no mínimo organizar e descrever o banco de dados em rico detalhe; quanto ao máximo, ‘o céu é o limite’, pois esta análise colabora muito para a geração de uma análise interpretativa sobre os dados.” (SOUSA, 2019, p. 52).

Assim, levando em consideração que estruturamos o roteiro de observações já subdividido em subcategorias de análise, a AT nos permite identificar padrões e significados recorrentes em cada subcategoria, agrupando as unidades de registro em temas mais amplos e articulando-os ao problema da pesquisa. Desse modo, é possível ir além da simples descrição, construindo interpretações fundamentadas que dialoguem com o referencial teórico que construímos, favorecendo a compreensão aprofundada do fenômeno que sistematicamente observamos.

Já em relação aos dados obtidos por meio dos questionários, utilizaremos a inferência estatística como metodologia de análise. É preciso ter em mente que “a Estatística é muito mais do que a simples construção de gráficos e o cálculo de médias. As informações numéricas são obtidas com a finalidade de acumular informação para a tomada de decisão. Então, a estatística pode ser vista como um conjunto de técnicas para (...) organizá-los, resumi-los, analisá-los, interpretá-los e deles extrair conclusões” (MEDRI, 2011, p. 1).

Diante deste contexto, conforme exposto anteriormente, o objetivo do primeiro questionário é identificar a principal motivação dos estudantes para participar ou mesmo criar os clubes de Protagonismo. Para isso, foram definidas cinco motivações centrais. A partir disso analisamos as respostas estatisticamente, relacionando cada motivação, descrita em percentual, aos diferentes temas investigados. Isso nos concede a oportunidade de verificar possíveis repercussões decorrentes dos paralelos que estabelecemos entre os percentuais verificados em cada tema, produzindo, assim, uma visão clara das tendências de interesse dos estudantes e permitindo interpretações que subsidiem decisões e estratégias voltadas ao fortalecimento do protagonismo juvenil no ambiente escolar.

Já o objetivo do segundo questionário está direcionado em possibilitar a verificação, também por meio de dados estatísticos, do posicionamento dos estudantes na escada da participação proposta por Costa (2000). Essa análise nos concede indicadores intrapessoais

acerca da relação entre o aluno e o Ensino Médio Integrado (EMI), bem como da dinâmica experienciada pelo aluno nos clubes e finalmente da interação que ocorre na tríade aluno-clubes-EMI. Assim, será possível compreender, mais objetivamente, como os jovens percebem e exercem seu protagonismo, evidenciando níveis de participação que contribuem para avaliar e aprimorar as práticas pedagógicas, que são desenvolvidas na escola em um contexto geral, e a manutenção dos clubes tendo em vista que os dados fornecidos poderão orientar ações que fortalecem o protagonismo juvenil e a continuidade dos Clubes.

Finalmente, a análise das entrevistas se aportou na metodologia de Análise do Conteúdo de Bardin (2011) que se estabelece em

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

Para Franco (2008, p. 12), a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” e tendo ciência disso é que optamos por utilizar esta técnica de análise de dados, na fase das entrevistas, pois, em uma entrevista, que é direcionada por um roteiro semiestruturado, muitas são as nuances que compõem o conteúdo das falas dos entrevistados, e a metodologia proposta em Bardin (1979) Bardin (1979) e Bardin (2011) abarca a totalidade destas possibilidades.

Segundo Bardin (1977) existem três fases para ocorrer esta análise, a) Pré-análise; b) Exploração do material e c) Tratamento dos resultados: Trazendo inferências e gerando interpretações. Em todas as fases, porém, é necessário fazer o regresso aos objetivos e ao problema que norteiam esta pesquisa, para que, desta maneira, se mantenha uma linha coerente de processo analítico.

Assim, ao utilizarmos a Análise de Conteúdo, preconizada por Bardin (2011), podemos obter uma compreensão mais abrangente e rigorosa das entrevistas, assegurando que cada etapa do processo investigativo esteja verdadeiramente vinculada aos objetivos e ao problema central deste estudo, que neste caso se estabelece em coletar informações necessárias que nos possibilitem inferir sobre a relação existente entre os Clubes e o EMI, verificando seu real impacto no processo de formação integral dos estudantes.

Ao articular a descrição minuciosa dos dados com a interpretação crítica, a Análise de Conteúdo favorece a construção de inferências sólidas e significativas, permitindo que os resultados colhidos expressem, de maneira consistente, as múltiplas dimensões e sentidos presentes nas falas dos entrevistados, contribuindo, assim, para o alcance dos propósitos inicialmente anunciados por esta pesquisa.

5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS DADOS COLHIDOS

5.4.1 Das Observações: Os Clubes de Protagonismo Juvenil em uma instituição de EMI

Com o intuito de apresentar, introdutoriamente, a realidade vivenciada pelos clubes de protagonismo juvenil em um ambiente de EMI, faz-se necessário realizar uma descrição comentada sobre os momentos vivenciados na ECIT escolhida como lócus de desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, nos debruçamos em construir um relato sobre as vivências tidas durante a fase exploratória da pesquisa, momento este em que tivemos acesso as dependências da escola, no período de junho de 2024 a julho de 2025, podendo acompanhar e observar as vivências em todos os Clubes de Protagonismo Juvenil da instituição. A partir do contexto já apresentado por Silva (2018), Santos (2020), Brito, Silva e Duvernoy (2023), Almeida, Oliveira e Oliveira (2024), SEE – Ceará (2021) e SEDE- Pernambuco(2025), compreendermos ser necessária a realização de um relato comentado que evidencie os pontos que consideramos importantes no processo de compreensão desta atividade pedagógica.

O intuito primeiro, com este relato, é o de verificarmos se os fatos apresentados pelos autores coincidem com o experienciado por nós ao termos o contato com os clubes de protagonismo. É preciso averiguar se o experienciado pelo pesquisador, no lócus escolhido, converge, ou não, com o que os autores supracitados afirmam ser o cotidiano desta nova metodologia educacional. Em segundo lugar, o relato das observações nos dará a oportunidade de conhecer e desbravar este novo espaço educativo, abordando as suas particularidades, principalmente o fato de que existe, em um mesmo espaço formativo, a associação dos Clubes com o Ensino Médio Integrado ao técnico.

Este fato acentua, ainda mais, a necessidade de conhecermos mais sobre esta metodologia, pois sabemos que ela vem sendo replicada pela nação, porém, por ser encontrada em um nicho específico, não a vemos em discussões ou análises mais abrangentes por parte da academia. A partir de então, poderemos abordar os tópicos principais desta pesquisa, e constatado se este contexto tem evidenciado, ou não, caminhos para que os estudantes desenvolvam, em seus próprios processos formativos, a integralidade de seus seres.

Inseridos neste contexto, buscamos observar e analisar momentos vivenciados pelos estudantes, professores, bem como, pela coordenação e pela gestão da escola. Tais ações foram amparadas por um roteiro de observações que foi estruturado com a intenção de buscar detalhes ainda não discutidos pelas produções já existentes. Este roteiro foi organizando levando em consideração quatro pontos estruturantes, sendo eles: 1 - A estrutura oportunizada aos estudantes para efetivação das ações dos clubes, seja na questão de materiais ou espaços disponibilizados; 2 - A organização, desenvolvimento e resultados dos clubes de protagonismo com os quais tivemos acesso; 3 - O suporte dado pela gestão escolar para seu funcionamento (se houver) e 4 - A relação desta prática pedagógica com o eixo técnico da escola, identificando interações e/ou complementações entre os conhecimentos desenvolvidos na educação profissional e os desenvolvidos nos clubes de protagonismo juvenil.

Com o roteiro já estabelecido, e com os pontos de observação bem definidos, intencionou-se, na coleta de dados, buscar fatos, do dia a dia escolar, que colaborassem para efetivação de uma maior compreensão no que diz respeito ao contexto dos clubes, assim como, também, dessem o suporte necessário para realizar um melhor julgamento quanto a efetividade da metodologia dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Além disso, a partir das observações feitas, teremos condições de conferir as relações dos clubes com um ambiente de Ensino Médio Integrado, e como esta relação condiciona o vislumbrar da formação integral dos indivíduos que se fazem presentes em ambas as situações.

Para que possamos trazer os fatos observados na instituição, iremos decorrer os relatos seguindo a ordem direcionada pelo roteiro de observação. Desta maneira, podemos ordenar consistentemente a construção desta descrição, sem que caiamos em vícios ou na supervalorização de uma temática em detrimento de outras.

PRIMEIROS CONTATOS: CONTEXTO GERAL

Na busca por uma instituição onde houvesse a prática do Ensino Médio Integrado e dos clubes de protagonismo de maneira concomitante, decidimos sondar escolas na Paraíba que adotassem tais características. Não ocasionalmente, lembramos das ECITs, que são escolas implantadas no Estado da Paraíba que desenvolvem a educação cidadã no nível médio associada ao Ensino Técnico.

Decidimos, então, buscar nas redes sociais o primeiro contato. Tendo acesso a página oficial da escola, conseguimos o contato com os responsáveis da escola através do chat de uma rede social, ali fomos direcionados para a coordenadora da escola, que, de pronto, comunicou

a gestão sobre a nossa intenção de desenvolver uma pesquisa visando os clubes de protagonismo na instituição a qual ela coordenava, e logo foi-nos concedido a permissão.

Nos primeiros momentos nos importamos em colher informações sobre a escola em si, seus números e percepções quanto ao mundo da educação. Descobrimos que a escola possuía quatrocentos e treze (413) estudantes matriculados, nos três anos do ensino médio, assim como vinte e dois (22) professores, uma (1) gestora e uma (1) coordenadora. Por fazerem parte da matriz de escolas de Ensino Médio Integrado ao técnico da Paraíba, a escola conta com a disponibilidade de oferta de três (3) cursos técnicos, sendo eles os cursos de Edificações, Eletrotécnica e Designer de interiores.

Após este primeiro momento foi decidido buscar mais fatos sobre o tema central desta pesquisa, ou seja os Clubes de protagonismo Juvenil. Vimos que a escola conta com nove (9) clubes de protagonismo no total, sendo eles: Clube de Astronomia, Clube de Cinema, Clube de handebol, Clube Leitura do Mundo, Clube Leitores sem fronteiras, Clube de Robótica, Clube reforço escolar, Clube de RPG e por fim o Clube Vai de ENEM. Percebemos que os clubes se dividem entre os espaços da escola e seguem cronogramas próprios de organização. Todos os clubes possuem lideranças, mas as tais não são fixas, pois os clubes promovem a votação para escolha de suas lideranças periodicamente.

Os temas escolhidos pelos estudantes, para serem trabalhados nos clubes, variam entre temas voltados a vida acadêmica, como o clube Vai de Enem, e temas que buscam a expressão mais particular de suas personalidades e ideologias, como é o caso do clube de RPG e o clube leitores do mundo. Foi observado, também, o envolvimento entre os professores e os clubes, cada clube possuindo um padrinho, que é, justamente, um professor que tem a função de auxiliar os estudantes em demandas específicas, como sanar dúvidas e levar petições a gestão.

A gestão se apresentou atuante e atenta, no que diz respeito as produções dos estudantes, mas, vimos que essa atuação é intermediada pelos padrinhos que ficam com a responsabilidade de informá-la sobre tudo o que ocorre dentro das dependências da escola concernente aos clubes. A coordenação, assim como a gestão, também se mostra atuante, no entanto, não de maneira terceirizada.

A coordenação se apresentou como mais um ponto de intercessão entre os clubes e a gestão escolar, ela se mostrou atenta, não só, com as atividades que seriam desenvolvidas nos clubes, mas também, com todo o processo de organização de momentos e de espaços para que as ditas atividades fossem concretizadas com efetividade. É um ponto pacífico que sem a coordenação pedagógica da escola, não seria possível o desenvolvimento de tais atividades, mesmo que estas sejam desenvolvidas exclusivamente pelos estudantes.

DA ESTRUTURA OPORTUNIZADA

Inicialmente buscou-se entender como a escola, em seus mais distintos aspectos, tem oportunizado aos estudantes acesso aos meios que oportunizassem o êxito na efetivação das atividades dos Clubes de Protagonismo. Notamos que a escola dispõe de diversos ambientes temáticos e espaços vagos nos quais os estudantes podem desenvolver as atividades dos clubes. Existem salas temáticas como a sala de robótica, as salas de experimentações científicas, o auditório, a quadra, os laboratórios, a biblioteca e os demais espaços vazios da instituição.

Foi possível notar também que a maioria dos clubes, ou seus participantes, tem acesso a materiais e artefatos que condicionam a efetivação das atividades proposta em cada clube em suas especificidades, algo que foi considerado imprescindível no desenvolvimento de uma atividade educativa mais atraente e mais engajada. Alguns materiais disponíveis com os quais tivemos contato foi: robôs programáveis, materiais esportivos, livros, impressões. Além do material didático que comumente encontramos nas escolas como piloto, papeis, data show e televisores.

Ao contemplar a realidade dos clubes, nos perguntávamos se era necessário algum tipo de investimento monetário externo, ou seja, que não partisse do poder público. Constatamos que dependeria da necessidade que cada clube apresentasse ao decorrer de suas atividades. Por exemplo, o clube de robótica precisa de materiais para que os estudantes possam desenvolver as programações e verem o fruto dos seus esforços aplicados em um protótipo real. Para tanto, eles decidiram fazer parcerias com organizações sociais, que viabilizaram os robôs, que, a posteriori, foram utilizados pelos alunos nas atividades desenvolvidas no clube.

Já o clube de RPG não necessita de nenhum investimento expressivo, já que o intuito do clube é fomentar o desenvolvimento de histórias criadas pelos próprios estudantes e vivencia-las de maneira teatral, trazendo reflexões e discussões sobre um tema social que gerasse a história. Segundo eles, não se faz necessário investimento monetário para que o clube ocorra eficazmente. Assim como nos dois clubes citados, os demais clubes só irão necessitar de um investimento monetário mais expressivo de acordo com as necessidades que vão sendo apresentadas com o decorrer das atividades de cada clube.

Outro fator interessante foi a estruturação dos tempos de atividade dos clubes, o processo de organização enquanto atividade, não só lúdica, mas também, com cunho pedagógico. Identificamos que a partir do ano de 2024, a secretaria de educação do estado da Paraíba (SEE/PB), através das diretrizes operacionais para o ano letivo de 2024, em seu ponto

4.4.2.1.4 estabelece um novo integrante da base curricular das Escolas Cidadãs Integrais, este denominado: Práticas Integradoras.

Segundo SEE/PB (2024, p. 73) as Práticas Integradoras se constituem como um “período destinado para a autogestão do(a) estudante (ou atividades que promovam a autogestão), sob supervisão docente.” No entanto, a partir do observado, verificou-se que apesar desse período letivo poder comportar atividades como tutoria; desenvolvimento de projetos; feiras de ciências; gincanas; simulado(s); esportes; bandas; progressão parcial; recomposição de aprendizagem; grêmio estudantil; estudos, leitura, entre outras atividades, o foco dado pela instituição para esse período pedagógico foi o desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Os argumentos que corroboram com esta atitude se apoiam no fato de que, ao estipular um período único para que os alunos desenvolvam os clubes, fica estabelecido um momento fixo para que as atividades dos clubes aconteçam, algo que é considerado como uma melhor alternativa que o que ocorria anteriormente, uma vez que, até então, os horários dos clubes eram diversos e difusos, variando conforme a disponibilidade dos estudantes. Um fato interessante a salientar é que as únicas turmas com esse espaço na grade de horários, eram as turmas do 1º ano do ensino médio, que só tiveram este acesso a partir do ano de 2024.

Porém, o plano do Estado da Paraíba era o de efetivar esses momentos, em 2025, tanto com os primeiros, quanto com os segundos anos. Pudemos constatar que, de fato, isto ocorreu, restando agora o cumprimento das demais fases do plano inicial do Estado, que efetivará a disciplina de Práticas Integradoras, em 2026, em todas as turmas do ensino médio, gerando, assim, o fortalecimento desta atividade pedagógica, que, por escolha da escola, se destina ao desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

É preciso salientar, no entanto, que os demais estudantes que não possuíam esse espaço na grade curricular, ou seja os segundos e terceiros anos do ensino médio, se organizavam no contraturno, ou nos intervalos que ocorriam pela manhã, no horário do almoço e o último no intervalo a tarde. Dessa maneira, os estudantes podiam desenvolver as atividades dos clubes sem que, estas, afetassem o transcorrer das atividades compulsórias da instituição de ensino.

DA ORGANIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS DAS ATIVIDADES DOS CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL

Durante a nossa estadia na instituição perpassamos por diversos clubes e pudemos conferir como as atividades transcorrem no dia a dia da escola. Verificamos que as atividades

ocorrem de maneira variada. Na realidade, cada clube tem a autonomia para decidir como definirão o desenvolvimento de suas atividades. Mas, de maneira geral, os clubes devem estipular um roteiro de atividades para ser desenvolvido, este pode ser mensal, trimestral ou semestral. Esse roteiro é apresentado à coordenação, que o repassa para a gestão da escola que analisa a proposta dos estudantes, e tendo sido analisado e verificado os aspectos pedagógicos, assim como a viabilidade da ideia trazida, concede o aval para que as atividades iniciem.

Os estudantes possuem liberdade para direcionarem o decorrer dessas atividades e propor caminhos possíveis para a sua efetivação. No período em que tivemos contato com os estudantes, e com os clubes que aceitaram participar da pesquisa, pude perceber que o desenvolvimento da dinâmica das atividades, geralmente, recaem sobre aqueles que possuem algum papel de liderança mais pronunciado. Assim, os coparticipantes esperam direcionamento, mas, sem haver nenhum impedimento que os demais participantes proponham atividades ou momentos a serem vivenciados.

Um dos pontos mais importantes, e que quisemos observar com mais cautela, foi o processo de organização e da estruturação dos Clubes. Ver como eles se organizam internamente, como interagem, como estipulam as atividades, como deliberam e escolhem suas lideranças. Ao realizar interações com os estudantes, pudemos perceber que eles não tiveram um direcionamento muito claro do processo de estruturação dos clubes, tampouco das diversas camadas que garantem a atividade efetiva de um clube. Silva (2018) e Santos (2020) relatam, assim como podemos constatar nas indicações dadas por SEE – Ceará (2021) e SEDE-Pernambuco(2025), que, quando tratamos sobre os Clubes, não estamos falando de uma atividade qualquer, mas de uma proposta pedagógica e social mais ampla, que exige planejamento, acompanhamento e clareza de objetivos. A ausência, portanto, de um direcionamento sólido, observada em nossas interações, revela não apenas uma lacuna na orientação inicial, mas também a necessidade de formação continuada e de protocolos de funcionamento que possam sustentar a vivência coletiva.

Sem um direcionamento claro quanto a organização e estruturação dos clubes, fica difícil consolidar qual quer proposição que os estudantes decidam suscitar. Constatamos, através das interações que tivemos com os estudantes, professores e equipe gestora, que os estudantes não receberam nenhum direcionamento documentado, ou seja, não receberam nenhum documento que ensinasse a eles como organizar e estruturar um clube, tampouco como dividir as tarefas para que o clube realmente funcione com efetividade. Vimos que, no dia a dia, o proceder de cada clube ocorre de acordo com o que é estabelecido pelos próprios integrantes, limitando-os aos seus próprios conceitos de organização.

Esta realidade pode apresentar uma situação paradoxal. Diante da proposta de gerar autonomia nos jovens, deixar com que os alunos se organizem autonomamente, pode produzir ideias e estratégias próprias, mas, ao mesmo tempo, pode gerar problemas que a falta de conhecimento sobre gestão, planejamento e tomada de decisão tende a agravar. Sem referências básicas de organização, os estudantes podem reproduzir práticas pouco eficazes, ou mesmo excludentes, o que acabaria comprometendo o propósito formativo dos Clubes.

Percebemos também que o “padrinho do clube”, que é o professor escolhido pelos próprios estudantes, no dia a dia, exerce o papel de ajudador, e segundo a instrução da SEE-PB (2024) em suas diretrizes para o ano de 2024, deveria se limitar a isso. Porém, nos nove clubes observados, e muito pela falta de conhecimento dos jovens sobre o processo de organização, ficou claro que a atuação dos professores ocorre, não como ajudadores, mas como participantes ativos dos clubes, muitas vezes, em alguns clubes, até direcionando as atividades que haveriam de efetivar. Salientamos que tal atuação, se mal dosada, pode anular um dos maiores princípios dos Clubes de Protagonismo, que é o processo de auto-organização para gerar autonomia.

Diante deste contexto, entendemos que a autonomia do jovem é necessária e deve ser fomentada, mas, se não houver um direcionamento claro, e preciso, a autonomia por si só pode gerar a anulação do que se deseja produzir. Não acreditamos que os jovens precisam ser podados, mas que, assim como todo ser em desenvolvimento, eles precisam de uma instrução, um mínimo direcionamento para que, a partir de então, a tão discutida autonomia se concretize de maneira efetiva em atividades carregadas de significados.

Esse é um ponto muito importante, principalmente quando observamos a composição interna de cada clube. Pudemos notar que por falta de um processo de planejamento bem delineado, se dificultou não só a formação dos clubes em si, mas, também o processo de tomada de decisões mínimas dos Clubes. Verificamos que tal realidade acarreta a má distribuição de tarefas administrativas do clube, o que acaba gerando uma sobrecarga naqueles que receberam alguma posição hierárquica dentro do clube.

Por exemplo, a maioria dos clubes possuem, ao menos três posições de destaque, ou hierárquicos, sendo eles: presidente, vice-presidente e secretário. Na maioria das vezes o presidente tem ficado com as demandas de organização, e divulgações de todas as ações a serem efetivadas. Além disso, acumula responsabilidades com outras necessidades esporádicas dos clubes, o que dificulta, de certa maneira, o transcorrer das atividades.

Notamos que os presidentes e os vice-presidentes foram, na grande maioria das vezes, as pessoas que, inicialmente, propuseram o tema do clube, e que quando há a eleição para escolha dos representantes, eles são quase que automaticamente indicados para ocupar estas

posições, tendo em vista que, como propuseram o tema, os demais participantes dos clubes esperam que eles tenham ideias para que o clube funcione. Se houvesse uma organização primária, onde se estipulasse um processo bem delineado de papéis e de processos, isso poderia ser evitado e o desenvolvimento das atividades transcorreria com fluidez e efetividade.

Foi observado também, que, apesar deste contexto, todos os presidentes dos clubes, com os quais tivemos contato, faziam reuniões periódicas para discutirem os próximos passos, e o nível de satisfação dos integrantes dos clubes com tudo que havia sido desenvolvido até aquele exato momento. Além disso, nestas reuniões, eles abriam espaços para indicações de ideias, coleta de sugestões e desenvolvimento de debates com o intuito de se avaliar tudo o que já havia sido feito, e para que as novas proposições fossem postas em votação para aceitação, ou não, dos participantes de cada clube.

Eram nessas reuniões, também, que ocorriam as deliberações sobre gastos necessários para o transcorrer do clube. Como já explicitamos, em alguns casos os clubes necessitam de algum tipo de financiamento. Este pode ocorrer através de parcerias ou de contribuições voluntárias dos integrantes dos clubes.

Para gestar os recursos, a maioria dos clubes, dispõem de uma pessoa, sendo ela uma integrante ativa em seu respectivo clube, que fica responsável por esta demanda. Em alguns clubes é designado um tesoureiro, mas, na grande maioria dos casos, a responsabilidade de lidar com as finanças recai, também, sobre o líder do Clube.

Quanto ao processo de movimentação dos recursos, vimos que para se realizar qualquer despesa nova, todos os integrantes dos clubes precisam estar cientes e aceitar, o novo gasto, em votação, onde a maioria simples escolhe onde e como os recursos serão utilizados, o que traz responsabilização coletiva e senso de pertencimento nas questões administrativas dos clubes. É importante frisar que mesmo o clube tendo autonomia para direcionar suas ações, estas ações estão condicionadas a supervisão do padrinho que repassa as informações para a coordenação da escola com a tutela da gestão.

Para além dessas questões administrativas, que são – e devem – ser passíveis de uma melhor organização, constatamos, também, que os estudantes se empenham em fazer o seu melhor, mesmo com os poucos recursos que possuem, tirando do pouco, muito. Usando da criatividade e com um alto senso de pertencimento, os estudantes observados mostraram muita resiliência para lidar com distintos momentos e fases nos Clubes.

O fato dos clubes não serem uma imposição cartesiana, mas uma escolha livre que os estudantes fazem, onde os temas, que são trabalhados, geralmente abordam situações e experiências aprazíveis aos estudantes, produz um senso identitário único, que faz com que,

mesmo diante de dificuldades, eles mantenham o vínculo e a motivação para seguir adiante. Essa adesão voluntária fortalece a autonomia e o protagonismo juvenil, favorecendo o desenvolvimento de competências socioemocionais como cooperação, empatia e liderança (SEDE-PERNAMBUCO, 2025).

Percebemos que os estudantes trouxeram novas abordagens no trato com temas de relevância para a sociedade. Uma dessas abordagens foi o Clube de RPG de mesa que através do desenvolvimento de uma história inventada, baseada em fatos recorrentes da sociedade, os estudantes geravam discussões e análises que a escola, em seus padrões normais, não teria capacidade de abordar de maneira tão exemplificadora. Vimos que neste clube, e não só nestes, os estudantes trabalham de maneira direcionada a criatividade e o trato com temas e situações reais da vida e principalmente de questões relevantes para as suas próprias realidades.

Foi perceptível, de maneira geral, que os estudantes apresentavam grande interesse em fazer com que os clubes funcionassem em sua plenitude. É preciso ressaltar, no entanto, que os clubes que têm como liderança os estudantes veteranos, ou seja, aqueles que cursavam os segundos e terceiros anos do ensino médio, tinham mais dinamicidade para com os compromissos firmados nos clubes.

É claro que temos que levar em consideração que um fato que ocasionava um menor engajamento nas atividades dos clubes, por parte dos estudantes dos primeiros anos, era o processo de adaptação a um novo modelo educacional, bem como a falta de experiência quanto ao desenvolvimento dos clubes.

Diante disso, ressaltamos que a falta de um direcionamento claro que estipulasse, sistematicamente, os processos necessários para o desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo teve grande culpa nesta dispersão. Pois, além de iniciarem em uma instituição de ensino com um novo modelo educacional, e passar por este processo de readaptação, os estudantes dos primeiros anos do Ensino Médio, tiveram que, a seu modo, desenvolver uma atividade proposta que, apesar de ser considerada como importante, por eles, necessitava de uma maior instrução, a fim de garantir a efetivação das ações que seriam propostas.

A coexistência de tantos contextos, exige um claro direcionamento, caso contrário, pode-se perder muito tempo até que estes estudantes estejam plenamente conscientes dos processos que precisam efetivar para que os clubes, que desejam criar, funcionem.

Dentro desse contexto, que consideramos plenamente remediável, destacamos que a efetivação e a maior precisão das ações dos Clubes dependem, sobretudo, da sistematização de seus processos. Se faz necessário um direcionamento que contemple todas as etapas, indo da

idealização dos clubes, até a coleta e análise dos resultados, garantindo, assim, maior organização e consistência nas práticas desenvolvidas.

Observamos, que os estudantes não, apenas, executam as atividades que eles próprios planejam, mas, em sua maioria, fazem questão de propor novas ações e temas relacionados à proposta central de cada Clube. Esse entusiasmo em “fazer dar certo” evidencia que existe um forte senso de pertencimento e de compromisso coletivo. Tal engajamento, quando articulado a uma estrutura clara de planejamento e avaliação, tem o potencial de transformar os Clubes em espaços cada vez mais autônomos, colaborativos e sustentáveis, fortalecendo, assim, seu papel formativo e ampliando o impacto positivo que eles passarão a ter na comunidade escolar.

Por exemplo, no clube de Cinema, não poucas vezes, os estudantes apresentavam propostas de obras de filmes baseados em fatos e geralmente com contextos históricos importantes para a sociedade, segundo eles a intenção era a de gerar discussões, reflexões e análises desses momentos e contextos, as quais, muitas vezes, só as páginas frias do livro, não conseguiria produzir.

Um fator importante que percebemos, foi o fato de que os estudantes não realizam nenhum tipo de análise sobre os resultados colhidos nos Clubes. A única iniciativa verificada, foram conversas que eles realizam esporadicamente sobre o andamento das atividades, e sobre o nível de satisfação dos integrantes em relação as atividades propostas. No entanto, de maneira geral, não possuem uma sistematização do processo de análise de resultados.

Quanto a divulgação dos resultados, constatamos, que são apresentados de maneira fragmentada durante o ano, mas não através de uma análise robusta, verificando o que se deve manter e o que se deve corrigir, mas através de apresentações temáticas para a comunidade escolar. A cada semestre, os alunos desenvolvem o “dia D”. Neste dia, cada clube tem que preparar uma apresentação mostrando os frutos de suas atividades. Constatamos que este momento ocorre como um momento de culminância, dando oportunidade aos jovens de mostrarem seus talentos e as possíveis produções dos clubes.

É um momento considerado importante, no entanto, os resultados dos clubes, ao nosso ver, e segundo o que é descrito pela SEE-PB (2024), não pode se resumir a um único momento de apresentação, é necessário o desenvolvimento de um procedimento de coleta e análise e publicização desses resultados.

Pudemos notar, a partir das descrições dos estudantes e dos professores, que o momento de culminância das atividades dos clubes de protagonismo não direcionava os estudantes a, periodicamente, avaliarem suas ações, conferindo os resultados, para verificarem a eficácia das

atividades por eles desenvolvidas. O importante era a valorização da produção, sem atentar tanto aos procedimentos mais técnicos.

Diante disso, sublinhamos que o processo de coleta e análise dos resultados, apesar de ser um momento que exige um pouco mais de seriedade, são ações imprescindíveis para a saúde e manutenção dos Clubes de Protagonismo Juvenil, pois, é por meio delas que se torna possível identificar avanços, corrigir falhas e planejar melhorias contínuas. A avaliação sistemática permite, portanto, que as experiências vividas se transformem em aprendizados consolidados, fortalecendo, não só o desenvolvimento da autonomia dos jovens, mas também a sustentabilidade das boas práticas desenvolvidas por eles neste ambiente educativo.

DO SUPORTE DADO PELA GESTÃO ESCOLAR PARA O FUNCIONAMENTO DOS CLUBES

Para que haja um trabalho efetivo dentro dos espaços dos clubes, é imprescindível que a gestão da escola se faça presente e atuante enquanto auxílio institucional no transcorrer das atividades desenvolvidas pelos jovens. Apesar da Secretaria de Educação da Paraíba (2024) designar os gestores como a parte fiscalizadora e responsável por zelar pela segurança do jovens nos clubes, na prática, ela exerce um papel mais voltado a liberação, ou não, das atividades dos clubes. A gestão fica encarregada de verificar se a execução dos temas de Clubes propostos pelos estudantes, irá contribuir, de alguma forma, para o desenvolvimento deles, ou se a intenção com o proposição do clube está voltado unicamente a desenvolver um “passa tempo”.

Diante disso, vimos que a gestão local fiscalizava as intenções de novos clubes, e auxiliava, dentro das possibilidades, na manutenção dos clubes que já existiam. Foi observado, também, que o trabalho da gestão surge, principalmente, a partir da escuta.

Ela se mostrava atenta às necessidades dos clubes, seja em questão de material, ou disponibilização dos espaços, ou na busca de parcerias. Também era ela quem direcionava os “padrinhos” sobre a atenção com os clubes em suas atividades, e era ela que exigia, também, retornos, de cada clube, em forma de relatos, eventos, ou atividades práticas.

Verificamos, também, que a gestão, juntamente com a coordenação pedagógica, se mostrou bem atuante e muito entrosada, não apenas com os jovens, mas também com seus responsáveis, deixando claro aos pais e responsáveis quais atividades seus filhos praticavam na escola e como essas atividades se desenrolavam no dia a dia. Apesar de haver este zelo da coordenação pedagógica, bem como da gestão, com os estudantes, verificamos, também, que o

direcionamento da atividade dos clubes, enquanto atividade pedagógica, ainda está em desenvolvimento na escola.

Um dos motivos é a falta de informações sobre os procedimentos que embasam a proposição, organização, estruturação e avaliação dos clubes. Foi verificada a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre tais processos, pois, esta realidade faz com que alguns clubes se apresentem mais como um momento de diversão, pela diversão, do que um ambiente de diversão sim, mas com discussões, reflexões e aprendizados que contribuam para a formação ativa daqueles que participam dos referidos clubes de protagonismo.

Precisamos frisar que esta dificuldade em conhecer os meandros dos clubes não está associada, em nenhum grau, a falta de interesse da escola, nem por parte dos estudantes, muito menos por parte de seus responsáveis institucionais. O que fica notório, até mesmo em relatos de professores que atuam como padrinhos em alguns Clubes, é que esta dificuldade está vinculada a uma falta de direcionamento das instâncias superiores. No início do ano, a gestão, juntamente com a coordenação pedagógica e os professores, fazem indicações quanto aos trabalhos nos clubes, a forma de se organizar, as articulações que geralmente são necessárias.

Verdadeiramente, a equipe gestora faz o que pode diante das formações, e informações, que recebem do Poder Público. Vimos que em diversos momentos, tanto a gestão quanto a coordenação pedagógica se mostrou totalmente disposta a colaborar, tanto no processo de organização proposta, quanto no tratamento dado a cada participante dos clubes. É importante registrarmos, que o tratamento para com os estudantes se mostrou humano e preocupado, seja na parte acadêmica propriamente dita, ou nas outras partes que constituem todo e qualquer ser humano em formação.

Ficou nítido que ao passo que qualquer estudante demonstrasse precisar de algum acompanhamento específico, tanto a gestão, quanto a coordenação pedagógica, se mobilizava para assim oferecer. Caso fosse preciso de um acompanhamento de algum especialista que ultrapassasse as paredes da escola, elas mesmo faziam questão de fazer o direcionamento para a família do estudante, e, também, trabalhavam com reuniões periódicas de acompanhamento estudantil, o que certamente deve aproximar as famílias da instituição.

A gestão sempre se apresentou atuante e disponível diante de todas as demandas trazidas pelos participantes dos clubes. Os próprios estudantes elogiavam a disponibilidade da gestão, citando, inclusive, a atuação da gestão e coordenação em momentos que exigiam a mediação de conflitos a fim de trazer soluções para problemas de cunho material.

Percebemos, portanto, que a gestão nesta unidade de ensino, tem exercido um papel indispensável na sustentação dos Clubes de Protagonismo Juvenil, pois demonstrou ter

compromisso com o bem-estar dos estudantes e disponibilidade para atender às demandas que, os mesmos, apresentarem. No entanto, também fica evidente que a ausência de diretrizes mais claras, por parte das instâncias superiores, acaba limitando o pleno desenvolvimento dos Clubes enquanto prática pedagógica estruturada.

Para que esses espaços não se limitem a momentos de convivência, e se estabeleçam como ambientes formativos consistentes, é fundamental que ocorra o fortalecimento da sistematização dos processos — da proposição à avaliação — assegurando uma formação adequada para gestores, coordenadores, professores padrinhos e estudantes. Assim, a autonomia criativa e o entusiasmo juvenil poderão se associar ao planejamento, acompanhamento e avaliação permanentes, o que garante um maior impacto educacional e social que certamente não se limitará as paredes da escola.

DA RELAÇÃO DESTA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM O EIXO TÉCNICO DA ESCOLA

Para conferir a existência, ou não, desta correlação, intencionamos constatar o envolvimento dos clubes com o eixo técnico da escola. Verificamos que a interação entre os cursos ofertados e os clubes de protagonismo juvenil existe, mas não é algo comum. Por exemplo, o clube de robótica é formado, quase que exclusivamente, por estudantes oriundos do curso de eletrotécnica, isto ocorreu, segundo os próprios estudantes, por causa da aproximação temática que existe entre os dois campos de atuação.

Porém, no que se refere a temática escolhida pelos estudantes, vemos que, na maioria dos casos, os estudantes não escolheram temáticas que partiram daquilo que vivenciaram em seus respectivos cursos técnicos. A grande maioria dos estudantes argumentam que, o interesse maior que os clubes causa, é o de desenvolver atividades satisfatórias, onde podem realizar, discutir e aplicar assuntos que não, necessariamente, tenham proximidade com sua formação técnica.

Eles deixam claro que querem tratar de assuntos que lhes deem prazer, ou que tenha uma importância para eles, quer seja no campo social, psicológico, ou acadêmico, mas, sem que, neste momento, se envolva a parte profissional. Mesmo diante disso, observamos casos em que a associação é clara, como no caso do clube de robótica. A maioria dos estudantes que fazem parte do clube de robótica são oriundos do curso técnico em Eletrotécnica.

A associação é direta com a área de atuação que os estudantes têm e terão a partir da conclusão do curso. Neste caso vemos grande parte das atividades do clube servir como uma prática do conteúdo que aprendem no curso de eletrotécnica. No entanto, é bom ressaltar, que

o clube não se limita a essas aplicações e que desenvolve inúmeras outras ações que não, necessariamente, está associada ao curso técnico em questão.

Apesar de ser suscetível ao desenvolvimento de temáticas próximas ao que os estudantes vivenciam em seus respectivos cursos técnicos, a interação dos clubes com os cursos técnicos se limitou, nesta unidade escolar, a gerar uma complementariedade. Aquilo que a grade comum não consegue abarcar, aquilo que não é trabalhado de maneira efetiva, nem na base comum, nem no eixo técnico, é o foco dos trabalhos desenvolvidos nos clubes. Essa relação de complementariedade invade e perpassa todos os clubes observados.

Resumidamente, constatamos que a relação entre os Clubes de Protagonismo Juvenil e os cursos técnicos da escola ocorre de forma pontual e complementar. Assim como vemos sendo descrito tanto em Silva(2018) e Santos(2020), quanto nos demais autores supracitados, notamos que, embora haja casos de associação direta, entre cursos técnicos e clubes, a maior parte dos estudantes priorizou participar de clubes com temas de interesse pessoal, temas que ampliassem debates oportunizando aprendizagens que fossem além da formação profissional, fortalecendo a dimensão formativa e integral da experiência dos clubes.

UMA VISÃO PARA ALÉM DOS DADOS

Alguns fatos percebidos durante todo o processo de observação evidenciaram virtudes e falhas no processo de desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil dentro da escola observada. Vemos, de forma clara, que há entusiasmo, compromisso e vontade de fazer acontecer por parte, não só, dos estudantes, como também dos demais participantes da instituição educacional. Algo que ficou marcado foi a prevalência do senso de responsabilidade inculcada dentro de cada participante, e isso, em todos os nove (9) clubes da escola.

Este fato corrobora com a afirmação de Santos (2020) quando aponta o caráter formador do clube no que diz respeito a trazer responsabilidades e processos para desenvolvimento de uma sistemática pré-estabelecida. Durante a formação humana, se faz necessário o contato com processos que demandam crescimento e maturidade, tal formação molda o homem para a sua melhor versão (FREIRE, 1996). Um outro aspecto que saltou aos olhos foi o fato da equipe gestora, bem como a coordenação da escola, estarem realmente envolvidos e querendo que as atividades transcorressem com o máximo de normalidade, tanto ou quanto, fosse possível.

Quando falamos em clubes de protagonismo, estamos tratando sobre jovens que assumem o controle da idealização, organização, Estruturação e verificação de resultados de atividades que visam, além de gerar contentamento, a formação efetiva dos participantes. Ou

seja, são muitos processos, todos, muitas vezes complexos e que demandam conhecimento e direcionamento.

Por isso a presença da equipe gestora, bem como, da coordenação se faz tão necessária. Notamos que, neste contexto, o suporte institucional ofertado pela gestão e coordenação se apresenta como sendo essencial, caso contrário as atividades dos clubes ficam completamente soltas e sem um norte definido. No entanto, é preciso ressaltar que não são apenas os estudantes que precisam de direcionamento e de suporte para que os clubes de protagonismo ocorram com efetividade.

Já adentrando no quesito de situações que precisam de melhorias, verificamos que os professores, a gestão e a coordenação fazem o que podem dentro do conhecimento que possuem sobre os clubes e a sua sistemática de manutenção. A boa vontade, o querer fazer acontecer e a disposição, muitas vezes não são suficientes para desenvolver uma atividade com o nível de complexidade que tem os Clubes de Protagonismo Juvenil. O clube não é, e nem pode ser, apenas a efetivação da satisfação pessoal dos jovens ao fazer algo que gostam (SEE-Ceará, 2021), ele é muito mais que isto.

O Clube de protagonismo juvenil, assim como propõe o nome, traz ao jovem a capacidade de se colocar no mundo com protagonismo, traz a possibilidade de discutir temas importantes e relevantes, não só para a sua particularidade, a sua comunidade, o seu entorno, mas também para a sociedade como um todo. Faz com que o jovem tome posse de si e de sua formação, para que, a partir de então, ela possa interferir na sociedade com verdadeira efetividade (SEDE – PERNAMBUCO, 2025).

A questão encontrada na escola, que dificultou a efetivação dessas metas, não foi a falta de interesse, nem tão pouco a disposição de todos os envolvidos. O que faltou, a partir do que pudemos constatar através das interações e depoimentos dos mais diversos indivíduos da comunidade escolar, foi o entendimento de como se dá a criação, o desenvolvimento, a organização, a estruturação e a avaliação destes espaços educativos.

A partir do que constatamos nestas interações, e diante do pouquíssimo material disponibilizado nas diretrizes operacionais para o ano letivo de 2024 da Secretaria de Educação da Paraíba no que se refere aos Clubes de Protagonismo, constatamos que a referida Secretaria, apesar de trazer este novo método para as escolas, oportunizando novos horizontes formativos aos jovens, não oportunizou instrução específica, nem para os profissionais da educação, nem para os estudantes, o que acarreta em um desenvolvimento deficitário dos clubes, pois os mesmos acabam não atingindo todo o potencial que poderia oferecer.

Apesar do clube de protagonismo não ser parte da grade comum, e de não ter um peso na aprovação ou reprovação do estudante no final do ano letivo, a proposição trazida com os clubes, por si só, já deveria direcionar a Secretaria de Educação da Paraíba a criar, ou seguir, algum tipo de sistematização do processo de criação, organização, estruturação, desenvolvimento e avaliação dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

A falta de diretrizes mais claras, mina a possibilidade do desenvolvimento de um momento mais efetivo nos Clubes, pois, se não há um norte sistematizado, tanto as ações que antecedem, quanto as que ocorrem durante as atividades dos clubes ficam suscetíveis a diversas interpretações, causando, assim, ruídos e dificuldades que, se a sistemática tivesse sido estabelecida anteriormente, certamente não ocorreriam com a mesma intensidade.

Um fator que pode auxiliar para sanar essa dificuldade que visualizamos, é o desenvolvimento desta sistemática e a sua apresentação à todos os integrantes dos clubes, para que, todos, sem exceção, aportados em um processo guiado, consigam efetivar seus planejamentos com mais objetividade, facilitando não só o processo de criação, organização, estruturação, desenvolvimento e avaliação, mas também, o acompanhamento das atividades dos clubes por parte da equipe gestora, da coordenação e dos professores padrinhos.

Por fim, vale ressaltar que apesar das dificuldades e de certos entraves que foram observados durante a nossa estadia na escola, pudemos notar que o objetivo principal dos clubes tem sido efetivado, muito pela dedicação da equipe escolar juntamente com os estudantes. É certo que existem particularidades passíveis de mudança, mas também é certo que o que os jovens vem desenvolvendo, até então, tem trazido um amadurecimento, dando-lhes condições para que o nome desta atividade seja efetivada na prática.

Assim como sugere a descrição dos impactos dos clubes nos estudantes, que Santos (2020) realiza, percebemos que os jovens, por nós observados, estão tendo a oportunidade de assumir o protagonismo de suas próprias histórias, e demonstram essa postura quando, mesmo em meio a dificuldades, discutem, sugerem, debatem, organizam, estruturam e desenvolvem as mais diversas ideias que lhes fazem sentido dentro do ambiente pedagógico dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

5.4.2 Dos Questionários: Questionário 1 – Motivação que produz ação educativa nos Clubes de Protagonismo Juvenil

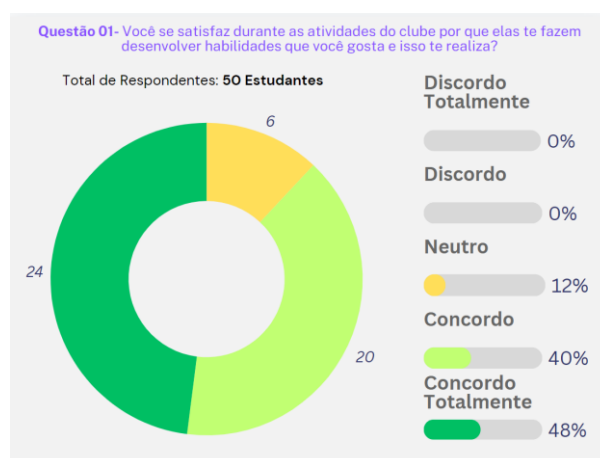
Uma das questões que se apresentou como uma constante, após o processo de observação, foi o porquê dos estudantes desenvolverem uma atividade extracurricular que não

gera a progressão dentro do ambiente escolar, tendo em vista que o senso comum, na atualidade, está condicionado à visão capitalista do interesse por bonificação pura e simplesmente. A fim de entendermos o que leva os estudantes a desenvolverem tais atividades, ou o que mais os instiga nesse processo, construímos um questionário que busca revelar quais temas, ou áreas da vida dos estudantes, tem influenciado, ou se correlacionado, de maneira predominante, no processo de proposição e desenvolvimento de clubes com temas específicos.

Para tanto, estabelecemos como ponto de partida 5 áreas (Macro) da vida dos estudantes, levando em consideração as múltiplas possibilidades que podem ter gerado o desejo, nos estudantes, de criarem ou participarem de um Clube de Protagonismo Juvenil. As cinco áreas escolhidas foram respectivamente: 1 - a afetividade, 2- a realidade local, 3- a carreira acadêmica, 4- problemas emocionais e 5- vida profissional. A fim de normatizar a análise que a ser realizada a partir de agora, consideraremos as alternativas ‘Concordo’ e ‘Concordo totalmente’ como que representando uma afirmação positiva, a alternativa ‘Neutro’ permanece representando a neutralidade, e as alternativas ‘Discordo’ e ‘Discordo totalmente’ como que representando a afirmação negativa ante o questionamento feito.

As três primeiras perguntas buscam verificar se a atividade dos clubes de protagonismo juvenil se faz presente na vida escolar dos estudantes por causa de alguma proximidade afetiva, ou porque a atividade gera neles bons sentimentos e desejos. Na primeira pergunta, do primeiro questionário, o foco foi verificar se a afirmação de Silva (2018) se efetiva no que diz respeito ao fato da motivação inicial no processo de escolha das temáticas ocorrer a partir de desejos e qualidades valorados pelos jovens.

Figura 1– Questionário 1: Pergunta 1 – Tema: Afetividade



Fonte: O pesquisador.

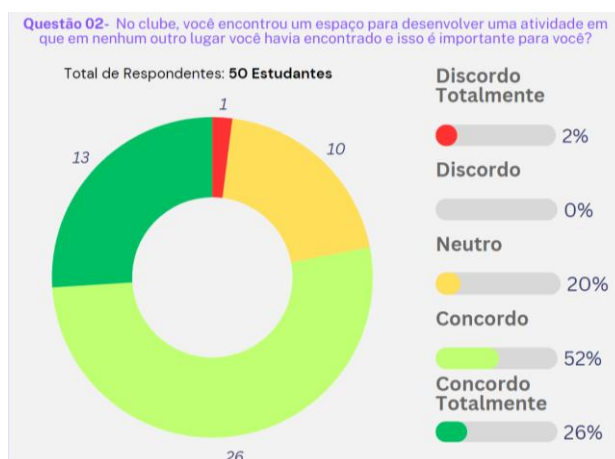
Vemos que, dos cinquenta respondentes, oitenta e oito por cento (88%) destes, tiveram uma afirmação positiva ao questionamento. Este dado corrobora com as declarações de Silva(2018) e Santos(2020) quando afirmam, contundentemente, que o motivo inicial para a propositura, a criação e o desenvolvimento dos clubes de protagonismo tem sua gênese enraizada nos prazeres dos jovens, no desejo de participar de uma atividade que tenha significado para eles.

A educação, mais que ditar regras frígidas a serem seguidas, deve preocupar-se com os interesses dos participantes do processo. Já, a muito, que o sistema educacional não está limitado a apenas verificar e reproduzir teorias. Este processo deve, hoje, direcionar os indivíduos, que dele participam, a um processo de autopercepção na educação, ou seja, encontrar significado dentro do processo educativo (FREIRE, 2000).

Como vemos no dado acima exposto, é notório que, para a grande maioria dos respondentes, o clube de protagonismo tem sido canal para o desenvolvimento de uma educação com significado, dando condições de trabalhar com quesitos e habilidades pessoais que geram um processo de pertencimento e prazer ante as atividades desenvolvidas em cada encontro oportunizado pelos clubes.

O quesito seguinte busca verificar se a escolha da temática dos clubes, tem alguma ligação com a liberdade que os estudantes têm de desenvolver atividades com temas caros, aos mesmos. Salienta-se a questão de exclusividade, afirmando que em outros espaços sociais, não, necessariamente, é possível desenvolver, as mesmas atividades que nos clubes. Algo que também é dito por Santos(2020) quando afirma que, no clube de protagonismo, o jovem tem acesso a desenvolver particularidades do seu ser que, em outros espaços sociais, não é possível.

Figura 2 – Questionário 1: Pergunta 2 – Tema: Afetividade



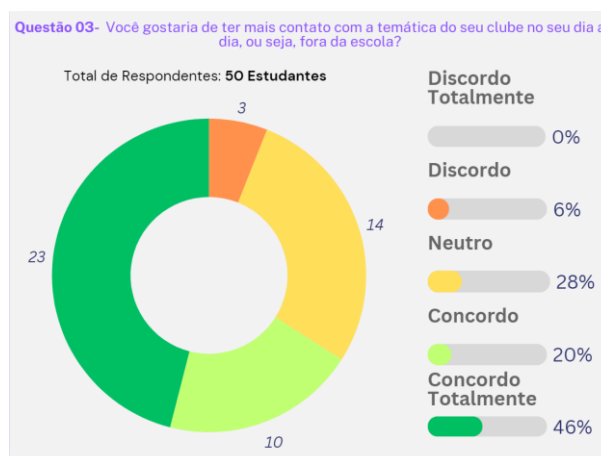
Fonte: O pesquisador.

Verificando os dados, referente as respostas ao questionamento de número dois, temos que setenta e oito por cento (78%) tiveram uma afirmação positiva ao questionamento, e apenas dois por cento (2%) negaram a afirmação sugestionada. Os dados aportam o entendimento de que, para a maioria dos respondentes, o clube se configura como um espaço exclusivo de desenvolvimento de atividades específicas, onde encontram liberdade de lidar com questões que lhe são caras.

A afirmação de que o clube detém a exclusividade do acesso ao desenvolvimento de temas significativos para eles, também evidencia o nível de importância que os clubes têm para suas vidas neste dado momento. Pois, é preciso levar em consideração, que, nos clubes, eles se dispõem a desenvolver atividades que não geram pontuações ou progressões, o gerador que impulsiona a prática dos clubes se apresenta, até então, ocorrendo através do sentido que há, dentro de cada estudante, no se relacionar com a temática do clube ao qual faz parte, e, ao que tudo indica, pela impossibilidade de se trabalhar com a mesma em outros ambientes sociais.

A fim de consubstanciar o entendimento de exclusividade dos clubes, bem como de fechar a perspectiva afetiva na escolha dos temas a serem trabalhados, o quesito de número três busca verificar se os estudantes têm o desejo de se aprofundar em relação a temática, ou, ao menos, se eles gostariam de ter a possibilidade de vivenciar mais atividades com a mesma.

Figura 3 – Questionário 1: Pergunta 3 – Tema: Afetividade



Fonte: O pesquisador.

Vemos neste gráfico que, mesmo com respostas mais variadas, a afirmação positiva ainda se mantém como que predominante. Sessenta e seis por cento (66%) afirmaram o desejo de se aprofundar, ou ter mais acesso, a meandros da temática de seus clubes durante o seu

cotidiano. Em contrapartida, o índice de neutralidade em relação ao questionamento apresentou um valor considerável.

Vinte e oito por cento se detiveram, não tomaram partido, e este é um ponto interessante a ser analisado. Este fato pode indicar que, por mais que a temática seja importante e desejável para grande parte dos respondentes, como verificado no quesito anterior, talvez a temática com a qual estejam tendo contato, no momento, não seja tão significativa ao ponto de fazer parte de seu cotidiano. Este fato, traz luz e uma perspectiva de que por mais que o tema seja relevante para eles, existe, dentro deles, uma hierarquia de prioridades, e, certamente, para esses 28% a temática com a qual estão trabalhando, no clube, não se configura como que prioritária.

Tivemos ainda a percepção negativa ao questionamento, num total de seis por cento (6%), para estes certamente o tema não é relevante e nem deve fazer parte de seu cotidiano. Ainda assim, e mesmo diante das posições diversas, verificamos que a grande maioria quer experimentar, com mais profundidade, o conhecimento que vem partilhando no clube, ou seja, querem viver as experiências do clube para além das paredes da escola.

Fazendo a média aritmética simples das porcentagens apresentadas pela pesquisa, podemos concluir que, aproximadamente, setenta e sete por cento (77%) dos respondentes consentiram com as afirmações que apresentavam uma ligação direta dos quesitos de afetividade com a razão pela qual desenvolvem os clubes nos quais estão inscritos. Ou seja, mais que três quartos dos participantes da pesquisa afirmam existir um elo forte entre desejos, aspirações, prazeres ou fatores pessoais significantes com o fato de desenvolverem um clube de protagonismo.

Assim, podemos dizer que a afirmação de Silva (2018) e Santos (2020) se mostra verdadeira no que diz respeito ao fato de que os Clubes de Protagonismo Juvenil realmente buscam trabalhar temas significativos para os jovens, temas que envolvam seus sentimentos e emoções, fatos e práticas que, geralmente, não são abordados pela tradicionalidade da escola, tal qual a conhecemos.

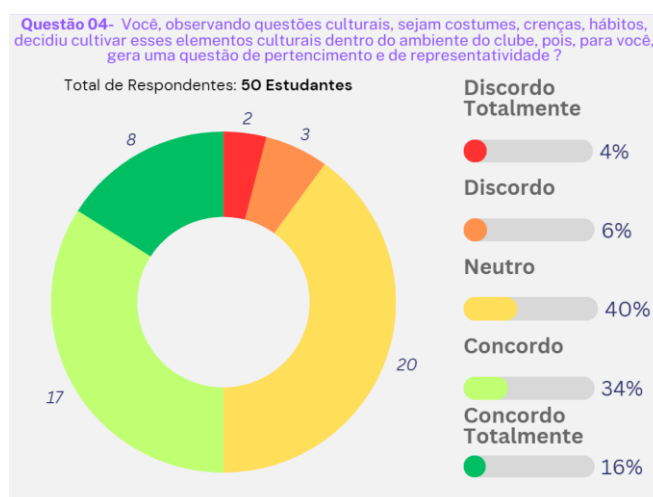
Mesmo sabendo que a grande maioria concordou com a correlação existente entre questões afetivas e a escolha de se trabalhar determinados temas nos clubes de protagonismo juvenil, vimos também que existiu um índice considerável daqueles que decidiram optar pela neutralidade. Cerca de vinte por cento (20%), em média, optaram por nem afirmar, nem negar, pessoalmente, a correlação supracitada. Isso pode indicar que, estes, em específico, consideram a correlação da afetividade com o processo de escolha do tema do clube como relevante, em certa medida, mas, ao mesmo tempo, não a consideram o fator primordial para que estejam participando do mesmo. Já, àqueles que discordaram da afirmação posposta nos quesitos

envolvendo o tema da afetividade, se colocam como que valorando o tema do clube em si, mas não por quesitos de afetividade.

Em média, tivemos, aproximadamente, três por cento (3%) de pessoas que discordaram, negando assim qualquer envolvimento da afetividade no fato de escolherem participar dos clubes nos quais estão inscritos. É preciso refletir, no entanto, que cada ser humano tem hierarquias de importância estabelecidas em seu âmago. Cada um valora aquilo que mais lhe apraz, e, certamente, são outros aspectos que fazem com que, os que optaram pela neutralidade, ou pela discordância, decidam participar dos clubes nos quais estão inscritos. Uma vez que, a atividade dos clubes, não é uma atividade obrigatória, mas de livre escolha dos estudantes (ICE, 2015), o que indica que se alguém está participando desta atividade, certamente algum aspecto que envolva o tema lhe chama a atenção, do contrário, o mesmo, não participaria de clube algum.

As três próximas questões estão enquadradas dentro do segundo campo de importância para a vida dos estudantes, o campo da Realidade local a qual ele vivencia. Buscando entender se o seu cotidiano interferiu no fato de estar participando dos clubes nos quais se inscreveu, a quarta questão do questionário 1 nos possibilita entender se os jovens buscam no clube de protagonismo um local para desenvolvimento de sua cultura, ou modo de vida, se eles querem trabalhar questões de pertencimento e representatividade.

Figura 4 – Questionário 1: Pergunta 4 – Tema: Realidade local



Fonte: O pesquisador.

Nesse contexto vemos que existe, sim, uma grande parcela dos jovens que buscam a oportunidade de trabalhar aspectos culturais e próprios, aspectos que os descrevam enquanto

indivíduos e apresentem, dadas as devidas proporções, as suas personas para a sociedade. Vemos que dos cinquenta respondentes cinquenta por cento (50%) afirmaram que sim, buscam trazer sua cultura e gerar pertencimento em uma atividade dentro da escola.

Vemos também que quarenta por cento (40%) dos respondentes, ou seja, boa parte deles, decidiram neutralizar suas respostas no mostrando que, apesar de grande parte, ou a maioria, dos respondentes afirmarem que buscam tais aspectos com os clubes, outra grande parcela não vê como significativo a ponto de ser uma razão do porquê estarem desenvolvendo tais atividades. Assim como no campo da afetividade, vemos que os estudantes se apresentam com um senso de diversidade muito grande.

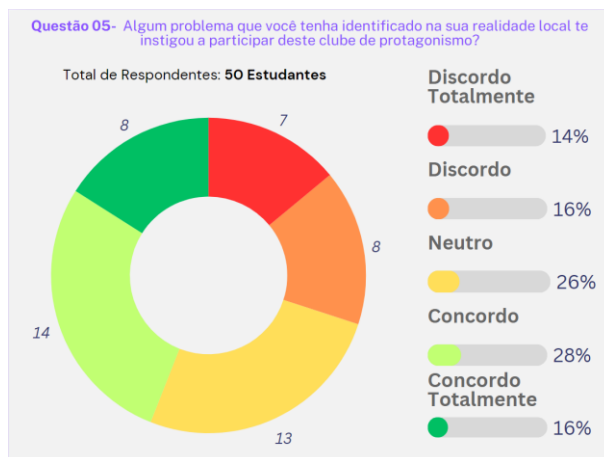
Notamos que existe uma heterogeneidade dentro da amostra analisada, e isso nos faz refletir que o fato de não termos uma resposta homogênea, para um tema tão marcante, não é, e nem pode ser, algo ruim, mas, sim, um aspecto das muitas possibilidades que podem ser geradas nos clubes. Nos direcionamentos dados por SEDE – Pernambuco (2025) vemos que este ponto é suscitado, e não apenas por ele, mas Santos (2020) também comentou da multiplicidade de possibilidades temáticas que podem ser suscitadas nos clubes, sublinhando que a escolha do que fazer parte dos estudantes, a partir do lhes é significativo.

Portanto, se não é, necessariamente, o senso de pertencimento, nem, necessariamente, os aspectos culturais que os fazem participar dos clubes, podemos dizer que esta atividade é dotada de ampla versatilidade, pois, consegue oportunizar vários flancos de ação dando ao jovem a autonomia do processo de escolha (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023).

Cada jovem, portanto, pode, e deve, encontrar aquele aspecto que mais o estimula e deve, então, trilhar, com a devida orientação, um caminho que o faça realizado enquanto parte de um espaço que tem o intuito de valorizar o que é significativo segundo a sua própria ótica.

Muitas vezes os problemas que existem em diversas áreas da sociedade podem gerar indignação e motivar projetos que tenham a finalidade de mudar essas realidades. O intuito com a questão cinco, é a de verificar se esse cenário, supracitado, está se efetivando no processo de idealização, proposição e desenvolvimento dos Clubes.

Figura 5 – Questionário 1: Pergunta 5 – Tema: Realidade local



Fonte: O pesquisador.

Vemos, através do gráfico que a distribuição das respostas se deu de maneira muito diversificada. Trinta por cento (30%) afirma que não decidiram participar dos clubes de protagonismo por causa do assunto elencado na questão. Já para quarenta e quatro por cento (44%) esse foi um ponto de decisão para a proposição ou participação de determinado clube. Vinte e seis por cento afirmam que não foi essa a motivação que os fizeram se inscrever nos clubes, mas que, também, não descartam a possibilidade dessa temática ter certa influência em suas escolhas. Almeida, Oliveira e Oliveira(2024) discutem que, para muitos jovens os clubes se apresentam como um meio de escape, como momento de descontração e, as vezes, como único momento de leveza no seu dia.

Diante disso, o fato de trinta por cento (30%) dos jovens terem a negativa por resposta para esse questionamento, não infere, necessariamente, que eles não classificam como prioridade o combate a problemas reais na sua realidade ou na sociedade como um todo. Pode indicar, por exemplo, que eles valoram mais os aspectos de socialização, descontração e compartilhamento, do que, necessariamente, o dever de lutar em mais um ato no seu dia. É preciso salientar que não temos acesso as realidades frígidas com as quais os estudantes têm que lidar nos seus dias, mas sabemos, e é senso comum, que muitos só encontram na escola a oportunidade de vivenciar momentos que geram contentamento, e não, apenas, a imposição da responsabilização.

Podemos inferir, portanto, que, por mais que a responsabilidade social deva ser uma constante na vida cidadã (PARAÍBA, 2018), existem pessoas, momentos e situações, em que, mais vale, o acalento de uma atividade prazerosa, que a luta aguerrida para tentar desbravar o que, até então, se mostra distante da realidade, especialmente, para aqueles que já precisam

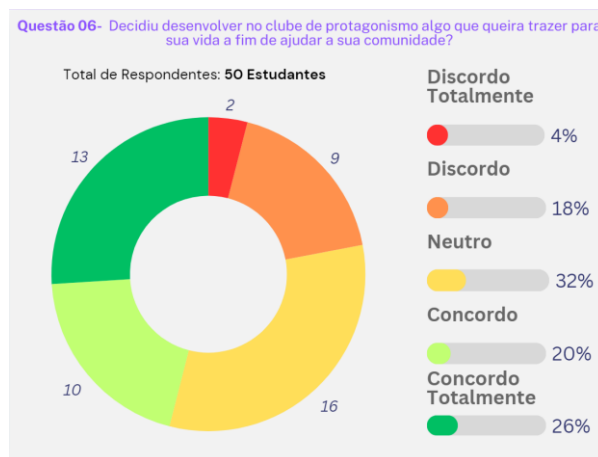
lutar, diariamente, não só por seus valores, mas, principalmente, pela sobrevivência, sua e dos seus.

Quarenta e quatro por cento (44%), dos respondentes, no entanto, veem que é necessário abrir mais um flanco de combate. Como Silva (2018) discute, os jovens veem, nesse espaço, a oportunidade para buscar soluções e estratégias para se lidar com problemas reais. Problemas estes que são vivenciados pelos próprios alunos, ou pela comunidade como um todo. Vemos que, mesmo diante da negativa expressiva, tivemos uma alta porcentagem de jovens que querem trazer, para pauta, a discussão de problemáticas que, para além de discurso, são a vida deles. Isso mostra, também, que os temas, que são trabalhados pelos estudantes nos clubes, não necessariamente, tem que partir de algum vínculo acadêmico previsto, ou estabelecido, pelo currículo compulsório, mas o que vai importar é a resposta das questões discutidas por Brito, Silva e Duvernoy (2023) que abordam o porquê desenvolver um clube, e pra quem se desenvolverá tal atividade.

Comprovando assim que, de fato, quando Santos (2020) e Silva (2018), SEE-Ceará(2021) e SEDE – Pernambuco (2025) afirmavam que não havia imposição na escolha das temáticas a serem trabalhadas, eles falavam a verdade. Vemos grande importância neste dado, pois, ele mostra e qualifica o clube como um espaço verdadeiro de oportunidades e de desenvolvimento de ideias próprias, com valores próprios, visando o desenvolvimento protagonista dos estudantes que, através de seus próprios juízos de valor, decidem contribuir para o desenvolvimento desta atividade pedagógica.

A sexta pergunta tem uma intenção inversamente proporcional que a anterior. Se antes, se questionou sobre a possibilidade de trazer realidades locais para dentro do clube, agora quer se verificar se os estudantes têm intuito de produzir algo no clube que possa gerar algum impacto em sua comunidade.

Figura 6 – Questionário 1: Pergunta 6 – Tema: Realidade local



Fonte: O pesquisador.

Percebemos pequenas oscilações entre as porcentagens desta questão em relação a anterior. Nesta, tivemos quarenta e seis por cento (46%) dos respondentes afirmando que querem trazer frutos dos clubes para ajudar a sua comunidade. Vinte e dois por cento (22%) responderam que não é esse o intuito deles com os clubes, e trinta e dois por cento (32%) decidiu manter-se na neutralidade. Mesmo diante da heterogeneidade das respostas, as porcentagens daqueles que julgaram necessário trazer algum retorno para a sua comunidade se manteve como que predominante.

Partindo do pressuposto, que a escola, da qual obtivemos a amostra, é uma instituição de ensino pública que oferta as vagas, preferencialmente, àqueles que passam por algum tipo de vulnerabilidade, podemos inferir que os estudantes, que fazem parte de camadas sociais menos privilegiadas, trazem suas histórias, memórias e realidades para o âmbito escolar. O mesmo, certamente, ocorre nos clubes, e isso é algo valioso, algo que merece um destaque importante. Segundo Portela (2020, p. 10) O clube é um espaço criado para dar ao jovem voz e vez, dar a oportunidade de desenvolver suas particularidades e aquilo que eles entendem ser os pontos formadores de quem são enquanto indivíduos.

Certamente, a realidade na qual estão inseridos tem um peso considerável para a constituição do cidadão no qual se formaram. Freire (2000) vem relatar a necessidade de entendermos o contexto dos estudantes para trazermos aprendizagens significativas. Ao passo que esse movimento, de trazer o contexto para o clube, é passível de efetivação, o movimento contrário também é possível.

Os estudantes que encontraram no clube um meio para gerar frutos de transformação para suas realidades, nos mostram que, de fato, a idealização de estratégias visando a transformação social é necessária, e mais que isso, podemos afirmar que, para grande parte dos

respondentes, o clube pode contribuir com esse processo, uma vez que, segundo os dados apresentados na imagem 6, aparentemente, trazer retornos para a comunidade na qual estão inseridos se apresenta como um ponto importante para uma boa parcela dos respondentes.

Mesmo que um único estudante considerasse o club um espaço onde ele pode discutir, panejar propor e executar ideias que visem a transformação social, só o fato de poder gerar o senso de corresponsabilidade nos estudantes, já caracteriza o Clube de Protagonismo Juvenil como uma potente ferramenta de luta ante uma sociedade tão desigual quanto a que vivenciamos.

O segundo dado mais expressivo relacionado a esta questão é encontrado na porcentagem daqueles que decidiram não tomar posição. Como já frisamos, cada jovem tem, em seu processo formativo, os pontos que preponderam em suas escolhas. O fato de não terem respondido de maneira afirmativa a questão proposta, não caracteriza que eles negam essa possibilidade. Bem sabemos que, durante a fase da adolescência, os jovens passam por muitos conflitos, e estão em busca de construir as suas personas (SILVA, 2009).

Para esta parcela dos respondentes, mesmo que não descartem a necessidade ou a possibilidade de se trazer retorno, ou auxílio que gere transformação em suas realidades, por algum motivo, este fator não interferiu diretamente no momento da escolha temática dos clubes nos quais estão inscritos. É preciso ter ciência, no entanto, que a proposta dos Clubes de protagonismo leva em consideração a autonomia do jovem, isso desde as proposições dos temas, até a coleta dos resultados (PORTELA, 2020), assim, por óbvio, cada estudante, em sua particularidade, terá suas prioridades, que com o tempo e nas atividades propostas nos clubes, vão se revelando.

Fazendo a média das porcentagens das questões que buscaram verificar o elo entre a realidade local dos jovens com o fato de participarem dos clubes, veremos que para, aproximadamente, quarenta e sete por cento (47%), em média, é evidente que existe uma motivação que leva em consideração aspectos da sua realidade local e situacional, já para vinte e um por cento (21%), em média, dos respondentes, não estabeleceram este tema como que determinante no processo de escolha da temática a ser trabalhada no clube, enquanto isso, cerca de trinta e dois por cento (32%), em média, decidiram optar pela neutralidade, deixando evidente que mesmo que os fatores relacionados ao seu cotidiano tenham real relevância, eles não foram a principal motivação que os fez tomar a decisão de participar dos clubes.

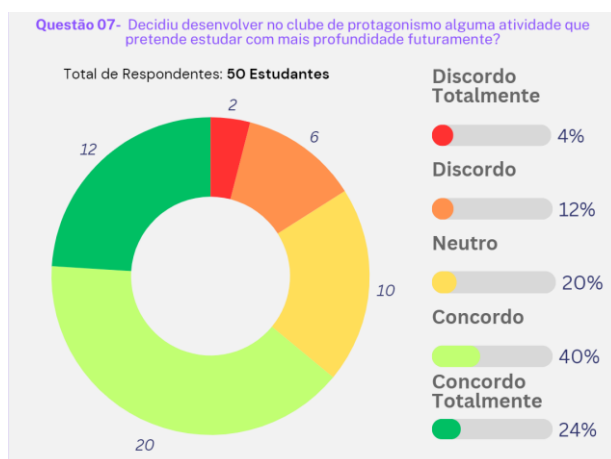
Prosseguindo para as próximas áreas temáticas, buscamos entender que, por mais que a proposta pedagógica dos clubes tenha o intuito de trabalhar a autonomia, o protagonismo e os processos de auto gestão, e ainda que o direcionamento ofertado inicialmente seja o de que os

clubes devem trabalhar temas que não, necessariamente, participam da grade compulsória da escola (PORTELA, 2020), é possível que os estudantes, usando da autonomia ofertada nos clubes, utilizem este espaço como meio para intensificar suas performances acadêmicas, podendo inserir aspectos da grade comum, ou do curso técnico no qual estão matriculados, dentro das atividades dos clubes.

Também existe a possibilidade de que, nos clubes, eles encontrem um caminho que queiram trilhar na sua vida acadêmica no pós ensino médio. Na busca de verificar se os jovens estabelecem alguma relação entre a escolha dos clubes, nos quais participam, e a carreira acadêmica, a qual trilharão, o próximo tema traz luz justamente a este ponto da vida dos estudantes, a carreira acadêmica no pós ensino médio.

É senso comum que a fase do ensino médio gera certa expectativa nos estudantes, pois é um momento de muitas decisões a tomar, caminhos a escolher. É em meio a esta realidade que buscamos entender se os estudantes veem no clube um espaço de descobertas, que podem, talvez, direcionar suas decisões futuras, ou moldar suas escolhas.

Figura 7 – Questionário 1: Pergunta 7 – Tema: Carreira acadêmica



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da imagem 7 traz que sessenta e quatro por cento (64%) tiveram uma afirmação positiva ao questionamento proposto, dezesseis por cento (16%) discordaram da afirmação deixando claro seu posicionamento de negar o que foi proposto e vinte por cento (20%) tomaram a neutralidade como posição. Ante os dados, vemos que o fator da neutralidade

aparece com uma porcentagem considerável, onde um quinto dos respondentes não negaram nem afirmaram a sugestão proposta.

Tendo uma parcela, tão considerável, se mantendo neutra nesta questão, podemos inferir que apesar do futuro próximo ser importante, em algum grau, certamente outros aspectos possuem mais importância no fator decisório de se participar de um clube de protagonismo. Podemos indagar sobre quais são estas motivações, descontração? Interações? Momentos de descontração? Objetivamente não sabemos, mas para estes jovens, certamente existem outros pontos que estão melhor colocados em seus rankings de prioridades e satisfazem seus interesses pois, assim como Portela (2020) afirma, só participam dos clubes, estudantes que possuem um interesse em comum e que pleiteiam desenvolvê-lo no ambiente escolar.

Se somarmos os vinte por cento (20%) dos neutros com os sessenta e quatro por cento (64%) dos que concordaram com a afirmativa, veremos que apenas dezesseis por cento (16%) não estão incluindo os clubes nos seus processos de escolha para estudos posteriores. Podemos inferir, que, para estes, o fato de participarem dos clubes demonstram que eles creditam certa importância a atividade, no entanto, tal importância é distinta da que foi afirmada no questionamento proposto. Se assim não fosse, se quer os estudantes estariam participando das atividades dos clubes, um vez que, a não participação dos clubes não gera ônus para o estudante, fato que reafirma a condição de decisão autônoma de participar e desenvolver as atividades que ali são propostas.

Já observando no gráfico o índice daqueles que concordaram com a afirmação proposta, podemos afirmar que grande parte dos jovens decidem participar dos clubes com temas que reverberarão nas suas vidas de estudos no futuro. Esse fato pode apresentar benesses e perigos. As benesses se estabelecem no fato de que o clube pode trazer novas perspectivas, ou confirmações, sobre o futuro acadêmico destes jovens, levando-os a, no presente, iniciarem a trajetória que estão a escolher para suas vidas.

Assim como indicam SEE – Ceará (2021) e SEDE – Pernambuco (2025) sobre as consequências dos clubes na vida dos estudantes, percebemos que os respondentes enxergam que as suas escolhas atuais não são apenas momentos de lazer ou sociabilidade, mas também parte de uma estratégia de crescimento pessoal e profissional.

No entanto, os perigos também se revelam na pressão por antecipar decisões acadêmicas podendo limitar a experimentação e a liberdade que são típicas da juventude, induzindo escolhas prematuras ou excessivamente utilitárias. Os estudantes podem aplicar conceitos, valores, teorias etc. aprendidas em sala de aula durante as atividades dos clubes, no entanto, o clube não estaria cumprindo com seu papel se ele se limitasse a ser uma extensão da sala de

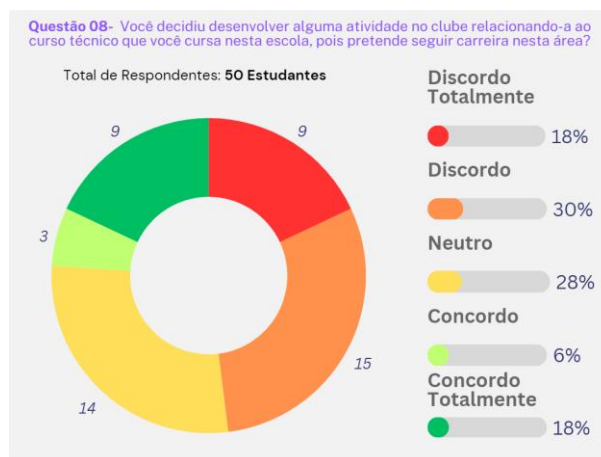
aula, sem que novas temáticas fossem trazidas pelos estudantes, e que novos debates, conhecimentos e processos, que estão fora do currículo compulsório, fossem desenvolvidos.

Assim, o mesmo movimento que favorece o planejamento do futuro, que segundo Santos(2020) é instigado nos clubes, pode, paradoxalmente, restringir a amplitude das vivências que enriquecem a formação integral desses jovens, fazendo com que parte da riqueza da experiência nos clubes se perca em função de uma preparação demasiadamente direcionada.

As ECITs são escolas que fazem parte do escopo de instituições que trabalham com a modalidade do Ensino Médio Integrado ao técnico. Associar esta realidade aos clubes é um ação desafiadora, tendo em vista que os estudantes precisam efetivar não só as atribuições do ensino médio, mas também as demandas dos cursos técnicos e, para aqueles que decidem participar de um clube de protagonismo ainda precisa lidar com as atividades propostas no clube.

Diante deste contexto a oitava questão, intenciona averiguar se os estudantes escolhem a temática dos clubes correlacionando-a com a centralidade de seus cursos técnicos, como maneira de antecipar estudos, processos e demandas com os quais desejam lidar, ou se não consideram essa associação primordial para desenvolvê-los.

Figura 8 – Questionário 1: Pergunta 8 – Tema: Carreira acadêmica



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da imagem 8 traz uma perspectiva interessante. Vemos que para quarenta e oito por cento (48%) dos respondentes, a proximidade com seus respectivos cursos técnicos é fator irrelevante para escola da temática do clube. Vinte e oito por cento (28%) não consideram nem pertinente nem descartável esta proximidade, e vinte e quatro por cento (24%) afirmam que sim decidiram iniciar no clube estudos e processos com os quais tem contato no seus cursos técnicos

e terão em seu futuro, pois, será o caminho no qual trilharam sua vida de estudos. De todos os dados trazidos na imagem 8 a que mais nos chama a atenção é a negativa de quase metade dos respondentes.

Se os jovens escolheram estudar em uma escola de educação integral, que tem como pilar o ensino médio integrado ao técnico, se espera que o curso técnico escolhido pelos estudantes tenha um certo peso em suas escolhas futuras, no entanto, os dados apresentados na imagem 8 não corroboram com esta expectativa. Em muitos casos, os clubes de protagonismo juvenil se enquadram como que um refúgio onde os jovens podem desenvolver atividades prazerosas e de significado para além das tecnicidades da educação propedêutica (PORTELA, 2020).

É possível, então, que os quarenta e oito por cento (48%) dos respondentes que afirmaram que os cursos técnicos não são relevantes na escolha das atividades desenvolvidas nos clubes, representem uma parcela dos estudantes que precisam/queiram abrir seus horizontes para outras camadas da vida, e queiram desenvolver, nos clubes, assuntos, processos e atividades que não são vistas, tanto quanto gostariam, na parte propedêutica ou técnica da escola. Isso indica que os clubes assumem um papel que transcende a simples complementação curricular, configurando-se como espaços de expressão de interesses pessoais, construção de identidade e experimentação cultural (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024).

Essa autonomia amplia as possibilidades formativas, pois favorece a descoberta de novos talentos, o fortalecimento de vínculos sociais e o desenvolvimento de competências socioemocionais que nem sempre encontram lugar no currículo formal (MENEZES E MENEZES, 2024). Ao mesmo tempo, ela evidencia a importância de as escolas valorizarem e apoiarem essas iniciativas, reconhecendo que o aprendizado significativo também nasce do diálogo entre saberes acadêmicos e experiências de vida. Desse modo, os clubes reafirmam-se como territórios de liberdade e criação, capazes de contribuir para uma formação integral que ultrapassa as fronteiras da formação técnica (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023).

Os clubes oportunizam um espaço de conhecimento, autopercepção e autogestão (SILVA, 2018). Descobrir-se em um novo caminho, ou apreciando novos horizontes, é um fato que pode acontecer com qualquer ser humano.

Mas, quando estamos desenvolvendo ações planejadas através de uma temática específica, é possível que este contato, tão próximo, possa acarretar mudanças em perspectivas futuras. Para entender se o contato com os clubes ou com as temáticas trabalhadas nos clubes influenciam na vida acadêmica dos jovens, trazemos a questão nove.

Figura 9 – Questionário 1: Pergunta 9 – Tema: Carreira acadêmica



Fonte: O pesquisador.

No gráfico da imagem 9, vemos que os dados ficaram bem dispersos entre as alternativas possíveis. Para trinta e seis por cento (36%) dos respondentes o Clube não interfere nas escolhas para a suas vidas acadêmicas. Vinte e seis por cento (26%) permaneceram neutras, enquanto que trinta e oito por cento (38%) afirma que o clube interfere ou interferiu em suas escolhas quanto a vida acadêmica.

Mesmo com dados tão equilibrados, no que diz respeito as porcentagens por alternativa, vemos aqui, um indicativo de que os jovens não são manipulados, que os clubes não são pré-ordenados e que os participantes dos clubes decidem participar de um mesmo clube, baseados em premissas e motivações diversas, exatamente como descrevem Silva(2018), Santos(2020), SEE – Ceará (2021), Brito, Silva e Duvernoy (2023), Borges(2024) e SEDE – Pernambuco (2025).

Dois jovens podem estar participando de um mesmo clube, mas um com a motivação de buscar mais conhecimento da área porque quer se especializar nela, e o outro simplesmente porque é um assunto que lhe dar prazer, lhe satisfaz o simples fato de maneja-lo. As diversas possibilidades dentro de um clube de protagonismo, bem como, as diversas motivações para criação e manutenção do mesmo, é o que faz do clube um ambiente diverso e abrangente e essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes (SANTOS, 2020).

Um fato que devemos destacar é que essa multiplicidade de razões, e de modos de participação, enriquece o processo de aprendizagem, pois coloca lado a lado interesses profissionais e pessoais, permitindo trocas de experiências que ampliam a visão de mundo de todos os envolvidos. Assim, o clube se consolida como um espaço de convivência, autonomia

e construção coletiva(SEE – CEARÁ, 2021), onde cada jovem encontra sentido próprio em suas escolhas e contribui para uma formação mais crítica, criativa e plural.

Vemos, também, que a porcentagem dos que foram influenciados a mudar a rota acadêmica de suas vidas através dos clubes se aproxima e muito da porcentagem daqueles que negam essa afirmação. Isso mostra que o clube não existe para moldar mentes e intenções, mas, sim, para possibilitar o contato com diversas temáticas que fazem parte do círculo de prazer dos jovens, e através desse contato os jovens podem traçar seus caminhos, buscar as novas possibilidades e estabelecer as metas que buscarão efetivar.

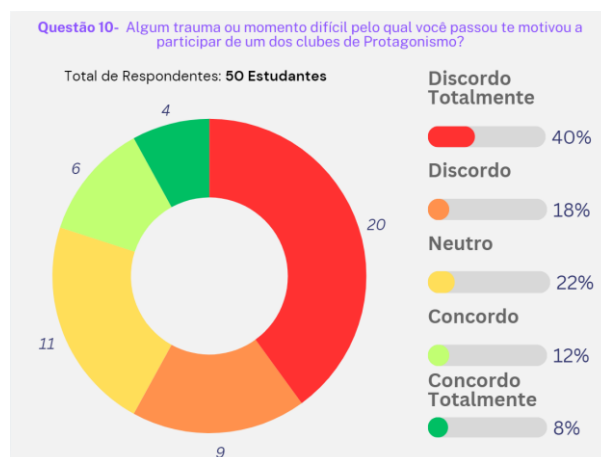
Realizando a média aritmética das porcentagens, referente ao tema da carreira acadêmica, vemos que quarenta e dois por cento (42%) em média afirmam que o clube de protagonismo tem ou teve alguma relação com as suas carreiras acadêmicas, seja no presente ou em perspectivas futuras, cerca de vinte e cinco por cento (25%) em média demonstram neutralidade quanto a influência dos clubes na escolha do cominho acadêmico a seguir, ou visse e versa, e por fim, cerca de trinta e três por cento (33%) em média descartam a correlação entre a temática de seus clubes e as suas vidas acadêmicas.

Apesar de termos proximidades entre as médias percentuais da respostas afirmativas e negativas, vemos que o clube tem influenciado, em certa medida, boa parte dos estudantes, algo que corrobora com a o fato do clube de protagonismo se estabelecer como ponte entre a escola e os projetos de vida dos jovens. É interessante ressaltar que tal influencia se dá de maneira livre e não impositiva, pois, se assim não fosse, o contraponto encontrado nas afirmações negativas teriam um índice percentual bem menor que o apresentado.

Já partindo para a próxima temática a ser trabalhada por este questionário, percebemos que, na atualidade, um tema que é bem recorrente é a questão da saúde emocional dos jovens. Dados da OMS – Organização Mundial da Saúde (2023) nos mostram que grande parte da juventude mundial tem sofrido com questões de saúde emocional e transtornos como depressão, ansiedade, síndrome de pânico entre outros.

Por óbvio, tais particularidades podem ser, e geralmente são, encontradas nas escolas, principalmente em escolas que trabalham estritamente com jovens e adolescentes. No intuito de descobrir se problemas emocionais tem sido o ponto de partida para a proposição de temas de clubes dentro do ambiente escolar, as próximas três questões trarão esta temática à tona.

Figura 10 – Questionário 1: Pergunta 10 – Tema: Problemas emocionais



Fonte: O pesquisador.

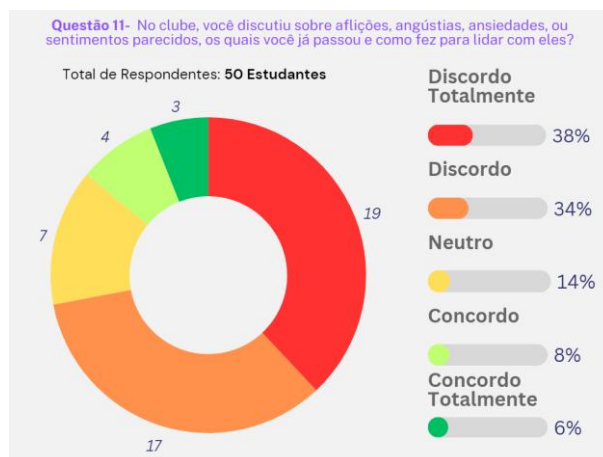
O gráfico da imagem 10 traz dados taxativos. Para cinquenta e oito por cento (58%) dos respondentes não existe nenhum nexos causal entre problemas emocionais e o fato de estarem participando dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Vinte e dois por cento (22%) optaram por manter a neutralidade quanto ao tema, e vinte por cento (20%) disseram que, sim, algum problema emocional causou a iniciativa de criar ou participar dos clubes nos quais estão inscritos.

Chama a atenção que, mesmo sabendo que muitos jovens passam por problema emocionais, muitas vezes graves, a grande maioria foi clara ao estabelecer que este não foi um ponto marcante para a criação ou participação no clube de protagonismo juvenil. Como vemos no gráfico da imagem 10, existe uma parcela, menor, de jovens que buscam no clube uma espécie de tratamento para estes problemas e, de fato, o clube pode oportunizar isso, através de rodas de conversa, socialização, busca de profissionais adequados, direcionamento e busca de informação (ALMEIDA, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2023), no entanto, como vemos não são todos que ficam à vontade para expor tais particularidades, o que evidencia a necessidade de que esses espaços devem ser pensados como ambientes de acolhimento e respeito.

Para entender melhor, e perceber se os problemas emocionais, aos quais estamos todos suscetíveis, são trazidos para o ambiente pedagógico dos clubes, e verificar se esses problemas têm sido tratados, ou socializados no ambiente dos clubes, a questão onze busca se aprofundar sobre como essas experiências são vivenciadas, permitindo identificar se o clube atua apenas

como espaço de convivência ou também como um importante canal de apoio emocional e cuidado coletivo.

Figura 11: Questionário 1: Pergunta 11 – Tema: Problemas emocionais.



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da imagem 11 é ainda mais taxativo. Setenta e dois por cento (72%) dos respondentes afirmam que não houve, por parte deles, nenhum tipo de compartilhamento de problemas ou fatos negativos marcantes dentro do ambiente dos clubes de protagonismo juvenil.

Esse dado sugere que a grande maioria não quer ou não se sente a vontade para trazer essas questões à tona, deixando evidente que para grande parte dos estudantes o clube não deve se destinar, primordialmente, ao tratamento de questões íntimas ou emocionais, mas, pelo fato deles fazerem parte de clubes ativos na escola, presumimos que eles entendem que o papel dos clubes se estabelece em conceder um ambiente voltado ao aprendizado, à convivência e ao desenvolvimento de projetos significativos.

Algo que deve ser levado em consideração no clube é o respeito irrestrito às individualidades, mesmo que as atividades dos clubes sejam efetivadas, quase que totalmente, de maneira grupal, esse dado corrobora, e nos mostra que mesmo que o espaço oportunize o trato com temas sensíveis, devemos entender que nem todas as pessoas estão dispostas, ou querem, se expor e dividir particularidades de suas vidas, ainda mais particularidades de foro tão íntimo (MESQUITA, BATISTA E SILVA, 2019).

Os demais dados nos mostram que tanto os que se mantiveram na neutralidade, quanto os que afirmam ter passado por um momento de compartilhamento de situações difíceis contam com apenas quatorze por cento (14%) evidenciando ainda mais que são poucos os que, mesmo

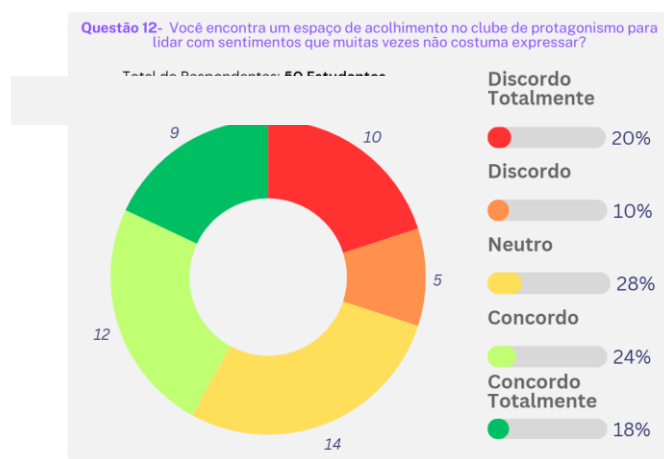
em um ambiente de compartilhamento entre pares, sentem-se a vontade para tratar de tais temas abertamente.

Dessa forma, compreendemos que os Clubes de Protagonismo Juvenil cumprem, sobretudo, uma função formativa, que privilegia a aprendizagem colaborativa, a criação de projetos e o fortalecimento de vínculos sociais, sem que isso implique, obrigatoriamente, na exposição de experiências pessoais ou de cunho muito íntimo.

Os dados supracitados, reforçam a necessidade de se cultivar um clima de confiança e respeito, onde cada jovem possa decidir, livremente, até onde quer compartilhar particularidades de sua vida, garantindo que o acolhimento exista como possibilidade, mas nunca como uma exigência. Dessa forma, se torna possível a manutenção do caráter educativo, democrático e inclusivo dos clubes (SILVA, 2018), ao mesmo tempo em que se reconhece e protege a diversidade de limites e escolhas individuais.

Mas podemos nos perguntar, seria o clube um espaço que não oportuniza o trato com essas particularidades dos jovens? Na intenção de verificar tal indagação, a questão doze busca obter a informação e constatar se o clube é um espaço de acolhimento ou se, pelo contrário, é um espaço próprio destinado apenas ao trato de outros objetivos que não especificamente o das questões ou problemas emocionais dos estudantes.

Figura 12 – Questionário 1: Pergunta 12 – Tema: Problemas emocionais.



Fonte: O pesquisador.

Como podemos verificar na imagem 12, quarenta e dois por cento (42%) identificam o clube de protagonismo como uma ambiente acolhedor para tratar sobre seus sentimentos. Trinta por cento (30%) dos respondentes afirmam que não veem o clube como sendo um espaço para expressar seus sentimentos e emoções, e, no meio termo, vinte e oito por cento (28%) mantiveram-se na neutralidade.

Diante desses dados, podemos inferir que, mesmo parte daqueles que afirmaram, no quesito anterior, não expor seus sentimentos ou fases de suas vidas abertamente, consideram o clube um ambiente acolhedor e suscetível a momentos em que os sentimentos podem aflorar e acabar sendo expostos.

Tal conclusão se sustenta no fato de que, dos setenta e dois por cento (72%) dos respondentes que afirmaram, no quesito anterior, não tratarem de seus sentimentos nos clubes, ao menos metade deles consideram o clube um local propício para que isso aconteça, já que só tivemos quatorze por cento (14%) de jovens que afirmavam ter experienciado, no clube, momentos onde puderam expressar questões emocionais.

Além disso, a porcentagem na questão 12 pulou para quarenta e dois por cento (42%), podemos dizer, com base em cálculos simples, que ao menos vinte e oito por cento (28%) não consideravam expor-se ante os participantes do clube, mas os mesmos consideram o clube um espaço propício a acolhimento e manifestação de intimidades.

Se fizemos uma média aritmética simples veremos que aqueles que estabeleceram alguma relação entre os clubes de protagonismo juvenil e possíveis problemas emocionais pelos quais tenham passado, somam um total de vinte e seis por cento (26%) em média dos respondentes, aqueles que escolheram a neutralidade somam um total de vinte e um por cento (21%) em média, e aqueles que não veem correlação alguma somam um total aproximado de cinquenta e seis por cento (53%). Tais dados são categóricos, apesar de uma parcela dos jovens entenderem e viverem o clube como um espaço de desdobramento e trato sobre seus problemas emocionais, a grande maioria não o vislumbra da mesma maneira.

Em síntese, os dados evidenciam que, embora uma parcela relevante de estudantes reconheça, no clube de protagonismo, um ambiente acolhedor e potencialmente favorável à expressão de sentimentos compartilhando problemas pelos quais passam, a maioria ainda o percebe, prioritariamente, como espaço de convivência, aprendizagem e desenvolvimento de projetos.

Essa constatação reforça a importância de os clubes manterem uma dupla vocação. De um lado, os clubes devem preservar sua função principal de formação para a autonomia através

do protagonismo juvenil (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023) e de outro, devem continuar abertos e receptivos, garantindo acolhimento quando situações que envolvam questões emocionais surgirem espontaneamente. Assim, consolidam-se como ambientes educativos equilibrados, que respeitam a individualidade e a diversidade de experiências de cada jovem (ALMEIDA, OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2024).

Diante de uma sociedade tão excludente e autocentrada, ter acesso a um ambiente de acolhimento e de compartilhamento já é algo a ser comemorado, ainda mais se tratando de um espaço que está destinado a dar ao jovem a oportunidade de se expressar, de guiar processos e conduzir atividades (SILVA, 2018). A liberdade associada ao acolhimento pode, potencialmente, produzir momentos verdadeiramente produtivos e com sincero significado para aqueles que deles participam.

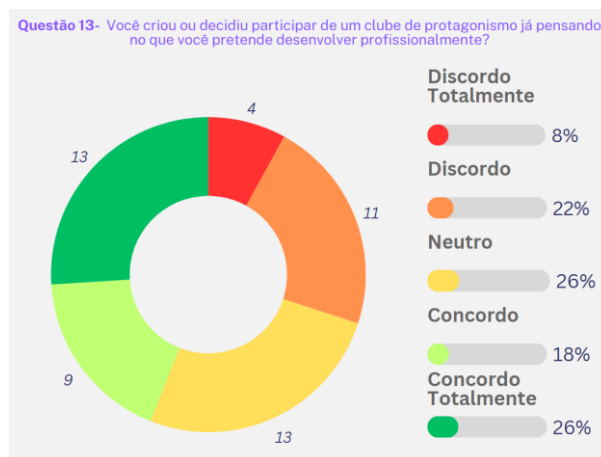
Prosseguindo ao último tópico deste questionário, entendemos que um ponto de inflexão na vida de todo estudante é o momento em que ele começa a despertar-se para assuntos e processos do mundo do trabalho (RAMOS, 2014). É certo que, para os jovens participantes da pesquisa, essa realidade chegou bem cedo, tendo em vista que os mesmos fazem parte de uma rede de ensino que preconiza a formação propedêutica associada a formação técnica profissionalizante (PARAÍBA, 2018).

Sugestionamos que essa grade de ensino tem certa parcela de importância para os jovens, se assim não fosse, não haveria motivação real para adentrarem em uma instituição de Ensino Médio Integrado ao Técnico.

Os clubes de protagonismo podem ser utilizados como suporte neste processo de descobertas profissionais e, portanto, ser instrumentalizados para que o trabalho ali efetuado leve em consideração os temas que visam a produção de conhecimento sobre uma área específica do mundo do trabalho.

As últimas três questões deste questionário tem o intuito de verificar se as expectativas com uma futura vida profissional tem motivado os jovens a proporem e desenvolverem as ações nos clubes de protagonismo. O desejo é o de verificar se os participantes desta pesquisa encontraram no clube um espaço para o desenvolvimento de aspectos que os ajudem no mundo do trabalho, e, caso tenham encontrado, se acreditam que isso pode gerar bons frutos em suas carreiras enquanto futuros profissionais.

Figura 13 – Questionário 1: Pergunta 13 – Tema: Vida Profissional



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da Figura 13 nos mostra dados bem distribuídos entre as possíveis respostas, no entanto, revela também uma acentuada preferência por parte dos respondentes. Vemos que trinta por cento (30%) dos respondentes afirmam que a vida profissional não teve relevância no processo de criação e desenvolvimento das atividades dos clubes, vinte e seis por cento (26%) se mantiveram na neutralidade, e para quarenta e quatro por cento (44%) a vida profissional teve relevância no processo de escolha da temática do clube, bem como, das atividades que a posteriori seriam efetivadas.

Mesmo os dados nos mostrando preferências bem distribuídas, o percentual de jovens que consideraram a vida profissional como requisito para escolha do clube, nos mostra que para uma parcela expressiva dos estudantes, os clubes também funcionam como um elo entre a formação escolar e seus projetos de carreira.

Esse dado reforça a ideia de que, além de espaços de convivência e de experimentação, os clubes de protagonismo podem servir como laboratórios de exploração profissional, permitindo que interesses acadêmicos e perspectivas de futuro se traduzam em práticas concretas.

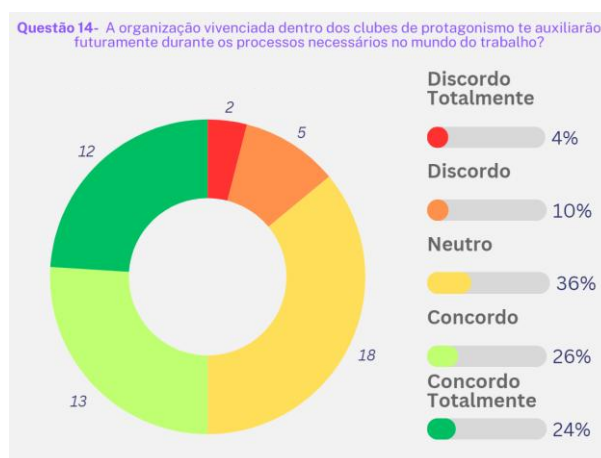
Silva (2018, p. 22) afirma que o clube é “um espaço destinado ao estudante, no qual, através da sua experiência, ele poderá desenvolver diversas competências e habilidades fundamentais à criação do seu Projeto de Vida, como por exemplo, a autonomia, a capacidade de trabalhar em equipe e de tomar decisões, a auto-organização e muitas outras.” Diante disso, podemos perceber que boa parte dos participantes desta pesquisa veem no clube a possibilidade de tratar de questões de diversidade, cultura, arte entre outros, mas também, estão preocupados com sua vida futura, com a carreira que desejam trilhar e a vida profissional que almejam ter.

O contraponto dos que negaram a questão proposta traz o caráter multifacetado do clube, onde em um mesmo ambiente educacional, até mesmo em um mesmo clube, percebemos intenções e perspectivas de vida distintas, o que não diminui o valor da atividade, pelo contrário, a enobrece, ao passo que os jovens não estão enquadrados e pré-moldados em formas padronizadas, mas possuem a autonomia de escolha para buscarem no clube aquilo que mais lhe apraz (ICE, 2015).

Mesmo assim, diante dos dados apresentados, a vida profissional tem grande peso no processo de escolha e desenvolvimento dos clubes, deixando claro que, para muitos estudantes, o clube também é um espaço de preparação e experimentação para o futuro.

Tendo sido identificado a relevância da vida profissional para boa parte dos participantes da pesquisa, na questão seguinte, buscamos entender se eles veem o clube como uma forma de trabalhar aspectos que os diferenciarão no futuro, quando tiverem de enfrentar os processos diários do mundo do trabalho.

Figura 14 – Questionário 1: Pergunta 14 – Tema: Vida Profissional



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da Figura 14 nos revela que quatorze por cento (14%) dos respondentes não acreditam que os clubes contribuirão para a sua carreira profissional, trinta e seis por cento (36%) se mantiveram neutros e não quiseram predeterminar seus posicionamentos, enquanto que cinquenta por cento (50%) deles concordam que os clubes trarão impactos positivos para suas carreiras profissionais futuras.

Santos (2020, p. 5) vem afirmar que, para que o clube funcione, “é necessário que todos desenvolvam suas potencialidades e capacidades e que elas sejam aplicadas em diversas atribuições de acordo com as funções que desempenharão e das quais serão responsáveis.”

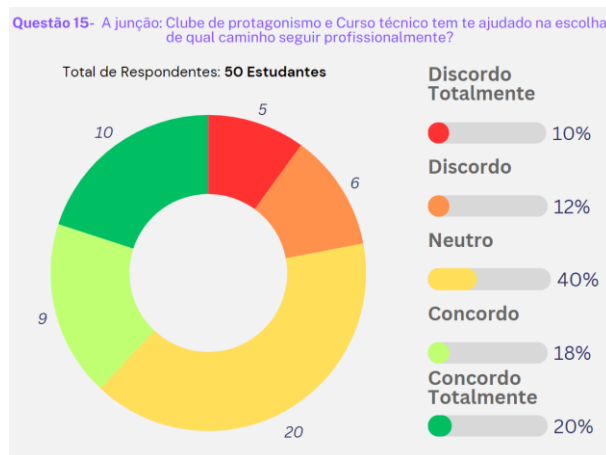
Podemos perceber que o processo descrito por Santos (2020) se assemelha e muito aos processos que os profissionais, seja qual for a sua área de atuação, desempenham.

A afirmação do autor nos dá suporte para inferirmos que os jovens veem nos processos internos dos clubes um exemplo, resumido, daquilo que experienciarão no mundo do trabalho quando passarem a ter uma vida profissional ativa. Este fato é reforçado pelos dados apresentados na questão 14, que demonstra que, grande parte dos respondentes viram semelhanças e optaram por pré-estabelecer que os clubes contribuirão para as suas vidas profissionais futuras.

Ao oportunizar o meio para que os estudantes desenvolvam aspectos como a organização, a cooperação, a liderança e a responsabilidade, os Clubes de Protagonismo Juvenil antecipam experiências que serão exigidas em diferentes carreiras, ao mesmo tempo em que preservam a liberdade criativa e o protagonismo estudantil que são aspectos próprios desta atividade pedagógica (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023). Diante de todo o contexto apresentado, podemos afirmar que os clubes não estão limitados a um único padrão pedagógico, eles transcendes as expectativas e podem também ser reconhecidos como ambientes capazes de articular aprendizado, desenvolvimento pessoal e preparação profissional de forma integrada e significativa para os estudantes.

A questão quinze vem encerrar este primeiro questionário buscando entender se o fato de terem acesso a metodologia dos clubes de protagonismo estando em um ambiente de ensino técnico integrado tem contribuído para uma identificação mais clara do que eles pretendem escolher como carreira para a vida profissional que logo terão.

Figura 15 – Questionário 1: Pergunta 15 – Tema: Vida Profissional



Fonte: O pesquisador.

Pela primeira vez neste questionário, o percentual de neutralidade foi maior que o das demais respostas. Vemos que vinte e dois por cento (22%) dos respondentes afirmaram que a junção dos dois espaços elencados na questão não tem auxiliado para a escolha de um rumo profissional. Já os que concordam com o proposto na indagação somam trinta e oito por cento (38%), enquanto que, aqueles que nem afirmam, e nem negam a possibilidade dessa junção ter efeito prático na escolha de suas carreiras, somam quarenta por cento (40%). Ao participarem dos clubes juvenis, os jovens desenvolverão algumas competências que levarão como bagagem de experiências para o resto das suas vidas.

Por isso, destaca-se mais uma vez o quanto é importante saber escolher bem em qual atividade se envolver (SANTOS, 2020, p. 7). O processo de escolha, pode afetar drasticamente os impactos que esta atividade pedagógica trará para a vida dos jovens. O fato de quarenta por cento (40%) não demonstrarem posicionamento ante uma questão objetiva, nos revela que, possivelmente, o processo de escolha ainda está ocorrendo. Não só as escolhas quanto a carreira profissional, mas também, todas as que trarão impacto para as suas vidas.

Se partimos do pressuposto que as atividades dos clubes não geram pontuação nem promoção compensatória, além disso, considerarmos o apego, por parte dos jovens, a área de atuação de seus cursos técnicos, o fato de desenvolverem atividades que lhe são importantes, tanto nos clubes, quanto nos cursos técnicos, deveria, supostamente, levá-los a ter escolhas mais claras quanto a área profissional na qual querem se dedicar.

Essa clareza pode ser percebida nos trinta e oito por cento (38%) que afirmaram a influência da junção dos clubes e do curso técnico nos seus processos de escolha, assim como nos vinte e dois por cento (22%) que a negaram. É preciso frisar, no entanto, que, assim como

em outras indagações deste questionário, o fato de se manter a neutralidade, ante questões mais objetivas, não quer dizer, necessariamente, falta de personalidade ou incapacidade decisória.

Pode revelar, no entanto, um público que não pode asseverar, categoricamente, nem a afirmação ao questionamento, nem sua negação. Assim, ao manterem a neutralidade quando questionados sobre a importância que a junção, clubes de protagonismo e cursos técnicos, têm para as suas carreiras profissionais, os jovens demonstram que ainda estão em fase de amadurecimento sobre seus projetos de vida, avaliando possibilidades e construindo, gradualmente, suas escolhas.

Essa postura indica que o processo de decisão profissional é dinâmico e requer tempo, experiências variadas e reflexão. Desse modo, a neutralidade não deve ser vista como indecisão negativa, mas como sinal de que os estudantes seguem abertos a novas descobertas, permitindo que tanto os clubes quanto os cursos técnicos continuem a contribuir, de maneira complementar, para a definição consciente de seus caminhos futuros (NEIVA, SILVA, MIRANDA e ESTEVES, 2005).

Fazendo a média aritmética das porcentagens das três perguntas, que trouxeram à tona a posição dos estudantes em relação a importância do tema, vida profissional, no ato de proporem ou participarem dos clubes com temáticas específicas. Os dados revelam que vinte e dois por cento (22%), em média, dos respondentes não estabelecem nenhum tipo de relação entre os clubes e a suas futuras vidas profissionais. Trinta e quatro por cento (34%), em média, mantiveram-se no âmbito da neutralidade, nem negando, tão pouco afirmando a existência de uma possível correlação. E quarenta e quatro por cento (44%), em média, dos respondentes vislumbraram alguma relação entre perspectivas profissionais e o fato de proporem ou participarem de clubes com temas específicos.

Verificamos, portanto, que para boa parte dos respondentes é nítido que há uma relação entre a prática dos clubes e a vida profissional futura. Aqueles que descartam esta possibilidade tiveram uma média percentual baixa, enquanto os que permaneceram neutros apresentaram maior porcentagem.

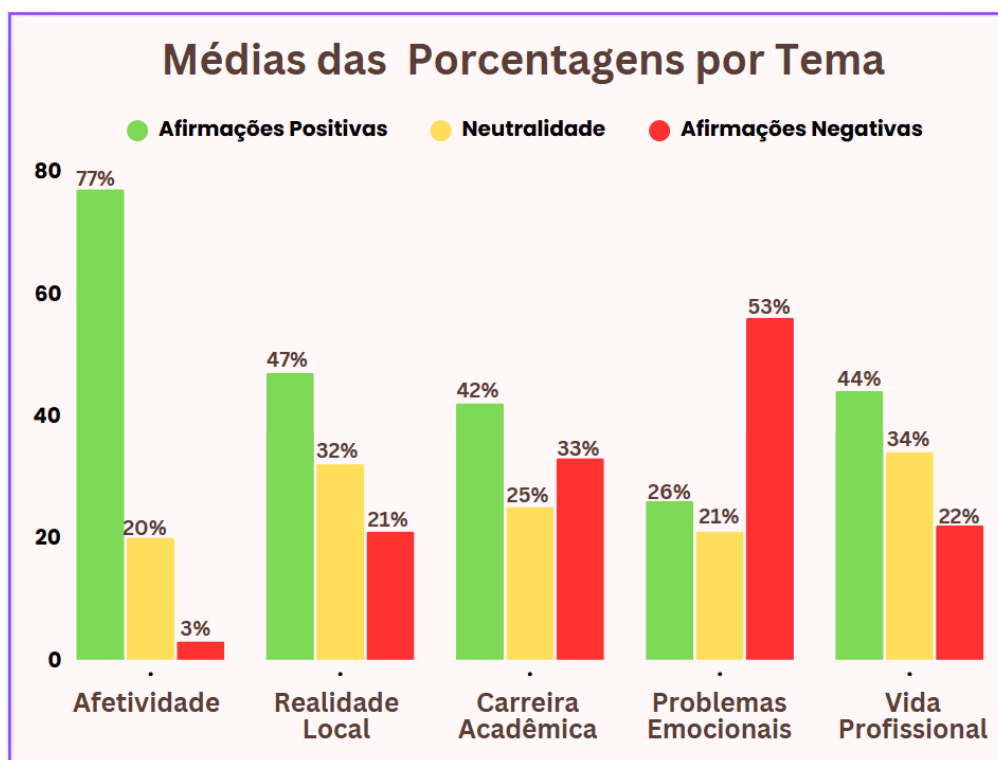
É preciso lembrar que “no processo de formação dos clubes, o que se pretende com sua criação e a forma de organização possuem um elemento comum: a necessidade de se trabalhar em equipe. O que é um grande desafio hoje, pois se está lidando com a heterogeneidade, ou seja, cada cabeça é um mundo” (SANTOS, 2020, p.7). Apesar de parecer um problema, a heterogeneidade se mostra como um atributo da prática dos clubes, uma vez que, ao perceber-se em um ambiente com pensamentos diversos, cada jovem pode experienciar o pensamento do

outro e a troca de culturas, conhecimentos e percepções de mundo se dá instantaneamente (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024).

Apesar de haver preferências e de os dados demonstrarem uma porcentagem maior atribuída a um determinado posicionamento em detrimento de outro, no clube, o que vai contar, ao final do processo, são as trocas realizadas entre pessoas distintas, muitas vezes com pensamentos distintos, mas que se unem para desenvolver um atividade em que ambos se satisfazem (SANTOS, 2020). Mesmo que a motivação inicial tenha sido diferente, a produção material, emocional e intelectual que deriva da atividade nos clubes é o que traz a satisfação de estarem unidos em prol de um bem comum, que neste caso é a manutenção eficaz dos clubes dos quais participam.

O intuito com este questionário foi o de verificar as proximidades existentes entre os cinco temas iniciais, que foram pré-determinados, e as motivações dos jovens em participarem de um clube de protagonismo juvenil. Observemos a imagem 16 para que possamos verificar qual tema, dentre os que foram propostos, teve um maior percentual nas afirmações positivas, e qual tema apresentou maior percentual nas afirmações negativas.

Figura 16 – Médias das Porcentagens por Tema



Fonte: O pesquisador.

As perguntas que apresentamos tinham a papel de instigar os estudantes a refletir sobre eles mesmos e fazê-los questionar se as indagações se concretizavam em suas vidas. Portanto, as afirmações apresentadas pelos respondentes podem nos dar um parâmetro sobre qual destes temas tem apresentado maior influência para o processo de propositura e desenvolvimento dos clubes em suas respectivas temáticas.

Vemos que dentre os cinco temas pré-estabelecidos, aquele que obteve maior percentual, no que se refere ao que determinamos como afirmações positivas, foi o tema da afetividade. Sendo sabedores de que Silva(2018) e Santos(2020) já apontavam a afetividade como o principal motor que faz com que as engrenagens dos clubes funcionem, não é novidade que este tema seja aquele que tenha obtido maior porcentagem no que diz respeito a relação da temática e a motivação no processo de criação e desenvolvimento dos clubes.

Santos(2020, p. 6) pondera que não se pode deixar de enfatizar que o clube juvenil “[...] além de ajudar a dinamizar com atividades diferenciadas, possibilita uma escola mais atraente e feliz, além do que se propõe a ser uma atividade prazerosa para quem executa, unindo protagonismo e satisfação.” A questão da afetividade evidenciada, pelos estudantes, reforça a ideia de que para que alguma atividade seja desenvolvida de maneira eficaz, e com o engajamento necessário, é preciso que esta atividade oportunize momentos de prazer recheados de significado.

Todo e qualquer processo que se propõe a unir a vontade de produzir algo, com a satisfação ao produzir, principalmente no âmbito educacional, possivelmente logrará êxito, e, assim como vemos no gráfico da imagem 16, receberá o apoio, ou a participação, de uma grande massa. Se compararmos o tema que teve maior percentual com aquele que teve o segundo maior percentual nas afirmações positivas, neste caso com o tema referente a realidade local, vemos uma diferença de cerca de trinta por cento (30%). Este fato deixa em evidência o valor que os jovens dão aos temas dos clubes que correlacionam questões afetivas com as atividades propostas em cada clube.

De acordo com os dados, podemos inferir que os participantes dos clubes buscam, em maior escala, aquelas atividades que geram prazer, acolhimento e identificação (SANTOS, 2020), ou seja, buscam temáticas que oportunizem trabalhar com algo que lhes fazem sentir bem, com algum tema que os aproxime de fatos, conhecimentos ou processos aprazíveis, tornando o clube um espaço de construção de significado, e não, meramente, um processo frígido de responsabilização.

De acordo com os respondentes, a afetividade é o tema que, entre os sugeridos, recebe a melhor aceitação quando se torna o foco do clube. Em contrapartida, a temática que registrou

a maior porcentagem de respostas negativas, ou seja, a menos considerada necessária para a escolha e o desenvolvimento das atividades dos clubes, foi a que abordou as questões relacionadas a possíveis problemas emocionais.

Para Avanci (2007, p. 1) “A adolescência é tradicionalmente conhecida como uma fase de instabilidade emocional e de explosão de crescimento, com mudanças físicas e psicossociais.” É interessante pensar que, mesmo diante desta realidade, o tema que trata de problemas emocionais tenha sido aquele que obteve maior rejeição, no que se refere ao trato deste na perspectiva dos clubes.

Vemos, no entanto, que “paradoxal e complementarmente, a fase da adolescência tem importância vital para a estruturação de personalidade do indivíduo, além de ser uma época da vida em que os melhores índices de saúde, vitalidade e criatividade são vividos, permitindo que o adolescente [...] se lance em novos sonhos e perspectivas”(AVANCI, 2007, p. 1). Esses contrapontos podem lançar luz sobre a motivação da repulsa por trabalhar essa temática nos clubes.

O clube é um espaço onde o Jovem tem a oportunidade de, mesmo em um ambiente controlado como é a escola, desbravar novos caminhos, conteúdos e práticas, estas, como vemos no gráfico da imagem 16, estão geralmente correlacionadas a temas significativos, divertidos, que contagiam o imaginário dos participantes (BRITO, Silva e DUVERNOY, 2023). Assim sendo, não é de se admirar que os participantes dos clubes não achem adequado tratar de um tema tão íntimo e pessoal quanto é o tema que trataria sobre seus problemas emocionais.

Assim como Avanci (2007) relata, o Adolescente/jovem é um ser paradoxal, que vivencia seus momentos adequando-os as realidades de seu cotidiano, tal adequação é feita a cada novo momento que passa a experimentar. Assim, com base no que vemos na imagem 16 e através das contribuições de Silva(2018), Santos(2020) e Avanci (2007) podemos afirmar que, a relação que os respondentes/estudantes fizeram entre as temáticas postas e seus processos cotidianos nos clubes, obedece, certamente, aos níveis de importância que atribuem a essas temáticas em suas próprias vidas.

Se estabelecermos uma escala de importância diante dos dados apresentados nos gráficos da imagem 16, poderíamos afirmar que seguiria a seguinte ordem de importância: em primeiro lugar seriam os temas que trabalhassem quesitos relacionados a questões de afetividade; em segundo lugar estariam os temas relacionados a quesitos, problemas, conhecimentos da realidade local dos estudantes; em terceiro estariam os temas, conhecimentos e processos relacionados a Vida profissional dos estudantes; em quarto lugar estariam os temas que versassem sobre o desenvolvimento da carreira acadêmica dos estudantes e, por fim, em

quinto lugar estariam os temas que tentassem tratar sobre os problemas emocionais que acometem os jovens.

Esta escala, guardadas as devidas proporções, indica quais temáticas despertam maior receptividade entre os estudantes quando se trata das possibilidades oferecidas pelos clubes de protagonismo juvenil. Não podemos, contudo, esquecer que “o Clube Juvenil [...] deve ser composto de atividades significativas para quem dele participa, unindo protagonismo, satisfação e realização” (SANTOS, 2020, p. 7).

Essa premissa deve nortear toda e qualquer iniciativa no interior dos clubes. Portanto, é essencial que o desenvolvimento de suas práticas seja orientado para instigar a autonomia dos jovens, propondo atividades prazerosas e realmente significativas, capazes de fortalecer o engajamento e a construção de trajetórias pessoais e coletivas. Não devem apenas responder a interesses imediatos, mas devem também favorecer a formação integral dos estudantes, preparando-os para os desafios futuros. Desse modo, os clubes de protagonismo juvenil se consolidam como espaços vivos de aprendizagem, onde o prazer de participar deve se aliar ao desenvolvimento de competências, valores e projetos de vida, formando no hoje os mais distintos aspectos que os acompanharão os estudantes para além do período escolar.

5.4.3 Dos Questionários: Questionário 2 – Autopercepção Juvenil no Desenvolvimento da Autonomia: Quando Escola e Clube se Encontram

Diferentemente do Questionário 1, este questionário visa alçar luz sobre o processo de autopercepção dos jovens que participam dos clubes de protagonismo juvenil em um ambiente de Ensino Médio Integrado, através da teoria estabelecida por Antônio Carlos Gomes da Costa (2000), com a escada de participação Juvenil. Esta teoria categoriza dez níveis de interação do jovem com o mundo no qual está inserido, e estabelece um nível de autonomia a cada fase ultrapassada pelo jovem.

A fim de entendermos como os jovens se percebem, quanto aos seus processos de participação social na construção da autonomia e do protagonismo juvenil, as indagações trazidas quiseram verificar em qual nível, dentre os dez anunciados, os jovens acreditam que estão. Primeiramente, se analisaram a partir dos momentos vivenciados durante a vida escolar de maneira isolada, depois quando participam dos clubes de maneira isolada, e, por fim, ao correlacionarem as duas vivências em um mesmo ambiente educativo.

Com o intuito de categorizarmos a informação trazida nos dados estatísticos, estabelecemos que os três primeiros degraus se configuram como que representando um processo participativo dependente, ou seja, a autonomia dos processos vivenciados não foi concebida, do quarto ao sétimo degrau estabelecemos que representaria um processo participativo pouco dependente, ou seja, a autonomia nos processos está sendo desenvolvida, e os três últimos degraus estabelecemos que seria a representação de um processo participativo independente, onde se verificaria o desenvolvimento pleno da autonomia por parte dos jovens.

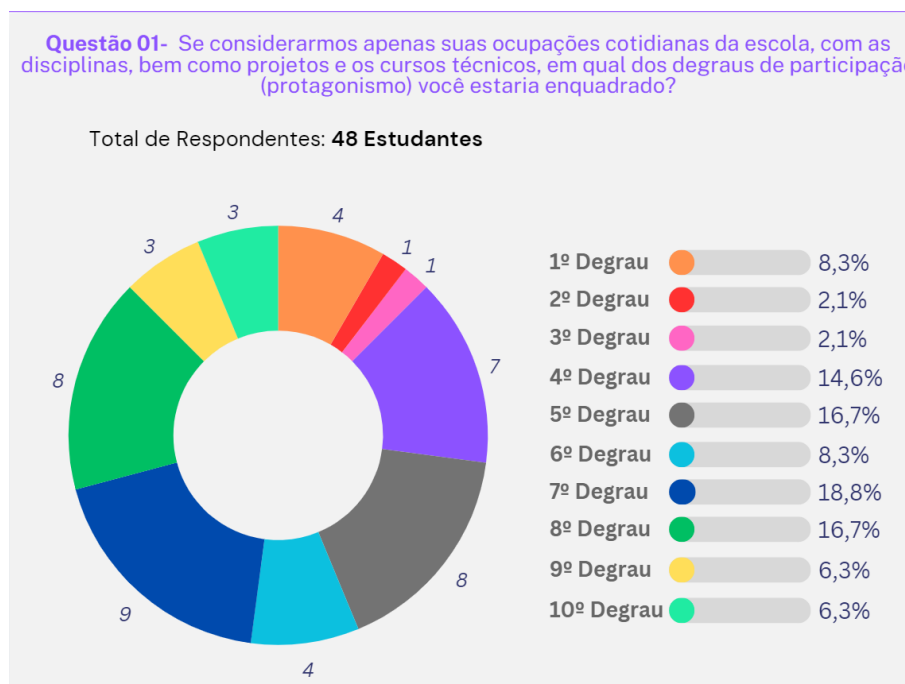
Antes de estabelecermos conclusões, é necessário entendermos que estamos tratando de jovens e adolescentes que estão passando por fases de metamorfoses, seja em seus dilemas diários, em suas emoções, em seus anseios e prospecções (AVANCI, 2007). Estamos lidando com uma faixa etária onde a mudança é instantânea, e não podemos intentar uma ortodoxia para seus processos de participação, protagonismo ou desenvolvimento de autonomia.

Porém, mesmo levando isto em consideração, devemos verificar como os jovens, que vivenciam o Ensino Médio Integrado e os Clubes de Protagonismo Juvenil, se autopercebem em seus níveis de participação. Não estabelecemos aqui um padrão, mas, analisamos as características desta amostra em específico, que, quando associadas a outras características coletadas, permite compreender de forma mais ampla o alcance do protagonismo juvenil dando subsídio a reflexões e ações que fortaleçam a autonomia e a participação dos jovens em seus contextos educativos e sociais.

A primeira pergunta do questionário 2, versa sobre a autopercepção dos jovens ao refletirem sobre seus níveis de participação, interação, protagonismo e construção de autonomia quando tratamos unicamente dos componentes obrigatórios da escola, ou seja, das disciplinas, dos cursos técnicos, das atividades que ali são geradas. Pretendemos verificar como os jovens analisam a si mesmos, e como identificam os seus próprios passos dentro da escola.

A indagação da primeira pergunta, suscitou, durante o processo de respostas, outras perguntas sugeridas pelos estudantes, tais como: Tenho conseguido desenvolver meu maior potencial nas aulas e nos cursos técnicos? Tenho me esforçado para fazer as atividades? Estou conseguindo fazer as atividades de maneira autônoma, ou sempre estou precisando de uma ajuda? Tais perguntas não visavam a autodepreciação, mas uma análise profunda para que as respostas ao quesito inicial se concretizasse com segurança, de modo que a resposta à questão fosse de fato um ato representativo da condição deles até então.

Figura 17 – Questionário 2: Pergunta 1 – Escada de Participação Juvenil



Fonte: O pesquisador.

A partir dos dados estatísticos elencados na Figura 17, verificamos a seguinte distribuição: Os que apresentaram uma autopercepção de ação participativa dependente, somam doze virgula cinco por cento (12,5%), aqueles que se autopercebem em um processo de participação pouco dependente, somam cinquenta e oito virgula dois por cento (58,2%), e os que se autopercebem como independentes no processo participativo somam vinte e nove virgula três por cento (29,3%).

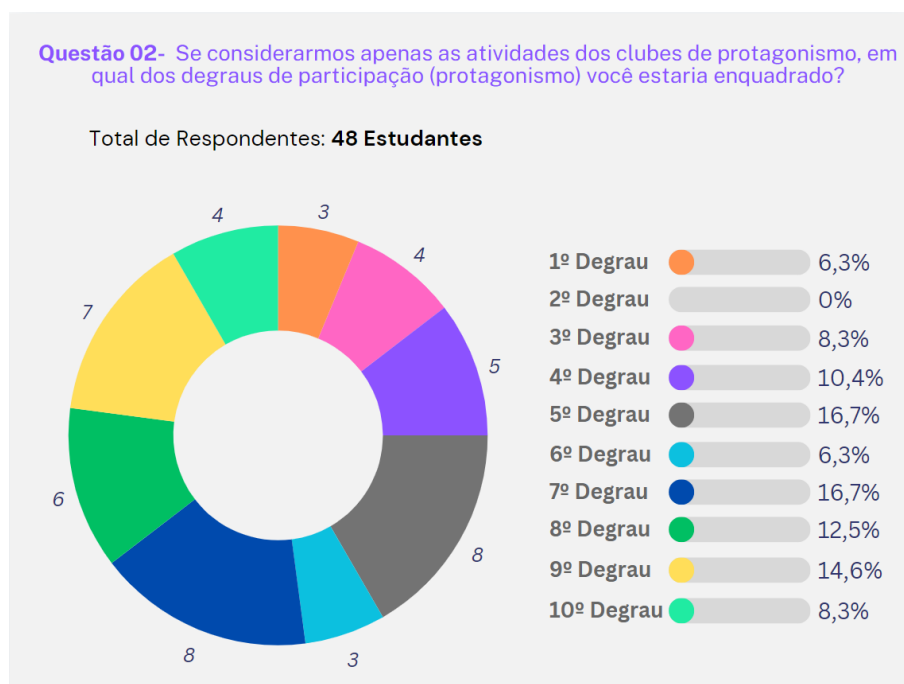
Vemos que a maioria dos respondentes se autopercebem dentro do intervalo que caracterizamos como que representando uma ação participativa pouco dependente, ou seja, apesar de entenderem que possuem certa autonomia, diante das atividades escolares, eles entendem que ainda precisam do auxílio de terceiros para que as atividades escolares se efetivem de maneira eficaz.

Tal fato não é algo negativo, tão pouco poderia ser, uma vez que os estudantes estão em processo de desenvolvimento cognitivo, e passam por uma das fases mais importantes da vida de qualquer estudante, que é o ensino médio (SILVA, 2009). Nesse contexto, é natural, e até mesmo viável, que os jovens entendam que não podem desenvolver todos os conhecimentos da vida escolar na individualidade, compreender, nesta fase da vida, que para o pleno desenvolvimento se faz necessário uma ação não isolada é importante, ainda mais por estarmos lidando com questões da sistematização do ensino, que é o que precisamente a escola faz.

Costa (2006, p. 47) vem afirmar que o desenvolvimento do protagonismo juvenil pode se apresentar como uma atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla. Ou seja, é uma modalidade de ação educativa, por meio da qual, se criam condições capazes de possibilitar, àqueles, o desenvolvimento de iniciativa, liberdades e compromisso com as demandas que lhe são apresentadas, esse processo não lesa a construção de autonomia, muito pelo contrário, dá condições ao estudante de compreender as bases e processos de conhecimentos que lhe oportunizarão desenvolvê-la (MENEZES e MENEZES, 2024).

Voltando o foco, de maneira estrita, para as atividades que os estudantes desenvolvem nos Clubes de Protagonismo Juvenil, a segunda questão do questionário 2 nos remete ao mesmo processo de autopercepção dos jovens, porém, agora, voltada para as atividades dos clubes de protagonismo juvenil. Como o nome da atividade sugestiona, intentamos verificar se, na percepção dos jovens, esta atividade tem se efetivado como meio potencializadora do protagonismo na vida dos jovens, ou se, na verdade, tem sido irrelevante para consolidação deste processo.

Figura 18 – Questionário 2: Pergunta 2 – Escada de Participação Juvenil



Fonte: O pesquisador.

O gráfico da Figura 18 nos mostra que, quatorze virgula seis por cento (14,6%) se autopercebem como que dependentes em seus processos de participação nos clubes de protagonismo juvenil, cinquenta por cento (50%) se autopercebem como pouco dependentes e trinta e cinco virgula quatro por cento (35,4%) responderam que se percebem em um processo independente quando analisam as atividades dos clubes de maneira isolada.

Podemos notar que nas atividades dos clubes, é verificado um percentual um pouco maior de estudantes que se autopercebem autônomos em seus processos de participação, ou seja, com um senso Protagonista mais aguçado. Mesmo se tratando de uma leve ascendência percentual, podemos afirmar que, para este grupo de estudantes, as atividades dos clubes de protagonismo tem oportunizado uma abertura para o desenvolvimento de ações protagonistas com fim na autonomia daqueles que dele participam.

É verdade, no entanto, que os estudantes demonstram que, tanto as atividades dos clubes, quanto as atividades escolares compulsórias, são importantes em suas vidas e nos processos de participação protagonista. Esse fato corrobora o pensamento de Costa (2000) quando esclarece que, aos jovens, devem ser oportunizados espaços democráticos, de reflexão e de orientação para que o protagonismo de fato ocorra.

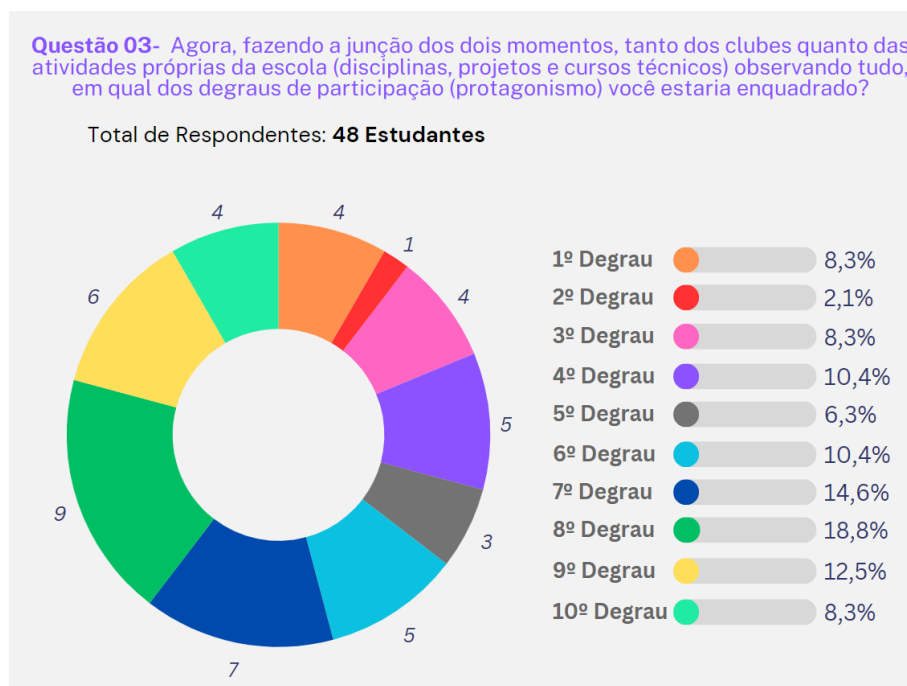
O protagonismo não ocorre de maneira imediata, ele é processual e deverá ser despertado nos jovens através de ações que fomentam a iniciativa, a proatividade e a reflexão (SÁ, 2019), algo que, segundo os dados das Figuras 17 e 18, tem ocorrido em ambos os espaços educativos. Isso revela que a vivência integrada entre escola e clubes de protagonismo juvenil tem favorecido um percurso formativo que ultrapassa a simples execução de tarefas, fortalecendo, assim, o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e consciência crítica dos estudantes. Nesse processo, os jovens aprendem a articular conhecimentos, valores e práticas sociais, construindo, de forma gradual e consistente, a base para uma formação integral que os prepara para agir de maneira participativa e transformadora em seus diferentes contextos de vida (ANTUNES e PADILHA, 2010).

Passados os questionamentos que referenciavam os clubes e as atividades escolares compulsórias de maneira isolada, a última reflexão proposta por este questionário busca oportunizar o entendimento sobre as percepções intrapessoais dos jovens quando correlacionamos os dois ambientes educativos. Vimos, até então, que ambos os espaços, em suas particularidades, se apresentam como importantes instrumentos de desenvolvimento do protagonismo na busca pela efetivação da autonomia juvenil.

No entanto, é preciso que analisemos se a junção, ou a coexistência, destas atividades, ajudam nesse processo de desenvolvimento de protagonismo para formação da autonomia, ou

se, ao contrário disso, tem dificultado o processo. Esta reflexão é necessária, pois estamos lidando com a intersecção de diversas atividades distintas, tais como: disciplinas curriculares e suas derivações, grade dos cursos técnicos com suas derivações e as atividades desenvolvidas nos clubes de protagonismo juvenil. Assim, é necessário finalizarmos as inferências deste questionário, observando os posicionamentos dos jovens quando peticionados a refletir sobre a junção de tantas atividades que são oportunizados em um mesmo ambiente escolar.

Figura 19 – Questionário 2: Pergunta 3 – Escada de Participação Juvenil



Fonte: O pesquisador.

Seguindo a norma definida inicialmente, temos que dezoito virgula sete por cento (18,7%) consideram que, na situação onde todas as atividades descritas acima coabitam, seus estágios de ação protagonista para o desenvolvimento de autonomia se encontram na classe que denominamos como uma participação dependente, aqueles que definiram-se em um estágio de pouca dependência somam quarenta e um virgula sete (41,7%) e aqueles que acreditam vivenciar um estágio de participação efetivo, onde o protagonismo, bem como a autonomia durante as atividades propostas, é experienciado, somam trinta e nove virgula seis por cento (39,6%).

Dentre todos os dados até então expostos, os dados deste último quesito teve uma particularidade a ser evidenciada. Tanto aqueles que se enquadraram na categoria de “participação dependente”, quanto aqueles que se enquadraram na categoria de

“independentes” tiveram um aumento nas porcentagens quando comparamos com os dois últimos quesitos, obtendo assim, o maior percentual em ambas as situações.

Este dado indica que para alguns dos jovens, que em outro momento se perceberam em um contexto que oportunizava o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia, a junção dos dois contextos, não os favoreceu, podendo indicar a possibilidade de sobrecarga com as atividades propostas. É preciso mencionar que todas as atividades oportunizadas dentro da escola devem levar em consideração o bem-estar dos estudantes lhes dando condições de desenvolver-se, evitando processos que ao invés de trazer estímulo, trazem desinteresse (MENEZES e MENEZES, 2024).

Caso algum estudante esteja sentindo-se sobrecarregado, a escola, através dos profissionais responsáveis, deve desenvolver estratégias para que ocorra a melhor adaptação dos estudantes às atividades que lhe são oportunizadas. É importante lembrar que, apesar dos clubes de protagonismo exigirem dos estudantes várias demandas, que devem ser efetivadas através de um processo autônomo (SILVA, 2018), os clubes não substituem, mas complementam o processo educativo formal, funcionando como espaços de aprendizagem e desenvolvimento que se articulam às demais práticas escolares. Dessa forma, é essencial que a escola promova um equilíbrio entre as exigências acadêmicas e as atividades dos clubes, garantindo que a participação dos estudantes seja saudável, significativa e contribua efetivamente para o fortalecimento de sua autonomia e para a consolidação de seu protagonismo juvenil (SEDE – PERNAMBUCO, 2025).

A outra porcentagem, no entanto, traz a situação inversa desta que acabamos de discutir, o aumento da porcentagem daqueles que se posicionam com uma ação participativa independente, após refletirem sobre a junção das atividades dentro do contexto escolar, e os seus níveis de protagonismo nesse contexto, pode nos indicar que a intersecção das atividades dos clubes com as escolares, tem contribuído para o avanço da autonomia durante a efetivação das atividades propostas. Um outro indicador, desta afirmação, é o fato da porcentagem daqueles que afirmam estarem em um estágio de participação independente ser mais que o dobro daqueles que afirmam estar em um estágio de participação protagonista dependente.

Diante deste novo panorama podemos dizer que, para estes, a junção entre as atividades dos clubes de protagonismo juvenil e as práticas escolares obrigatórias atuam como um catalisador para o desenvolvimento da autonomia (SEDE – PERNAMBUCO, 2025). O crescimento da porcentagem de jovens que se percebem em estágio de participação independente, sugere que a vivência integrada favorece a autogestão e o protagonismo, ampliando a capacidade de decisão e de ação dos estudantes. Essa constatação reforça a ideia

de que experiências formativas diversificadas, quando bem articuladas, não apenas complementam a aprendizagem formal, mas também criam condições concretas para que os jovens assumam papéis ativos em seus contextos escolares e sociais (SATAMATO, 2008).

Por fim, a análise dos dados evidencia que a articulação entre as atividades escolares e as propostas dos clubes de protagonismo juvenil se apresenta como um caminho fértil para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo dos estudantes (SANTOS, 2020), ainda que não isento de desafios. A constatação de que a maioria percebe ganhos na participação efetiva, ao mesmo tempo em que parte dos jovens indica sinais de sobrecarga, reforça a necessidade de um acompanhamento atento por parte da escola. Cabe, portanto, às práticas pedagógicas garantir o equilíbrio, apoio e espaços de escuta, para que a experiência de integrar diferentes atividades mantenha seu caráter formativo e potencialize a formação integral dos jovens, fortalecendo-os como sujeitos críticos, autônomos e socialmente comprometidos (FREIRE, 1996).

5.4.4 Das Entrevistas: Vivências e Olhares Múltiplos: Como diferentes atores percebem os Clubes de Protagonismo Juvenil no Ensino Médio Integrado

Com a intenção de compreender ainda mais sobre a manutenção dos Clubes de Protagonismo Juvenil, bem como, o processo de participação que cada categoria da comunidade escolar tem com os mesmos, decidimos encerrar a coleta de dados, desta pesquisa, com uma série de entrevistas. As entrevistas nos darão a possibilidade de analisar o posicionamento, a opinião, o conhecimento teórico-prático e a relação dos entrevistados com o dia a dia das atividades propostas nos Clubes. Para tanto, e como mencionamos na metodologia, após a fase das observações, selecionamos um dos Professores da instituição e quatro Estudantes para participarem das entrevistas, juntamente com a gestora e a coordenadora pedagógica da escola. Cada categoria de entrevistados responderam a indagações exclusivas a sua categoria, tendo toda a liberdade para refletirem e se colocarem da maneira que lhes parecesse melhor. A intenção foi a de verificar como a atividade dos clubes é tratada, percebida e incentivada por cada categoria elencada. Iniciando as análises, decidimos começar pelas pessoas que, em teoria, se mantêm mais distantes das atividades dos clubes, no que diz respeito a prática em si, indo até aqueles que vivenciam esta atividade cotidianamente.

Primeiramente, decidimos entrevistar a Gestora da instituição. Iniciamos a entrevista explicando o contexto que fomenta o desenvolvimento da nossa pesquisa, para que, assim, ela

tomasse ciência das nossas intenções com a entrevista proposta. A primeira indagação efetuada à gestora, trata sobre os processos diários e os meios que a gestão oportuniza, aos estudantes, a fim de que a prática dos clubes tenha o potencial de ser executada em sua plenitude.

Quadro 1 – Entrevista com a gestora : Pergunta 1

Gestor(a)	
1-	Como a gestão tem trabalhado para oportunizar meios, sejam materiais ou até mesmo espaços, para que as atividades dos clubes de protagonismo ocorram em sua plenitude?
R-	É, bem, em relação à forma da gestão trabalhar, para que esses clubes venham a acontecer, nós contribuímos em tudo, né? Nós contribuímos doando espaço, disponibilizando espaço, disponibilizando materiais. Nós perguntamos para eles, eles vêm até nós, pergunta o que é, fala o que é que eles vão precisar. O que é que é necessário para que o clube venha a fluir. Então, nós contribuímos em tudo.

Fonte: O Pesquisador

Quando trazemos uma indagação de cunho objetivo sobre procedimentos cotidianos da instituição de ensino para manutenção dos clubes de protagonismo juvenil, à sua maior autoridade, o que se espera é que ela tenha, minimamente, uma argumentação amparada em um planejamento que prospecte possíveis necessidades de cada clube, pois assim como Lück (2009, p. 57) aponta, entendemos que “a gestão escolar democrática requer planejamento estratégico e ações articuladas que respondam às demandas formativas dos estudantes”. Porém, apesar da gestora demonstrar boa vontade em suas afirmações, as suas falas revelam certas fragilidades, principalmente, quando estamos tratando sobre a prática da gestão escolar voltada ao protagonismo juvenil.

Libâneo (2012, p. 114) vai afirmar que “o papel da gestão vai além da administração de recursos, exigindo a construção de um projeto político-pedagógico que valorize a participação dos sujeitos escolares”, assim sendo, esta falta de habilidade, ao tratar sobre o questionamento proferido, pode evidenciar uma atuação gerencial pouco estruturada, o que, resguardadas as proporções, pode comprometer o verdadeiro potencial formativo dos clubes.

A gestora, ainda, diz que "contribui em tudo", mas essa generalização enfraquece a sua resposta. Para que pudéssemos credibilizar sua fala, que foi um tanto generalista, seria necessário que ela trouxesse mais dados concretos, algo já efetivado na escola e, principalmente, deveria apresentar elementos, em seu discurso, que demonstrasse o planejamento estratégico da gestão, ao lidar com os estudantes nos clubes, assim como Arroyo

(2013, p. 79) adverte quando afirma que “a escuta ativa aos jovens é o primeiro passo para uma escola que respeita seus tempos, interesses e modos de viver e aprender”, pois assim se torna possível o desenvolvimento de uma escuta ativa, principalmente por que as demandas, como ela mesmo suscita, são trazidas pelos próprios estudantes.

Fica evidente que a resposta ofertada pela gestora, soa mais como um esforço para apresentar as possíveis ações da gestão ante as situações nos clubes de protagonismo, do que como uma demonstração do planejamento realizado pela gestão, para que se estabelecesse uma sistematização para lidar com as necessidades que as práticas dos clubes de protagonismo demandam. Nóvoa (2009, p. 35), afirma que “o gestor deve estar comprometido com a construção de uma cultura de participação e de diálogo, onde todos se sintam corresponsáveis pela escola”, é certo que a resposta da gestão apresenta um tom amigável e colaborativo, revelando a vontade de gerar possibilidades típicas aos clubes, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma superficialidade ao lidar com o assunto elencado pela questão, o que demonstra falta de profundidade, ou planejamento, sobre como a gestão realmente tem atuado para garantir que os clubes funcionem com autonomia a fim de proporcionarem um verdadeiro impacto formativo.

Assim como Silva(2018) reflete que a gestão que se põe como democrática requer o reconhecimento dos sujeitos escolares como autores e protagonistas do processo educativo, é necessário, ao gestor, a compreensão dos impactos da prática dos clubes na formação humana dos estudantes.

Sabemos que é papel do gestor se inteirar quanto as possibilidades formativas oportunizadas em cada clube (SILVA, 2018), e para que possamos nos aprofundar nesta seara, a questão seguinte sugere esta reflexão para a gestão, indagando, a mesma, sobre o processo de emancipação e desenvolvimento humano consequentes da atividades dos clubes.

Quadro 2 – Entrevista com a Gestora : Pergunta 2

Gestor(a)	
2-	A gestão acredita que os clubes de Protagonismo são ambientes de emancipação e de desenvolvimento humano? Se sim, explique o porquê.
R-	Sim, eu acredito. Acredito que esses clubes dão uma grande contribuição para que haja esse desenvolvimento humano, e, também, essa emancipação. Porque a partir Dali, eles trabalham de uma forma mais humanizada, eles veem mais a questão do outro.

Fonte: O Pesquisador.

A gestora demonstra uma percepção positiva em relação aos clubes de protagonismo juvenil, valorizando seus aspectos formadores e exaltando, de certa maneira, as atividades lá

desenvolvidas, no entanto, verificamos, também, que ela apresenta, ainda, uma visão superficial, ou pouco contextualizada, da complexidade do assunto suscitado na pergunta.

Esta superficialidade no discurso de gestores pode indicar uma ausência de compreensão crítica das finalidades educativas, especialmente quando estas finalidades estão fincadas na formação integral dos estudantes (GADOTTI, 2009) dos estudantes. É preciso compreender que “não basta estar convencido da importância de um aspecto da educação; é preciso que esse convencimento se traduza em ações concretas e coerentes” (PARO, 2001, p. 34), e no caso da gestora, ao responder sobre um quesito tão importante, como é a formação humana dos estudantes, deveria se traduzir em um maior aprofundamento, apresentando exemplos vividos na escola ou algo que explicasse, claramente, como tal formação pode ser desenvolvida através dos clubes.

Dizer que “eles trabalham de uma forma mais humanizada” ou que “veem mais a questão do outro” é um começo, pois demonstra uma certa percepção das consequências advindas das atividades vivenciadas nos clubes, porém, não podemos invalidar a falta de desenvolvimento conceitual ante um aspecto tão transversal, mesmo porque, a gestora afirma que acredita que os clubes de protagonismo geram emancipação e desenvolvimento humano, o que para Arroyo (2005, p. 69) é um perigo, pois, para ele “falar de emancipação exige um compromisso com a explicitação do que se entende por sujeito, por autonomia e por prática educativa libertadora”, assim, tal explicitação não pode se dar de maneira superficial.

Uma afirmação como essa só pode ser dada se houver um embasamento conceitual vigoroso, no entanto, vemos que ela não apresenta, em sua fala, nenhum indício formativo que evidencie um processo de emancipação ou de desenvolvimento humano. Apesar de apresentar uma boa visão sobre as atividades dos clubes, a ausência de um discurso educacional conceitualmente embasado revela o risco de transformar temas fundamentais da formação integral em meros slogans (CANDAU, 2011).

De todo modo, a resposta sinaliza uma boa intenção, uma perspectiva positiva ante as atividades desenvolvidas pelos clubes de protagonismo, mas, revela um entendimento raso e pouco articulado sobre os conceitos de emancipação e desenvolvimento humano na prática dos mesmos. Saviani (2007, p. 112) reflete que “a prática educativa emancipadora exige conhecimento das condições concretas nas quais vivem e aprendem os educandos”, assim sendo, se de fato a gestora crê que os clubes oportunizam tais desenvolvimentos, fatores como o fortalecimento da autonomia dos estudantes, o exercício da cidadania, a construção de identidades críticas e a aprendizagem colaborativa deveriam aparecer em sua fala.

A ausência de um relato mais acurado sobre a práxis dos clubes nos leva a deduzir que é necessário, à gestão, uma aproximação dos efeitos de causas e consequências das atividades dos clubes que estão sob sua fiscalização, se inteirando com profundidade sobre os clubes e suas reais implicações nas vidas dos jovens.

Aprofundando um pouco mais nas percepções e análises que a gestão tem sobre as atividades dos clubes de protagonismo juvenil, a próxima indagação busca compreender o nível de importância que é dado pela gestão aos procedimentos desenvolvidos pelos jovens nos clubes de protagonismo, levando em consideração que eles estão em uma ambiente de Ensino Médio Integrado ao técnico.

Quadro 3 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 3

Gestor(a)	
3-	A gestão considera importante existir um espaço como o do clube de protagonismo dentro de uma escola que trabalha o ensino médio propedêutico integrado ao técnico? Se sim, por quê?
R-	Bom, eu considero importante sim, uma vez que você contribua para que o aluno ele procure compreender como é que ele dá a vida, né? E outra coisa também, em relação ao ensino, aprendizagem, a gente vê que tem uma, assim, como é que eu posso falar, uma forma mais ampla e uma forma bem mais viável para que eles procurem a compreender as coisas. É muito importante que haja esses clubes dentro das escolas integrais e técnicas, porque elas, assim, dão... uma maior chance para que o aluno desenvolva suas habilidades.

Fonte: O pesquisador.

Vemos, de maneira clara, que a gestora tenta expressar o quanto considera valorosa as atividades desenvolvidas pelos Clubes de Protagonismo Juvenil, algo que consideramos ser muito positivo, pois “uma gestão que se propõe democrática precisa estar atenta às dimensões formativas dos espaços escolares, compreendendo-os em sua complexidade e potência transformadora” (CANDAU, 2011). Mesmo com uma percepção positiva sobre os clubes e suas atividades, a gestão, na pessoa da gestora, se perde no processo de concatenação das ideias, e isso acaba interferindo em sua argumentação, pois sua fala se mostra um pouco desorganizada, conceitualmente confusa e com pouca fundamentação, seja ela empírica ou teórica.

Entendemos que “a atuação do gestor escolar exige coerência entre discurso e ação, além de um repertório conceitual consistente para sustentar suas escolhas” (LUCK, 2000), e ideias, não estamos afirmando que a gestora, em questão, nega a importância das atividades desenvolvidas pelos clubes, porém, a falta de tato em relação aos conceitos que ela mesmo

defende depõem contra a sua fala, não a negando totalmente, mas gerando desconfiança da efetividade de suas afirmações.

A gestora desenvolve um argumento que apresenta a importância da existência dos clubes de protagonismo nos espaços escolares, porém, ao mesmo tempo, ela não consegue explicar, com clareza, nem profundidade, o porquê de tamanha significância. Tal realidade acende um alerta, pois, “quando o discurso institucional se distancia da prática reflexiva, corre-se o risco de gerar falas automatizadas e frágeis, que não sustentam o debate educacional com profundidade” (HELOANI, 2011), assim, a falta de aprofundamento, ao explicar a importância dos clubes, demonstra certa superficialidade aos relatos proferidos, o que acaba fragilizando a credibilidade das informações trazidas, mesmo que estas sejam totalmente verdadeiras.

Ela tenta evidenciar, ou explicar, seu pensamento, apresentando frases como “contribui para que o aluno ele procure compreender como é que ele dá a vida” e “uma forma mais ampla e viável para que eles procurem a compreender as coisas”, frases que, de certa maneira, demonstram uma tentativa de valorização através da produção de contextualizações generalistas e cotidianas, no entanto, a fala carrega um aspecto de afirmação vago e, até mesmo, confuso do ponto de vista semântico.

É importante frisar que não questionamos o caráter afetivo, e moral desempenhado pela gestora, mas o desenvolvimento conceitual sobre a significância dos clubes nos espaços escolares, até por que “a gestão escolar exige domínio de conceitos pedagógicos para que sua atuação ultrapasse o senso comum e se firme como prática crítica e transformadora” (HELOANI, 2011), assim sendo, percebemos que a argumentação da gestora, carece de certa coesão, clareza de ideias e um vocabulário técnico-pedagógico mais sólido.

Além disso, a gestora não relacionou, os clubes de protagonismo com os desafios e oportunidades específicos de um currículo integrado, que é justamente o cerne da pergunta efetuada. Ramos (2014, p. 23), afirma que “o ensino médio integrado exige uma visão ampliada e interdisciplinar da formação, que inclua dimensões humanas e sociais além da capacitação técnica”, diante disso, era esperado que a gestora apresentasse um entendimento contextualizado da prática dos clubes, apresentando a realidade local, por exemplo, mostrar como os clubes podem integrar a teoria com a prática, como eles podem desenvolver competências socioemocionais e profissionais, como poderiam estimular o pensamento crítico em relação à formação técnica ou como ofereceriam espaços de escolha e construção de autonomia em um modelo de ensino que, muitas vezes, se apresenta como sendo rígido e signatário da pedagogia tradicional com toques da tecnicista.

Por fim, é evidente que a gestora tem boa vontade quando apresenta seus pontos. Ao fim da fala, ela tenta concluir dizendo que os clubes "dão uma maior chance para que o aluno desenvolva suas habilidades", mas, mesmo apresentando um argumento coerente com a sua realidade, ela não relata como essas habilidades são desenvolvidas na prática.

Mesmo sem apresentar um aprofundamento sobre sua afirmação, percebemos que a intenção da gestora é a de defender o desenvolvimento das atividades dos clubes em um ambiente de educação integrada, pois, a sua fala, apresenta uma valorização dos clubes no que diz respeito ao desenvolvimento dos jovens, um ponto muito importante a ser frisado, pois se “a gestão escolar não reconhece os espaços não formais como locus legítimo de aprendizagem, tende a esvaziar o sentido das experiências juvenis dentro da escola” (DAYRELL, 2014, p. 91).

Porém, por mais que consigamos identificar aspectos positivos em sua fala, a resposta dada pela gestora revela que existe uma certa fragilidade conceitual, além de uma limitação sobre a compreensão da potência formativa dos clubes, no contexto da educação integrada. É preciso entender que “não basta reconhecer o valor das práticas juvenis; é preciso compreendê-las em sua densidade formadora” (ARROYO, 2013, p. 64), a falta de aprofundamento, neste quesito, merece uma certa atenção, pois, caso tal realidade se mantenha, pode dar vazão a certas interpretações de que falta uma devida articulação entre a gestão e os princípios pedagógicos que sustentam a proposta dos Clubes de Protagonismo Juvenil, o que não fragilizaria, apenas, a gestão, mas também a manutenção deste espaço não formal de educação.

A próxima questão vai adentrar na seara dos resultados percebidos pela gestão e os impactos desses resultados para o desenvolvimento dos jovens. Esse é um ponto crítico, pois, através dos resultados é que se torna possível a avaliação da prática dos clubes de protagonismo juvenil, e assim, a verificação de sua eficácia para o desenvolvimento formativo dos jovens.

Quadro 4 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 4

Gestor(a)	
4-	A gestão acompanha os resultados desenvolvidos pelos clubes? De acordo com a sua visão particular, são válidos? Valem o investimento? Trazem verdadeiramente alguma contribuição significativa na intenção de proporcionar uma melhor formação para nossos jovens?
R-	Sim, como gestora, eu acompanho o resultado que são desenvolvidos por esses clubes. E como exemplo, eu posso até citar um clube que nós temos na escola que usa muito o lado criativo do estudante. Posso citar também, o ano passado, um estudante que ele tem do espectro autista e esse estudante desenvolveu um livro sobre dinossauros, que foi uma coisa maravilhosa. Então, a partir daí, vemos que tudo é muito válido e que serve muito, que contribui muito para o desenvolvimento do adolescente do estudante. Se vale

o investimento, o investimento vale sim, porque a gente vê que todo o material que é da contribuição, que a gente tem para investir nesses estudantes, nesses clubes. Para que eles venham a desenvolver as suas potencialidades, é muito válido, porque a gente vê o resultado. Como eu falei, que realmente traz uma verdadeira contribuição, que é muito significativa. E como exemplo, eu continuo citando esse estudante que tem um aspecto autista e que ele desenvolveu muito. Inclusive, os professores estavam até pensando em lançar esse livro dele.

Fonte: O Pesquisador.

Em uma aproximação notória à realidade vivenciada nos clubes, a gestora apresenta em sua resposta uma atitude positiva caracterizada por um envolvimento mais contextualizado, onde traz à tona momentos experienciados por ela ao ter acesso as produções dos jovens nos clubes. Dayrell (2011, p. 88) destaca que “os jovens produzem sentidos próprios para suas experiências e devem ser reconhecidos como sujeitos ativos de sua formação”, seguindo este conceito, a gestora, pela primeira vez, apresenta um exemplo concreto e inspirador das experiências advindas nos clubes. Ela relata um pequeno testemunho sobre as contribuições de um estudante do espectro autista, que através do clube, que participava, pôde escrever um livro.

Trazer este fato, além de evidenciar resultados concretos dos clubes, onde “cada sujeito constrói sua própria identidade a partir das experiências vividas e dos espaços de expressão que lhe são oferecidos” (GADOTTI, 2009, p. 43), a gestora apresenta um novo aspecto dos clubes, agora se ligando ao eixo emocional desses espaços, isso trouxe mais autenticidade à sua fala, e clarificou, a partir do apresentado, que os clubes de protagonismo podem, sim, gerar impactos profundos na vida dos alunos, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de habilidades individuais.

Quando a gestora afirma que acompanha os resultados dos clubes e que considera válido o investimento empenhado, ela apresenta um ponto muito importante, uma vez que “a gestão democrática exige o envolvimento direto com as práticas educativas e com a escuta ativa das manifestações da comunidade escolar” (PARO, 2015, p. 62). Ao evidenciar seu interesse em pertencer ao contexto dos clubes, ela transmite comprometimento com os processos e reconhecimento do valor formativo desses espaços, além de validar, enquanto gestora, os resultados colhidos nos clubes de protagonismo até então.

Esta resposta, mostra uma aproximação do que se espera de um acompanhamento mais preciso das atividades propostas nos clubes. Esta aproximação proporciona um melhor desenvolvimento das atividades propostas condicionando, assim, a manutenção dos clubes. Tal posicionamento se caracteriza como uma iniciativa bastante positiva por parte da gestão,

trazendo benefícios tanto para a escola enquanto instituição, como para os estudantes como indivíduos (SILVA, 2018).

Acompanhar pedagogicamente significa ir além do controle administrativo, trata-se de estar presente, de interagir e de impulsionar os processos educativos em direção ao crescimento coletivo (LÜCK, 2000), a gestora não se mostra como que indiferente, mas se apresenta como que sensível, como alguém que se coloca disponível para analisar, reforçar, corrigir, e instigar as produções que decorreram dos encontros efetuados em cada clube.

Porém, apesar desse contexto mais humanizado e contextualizado, é necessário citar que percebemos que a resposta também apresenta algumas fragilidades. Paro (2001, p. 100), aponta que a gestão escolar deve se fundamentar em “instrumentos teóricos e metodológicos que permitam a análise crítica da realidade escolar e a proposição de ações transformadoras”, assim sendo, é preciso frisar que a fala da gestora não articulou conceitos pedagógicos, e mesmo tendo afirmado que acompanha as atividades dos clubes, ela não apresentou dados ou mecanismos de um acompanhamento mais sistemáticos.

Tal sistematização é apontada por Libâneo (2012), como primordial pois, para ele a prática da gestão escolar requer intencionalidade, sistematicidade e compromisso com os objetivos formativos da escola, diante disso, se a gestora apresentasse tais informações, demonstraria que a gestão desenvolve o acompanhamento dos resultados das atividades dos clubes de maneira sistemática e com um planejamento completamente estruturado.

Em resumo, verificamos que a resposta da gestora tem bons momentos e revela uma gestora bastante sensível, atenta e bem-intencionada, que reconhece a importância dos clubes de protagonismo e enxerga seu real impacto. Porém, ao mesmo tempo, ela poderia, trazer uma fala mais clara, amparada numa profundidade conceitual melhor construída, mesmo por que, o discurso pedagógico, quando sustentado apenas pela experiência e boa intenção, corre o risco de banalizar a complexidade dos processos educativos (GADOTTI, 2000) e isso certamente não contribui para a efetividade das atividades dos clubes, muito menos para que os mesmos gerem verdadeiro impacto nas vidas daqueles que deles participam.

Prosseguindo com a entrevista, é importante analisarmos o posicionamento da gestão e o processo de fiscalização, ou acompanhamento das atividades, desenvolvidas pelos jovens, nos referidos clubes. Notamos, na fase das observações, que a gestora se mostrou muito solícita e atuante no que se refere as atividades desenvolvidas pelos clubes, no entanto, precisamos aprofundar mais sobre a relação existente entre a gestão e as atividades dos clubes de protagonismo juvenil. O próximo questionamento tem o potencial para conceder uma perspectiva mais abrangente sobre esta relação em seus desdobramentos práticos.

Quadro 5 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 5

Gestor(a)	
5-	Sabendo que esta atividade é uma atividade sistematicamente pedagógica e que não é dirigida por professores, no entanto, necessita de supervisão, como a gestão tem agido para que seu fim não seja meramente recreativo, mas que se torne um ambiente de aprendizagem significativo?
R-	Bom, em relação a essas atividades, para que ela não seja meramente recreativa, quem fica mais responsável por essa parte são os padrinhos dos clubes. Os estudantes o procuram, são desenvolvidas essas atividades, e ele sempre está de dentro de tudo que vai acontecer. Ele sempre está sabendo de tudo que vai acontecer, inclusive ele não chega a dar sugestões, mas ele orienta.

Fonte: O pesquisador.

Inicialmente, a gestora afirmou que, quanto ao processo de supervisão, "quem fica mais responsável por essa parte são os padrinhos dos clubes", e que "ele sempre está sabendo de tudo que vai acontecer", isso revela uma certa delegação, ou terceirização, da supervisão a um terceiro elemento, apesar de ser extremamente válido, o compartilhamento de responsabilidades deve ser feito sem que haja um distanciamento do fato, assim como preconiza Paro (2001, p. 113), quando afirma que “a direção da escola não pode se eximir de suas funções pedagógicas, relegando-as a figuras intermediárias” pois isso pode transformar a gestão escolar em uma mera “gestora de rotinas administrativas”.

É importante atentar para o que Paro (2001) afirma, pois ao elencar os responsáveis pelo acompanhamento das atividades, a gestora não traz nenhuma explicação, nem do papel prático, daquele que foi escolhido como que responsável, nem do real papel que a gestão tem no processo de controle e acompanhamento pedagógico.

A gestora se apresenta como figura secundária no acompanhamento dos clubes, e deixou claro que a responsabilidade da supervisão é desempenhada, quase que exclusivamente, pelos “padrinhos”. Essa postura pode ser interpretada como uma terceirização da função gestora, o que pode levantar questionamentos sobre a efetividade de sua liderança pedagógica tendo em vista que “a liderança educacional é o exercício da função de influenciar pessoas no contexto da escola” (LÜCK, 2009, p. 31), e ao passo que ela se distancia dos agentes das atividades dos clubes, tal influencia não tem como ser efetivada, nas atividades dali provenientes.

É verdade, também, que o fato dela colocar os padrinhos como responsáveis, quase que exclusivos, do acompanhamento das atividades dos clubes pode significar a delegação de

tarefas a fim de democratizar os processos internos do ambiente escolar. Em contrapartida, é preciso entender que delegar não é abdicar; é distribuir responsabilidades com critérios e acompanhamento sistemático, assegurando a coesão das ações pedagógicas (SILVA, 2024), algo que não fica evidenciado durante a sustentação feita pela administradora escolar, pois ela não se aprofundou, nem no sentido prático do acompanhamento feito no dia a dia, nem no sentido conceitual das práticas dos clubes, gerando assim lacunas sobre o processo de acompanhamento pedagógico que é realizado nos clubes.

Apesar de uma aparente omissão, em um outro momento, a gestora ressalta que o padrinho de cada clube “ele não chega a dar sugestões, mas ele orienta” sugerindo, assim, um processo supervisionado com acompanhamento direto, onde, de certa maneira os padrinhos são orientados, por ela, para não intervirem demasiadamente, mas ajudarem no processo de construção que é efetivado pelos jovens nos clubes.

Tal posicionamento se ancora no pensamento de Freire quando defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25). É interessante verificar que, para a gestora, a supervisão deve ocorrer de maneira delicada ou passiva, com o intuito de não influenciar diretamente nas decisões dos estudantes, mas auxiliá-los se preciso for.

Tal afirmação, evidencia o respeito, que a gestão tem, para com a autonomia dos estudantes, pois coloca o processo desenvolvido pelos jovens acima da opinião particular de algum orientador, oportunizando o aprendizado não só em acertos, mas também, nos erros fazendo coro ao entendimento de que a autonomia não se constrói apenas nas vitórias, a autonomia se constrói na experiência, nas tentativas e nos equívocos (FREIRE, 1985).

Em resumo, temos que embora a gestora tenha reconhecido a necessidade do acompanhamento nas atividades dos clubes de protagonismo juvenil, ao delegar responsáveis para esta ação. No entanto, a forma como ela se coloca demonstra uma compreensão superficial do papel formativo dos clubes, algo que não deveria ocorrer, pois, “a gestão escolar deve estar comprometida com os processos de ensino e aprendizagem, atuando como articuladora das práticas pedagógicas” (LIBÂNEO, 2013, p. 144), o fato de haver um distanciamento da ação gestora, no processo de acompanhamento das atividades dos clubes, acaba depreciando esta atividade, uma vez que contraria o intuito institucional dos clubes, que é o de gerar a valorização da aprendizagem significativa através de um espaço pensado e monitorado de maneira sistemática e intencional (SANTOS, 2020).

Além disso, é possível verificar a fragilidade no discurso da gestora quanto à apropriação crítica e pedagógica da proposta dos clubes de protagonismo juvenil. Tal fato pode

comprometer sua efetividade como instrumento de protagonismo estudantil, pois, a gestão escolar, além das questões administrativas, “tem o dever de ser propositiva, articuladora e pedagógica, com vistas a criar condições para que a escola cumpra sua função social” (LIBÂNEO, 2013, p. 39).

Por mais que os estudantes vivam e desenvolvam as atividades dos clubes de maneira autônoma, eles necessitam de uma direção que esteja muito bem fundamentada em princípios e valores pedagógicos (SILVA, 2018), próprios para a atividade dos clubes de protagonismo juvenil. A Inabilidade quanto aos conceitos, e a práxis dos clubes, podem inviabilizar a atividade e interferir, diretamente, naquilo que se busca em uma escola que pratica o ensino integrado, ou seja, a formação integral dos indivíduos que fazem parte dela.

Com a mesma preocupação sobre os processos que condicionam a formação integral dos estudantes, a última pergunta efetuada para a gestora vem identificar qual o posicionamento que ela tem quando falamos em formação integral e atividades que direcionam ou, minimamente, oportunizam sua efetivação.

Quadro 6 – Entrevista com a Gestora: Pergunta 6

Gestor(a)	
6-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão incluídos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experenciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	Sim, eu acredito que tais momentos podem, sim, abrir novos horizontes, abrir um leque para a formação do estudante. Uma vez que, aqui, ele está colocando os seus dons, as suas habilidades, e isso tudo vai contribuir para que ele venha a ser um sujeito idealizador e que pode realmente expandir todo esse conhecimento que ele adquiriu, tanto através das tecnologias, do profissional, das ciências, das espiritualidades, da cultura e das artes, inclusive de suas aptidões.

Fonte: O Pesquisador.

A resposta dada pela gestora evidencia uma postura afirmativa sobre o fato dos clubes de protagonismo serem espaços que oportunizam atividades e processos intencionados a formar integralmente os estudantes. Ela deixa claro que os clubes são potencializadores da formação integral daqueles que deles participam. A gestora utiliza expressões como “abrir novos horizontes”, “leque para a formação” e “expandir todo esse conhecimento”, para reconhecer os impactos possíveis que esses espaços oportunizam aos estudantes, algo que é muito positivo, pois, “o protagonismo juvenil, quando reconhecido pela escola, tem a capacidade de afirmar a

identidade e a potência dos jovens na construção de seus projetos de vida” (ARROYO, 2012, p. 186).

A gestora reconhece que os clubes permitem que os estudantes expressem seus “dons e habilidades”, e ela associa essas expressões à formação do “sujeito idealizador”. Tal posicionamento aponta para uma compreensão, ainda que superficial, de que a formação integral vai além dos conteúdos acadêmicos tradicionais e se conecta ao desenvolvimento humano em múltiplas dimensões assim como Freire(1996) defende, e que está totalmente alinhado com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que diz que “a formação humana integral requer o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais, éticas, estéticas e culturais” (BRASIL, 2018, p. 10) ultrapassando, assim, os limites frígidos impostos por um conteudismo isolado.

Ela menciona, explicitamente, elementos como tecnologias, ciências, profissionalização, artes, espiritualidade e cultura, temas que coincidem com os eixos da formação integral propostos nas políticas públicas educacionais brasileiras, bem como com o pensamento de Libâneo (2012, p. 30), quando afirma que “a formação integral compreende a articulação entre os aspectos intelectuais, afetivos, sociais, culturais e éticos do educando”.

Isso demonstra uma tentativa de alinhar o discurso, proposto por ela, com a concepção multidimensional do ser humano, demonstrando, assim que ela, enquanto gestora, busca fomentar o desenvolvimento de “uma escola que compreenda os sujeitos como seres históricos, culturais, emocionais e racionais, cuja educação ultrapassa o mero acúmulo de conhecimentos técnicos” (RAMOS, 2014).

Entretanto, percebemos que o seu posicionamento, seja em relação aos clubes enquanto espaços de fomento a formação integral ou a formação integral em si, demonstra uma opinião subjetiva e particular, que não é algo ruim, mas que se limita unicamente a sua percepção enquanto indivíduo, sem, necessariamente, levar em consideração aspectos de cunho técnico ou pedagógico.

Não basta dizer que se valoriza a formação dos alunos; é preciso mostrar como, por que meios e com quais finalidades isso se concretiza no cotidiano escolar (SILVA, 2018), assim, o reconhecimento dos clubes enquanto potencial meio de desenvolvimento humano é algo positivo, porém, é preciso abordar, tal assunto, através de uma discussão mais aprofundada que tenha a capacidade de sustentar o argumento suscitado.

De maneira geral, podemos afirmar que a fala da gestora revela uma visão que, apesar de genérica, se mostra sensível ao potencial que os clubes de protagonismo juvenil tem para o desenvolvimento da formação integral dos estudantes. A gestora sinaliza, em sua fala, que está

aberta para a inovação e para processos educativos menos tradicionais e mais significativos, algo que Freire (1996) discute só ser possível através do desenvolvimento de práticas que valorizem a autonomia, a escuta e o reconhecimento dos educandos como sujeitos de direitos e saberes.

Assim, entendemos que a gestão escolar deve procurar sempre estar disposta a evoluir de uma postura meramente reconhecedora, do valor dos clubes de protagonismo juvenil, para uma atuação mais planejada, sistemática e intencional nesses espaços. É necessário que se atinja um patamar que possibilite a efetivação das ações dos clubes, pois, não basta à gestão reconhecer a importância de práticas inovadoras; é preciso que ela assuma um compromisso efetivo com elas (PARO, 2010), não como que para se cumprir uma tabela institucional, mas sim para que a formação integral não seja, apenas, um conceito, mas parte da realidade de cada estudante que decidiu experienciar o clube de protagonismo juvenil.

Dando continuidade as entrevistas, passaremos agora a fase das entrevistas destinada a compreender o nível de participação da coordenação pedagógica da escola em relação as atividades dos clubes de protagonismo juvenil. Com esta primeira pergunta, intencionamos identificar o suporte institucional e pedagógico que é oferecido aos jovens na introdução desta atividade diante da rotina escolar dos estudantes.

Quadro 7 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 1

Coordenador(a)	
1-	Como a coordenação pedagógica dá o suporte introdutório para que os jovens e adolescentes possam iniciar as atividades dos clubes?
R-	A gente organiza junto com os alunos protagonistas para a gente criar um cardápio daqueles clubes que eles acham que se identificam como uma escola, e a gente faz esse feirão para que os alunos possam escolher que clubes eles se identificam.

Fonte: O Pesquisador.

A partir do que verificamos na resposta da coordenadora, vemos que a ação introdutória das atividades dos clubes acontecem através de uma responsabilidade compartilhada entre estudantes e escola, sendo esta representada pela coordenação pedagógica local. Sabemos que o protagonismo exige que o jovem participe de forma ativa das decisões, desde a formulação até a execução das propostas (SILVA, 2009), e é o que vemos sendo efetivado segundo o discurso da coordenadora.

Vemos que a coordenação pedagógica atua junto aos alunos protagonistas na organização inicial dos clubes, por meio da criação de um “cardápio” de opções, onde podem trazer ideias, opções de clubes, atividades propostas pelos estudantes, além disso existe a realização de um “feirão”, que se apresenta como um momento para exposição das ideias e seleção do clube no qual os estudantes pretendem participar (SILVA, 2018).

A coordenadora destaca que a construção do “cardápio” de clubes é feita “junto com os alunos protagonistas”, esse fato indica uma prática de escuta ativa, gerando, assim, a valorização da voz dos jovens no processo de planejamento, algo que Dayrell (2007, p. 123) já destacava ao ponderar que “não se trata apenas de ouvir os jovens, mas de criar condições para que suas falas tenham efeitos no processo educativo”.

Dessa forma, o envolvimento dos estudantes desde as etapas iniciais dos clubes de protagonismo reforça a concepção Freireana de educação como prática dialógica e democrática, em que o educador, aqui representado pela coordenação pedagógica, atua como mediador e não como detentor absoluto do saber (FREIRE, 1996).

A realização de um “feirão”, onde os alunos podem escolher os clubes com os quais se identificam, se apresenta como uma ação estratégica de cunho pedagógico que visa a mobilização e o senso de pertencimento, que, dentro da perspectiva dos clubes, é algo de extrema importância, uma vez que “o pertencimento é uma das bases da formação dos sujeitos; é condição para que os estudantes se reconheçam como parte ativa da escola” (ARROYO, 2013, p. 69).

Essa atividade, embora descrita de forma simplificada, sugere uma tentativa de tornar a escolha dos clubes, um processo de livre escolha, acessível e atraente para os estudantes, critérios importantíssimos, pois, segundo Freire (1996, p. 68), “é na prática da liberdade que o educando se engaja na realidade, transformando-a”. Mesmo que a resposta nos intua a boas perspectivas do ponto de vista da atuação da coordenação pedagógica, no processo de iniciação das atividades dos clubes, notamos que alguns pontos precisam ser sublinhados.

Como nos alerta Freire (1996, p. 124), “não há prática educativa sem conteúdo, sem método, sem objetivos, sem reflexão crítica” no entanto, não identificamos, nenhuma explanação, mais abrangente, sobre o processo de planejamento pedagógico por parte da coordenação, algo extremamente necessário para que seja possível o direcionamento das ações introdutórias dos clubes. Não identificamos, também, nenhuma citação, mais acurada, sobre o acompanhamento institucional do processo formativo da proposta dos clubes juvenis, pontos que, a nosso ver, deveriam estar melhor explicitados, tendo em vista que o acompanhamento

sistemático é fundamental para a efetivação das ações pedagógicas e para a formação integral dos estudantes (LIBÂNEO, 2013).

Outro ponto que não se evidenciou foi como o processo de mediação intencional acontece nesse momento introdutório. Sabendo que a “mediação no contexto educacional deve ir além da simples facilitação, promovendo o engajamento crítico e o protagonismo efetivo do aluno”(IMBERNÓN, 2022), e por estarmos tratando sobre as primeiras ações dos jovens em relação aos clubes, sendo, este, um dos momentos mais críticos para eles, tais informações deveriam estar melhor evidenciadas, apresentando, de maneira sistemática, um processo estruturado de mediação que favorecesse, desde o início, não só o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, mas também a reflexão crítica dos mesmos (IMBERNÓN, 2022).

Temos, portanto, uma coordenação pedagógica que, certamente, está comprometida com o incentivo à participação estudantil na atividade dos clubes juvenis. Em contrapartida, no que se refere a mediação, ela ainda atua, mais de maneira empírica, do que a partir da sistematização dos processos.

É importante salientar que a mediação feita pela coordenação pedagógica “deve ser pensada como um processo consciente, planejado e orientado por objetivos educativos, e não como uma prática espontânea ou apenas reativa” (VASCONCELOS, 2013, p. 102), portanto, se faz necessário o desenvolvimento de uma estrutura para que os direcionamentos dados aos jovens, principalmente no primeiro momento, sejam feitas com um respaldo metodológico e clareza de sentido.

Fica evidente que o suporte introdutório é oferecido aos estudantes por parte de sua coordenação pedagógica, mas está mais relacionado à logística e à motivação do que a uma intervenção pedagógica intencional e estruturada. Pelizzari (2003), se contrapõe a este tipo de posicionamento refletindo que a ação pedagógica não deve se limitar a garantir a realização de tarefas, mas deve buscar à construção de sentidos em aprendizagens significativas.

Tal situação pode demonstrar tanto uma fragilidade, pois o acompanhamento pedagógico deve ultrapassar as demandas instrucionais, quanto uma potencialidade progressiva, pois evidencia, especialmente para a coordenação pedagógica, um caminho aberto para um potencial fortalecimento do papel pedagógico da coordenação no desenvolvimento pleno dos clubes de protagonismo juvenil, é necessário, no entanto, que compreenda sua prática para além da burocracia, assumindo uma função formadora (SÁ, 2019).

A próxima questão traz como foco o processo de controle das ações desenvolvidas pelos jovens durante as atividades dos clubes de protagonismo.

Quadro 8 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 2

Coordenador(a)	
2-	Como são administrados os níveis de controle das ações dos adolescentes nos clubes?
R-	Através dos presidentes dos clubes, eles fazem esse levantamento de frequência, de atividades que são realizadas no clube, e depois eles fazem um levantamento e passam para a gestão, a gestora principal da escola, que é quem faz esses acompanhamentos nos clubes.

Fonte: O Pesquisador.

Inicialmente podemos perceber que, segundo a coordenadora, o controle das ações nos clubes é feito pelos presidentes dos clubes, ou seja estudantes que receberam a incumbência de representar o clube em reuniões, direcionar ações, entre outras funções. Eles registram a frequência dos participantes e as atividades realizadas. Esses dados são, depois, encaminhados à gestora principal, que realiza o acompanhamento.

Sabemos que “a coordenação pedagógica deve ser presença ativa nos processos de ensino e aprendizagem, colaborando para que as ações desenvolvidas na escola tenham intencionalidade formativa” (PLACCO, 2006, p. 23), no entanto, a coordenadora, curiosamente, não se inclui nesse fluxo de controle, algo que é preocupante, pois, uma vez que, por se tratar das ações dos clubes, a articulação pedagógica, desenvolvida pela coordenação, seria de extrema importância, principalmente por que “a função do coordenador não é apenas técnica ou administrativa, mas política e pedagógica, articulando projetos com base em princípios formativos”, assim sendo, a ausência desta ação depõe contra a efetividade das ações nos clubes e pode gerar certa desconfiança quanto ao valor pedagógico dos mesmos.

Como citado anteriormente, a coordenadora aponta que o monitoramento inicial é feito pelos próprios alunos, na figura dos presidentes de clubes. Isso indica que existe uma intenção de gerar empoderamento e desenvolvimento de autonomia através do protagonismo, o que implica em “oferecer aos jovens espaços de participação real, onde possam exercitar a autonomia, a responsabilidade e a capacidade de transformar o meio em que vivem.” (COSTA, 2000, p. 24) estando, assim, em consonância com os princípios do protagonismo juvenil.

No entanto, a fala da coordenadora não explica, ou descreve, se existem critérios claros, ou alguma formação ou acompanhamento para que esses alunos possam exercer esse papel, uma vez que o processo de monitoramento demanda muita responsabilidade e coerência do ponto de vista pedagógico. Assim como Libâneo (2012) destaca, as atividades pedagógicas sem fundamentos teóricos e sem orientação podem se transformar em práticas espontaneístas, pouco eficazes para o desenvolvimento formativo dos estudantes, assim, a ausência de uma simples

menção a qualquer tipo de mediação ou orientação específica, aos estudantes, pode condicionar a inferência de que o monitoramento dos clubes, é feito de maneira demasiadamente fluida e sem muita preocupação com os princípios pedagógicos, levando em consideração, apenas, as percepções pessoais dos jovens protagonistas que receberam a incumbência de presidir o clube dos quais participam.

O momento em que a coordenadora fala que os estudantes “passam para a gestora principal da escola, que é quem faz esses acompanhamentos” indica que o ciclo de controle se encerra com a direção da escola. Isso aponta para uma prática centralizadora, em que a gestão superior assume o papel de monitoramento.

Do ponto de vista da prática do dia a dia escolar, essa centralização torna o monitoramento dos clubes um processo engessado e quase que inexecutável, principalmente por que, a centralização das ações efetivadas no ambiente escolar “enfraquece a responsabilização e reduz as possibilidades de construção coletiva do projeto pedagógico” (LÜCK, 2009, p. 73) comprometendo, não, apenas, as ações dos clubes, mas principalmente a efetividade da formação que é efetivada nestes ambientes educativos.

Além disso, o fato de haver um centralismo em torno do acompanhamento dos clubes, por parte da gestão, não auxilia no manejo das atividades enquanto ações colaborativas, pois contradiz a ideia de um trabalho em rede, ou seja, um trabalho onde os setores da escola desenvolvem as ações de maneira interligada.

“O trabalho pedagógico deve ocorrer de forma colegiada e integrada, em que a coordenação e a direção compartilham responsabilidades visando à unidade da ação educativa”(LINO, 2021), algo que, aparentemente, não se efetiva no processo de acompanhamento das atividades dos clubes, pois, se assim o fosse, a coordenação, na pessoa da coordenadora escolar, também deveria ser agente ativa no processo de acompanhamento pedagógico da atividade dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

A fala da coordenadora evidencia uma estrutura de controle baseada em certos níveis hierárquicos condicionados a alguns processos de colaboração entre estudantes e a gestão principal. A coordenação pedagógica, que segundo Placco (2006, p. 115) “tem como função precípua provocar, mediar, articular e acompanhar o trabalho pedagógico coletivo” não aparece como agente ativo nesse processo e nem tem nenhuma relevância evidenciada em nenhum momento da fala apresentada. Sabemos que a ausência de mediação pedagógica qualificada pode fazer com que práticas potencialmente transformadoras se percam em ações dispersas e sem alinhamento educacional (PLACCO, 2008), tal situação deve ser evitada no processo de acompanhamento das atividades dos clubes, pois, não basta reconhecer a importância de um

acompanhamento que vise a mediação dos processos, é preciso que tal acompanhamento se efetive, saindo do campo meramente ideológico, para o desenvolvimento de práticas consistentes.

Placco (2006, p. 32), vem contribuir com a ponderação de que “a coordenação pedagógica é corresponsável pela organização do trabalho coletivo e pela criação de condições para o desenvolvimento de práticas intencionais de formação”, sabendo disso, e diante do contexto apresentado pela fala da coordenadora, entendemos ser prudente a retomada do papel de agente articulador, por parte da coordenação pedagógica local, uma vez que “o coordenador pedagógico precisa agir como mediador entre as políticas educacionais e a prática cotidiana da escola, promovendo espaços de reflexão e ação intencional” (IMBERNÓN, 2022), através de um posicionamento claro e ativo no processo de acompanhamento, orientação e integração das atividades dos clubes de protagonismo juvenil dentro do contexto escolar.

Seguindo com a entrevista, o próximo questionamento buscou compreender de que forma a coordenação da escola tem acompanhado, apoiado e orientado as ações desenvolvidas pelos clubes de protagonismo juvenil. Se faz necessário entender os mecanismos de diálogo, monitoramento e avaliação, que são utilizados pela coordenação para verificar se os clubes estão alinhados com os objetivos pedagógicos da escola e se promovem, de fato, o engajamento dos estudantes de maneira autônoma, responsável e produtiva.

Quadro 9 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 3

Coordenador(a)	
3-	Como a coordenação interage com os clubes de protagonismo para realizar as cobranças necessárias, do que diz respeito as atividades e resultados dos clubes em questão?
R-	- A gente faz o acompanhamento, aqui a gente tem um hábito de fazer geralmente quinzenal, até porque eles pedem materiais para poder utilizar nos clubes. E a gente vai fazendo esses levantamentos de atividades que são realizadas para ver se, através desse feedback que eles dão, se está sendo positivo.

Fonte: O Pesquisador.

A resposta da coordenadora apresenta aspectos importantes sobre a organização da rotina escolar, a relação de uma gestão intermediária que foi estabelecida com os clubes e as nuances da visão pedagógica concebida por ela e, segundo suas palavras, vivenciada na prática durante o acompanhamento das atividades propostas pelos clubes de protagonismo juvenil.

Diferentemente do que constatamos na resposta anterior da coordenadora, nesta, podemos notar, de maneira clara, que ela evidencia um acompanhamento desenvolvido de maneira regular pela coordenação, vemos isso quando ela menciona que o acompanhamento é feito “geralmente quinzenalmente”.

Este fato denota uma estratégia que visa conduzir uma certa sistematização de processos, algo que, de fato é necessário, pois, o acompanhamento sistemático das ações escolares é essencial para que se estabeleça um processo de reflexão contínua e reorientação das práticas pedagógicas (MOURA, 2025) assim, um acompanhamento mais próximo dos clubes é, além de positivo, necessário para efetivação de uma atividade que visa a produção do protagonismo juvenil.

Nesse mesmo sentido, o monitoramento pedagógico contínuo é uma condição indispensável para que projetos protagonizados por estudantes não se tornem apenas atividades extracurriculares, se efetivando como parte da construção da identidade escolar (SILVA, 2024).

Silva (2024) contribui com este entendimento ao salientar que a presença institucional junto aos projetos desenvolvidos pelos estudantes é o que confere legitimidade e sustento pedagógico às práticas que buscam desenvolver a autonomia e o protagonismo, dessa forma, ao estabelecer uma rotina de visitas e escutas nos clubes, a coordenadora desenvolve um movimento institucional que reconhece os clubes como espaços que demandam atenção em suas questões pedagógicas, não limitando-os a meras atividades periféricas ou ocasionais.

Outro ponto relevante da fala da coordenadora é o uso do “feedback” dos alunos como critério de aferição do valor das atividades. Embora o feedback seja uma ferramenta legítima e importantíssima dentro de uma abordagem participativa, a ausência de algum tipo de devolutiva estruturada, por parte da coordenação, aponta para uma avaliação desenvolvida de maneira intuitiva ou subjetiva, ou seja, pouco sistematizada.

Como alerta Perrenoud (1999, p. 92), “sem instrumentos de regulação e devolução crítica, a avaliação tende a tornar-se um ritual vazio, incapaz de transformar a prática”, ou seja, sem o feedback que seja bilateral, as atividades dos clubes podem se tornar meras reuniões recreativas, algo que não condiz com o seu objetivo inicial, e assim sendo, a qualidade das intervenções pedagógicas, que poderiam ser feitas a partir dos resultados dessa construção mútua, ficam comprometidas.

É notório que, embora a fala da coordenadora revele boa vontade institucional, esforço pessoal e certa aproximação com os clubes de protagonismo, ainda há um grande potencial a ser explorado por parte da coordenação pedagógica. Primeiramente se faz necessário

desmistificar um possível entendimento equivocado que pode ser suscitado sobre os clubes de protagonismo juvenil, que é o fator autonomia juvenil.

Para Silva (2009), os espaços de protagonismo juvenil demandam acompanhamento pedagógico sensível, que respeite a iniciativa dos jovens sem abrir mão da intencionalidade formativa, e seguindo o mesmo pensamento Dayrell (2007, p. 121) vem afirmar que “a autonomia juvenil não é sinônimo de ausência de mediação adulta, mas pressupõe adultos que saibam escutar, dialogar e negociar com os jovens”.

Portanto, autonomia não define ausência de intervenção, assim, o fato de todas as atividades desenvolvidas nos clubes de protagonismo serem efetivadas pelos jovens, ou seja, sem intervenções diretas de professores, coordenadores ou gestão, não caracteriza que, tais atividades, devam ser desenvolvidas sem nenhum direcionamento ofertado por estes profissionais.

Gohn (2011, p. 54) estabelece que “os espaços educativos não formais, como os clubes juvenis, exigem sistematização e propósito claro, para que não se convertam em atividades meramente recreativas ou desarticuladas do projeto educativo”, dessa forma, entendemos que as atividades dos clubes devem continuar sendo propostas e desenvolvidas pelos jovens, no entanto, elas devem ser qualificadas, para que haja, de fato, aprendizagens com significado.

Tais ações devem ser sistematizadas, para facilitar a manutenção dos clubes e sua longevidade dentro da instituição, assim como, também, devem ser fundamentadas em princípios pedagógicos robustos, para que possam contribuir, intencionalmente, com o desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, os clubes terão a possibilidade de transformar uma ação educativa em processo formador, sendo essencial para que a aprendizagem transcenda a espontaneidade e alcance a criticidade que desejamos encontrar na geração que esta sendo formada (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024).

Prosseguimos com a entrevista, a próxima questão direcionada a coordenadora escolar tem o intuito de compreender quais estratégias são adotadas para se garantir que as iniciativas propostas nos clubes, mesmo sem a condução direta de professores, estejam orientadas por princípios educativos, que promovam o protagonismo juvenil, sem que se distanciem dos objetivos formativos da escola. Este questionamento também tem o potencial de nos conceder material para identificarmos se a supervisão realizada, é desenvolvida de forma a respeitar a autonomia dos jovens, sem perder de vista o caráter formativo que pode ser efetivado nos clubes de protagonismo juvenil, ou se ela é efetivada de alguma outra maneira.

Coordenador(a)	
4-	Sabendo que esta atividade é uma atividade sistematicamente pedagógica e que não é dirigida por professores, no entanto, necessita de supervisão, como a coordenação age para que seu fim não seja meramente recreativo, mas que se torne um ambiente de aprendizagem significativa?
R-	- Acompanhamos de forma bem periódica mesmo, até para não perder o foco do que é o clube, de protagonismo na escola. Ele tem que dar um resultado de conhecimento também, não é só uma questão prática de descanso ou de coisas desse tipo. Então a gente faz esse acompanhamento para ver como o clube do Enem, outros clubes de reforço que a gente tem, o que está sendo positivo para a escola e para os estudantes que neles estão participando.

Fonte: O pesquisador.

A resposta da coordenadora apresenta alguns pontos importantes em sua fala, por exemplo, inicialmente, observamos que a coordenadora apresentou uma preocupação legítima com a manutenção da intencionalidade pedagógica dos clubes. Libâneo (2013, p. 107) também se preocupava com a intencionalidade pedagógica das ações escolares, ele trata do assunto afirmando que “a coordenação pedagógica precisa estar atenta às práticas escolares que envolvem a formação dos alunos, garantindo que as atividades estejam articuladas com os objetivos educacionais da escola”.

Assim, quando a coordenadora faz menção à realização de um acompanhamento “bem periódico” das atividades dos clubes, ela apresenta um esforço para a efetivação de um monitoramento mais ativo que possibilite uma aproximação com os clubes e que condicione intervenções mais precisas, a fim de potencializar a capacidade formativa dos espaços educativos dos clubes de protagonismo.

Ela ainda afirma, categoricamente, que o clube “não é só uma questão prática de descanso ou de coisas desse tipo”, ela evidencia que os clubes não se limitam a um momento recreativo, mas que o clube possui uma função formativa. Seguindo o mesmo pensamento da coordenadora, entendemos que os espaços não formais de aprendizagem exigem intencionalidade pedagógica, para que não se confundam com meras práticas recreativas, ou seja, sem intencionalidade formativa (JACOBUCCI, 2008), essencialmente por que “as práticas educativas não estão isentas de intencionalidade, mesmo quando ocorrem em espaços alternativos à sala de aula” (TARDIF, 2014, p. 40). Assim, a observação, destacada pela coordenadora, demarca a necessária diferenciação, que deve ser feita nos clubes, entre lazer e

aprendizagem, algo que é extremamente importante quando estamos tratando sobre práticas educativas não dirigidas por professores como é o caso dos clubes em questão.

A coordenadora apresentou preocupação com o sentido pedagógico dos clubes, vemos isso quando ela fala “para não perder o foco do que é o clube, de protagonismo na escola”. Essa fala torna claro o seu posicionamento, pois reconhece o protagonismo juvenil como um caminho que é precedido por um direcionamento e um propósito pedagógico, ou seja, ela faz coro ao entendimento de que o protagonismo juvenil não deve ser confundido com o simples fazer por fazer, mas implica planejamento, reflexão e ação com intencionalidade educativa (COSTA, 2000).

Portanto, a fala da coordenadora, sobre a efetivação de um direcionamento pedagógico adequado, mais que pontua um cuidado para com os clubes, evidencia uma necessidade que oportuniza o caráter formativo implicado aos mesmos. Nas entrelinhas, podemos dizer que ela entende que, sem uma orientação adequada, o clube pode perder sua função educativa e cair no terreno do entretenimento descompromissado, algo que desvincularia os clubes de seu objetivo principal.

Nesse contexto, vemos que “o desafio da escola está em transformar as experiências juvenis em práticas pedagógicas que contribuam para a formação cidadã” (DAYRELL, 2007, p. 121) dos estudantes, e de certa maneira, a consciência apresentada pela coordenadora mostra que ela possui certa clareza conceitual sobre o papel que os clubes de protagonismo juvenil tem para a proposta de formação integral dos estudantes.

Em relação aos resultados esperados das aprendizagens desenvolvidas nos clubes, ela afirma que “ele tem que dar um resultado de conhecimento também”, percebemos que ela reafirma o seu entendimento de que os clubes não devem fazer por fazer, mas eles precisam gerar a produção de saberes, desenvolvendo competências e ampliando o repertório intelectual e humano dos estudantes que participam das atividades propostas nos clubes (SANTOS, 2020).

É importante salientar que esse entendimento se alinha aos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza “o protagonismo como uma competência transversal a ser percebida em toda atividade pedagógica proposta dentro da imediações do espaço escolar” (BRASIL, 2018).

A coordenadora ainda cita alguns clubes como o que é voltado ao Enem e outro voltado ao reforço escolar, apresentando-os como exemplos que buscam gerar um maior impacto formativo. Neste ponto se instaura uma dicotomia, pois os clubes, evidenciados por ela, podem ser percebidos como uma valorização do espaço não formal para a melhoria dos resultados educacionais, o que para Gohn (2010, p. 20), “amplia as possibilidades de aprendizagem ao

permitir vivências diferenciadas, muitas vezes impossíveis de serem desenvolvidas na rigidez da sala de aula”.

Mas, também, pode ser entendido que existe, neste caso especificamente, o uso do espaço dos clubes como uma extensão do que é vivenciado em uma sala de aula tradicional, algo que contradiz o objetivo dos clubes, pois entende-se que tais espaços foram criados para o exercícios de saberes diferentes daqueles que são obtidos em um espaço educativo tradicional, ou seja, o objetivo é a diversificação da obtenção do saber (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024). Desta maneira, o uso dos clubes como forma de replicação dos espaços tradicionais de educação, em tese, fugiria do propósito inicial de suas atividades, pois, elas devem abrir espaço, preferencialmente, para o desenvolvimento de atividades que, normalmente, não são vivenciadas em uma sala de aula convencional.

Diante das repercussões feitas, podemos inferir que a coordenadora apresenta uma visão baseada em ações práticas que estão coerentes com os fundamentos do protagonismo juvenil para a formação com significado. Ao afirmar a necessidade de gerar conhecimento e de desenvolver competências através dos clubes, ela vai ao encontro do que defende Melucci (1996), quando afirma que a juventude deve ser entendida como sujeito ativo na construção do seu percurso social e cultural, e não apenas como objeto das ações educativas. Dessa forma, a coordenadora deixa claro que a coordenação, enquanto ente institucional, entende que os estudantes fazem parte da solução de problemas e que os clubes se configuram como espaços que propiciam a discussão, reflexão e construção dessas soluções.

Ela acerta ao delimitar que os clubes precisam gerar conhecimento, e desenvolvimento de competências, e que para isso é necessário estabelecer padrões que direcionem as ações ali desenvolvidas, o que vai ao encontro do que Carrano e Dayrell (2010, p. 148), afirmam, pois, para eles “não se trata de deixar os jovens fazerem tudo sozinhos, mas de criar condições para que se desenvolvam como sujeitos capazes de intervir no mundo”, portanto, a resposta da coordenadora apresenta uma intencionalidade pedagógica que está circunscrita por uma certa clareza sobre o protagonismo juvenil em si e pela valorização de um acompanhamento pedagógico mais ativo, tais pontos são aspectos altamente positivos que devem ser exaltados na fala da coordenadora.

Para finalizar a entrevista com a coordenadora escolar, repetimos a última pergunta feita para a gestora escolar. Assim, poderemos destrinchar, ainda mais, a compreensão que os representantes da instituição tem, sobre a capacidade de influencia que os clubes de protagonismo exercem sobre a formação integral dos indivíduos, quando desenvolvidos em um ambiente de Ensino Médio Integrado.

Quadro 11 – Entrevista com a Coordenadora: Pergunta 5

Coordenador(a)	
5-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experenciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	- Eu acredito que sim, até porque pelo conhecimento que eles adquirem de forma interdisciplinar dentro dos clubes, as trocas de experiências, situações que tornam fantásticos a nível de conhecimento, então os clubes são muito importantes sim para essa etapa da vida do estudante, principalmente estudante protagonista.

Fonte: O Pesquisador.

A coordenadora afirma, inicialmente, que acredita na contribuição dos clubes e ressalta os conhecimentos gerados a partir das atividades que os jovens propõem. Ela frisa que os clubes contribuem sim para a formação dos jovens, principalmente “pelo conhecimento que eles adquirem de forma interdisciplinar dentro dos clubes”.

Esta ponderação se alinha com o entendimento de construção de significados no desenvolvimento de saberes, pois, para o jovem, principalmente, o jovem contemporâneo o conhecimento que realmente faz sentido “é aquele que se vincula com sua experiência e que transita entre diferentes campos do saber, superando barreiras disciplinares artificiais” (SACRISTÁN, 2000, p. 50), e inovando na forma como cada novo saber lhes é apresentado.

Alcântara e Schmidt (2003), destacam que a interdisciplinaridade não é apenas uma metodologia, mas uma atitude frente ao conhecimento, que rompe com a fragmentação e promove articulação entre saberes. Diante disso, o reconhecimento que a coordenadora faz dos clubes como ambientes de interdisciplinariedade, depõe a favor dos clubes, e estabelece, esse espaço educativo, como propositor de aprendizagens significativas, uma vez que, ao passarmos as afirmações da coordenadora pelo filtro evidenciado por Alcântara e Schmidt (2003), vemos que os clubes, resguardas as proporções, tem valorizado a superação da compartimentalização dos conteúdos escolares, além de estarem fomentado a valorização da educação em rede como meio para o estabelecimento da formação integral dos indivíduos.

Se observarmos a realidade vivenciada no Ensino Médio Integrado, contemplaremos uma articulação propositiva entre os componentes da formação geral e da formação técnica e profissional, numa lógica de integração curricular (RAMOS, 2014).

Neste contexto, a existência de uma outra atividade, que oportunize um outro modo de experimentar o processo formativo, e “que considere o jovem em sua totalidade, articulando dimensões cognitivas, sociais, culturais e afetivas” (MOURA, 2013, p. 81) certamente gera uma potencial aproximação da tão almejada formação integral dos indivíduos.

Nas entrelinhas, da fala da coordenadora, percebemos que, na instituição em questão, os clubes tem exercido este papel auxiliador, demonstrando, assim, que eles estão alinhados aos princípios que enredam o conceito de formação integral e que, ao associa-los ao Ensino Médio Integrado, já vivenciado pela escola, aumenta-se a possibilidade de sua efetivação.

A coordenadora também destaca as aprendizagens que são obtidas pelas “trocas de experiências” e afirma que essas interações “tornam fantásticos a nível de conhecimento”. Aqui, ela aponta para a importância da convivência, do aprendizado dialógico e da produção coletiva de saberes, aspectos que dialogam de maneira íntima com as perspectivas de Freire (1996, p. 69) quando ressalta que “é na troca de experiências que nos constituímos como sujeitos cognoscentes, em que ensinar e aprender se misturam numa relação horizontal e transformadora”.

Tais trocas, ou interações, assumem uma dimensão formativa que não se limita aos processos comuns da pedagogia tradicional, indo além da instrução formal, do enciclodismo e seus processos rígidos, e apresenta um processo de aprendizagens significativas, onde se “exige que o aluno estabeleça relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévio” mas não unicamente, ele deve, também, estabelecer uma relação de compartilhamento “entre os próprios sujeitos que aprendem, promovendo a construção coletiva do saber” (ZABALA, 1998, p. 119), assim, os clubes estabelecem as relações interpessoais, como diretriz formativa, com a finalidade clara de oportunizar a construção de saberes a partir de um processo colaborativo.

Por fim, é possível obter algumas conclusões a partir das repostas dadas pela coordenadora. Ela demonstra possuir uma compreensão muito positiva e sensível do papel dos clubes de protagonismo no ambiente escolar, demonstrando que há uma valorização afetiva, eivada de entusiasmo sobre as ações dos clubes. A aproximação afetiva aqui não se enquadra como algo superficial, ou algo que não gera impactos para a formação dos jovens, muito pelo contrário, a afetividade no espaço escolar não é um elemento acessório, mas componente

essencial do processo educativo, que potencializa o envolvimento e a construção de sentido para o aprender (RIBEIRO, 2010).

Tal afetividade é legítima e depõe a favor da atividade dos clubes de protagonismo, desde que, esta afetividade entusiasmada, seja acompanhada de práticas pedagógicas sistematizadas, exequíveis e coerentes, para que a prática não se limite à boa vontade, mas se constitua como ação educativa transformadora (FREIRE, 1996) com os objetivos formativos claros para dar condições à efetivação de uma educação integrada com vistas a formação integral dos estudantes.

Diante de todo o contexto já apresentado, podemos afirmar que os clubes de protagonismo juvenil, ao promoverem aprendizagens interdisciplinares, trocas significativas e o fomento do protagonismo juvenil, se apresentam como potentes espaços educativos para o desenvolvimento da formação integral dos estudantes (SILVA, 2018).

As falas da coordenadora, de maneira geral, evidenciam esse potencial, mas também apontam para a necessidade do estabelecimento de práticas pedagógicas planejadas e alinhadas aos objetivos educacionais defendidos pela instituição, pois, seguindo esta sistemática, podemos cravar que os clubes, quando integrados de forma intencional ao Ensino Médio Integrado, fortalecem não só a articulação entre saberes, mas também a construção de uma educação mais humanizadora, colaborativa e recheada de significados (SANTOS, 2020).

Dando sequência a série de entrevistas desenvolvidas na escola, o próximo a trazer contribuições pessoais a partir das nossas indagações é um professor efetivo da rede. Nesta etapa da pesquisa, buscamos considerar a aproximação do docente com os clubes de protagonismo juvenil e o papel que ele pode desempenhar como padrinho.

A entrevista com um professor, que tem certa proximidade com as atividades propostas nos clubes, permite explorar as percepções do docente sobre o valor pedagógico dos clubes, suas contribuições para a formação integral dos estudantes e os desafios enfrentados na orientação das atividades.

Quadro 12 – Entrevista com o Professor: Pergunta 1

Professor(a)	
1-	Qual a sua relação com as atividades dos Clubes de Protagonismo?
R-	Eu sou padrinho de três clubes de protagonismo, o clube de robótica, o clube de astronomia e o clube de reforço escolar, e eu acompanho as atividades dos clubes.

Fonte: O Pesquisador.

Iniciamos a entrevista com o intuito de verificar qual nível de proximidade que o professor tem com os clubes e com suas atividades. Basicamente o professor resumiu a sua relação com os Clubes de Protagonismo, destacando o seu envolvimento. Um ponto interessante foi o fato de em uma escola com oito clubes, como vimos sendo constatado nas observações realizadas na escola, só ele acompanha três desses clubes.

Tardif (2002, p. 36) ressalta que o professor é, sobretudo, “um mediador cultural e social, capaz de promover aprendizagens em diferentes contextos educativos”, assim sendo, ao afirmar que é padrinho de três clubes, o professor evidencia uma postura ativa, disponível e comprometida com a formação dos estudantes.

Imbernón (2011, p. 95), já afirmava que “a profissionalização docente exige abertura para práticas educativas não convencionais, que ampliem a função formativa da escola e dialoguem com as necessidades do aluno contemporâneo”, ao evidenciar a multiplicidade de atuações, em áreas distintas, o professor evidencia que ele compreende a importância da diversidade de interesses que os jovens tem e se coloca como facilitador de processos educativos que extrapolam a sala de aula tradicional, exercendo, assim, o que Imbernón (2022) chamaria de função docente.

Outro ponto relevante é o fato de o professor, enquanto padrinho, acompanhar de perto as atividades dos clubes, desenvolvendo uma função que não está descrita de maneira clara em sua descrição funcional. Nóvoa (2019), defende que o professor precisa estar presente nos espaços educativos como alguém que acompanha, orienta e se envolve com os projetos dos alunos, diante disso, entendemos que essa proximidade pode contribuir diretamente para a qualificação das experiências vivenciadas no contexto escolar, principalmente daquelas experienciadas em um ambiente como os clubes de protagonismo, uma vez que seu desenvolvimento depende, quase que exclusivamente, da assertividade das ações propostas pelos estudantes (SANTOS, 2018).

Nóvoa (2019) ainda afirma que o professor deve “legitimar as experiências dos jovens” reconhecendo-as como o ponto de partida, devendo também oferecer suporte, orientação e incentivo às iniciativas dos estudantes. Trata-se de um exemplo positivo de como o professor pode ser um agente mobilizador dentro dos clubes, pois “o papel do professor, nesses contextos, é o de estimulador e organizador de situações em que os alunos possam construir conhecimentos a partir de suas próprias motivações e interesses”(HERNANDEZ, 1998, p. 53) dando suporte para a produção de aprendizagens significativas, e incentivando o crescimento pessoal a partir dos clubes de protagonismo juvenil.

Para verificarmos até onde vai a participação docente no clube de protagonismo juvenil, a próxima questão apresenta uma indagação sucinta, mas que pode nos conceder várias informações valiosas para que, assim, verifiquemos se a ação docente, nos clubes, se apresenta como uma relação de interação saldável, ou, ao contrário disso, se verificamos uma reprodução pura do modelo tradicional nos espaços dos clubes.

Quadro 13 – Entrevista com o Professor: Pergunta 2

Professor(a)	
2-	Você desempenha alguma função em Alguém Clube? Se sim qual?
R-	Então, nos dois clubes que já são mais antigos na escola, o Clube de Astronomia e o Clube de Robótica, eu acompanho as atividades presencialmente, outras acompanho por meio das presidentes dos clubes, e eu aplico também a Olimpíada Brasileira de Astronomia no Clube de Astronomia, eu sou um aplicador, e no de Robótica eu acompanho a participação em torneios, e no Clube de Reforço Escolar, como é um clube novo ainda na escola, eu tô orientando a presidente, passando tarefas e supervisionando o que ela tá executando durante as reuniões do clube.

Fonte: O Pesquisador.

Podemos perceber na fala do professor vários elementos que demonstram seu papel crucial para a efetivação dos clubes. Podemos apontar que ele demonstrou ter um comprometimento pedagógico, desenvolve uma mediação formativa, oportuniza integração entre saberes através de práticas externas e quer a consolidação das lideranças estudantis.

Tais aspectos demonstram que ele é um professor comprometido com a formação integral de seus estudantes, um docente que, segundo Gadotti(2000), atua como mediador do conhecimento, mas também como articulador de experiências educativas que extrapolam os conteúdos formais, em meio a um sistema educacional tendenciado a reproduzir mais do mesmo da pedagogia tradicional.

Fica evidente o envolvimento ativo do professor com as atividades dos clubes de protagonismo, e assim como Menezes e Menezes (2024) destacam o papel do professor, em contextos de protagonismo juvenil, vemos que o entrevistado tem agido como um potencializador de iniciativas, contribuindo para que os jovens desenvolvam autonomia, criticidade e compromisso social, notamos que seu entrosamento e seu nível de interlocução com os participantes demonstra que a ação docente precisa ultrapassar os limites tradicionais da docência e assumir um papel mais abrangente na formação dos estudantes(LIMA, 2001).

Ao mencionar sua participação direta nos dois clubes mais antigos da escola, ou seja, o Clube de Astronomia e o Clube de Robótica, o professor fomenta, não apenas, a ação prática

da docência para a continuidade das atividades propostas nos clubes, mas também, a estabilidade aos estudantes através de seu apoio institucional, pois, “a presença do professor nos projetos extracurriculares fortalece a confiança dos alunos no processo educativo e oferece segurança para que se arrisquem na construção de novos saberes” (PERRENOUD, 2000, p. 22).

Entendemos que, na visão do professor, assim como Menezes e Menezes (2024) defendem que o protagonismo juvenil floresce quando há adultos que não apenas orientam, mas que também reconhecem e validam a capacidade dos jovens de conduzirem seus próprios processos, assim, ao se disponibilizar, fazendo acompanhamento presencial das atividades e por meio das presidentes dos clubes, o professor desenvolve uma prática dialógica que visa a construção de uma hierarquia horizontal, ou seja, o professor se faz presente, mas confia e valoriza a autonomia dos estudantes, sobretudo das lideranças estabelecidas, confiando no protagonismo juvenil, fomentando, assim, sua principal característica.

Através da fala do professor, podemos perceber que sua atuação no Clube de Astronomia ganha ainda mais relevância, principalmente quando ele menciona que instiga os jovens a produzirem conhecimento, no clube, a fim de que participem da Olimpíada Brasileira de Astronomia, algo que deve ser valorizado, pois, mesmo que não estejamos falando de uma sala de aula tradicional, qualquer prática pedagógica “deve incentivar a pesquisa, a curiosidade e a construção ativa do conhecimento pelos estudantes” (LIBÂNEO, 2012, p. 31).

Esse posicionamento do professor, revela que, para ele, o clube não é, apenas, um espaço destinado a recreação, para ele é, sobretudo, um espaço de aprendizagens diversas, onde as práticas, lá vivenciadas, possibilitam que os jovens alcancem patamares outrora inimagináveis, pois, assim como Paro (2001, p. 76), o professor também entende que a escola deve “funcionar como espaço onde o aluno se reconheça como sujeito do saber, capaz de produzir, transformar e intervir” produzindo resultados e oportunizando processos que auxiliam na construção do ser humano que cada estudante pretende ser.

Além da exemplificação apresentada do clube de astronomia o professor ainda reforça a importância dos clubes através do caso do Clube de Robótica, onde o acompanhamento das atividades culminam nas participações em torneios de robótica, o que reforça a mesma lógica que o professor apresentou como o outro clube, ou seja, a aprendizagem deve ultrapassar os limites da teoria e da escola em seus aspectos tradicionais. Neste sentido Texeira e Pereira (2024), ressaltam que a aprendizagem mais eficaz acontece quando os estudantes estão engajados em construir algo que tenha significado para eles, portando, é necessário conecta-los a experiências desafiadoras, vivências que oportunizam uma densidade formativa que a sala de aula, limitada aos padrões da pedagogia tradicional, certamente não poderia oportunizar.

Já quando o docente se refere ao Clube de Reforço Escolar, clube que ele caracteriza como sendo “mais recente na escola”, ele demonstra a sensibilidade de um professor que se preocupa em adaptar o padrão de sua atuação ao estágio de maturidade vivenciado pelo clube de protagonismo ora iniciado, colocando o objetivo do clube acima do que lhe seria conveniente.

Aparentemente o professor compreende que o ato de ensinar não se limita a conteúdos em sala de aula, pode ser concebido, também, no ato de “organizar e dirigir situações de aprendizagem, [...] acompanhar e apoiar o aluno em sua trajetória”, e percebemos isto, quando ele pontua que busca “orientar diretamente a presidente do clube” (PERRENOUD, 2000, p. 15), propondo “tarefas” e “supervisionando as ações”, exercendo, assim, um papel pedagógico com vistas a formar e orientar os protagonistas, para que, em um determinado momento, eles possam caminhar sozinhos na execução de todas as ações dos clubes, como preconiza os ideais dos clubes de protagonismo juvenil.

De maneira geral, a fala do professor é uma demonstração exemplificada, ou seja, concreta, de um envolvimento consciente e coerente com os princípios que embasam os clubes de protagonismo juvenil. Como destaca Freire (1996, p. 67), “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”, como reflexo desta convicção, vemos que o docente, não só atua como um mediador, mas também como um incentivador da autonomia, além de agir como um articulador na produção de saberes, se colocando como ponte que liga os jovens da escola a outros patamares de conhecimento.

Em consonância com o que Arroyo (2012, p. 125) afirma, ao estabelecer que “o professor que escuta, acompanha e acredita no potencial dos estudantes amplia a escola como espaço de humanização”, o discurso apresentado pelo professor, sugere um docente comprometido com o desenvolvimento integral dos estudantes, que atua em múltiplas frentes para garantir que os clubes não sejam, apenas, momentos ou espaços recreativos, mas que se estabeleçam, também, como verdadeiros ambientes de aprendizagem significativa.

Seguindo a interlocução com o professor, trazemos à tona um questionamento sobre os impactos das atividades dos clubes sobre as atividades do currículo comum da escola. Se partimos do pressuposto de que o clube é um dos agentes que podem condicionar a formação integral dos estudantes, sabemos que outros momentos e espaços também tem sua relevância e devem ser valorizados, não só pela gestão, coordenação ou pelos docentes, mas, principalmente, pelos estudantes. Cientes disso, o questionamento a seguir tem o intuito de verificar se, segundo as percepções do professor, os clubes, em si, têm ajudado, auxiliado, no rendimento das

atividades propedêuticas da escola, ou se, longe disso, tem atrapalhado o foco dos estudantes, bem como, os resultados na disciplina ministrada por ele.

Quadro 14 – Entrevista com o Professor: Pergunta 3

Professor(a)	
3-	De acordo com o acompanhamento que você tem feito, como anda o desenvolvimento dos estudantes na disciplina? O rendimento tem caído, se manteve ou melhorou?
R-	É, como eu acompanho o clube de astronomia há mais tempo, então eu percebo que os alunos que são frequentes no clube, aqueles que estão desde o início, eles geralmente têm um desempenho melhor em física, em matemática e até em inglês, em língua inglesa eles também são bons, assim como os alunos do clube de robótica. Alguns alunos do clube, eles têm bons desempenhos em física, matemática, língua inglesa. O clube de reforço escolar, como é um clube ainda novo, eu ainda não tenho esse dado, ainda estou acompanhando os alunos do primeiro ano, então eu ainda não sei dizer se o clube está desempenhando um papel, está influenciando de uma forma positiva nas notas, no rendimento dos alunos.

Fonte: O Pesquisador.

Inicialmente, a fala do professor revela que o seu envolvimento com os clubes, bem como o fato de ele ser o padrinho dos clubes que acompanha, o leva a estar atento as atividades propostas pelos estudantes. Ele apresenta um engajamento, que tem como principal característica uma ação continuada, demonstrando que “a atuação docente ganha sentido quando há continuidade e compromisso com a formação crítica e participativa dos estudantes” (LIBÂNEO, 2013, p. 110) uma vez que o desenvolvimento das atividades não é feito de forma situacional, mas, de maneira continua e independentemente dos integrantes que fazem parte do clube que está sendo acompanhado por ele.

Tardif (2002, p. 23) vem afirmar que “a prática docente está imersa em um contexto social concreto, e só pode ser compreendida a partir de sua inserção na realidade cotidiana da escola”, assim, o fato da resposta do professor se apoiar em exemplos concretos, como os clubes de Astronomia e Robótica, ambos apadrinhados por ele e, por conseguinte, alvos de suas percepções diárias, nos permite ancorar nossa análise em dados já experienciados no cotidiano escolar, garantindo, assim, credibilidade à sua percepção, que, aparentemente, apresenta os Clubes de Protagonismo juvenil, não como iniciativas periféricas, mas experiências significativas contribuidoras do efetivo desenvolvimento do ensino-aprendizagem que é fomentado pela escola.

Percebemos, também, que o professor faz algumas relações durante sua fala. Uma delas foi a associação entre a participação frequente dos estudantes, nos clubes de protagonismo, com o bom desempenho escolar, especialmente nas disciplinas de Física, Matemática e Língua Inglesa. A constatação extrapola a relação estabelecida pelo professor, e evidencia, nas entrelinhas de sua fala, que as contribuições trazidas pelos clubes, à tríade de áreas do conhecimento, é oportunizada a partir de uma contribuição interdisciplinar que tem sido promovida nos clubes.

Sabendo que a integração curricular não é apenas uma técnica pedagógica, mas uma estratégia ética de valorização da aprendizagem com sentido para o aluno (BEANE, 2003), podemos afirmar que o fato dos clubes oportunizarem tal processo, demonstra que esses espaços possuem um caráter pedagógico marcante, e mostra que eles não podem ser confundidos com meros momentos de recreação sem sentido.

Assim como Brito e Giorgi (2022) destacam que não basta ensinar; é preciso produzir conhecimento com os alunos, partindo da vivência concreta e da capacidade de elaborar criticamente a realidade, a visão do professor demonstra que a prática docente deve se ancorar nas questões fáticas e experienciadas do ambiente escolar, ou seja, se o desejo é que o processo de ensino e aprendizagem se concretize de maneira efetiva, os docentes podem se inspirar na metodologia presente nos clubes de protagonismo, que linkam a teoria e a prática através de uma processo de construção de conhecimento com significado.

O Clube de Astronomia, por exemplo, naturalmente, integra conceitos de física e matemática, além de exigir leitura, interpretação e, muitas vezes, uso de material técnico em língua inglesa, uma vez que muito do material produzido e divulgado, na comunidade científica, vem de países estrangeiros. Já o clube de Robótica mobiliza a lógica, programação, resolução de problemas e trabalho em equipe.

Todo esse contexto, que inferimos a partir da fala do professor, corrobora com a ideia de que os clubes, enquanto espaços formativos, favorecem o desenvolvimentos das aprendizagens dos estudantes, oportunizando, não só a integração de conhecimentos, mas também, o desenvolvimento destes de maneira ampla e contextualizada (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

Ao analisarmos a resposta, também, notamos que ele vincula o protagonismo juvenil, desenvolvidos nos clubes, ao desempenho escolar, conferido através das atividades propostas no ensino médio integrado. Assim como Libâneo (2012, p. 45), afirma que “a escola deve proporcionar aos alunos experiências formativas amplas, integrando conteúdos escolares ao desenvolvimento de atitudes, valores e competências sociais”, o professor esclarece que os

estudantes que se envolvem ativamente nos clubes de protagonismo, tendem a apresentar um melhor rendimento nas demais atividades proposta pela escola, fortalecendo, assim, o argumento de que o protagonismo juvenil, desenvolvido nos clubes, e a aprendizagem de qualidade caminham juntos, e sua interação, ou associação, deve ser incentivada dentro dos espaços escolares.

Nesse sentido, vemos que os clubes funcionam como ambientes formativos híbridos, ou seja, existe uma integração entre os conhecimentos que comumente vemos sendo apresentados pelos momentos ou espaços propedêuticos da escola e os saberes que são melhor evidenciados nas práticas dos clubes, nos quais a motivação, o interesse e a autonomia dos estudantes são elementos centrais para a construção do conhecimento (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

Assim como Moll (2012) reflete quanto a articulação entre diferentes espaços e tempos educativos, a colocando como condição fundamental para uma formação integral e para o fortalecimento das aprendizagens escolares, entendemos que o fato do professor pontuar a existência deste tipo de integração nos clubes, e apontar a relação entre os clubes e o ensino médio integrado como positiva, mais que confirma o entendimento de que as práticas desenvolvidas nos clubes tem a capacidade de oportunizar a formação integral daqueles que deles participam.

Já findando suas ponderações, e tratando sobre o último clube que acompanha, o professor adota uma postura analítica e ética, pois reconhece que ainda não pode emitir nenhum juízo de valor sobre o impacto do clube de Reforço Escolar que, segundo ele, é um clube “recente” e que ainda “está em formação”. Essa atitude demonstrada na fala do professor, aponta para o que Bardin (2011) chama de “processualidade” na análise de conteúdo. Ou seja, o professor tem uma percepção consciente de que os efeitos pedagógicos nem sempre são imediatos e que as evidências precisam de tempo e acompanhamento contínuo para se consolidarem como dados relevantes (BARDIN, 2011).

Além disso, ao agir de maneira cautelosa, o professor revela uma perspectiva coerente com a lógica da avaliação formativa, evidenciando, mesmo nas entrelinhas, que o acompanhamento pedagógico que ele efetiva, nos clubes que apadrinhou, é baseado em evidências reais, visando “promover o crescimento do educando, acompanhando seu processo e ajudando-o a superar as dificuldades” (LUCKESI, 2011, p. 56)..

Em síntese, a resposta do professor apresenta clareza para o entendimento do papel que os clubes de protagonismo juvenil tem no contexto de uma escola que já vivencia o Ensino Médio Integrado. Assim como Moll (2012) estabelece, ao afirmar que “a escola, quando aberta à pluralidade de experiências, torna-se um espaço fértil para a educação integral” (MOLL, 2012,

p. 97) vemos, que o professor desenvolve uma relação propositiva com os estudantes, interação que ultrapassa as paredes limitantes da sala de aula tradicional, oportunizando momentos e espaços de desenvolvimento pessoal em seus mais distintos aspectos.

A formação integral está profundamente articulada à valorização das experiências dos sujeitos e ao reconhecimento dos múltiplos saberes que produzem” (ANTUNES e PADILHA, 2010). Na mesma direção Beane pondera que a escola precisa romper com a lógica fragmentadora e se abrir a práticas que favoreçam a articulação entre os diversos conhecimentos e experiências (BEANE, 2003).

Assim, quando o professor reconhece os clubes como espaços legítimos de produção de conhecimento, desenvolvimento de competências e fortalecimento da autonomia juvenil, e associa a isso os conhecimentos produzidos pelos demais momentos da escola, ele estabelece que, esta relação posta, rompe com uma perspectiva limitada da pedagogia tradicional, o que condiciona a construção de uma ambiente propício ao desenvolvimento da formação integral dos estudantes (MAURÍCIO, 2009) .

O próximo questionamento indaga sobre a relação entre a formação propedêutica/técnica e a vivência dos estudantes nos clubes de protagonismo juvenil. Buscamos explorar como a integração, de um padrão curricular com atividades extracurriculares, pode potencializar ou influenciar o protagonismo juvenil, o engajamento e o crescimento pessoal e acadêmico dos alunos, tendo em vista que é notório que "as atividades extracurriculares, quando articuladas ao currículo escolar, podem potencializar o desenvolvimento de competências e habilidades, ampliando os espaços de aprendizagem e conectando os saberes escolares com as experiências de vida dos estudantes" (SAVIANI, 2016, p. 45).

A intenção é obter uma análise reflexiva, a partir das percepções diárias do professor, sobre os efeitos dessa estrutura educacional no cotidiano escolar e nas práticas formativas não formais promovidas pelos clubes, além de verificar se esta correlação tem se estabelecido de maneira benéfica para a formação dos estudantes.

Quadro 15 – Entrevista com o Professor: Pergunta 4

Professor(a)	
4-	No que diz respeito ao ensino médio integrado, ou seja, ao fato dos estudantes estarem desenvolvendo os clubes em um ambiente onde já existe uma coabitação do propedêutico com o técnico, qual a sua percepção quanto ao desenvolvimento dos estudantes quando você observa essa relação Ensino médio integrado e Clubes de Protagonismo?

R-	Então, quando a gente trata do ensino médio integrado e a gente sabe que os alunos vão passar o dia inteiro na escola, então os clubes muitas vezes funcionam como espaços em que eles podem sair daquela rotina escolar, estudar, ver, aprender outras coisas que muitas vezes durante as aulas eles não vão aprender. Então, é o que eu observo nos clubes aqui da escola em que nos momentos de reuniões de clube eles buscam espaços, buscam algum se organizando em tempos. Neste ano, como a gente tem uma disciplina de práticas integradoras, então eles têm quatro aulas para se dedicar à criação e reunião em clubes de propriedade. Protagonismo. Então, o que eu percebo é que, neste ano, a realidade aqui da Paraíba está contribuindo para a formação e acompanhamento desses clubes, é importante mencionar que nas reuniões de clube, muitas vezes, os alunos vão buscar aquilo que eles não aprendem na sala de aula, que eles têm interesse e que eles gostariam de aprender ou estudar ou estar fazendo uma atividade que eles sintam prazer. Então, como durante o ensino integral eles se dedicam a tantas disciplinas, muitas vezes de uma forma exaustiva, durante as reuniões do clube são momentos em que eles podem trabalhar com conhecimentos e ter outras aprendizagens que eles não teriam na sala de aula. Então, o que eu percebo é que quando a reunião de clube é bem orientada e supervisionada por um professor, ou padrinho, os alunos vão conseguindo manter uma regularidade e isso também afeta no desempenho deles, nas disciplinas. Então, eu tenho visto principalmente nos clubes em que eu acompanho mais de perto, mas tem um clube que ele é chamado clube de RPG. Então, eu observei no ano passado em que os alunos desenvolviam habilidades e competências de língua portuguesa durante as reuniões do clube de RPG e eles estavam pensando, imaginando e aprendendo sobre histórias que eles não viam durante as aulas. Então, tem alguns clubes que podem contribuir de forma decisiva no aprendizado dos alunos.
-----------	--

Fonte: O Pesquisador.

Ao analisar a fala do professor identificamos um relato que evidencia, de maneira clara, o impacto dos clubes de protagonismo no dia a dia da escola. De maneira introdutória, podemos identificar vários elementos da fala do professor que apresentam o clube de protagonismo juvenil como um campo fértil para o despertar de diversas aprendizagens. Sabendo que os clubes são espaços para o desenvolvimento do protagonismo juvenil legítimo, corroboramos com o pensamento de Brito, Silva e Duvernay, (2023) quando concebem que o clube de protagonismo se afirma na medida em que o jovem participa ativamente da construção de seu conhecimento e de seu papel social.

Nesse mesmo sentido, Freire (1996, p. 67) traz a perspectiva de uma “educação como prática da liberdade”, uma vez que os estudantes assumem papel ativo na produção de saberes e em seus próprios processos de formação. Desse modo, entendemos que, seja em caráter literal, ou através de um processo de olhar nas entrelinhas, a fala do professor revela, não apenas a percepção do docente sobre o papel formativo dos clubes, como já evidenciado em Brito, Silva

e Duvernoy, (2023) apoiado por Freire(1996), mas também revela, segundo a particular percepção do entrevistado, o real valor que eles têm enquanto instância promotora de aprendizagens significativas.

Analisando o enredo apresentado pelo professor, notamos que o seu posicionamento parte da compreensão de que o Ensino Médio Integrado exige uma permanência prolongada dos estudantes na escola. Ele não só pontua esta realidade, como também deixa implícito que esta rotina pode provocar cansaço e sobrecarga aos estudantes, algo que Saviani (2008, p. 142) já ponderava ao afirmar que “a escola, estruturada em moldes tradicionais, muitas vezes sufoca a vivacidade dos estudantes ao impor ritmos e padrões que não dialogam com sua realidade” ou seja, quando a escola olha mais para si, do que para seu público-alvo, se distancia de propostas que enriquecem a formação dos estudantes e os leva a tipificar o ambiente escolar como repulsivo.

Para que esta situação não perdure, é necessário um direcionamento prático bem estruturado, é necessário que ocorra “a proposição de práticas pedagógicas que ultrapassem os limites da sala de aula e ressignifiquem o fazer educativo” (LIBÂNEO, 2013, p. 101). Seguindo este entendimento, percebemos que o professor ressalta que os clubes de protagonismo juvenil acabam se apresentando como espaços que oferecem esta possibilidade, se colocando como espaços de desenvolvimento que não se limitam a um padrão pré-estabelecido, mas que se preocupam com o aprendizado eivado de sentidos.

Para ele, os clubes funcionam como válvulas de escape da rotina escolar, pois eles, enquanto espaços não formais de educação, concedem a oportunidade aos estudantes de desbravarem, não só aspectos criativos, mas também os que produzem elevação pessoal e intelectual, apresentando assim uma visão muito similar a que é posta por Moreira e Candau (2007, p. 23), quando ressaltam que “é urgente pensar a escola como um espaço aberto à diversidade de saberes, onde o currículo dialoga com as experiências culturais e sociais dos estudantes”.

Assim, temos que tanto a visão do docente, quanto as perspectivas em Moreira e Candau (2007) reforçam a noção de que o currículo e as práticas escolares não podem se resumir às disciplinas formais meramente, antes, devem expandir seus horizontes por meio de iniciativas pedagógicas diferenciadas e não convencionais.

Tais práticas devem se mostrar capazes de abordar temas, conteúdos, processos e a multiplicidade de saberes, para que seja possível gerar engajamento, nos estudantes, com vistas a formação integral dos mesmos, mesmo por que, “os espaços educativos não formais, quando articulados à escola, possuem um potencial de humanização e formação integral que supera os

limites da lógica disciplinar tradicional” (ARROYO, 2013, p. 67), no entanto, sua efetivação depende de uma integração efetiva no ambiente escolar, onde os aspectos tracionais da escola não se sobreponham às novas iniciativas e nem as novas abordagens excluam as iniciativas historicamente construídas nos ambientes escolares.

Como forma de exemplificar as práticas que devem ser fomentadas pelo currículo, o professor destaca o valor dos clubes como canais de aprendizagens que, geralmente, não estão contempladas nas aulas regulares. Tal percepção decorre do entendimento de que os clubes são práticas educativas que partem do aluno, que produzem conhecimento com significado, principalmente por que, já é sabido que “a aprendizagem se torna mais potente quando vinculada a projetos e atividades que tenham sentido real para os estudantes, permitindo-lhes serem autores de seus próprios processos formativos” (HERNÁNDEZ, 1998, P. 35).

Dessa maneira, podemos afirmar que os clubes se estabelecem como importantes espaços educativos, que, segundo o docente, visam complementar as aprendizagens desenvolvidas no regime regular da escola, podendo, em alguns casos, produzir aprendizagens até mais eficazes, quando levamos em consideração a multiplicidade dos perfis dos estudantes.

Algo positivo elencado pelo professor, foi o destaque dado para a disciplina de “práticas integradoras”. O professor afirma que esta disciplina não constava na grade curricular das ECITs na Paraíba, mas, diante da necessidade de estabelecer um tempo próprio para o fomento do protagonismo juvenil, o Governo Estadual, através das diretrizes para o ano de dois mil e vinte e quatro (2024), institucionalizou, dentro da matriz curricular, um tempo destinado ao fortalecimento das atividades protagonistas.

Tal movimento se apresenta como uma forma de integrar as práticas protagonistas ao currículo escolar, algo que para Beane (2003), se trata de uma abordagem essencial para que os estudantes possam ver sentido no que aprendem, conectando saberes acadêmicos à vida real, além disso, esta iniciativa do Governo Estadual demonstra uma tentativa de flexibilização do currículo, através de práticas inovadoras, algo que para Sacristán (2013, p. 128) “[...]é fundamental para a construção de uma escola democrática e promotora da autonomia dos estudantes” .

O professor ainda afirma que os estudantes se dedicam aos clubes com o intuito de desenvolver “atividades que sintam prazer”. Aqui ele apresenta um entendimento ampliado sobre a aprendizagem, mostrando-a como algo que não se dá apenas pela obrigação curricular, mas que pode se efetivar pelo desejo puro e simples de aprender a partir daquilo que faça sentido para o estudante, este pensamento é corroborado por Ausubel (2003, p. 62), quando destaca que “a motivação para aprender algo novo está diretamente ligada ao significado que esse novo

conhecimento tem” para o estudante, assim, ao destacar o espaço dos clubes como meio para criação de conhecimento com significado, o professor alça esta atividade a um patamar de possibilidades que vão além da atividade em si, podendo gerar impactos em outras camadas do espaço escolar.

Nóvoa (1999) traz a sua percepção sobre o sistema educacional e afirma que as escolas precisam ser espaços de desenvolvimento humano, onde o saber e o prazer de aprender caminhem juntos. Nos amparando nas percepções de Nóvoa (1999), somado ao fato dos estudantes, assim como o docente, terem a perspectiva dos clubes como meio para a aprendizagem significativa, podemos dizer que o clube se estabelece como um momento em que o prazer se une ao ato de conceber conhecimentos sendo assim um momento único no contexto escolar, principalmente, no contexto do Ensino Médio Integrado.

Diante do acúmulo de disciplinas ofertadas pela grade propedêutica, juntamente com o eixo profissionalizante, a extensividade das atividades regulares, no Ensino Médio Integrado, pode tornar as aprendizagens mais exaustivas que prazerosas ou significativas. Os clubes, nesse cenário, funcionam como zonas de respiro intelectual e emocional, favorecendo o equilíbrio e o bem-estar dos estudantes, pois, eles se mostram como espaços próprios para o fomento da criatividade, criticidade além de oportunizar o fortalecimento intelectual dos estudantes (SILVA, 2018).

Em um outro momento, a fala do professor aponta para uma observação sensível sobre o impacto do monitoramento efetivado pelos padrinhos nos clubes e como isso afeta o desempenho escolar dos estudantes. O professor afirma que, quando as reuniões são bem orientadas por um padrinho, ou professor, é possível verificar, ao seu ver, uma correlação positiva entre a regularidade nos clubes e o rendimento acadêmico, indicando, assim, que o acompanhamento docente nestas práticas tem a capacidade de transformar a experiência educativa em um processo reflexivo e construtivo (NÓVOA, 2009), não se limitando a padrões, mas gerando a produção de conhecimento eivado de significado.

Essa inferência, que vale salientar, partiu exclusivamente do professor baseando-se na vivência e no acompanhamento direto que tem efetivado nos clubes, reforça a ideia de que a supervisão docente é, ou, minimamente, pode ser, considerada como um elemento-chave para que os clubes não se tornem apenas recreativos, mas mantenham sua intencionalidade pedagógica. Neste sentido concordamos com Zabala (1998, p. 23), quando destaca que “a intervenção do professor é indispensável para orientar e potencializar os processos de aprendizagem que, de outra forma, poderiam dispersar-se em atividades sem direção formativa”.

Nóvoa (2009, p. 15) enfatiza que “a função docente contemporânea exige um novo protagonismo pedagógico, que saiba atuar em contextos de aprendizagem diversificados, sem abrir mão da responsabilidade formativa”, assim sendo, e diante das observações do professor, podemos afirmar que o papel docente sempre terá um grau de influência muito grande em todo e qualquer processo efetivado na escola, mesmo que este processo não tenha sido idealizado, planejado, executado ou avaliado por ele, a sua orientação sempre terá um peso real na forma como o processo educativo é concebido, bem como, nas demais fases de sua efetivação.

Por fim, o professor apresenta, de maneira emocional, um fato empírico que traz robustez a defesa da atividade dos clubes de protagonismo juvenil. O exemplo do clube de RPG é particularmente ilustrativo, algo que Bardin (2011) denominaria como a manifestação de uma “unidade de registro significativa”.

Ao observar esse clube, o professor verificou que os estudantes desenvolvem competências de leitura, escrita, imaginação e narrativa, ou seja, trabalham elementos centrais da disciplina de Língua Portuguesa. Porém, o mesmo clube também trabalha aspectos como a organização cênica, dramatização, noção espacial e reflexões sociais.

O professor explicita, a partir dessas percepções, o potencial interdisciplinar oportunizado por este clube, permitindo que os estudantes explorem os conteúdos de maneira integrada, contextualizando-os em situações reais e significativas para suas vidas (BEANE, 2003). Essa experiência evidencia que a aprendizagem, nos clubes, pode ser profunda, envolvente e altamente conectada às habilidades exigidas no currículo formal, mas, também, que pode abranger outros horizontes, outras perspectivas formativas, experiências e sensações que o formato tradicional da sala aula não seria capaz de oportunizar (SANTOS, 2020).

Após verificar tantas informações valiosas, podemos afirmar que o professor reconhece que a atividade dos clubes de protagonismo juvenil são potentes instrumentos que podem auxiliar no desenvolvimento da formação integral dos estudantes através da prática do protagonismo juvenil. Percebemos que para o docente, os clubes de protagonismo vão além do suporte ao conteúdo escolar, são atividades sistematicamente pedagógicas, que apresentam um alto potencial formativo. A visão do professor coaduna com o que Gadotti (2000, p. 39) enfatiza quando ressalta que “a educação integral não se restringe ao ensino de conteúdos, mas implica uma formação ampla que articula conhecimentos, valores, atitudes e práticas sociais”, tal perspectiva, torna os espaços dos clubes em meios viáveis para a efetivação desse processo, pois, eles respeitam os interesses dos estudantes, promovem o prazer de aprender, ampliam o repertório cultural e acadêmico, e, quando bem acompanhados, refletem positivamente no desempenho escolar em seus padrões tradicionais (SILVA, 2018).

Continuando a entrevista, trouxemos uma provocação como questionamento ao professor buscando compreender se, em sua visão, a associação entre os Clubes de Protagonismo e o Ensino Médio Integrado pode contribuir efetivamente para a formação integral dos estudantes.

Partindo da concepção de que a formação integral envolve o desenvolvimento do indivíduo em diversas dimensões, a intenção é investigar se as iniciativas, dos clubes de protagonismo, quando articuladas em um contexto de Ensino Médio Integrado, ampliam os horizontes educacionais dos estudantes. A pergunta procura gerar uma reflexão sobre como essas experiências podem favorecer um processo educativo mais completo, significativo e conectado com as múltiplas potencialidades dos estudantes.

Quadro 16 – Entrevista com o Professor: Pergunta 5

Professor(a)	
5-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experenciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	Eu acredito que sim, mas é importante mencionar alguns pontos para que o clube proporcione esse desenvolvimento integrado nos alunos. Em um clube de protagonismo, quando ele está iniciando e quando a gente trata de alunos de primeiro ano, essas questões emocionais, sociais, ainda estão começando, eles ainda estão aprendendo algumas habilidades de colaboração, cooperação, autonomia. Então, durante o início do clube, é muito difícil falar, afirmar se o clube vai proporcionar esse tipo de integração e formação nos alunos. Mas eu acredito que quando o clube já está maduro, quando isso, vamos dizer, em alguns anos, quando um clube já está maduro e os próprios alunos desenvolveram uma autonomia, uma maturidade, são alunos protagonistas que colaboram, pesquisam, fazem projetos, buscam soluções para problemas sem o professor estar a todo tempo acompanhando. Então assim, quando o clube está maduro, eu acredito que o clube pode sim desenvolver uma formação e contribuir para a integração entre a formação integral e técnica, ou eu posso dizer, a formação profissional, então, claro. Observando todas as dimensões sociais, pessoais, emocionais e acredito que o clube precisa estar maduro, ele precisa ter alunos que já tiveram várias experiências e já passaram por talvez vários projetos e erraram muitas vezes durante esse processo e aprenderam sendo acompanhados por professores e então eles vão chegar a um ponto em que eles não vão precisar mais de um professor acompanhando, eles já vão ter uma autonomia, aí sim eles podem, esses alunos que formam o clube podem proporcionar momentos nas reuniões, nos projetos a serem desenvolvidos no clube que proporcionem essa Formação. Um clube é composto por alunos, então assim, quando os alunos

ensinam outros alunos, quando os alunos já têm uma certa autonomia, já aprenderam com os erros, muitas vezes acertaram durante esse processo e foram aprendendo. Então esses alunos que estão mais maduros, eles contribuem para aqueles alunos que estejam chegando ao clube, desenvolvam alguns valores, algumas habilidades e competências. Então um clube é feito por alunos protagonistas para que esse clube continue crescendo e amadurecendo.
--

Fonte: O Pesquisador.

A fala do professor se mostra rica, recheada de experiências e muito bem articulada com as perspectivas formativas que estão incutidas nos processos desenvolvidos nos clubes de protagonismo juvenil. Podemos identificar vários pontos de importância na fala do professor, dimensões como o amadurecimento dos clubes, a autonomia estudantil na efetivação de processos, a formação obtida através das experiências oportunizadas e o papel dos pares no processo de aprendizagem, ficam mais pronunciados e demonstraram o sentido inovador do processo pedagógico identificado na atividade dos clubes.

A primeira dimensão que consideramos como relevante, se refere à noção de formação integral como um processo gradual, que se desdobra em seu próprio tempo e que é impactado pelo processo de amadurecimento coletivo dos clubes. Moll (2012) nos faz refletir no sentido de que, para ela, a formação integral do educando é um processo contínuo, marcado por múltiplas interações, que vão além do espaço formal da sala de aula, nelas, é possível obter diagnósticos para que se execute o melhor plano de ação dada a situação posta.

Amparados pelas percepções de Moll(2012), podemos dizer que ao evitar uma visão reducionista, simplista ou imediatista sobre as etapas vivenciadas pelos clubes, o professor reconhece que nos estágios iniciais, principalmente com os estudantes do primeiro ano, é possível encontrar certas fragilidades quando levamos em consideração as competências emocionais e sociais.

Esse destaque revela uma observação ativa, que oportunizou, ao docente, uma compreensão mais contextualizada da fase vivenciada pelos jovens, ou seja, a fase da adolescência. Esta fase é marcada por uma multiplicidade de sensações, sentimentos e dúvidas que acabam afetando, também, o desenvolvimento das ações de protagonismo instigadas nos clubes em questão (SILVA, 2009).

É preciso lembrar que “os processos formativos que visam a autonomia e o protagonismo demandam tempo de maturação, pois são construídos a partir das vivências, das relações interpessoais e do reconhecimento das próprias capacidades” (HERNANDEZ, 2000, p. 105). Ao constatar tais particularidades nos jovens, o docente reconhece e destaca que o clube

de protagonismo juvenil, enquanto espaço formativo, deve, também, respeitar e oportunizar aos jovens o tempo necessário para que as vivências e experiências, ali desenvolvidas, se efetivem, sempre levando em consideração as particularidades das vidas daqueles que ali interagem.

Diante deste contexto, o processo de amadurecimento dos jovens nos clubes surge como uma categoria central para o sucesso da promoção de uma formação que se efetive integralmente (SILVA, 2018). O professor afirma, ainda, que a maturidade alcançada pelo grupo é construída por meio da vivência de erros, de tentativas, de projetos e de acompanhamentos relato que se assemelha a visão já evidenciada por Hernandez (2000) . A partir da fala do docente, entendemos que se tais processos não ocorressem, os clubes não alcançariam sua real potência pedagógica, o que dificultaria qualquer interferência positiva que esses espaços poderiam oportunizar para a vida dos estudantes.

A ideia defendida pelo docente, se assemelha ao que Gadotti (2000) afirma, estabelecendo que a formação integral não é dada, mas construída com o tempo. Certamente, sua percepção está amparada no processo de socialização dada por meio da interação entre os estudantes nos clubes . Identificar esse fato, na resposta dada pelo professor, mesmo que através de um processo interpretativo, reforça a dimensão dialógica e coletiva que os clubes de protagonismo tem para o processo de formação dos estudantes, algo positivo e que se aproxima da visão de formação crítica proposta em Freire (1996).

Tal fato pode ser percebido, também, nas diversas aprendizagens oportunizadas nos clubes, que já foram evidenciadas pelo professor, revelando que, além de satisfação pessoal, o clube oportuniza a vivencia de um trabalho colaborativo, onde os estudantes, juntos, desenvolvem ações que se concretizam em conhecimento apurado, já aplicado e recheado de sentido (SANTOS, 2020).

Outro ponto importante que o professor destaca é o papel da autonomia estudantil. Ao afirmar que o clube se fortalece quando os estudantes conseguem caminhar “sem a presença constante do professor”, ele propõe uma visão de educação que valoriza o protagonismo real, não apenas o simbólico. Essa autonomia, no entanto, não surge espontaneamente. Percebemos nas entrelinhas da fala do professor, que a autonomia, constatada por ele, é fruto de processos intencionais de formação, orientação e convivência, ou seja, a autonomia do estudante não é um ponto de partida, mas um ponto de chegada, que se constrói no cotidiano das práticas pedagógicas participativas e dialógicas (FREIRE, 1996) para que os estudantes tenham onde se apoiar, e um norte a seguir.

De maneira semelhante Santos (2020) discute que o protagonismo juvenil, dos clubes, emerge de situações em que os jovens têm espaço para tomar decisões e participar ativamente

da construção do conhecimento, algo que é potencializado através das mediações docentes que incentivam uma reflexão crítica. Esta perspectiva é defendida, também, pelo docente entrevistado, ao apresentar suas experiências com os clubes.

Ele defende que o fomento do desenvolvimento da autonomia dos estudantes, em seus próprios processos formativos, pode ser potencializado quando se tem o entendimento de que a orientação pedagógica docente, como um start inicial, se faz necessário, seja para instruir, auxiliar, ou para resguardar, fator este que se apresenta como essencial na efetivação das atividades dos clubes, bem como para sua sustentável manutenção.

A menção à atuação dos alunos mais experientes como formadores informais dos novatos, introduz uma dimensão colaborativa para o funcionamento dos clubes. Essa interação, entre pares, cria espaços de aprendizagem horizontalizados, onde o conhecimento não é verticalmente transmitido, mas construído através de contribuições dos participantes dos clubes, fato que se mostra como um marco da proposta pedagógica dos clubes (SILVA, 2018).

Nessa lógica, os clubes de protagonismo juvenil se configuram como verdadeiros laboratórios de formação cidadã, e não meramente um espaço de reprodução de um currículo acadêmico predeterminado (PORTELA, 2020). Neste espaço educativo, o erro não é penalizado, mas incorporado como elemento formador que pode trazer, para a micro comunidade, valiosas aprendizagens, algo que em um espaço estritamente tradicional não verificaríamos como algo possível.

Já chegando ao fim da fala do professor, vemos que ele apresenta uma visão coerente com a proposta do Ensino Médio Integrado, ao reconhecer que a formação profissional e a formação humana, técnica e integral, podem dialogar de forma harmoniosa, fato já defendido também por Ciavatta e Ramos (2011). Nesse sentido, ele elenca os clubes como um exemplo de mediação que pode funcionar, porém, salienta que para que se concretize é preciso que os clubes estejam bem estruturados e que tenham passado pelas etapas necessárias para que se tornem, dia a dia, mais maduros.

Brasil (2017, p. 45)”, corrobora com a visão apresentada pelo professor quando afirma que “A integração entre formação geral e formação profissional deve ocorrer de modo que o estudante possa relacionar conhecimentos teóricos com práticas concretas, garantindo a contextualização do aprendizado e sua aplicabilidade na vida profissional.” neste contexto, ao apresentar e defender uma compreensão sofisticada sobre os processos educativos, indicando que os clubes, quando bem desenvolvidos, atuam como agentes mediadores entre o mundo escolar, profissional e a vida de maneira geral, o professor afirma que esses espaços educativos podem potencializar as competências técnicas, cognitivas, sociais e emocionais daqueles que

desfrutam desses ambientes de interação, enquadrando os clubes como reais possibilidades para o desenvolvimento integral dos estudantes nas mais distas áreas de suas vidas.

A próxima pergunta tem o intuito extrair do professor as suas percepções, e o seu posicionamento, sobre o real papel do docente que se propõe a auxiliar os estudantes em uma atividade extracurricular. Ao identificar o seu papel para que os clubes funcionem, ele pode revelar mais do que regimes procedimentais, e apresentar experiências, interlocuções e novas dimensões para a ação docente em um contexto que exige moderação e efetividade nas ações.

Quadro 17 – Entrevista com o Professor: Pergunta 6

Professor(a)	
6-	Qual papel essencial que o professor desenvolve para que os clubes aconteçam?
R-	Eu acredito que é a presença. O professor presente, principalmente durante o início de um clube, é imprescindível. A presença do professor nas motivações, nas atividades que o clube vai fazer, os alunos vão passar. Então, muitos alunos do ensino médio, no terceiro ano alguns até abandonam o clube para se dedicar a outras atividades, como o Enem. E aí, o clube acaba? Precisa ver a presença de um tutor, um professor, para que motivo. Outros alunos a conhecerem o clube, a participarem das atividades, envolverem projetos e para que esses alunos desenvolvam também autonomia, colaboração, algumas habilidades, inclusive sociais, emocionais, físicas também que serão úteis, enfim, na própria formação deles, mas também na aplicação da própria administração do clube, então acredito que é importante, o papel essencial do professor é um acompanhamento sistemático e algumas vezes acompanhando de perto, outras vezes se dançando, mas o professor nunca pode abandonar o clube, acredito que o professor ele. Ele faz um papel sim de supervisor. E para que um professor tenha um papel essencial, ele precisa ter algumas características, inclusive profissionais. O professor favorece, contribui para o desenvolvimento do clube se o professor tem um vínculo efetivo com a escola. Então, em qualquer clube, para que um clube inicie a madureza, acredito que pode levar anos. Precisa haver esse acompanhamento de um professor, de preferência que ele seja efetivo. Claro que um professor temporário pode desenvolver uma atividade, só que não tem uma garantia que o clube que o professor acompanhe vai ser sempre orientado por ele. Clube é orientado por um professor efetivo, isso aumenta as chances dele sobreviver ao longo dos anos, dele continuar vivo com atividades, com projetos, com alunos, quando a gente trata de alunos ensino médio, a presença de um professor é fundamental, embora ele não seja a peça central nos clubes de protagonismo, mas o acompanhamento de um professor ele é importante, é essencial.

Fonte: O Pesquisador.

Assim como Freire (1996) destaca, quando discute que a mediação pedagógica deve favorecer a escuta atenta dos sujeitos, possibilitando a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo, onde o professor atua como facilitador das experiências dos jovens, estimulando sua autonomia e protagonismo, percebemos que o entrevistado pondera a importância da mediação, e as suas respectivas consequências, no clube de protagonismo juvenil, enquanto espaço não formal de aprendizagem. Recorrendo, mais uma vez, a Bardin (2011) podemos estabelecer que a unidade de registro mais evidente durante o início, e em boa parte de seu relato, é a ideia da “presença docente”.

No trecho: “Eu acredito que é a presença. O professor presente, principalmente durante o início de um clube, é imprescindível”. A afirmação do professor nos leva a compreender que a presença docente funciona como o elemento estabilizador e norteador nos clubes (BORGES, 2024), sobretudo nos momentos iniciais e nos períodos de maior instabilidade, como quando alunos veteranos deixam de participar para se dedicar ao ENEM.

Podemos dizer que a presença docente é demonstrada através de um conjunto de estratégias e atitudes colocadas em prol do desenvolvimento cognitivo, comunicativo e social do estudante durante seu processo de aprendizagem. Assim sendo, mesmo que a atividade dos clubes seja proposta e desenvolvida pelos estudantes (SANTOS, 2020) a ação docente deve ser considerada como um suporte institucional que visa a manutenção e a sustentabilidade dos clubes, portanto, podemos dizer que é a integração entre ação docente e protagonismo juvenil que produz a possibilidade de manter um clube longo e produtivo.

É preciso salientar que o professor afirma que a presença docente é indispensável, o que de fato é, pois, sem supervisão, os clubes podem correr o risco de perder o sentido inicial e passar a se apresentar como espaços para mera distração e não para produzir conhecimento com significado (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

A fala do professor indica que a orientação nos clubes de protagonismo deve fazer com que os estudantes sejam capazes de relacionar o conteúdo novo com seus conhecimentos prévios, construindo o saber a partir de suas próprias experiências e interesses, de modo que o aprendizado não se dissocie dos objetivos educacionais (MOREIRA, 2010), assim o processo educativo se concretiza através da construção de saberes, ao mesmo tempo, sólidos e verdadeiramente significativos.

O fato do professor salientar que esse acompanhamento é mais necessário nas fases iniciais dos clubes, reforça a sua posição de que não se quer a imposição docente em detrimento da discente, o que se quer, e fica nítido em sua argumentação, é que o clube, ora criado pelos jovens, se estabeleça e seja longo. A participação docente se efetiva ao direcionar os

estudantes, dentro dos propósitos que eles mesmo estabeleceram, e assim como Silva(2019), ressalta, entendemos que a mediação efetivada pelo professor, “contribui, possibilitando, tanto aos professores quanto aos estudantes, a criação de uma atmosfera educacional propícia ao desenvolvimento de atividades integradoras onde as relações entre ambos assumam, por compromisso, a formação de todos/as.”

O professor apresenta elementos que mostram que o propósito da ação docente com a mediação nos clubes não é o de anular o protagonismo nem a autonomia dos estudantes, mas antes, é o de potencializá-la (SILVA, 2018). Ele ressalta que o professor “não é a peça central nos clubes de protagonismo” assim como Freire(1996) estabelece que o professor não deve ser o agente principal da ação educativa, isso reafirma a proeminência dos estudantes no desenvolvimento de saberes, o que favorece o entendimento de que a atividade dos clubes de protagonismo juvenil contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

No entanto, o professor afirma, ainda, que, mesmo o protagonismo e as responsabilidades, com as atividades, serem parte integrante da ação dos alunos, a presença do docente durante estas ações é, ainda assim, “fundamental”. Essa dialética evidencia a visão de um professor que entende a necessidade de se efetivar um acompanhamento sistemático, onde ele não se coloca como principal agente das ações educativas, mas se apresenta como um suporte necessário para a sua efetivação, algo que se assemelha a visão crítica do ensino já defendida por Freire(1996) e evidenciada pelo professor entrevistado ao se referir aos clubes.

Esta crença é reafirmada quando ele diz que “o papel essencial do professor é um acompanhamento sistemático e algumas vezes acompanhando de perto, outras vezes se distanciando”. Essa alternância entre proximidade e distanciamento demonstra que é necessário que o professor desempenhe uma ação pedagógica que esteja presente, através de uma escuta ativa (STAMATO, 2008), mas que permita que os estudantes desenvolvam sua própria autonomia como já defendia e preconizava Freire(1996).

A atuação docente, nos Clubes de Protagonismo Juvenil, deve ocorrer ora como tutor direto, ora como supervisor discreto, permitindo que os estudantes desenvolvam competências, através de ações colaborativas, mas, assim como Silva (2019) salienta, não deve deixar que as ações ali realizadas tomem um rumo pouco significativo no que diz respeito a formação progressiva de cada participante.

A resposta dada pelo docente também se alinha à noção de que a formação integral do aluno, tanto nas dimensões cognitivas quanto nas socioemocionais, pode ser favorecida com as mediações efetivadas pelo docente nos clubes de protagonismo juvenil. Seguindo as perspectivas de Freire(1996) e Libâneo (2013) entendemos que o papel do professor como

mediador nos projetos de protagonismo juvenil não é de protagonista da ação, mas de suporte reflexivo e afetivo, assegurando ao estudante a coragem necessária para arriscar e criar, ou seja, é salutar que exista um professor que ofereça apoio, orientação e que transmita confiança, sendo um ponto de segurança aos estudantes, no entanto, sua ação não pode ultrapassar os limites da orientação, ele deve sempre se colocar como suporte, nunca como agente da ação.

Para finalizarmos a entrevista com o docente, e com o objetivo de compreender o papel da Secretaria da Educação do Estado da Paraíba no apoio à implementação e ao funcionamento dos clubes de protagonismo juvenil, a última pergunta proposta ao professor, busca investigar se há alguma oferta de formações específicas voltadas para as equipes pedagógicas que se relacionam com os clubes de protagonismo.

Saber se existem orientações formais ou capacitações promovidas pela Secretaria é fundamental para que possamos entender como se dá o processo de organização, estruturação, manutenção e avaliação dos clubes nas escolas, bem como, o grau de preparo e suporte que tem sido oferecido, não só aos profissionais da educação, mas também aos estudantes participantes, a fim de que, ambos, possam conduzir as atividades propostas nos clubes com eficácia e conscientes do sentido pedagógico que está entremeado nesta atividade extracurricular.

Quadro 18 – Entrevista com o Professor: Pergunta 7

Professor(a)	
7-	A Secretaria da Educação do Estado da Paraíba desenvolve alguma formação para nortear a equipe escolar sobre o funcionamento dos clubes, se sim, qual?
R-	Eu penso que a Secretaria de Educação poderia proporcionar mais formações, mais documentos para que oriente a escola, o gestor, os professores e os próprios alunos a como conduzir um clube, planejar, estruturar os pormenores, as dificuldades que podem surgir e realmente eu gostaria que tivessem informações produzidas ou pela Secretaria de Educação ou por outros institutos que a Secretaria pudesse disponibilizar, formações nessa área de desenvolvimento de clubes de protagonismo, talvez principalmente para os alunos. Alguns alunos com. Líderes de turma, alguns alunos protagonistas, se inscrevessem em formações. Como acontece em projetos como o Conexão Mundo, projetos de como se liga no Enem, outros projetos que a Secretaria desenvolve, acredito que uma informação voltada para clubes de protagonismo seria muito interessante para o desenvolvimento dos clubes no estado da Paraíba.

Fonte: O pesquisador.

Nesta última resposta, o professor evidenciou que existem lacunas e expectativas relacionadas à atuação da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba no suporte

metodológico e informacional aos Clubes de Protagonismo Juvenil. A marca central da resposta do professor é a ausência de formações estruturadas sobre a organização, manutenção e desenvolvimento dos clubes, não só para os profissionais que compõem o corpo escolar, mas também, para os estudantes.

Este fato é preocupante pois assim como Altenfelder (2005, p. 1) afirma que “a formação inicial ou continuada, constitui-se, portanto, tema de importância para estudo e pesquisa, no sentido de se buscar promover as condições para que a escola cumpra efetivamente sua função”, os clubes de protagonismo juvenil demandam um suporte institucional consistente, com orientações práticas e teóricas, para que possam se consolidar como espaços de aprendizagem significativa, caso contrário, sua manutenção fica comprometida, o que desgasta o sentido real da propositura destes espaços formativos.

O trecho da fala do docente em que diz “eu penso que a Secretaria de Educação poderia proporcionar mais formações, mais documentos para que oriente a escola, o gestor, os professores e os próprios alunos”, demonstra uma clara fragilidade institucional no que tange ao suporte técnico-pedagógico necessário para que os clubes sejam mais do que iniciativas isoladas, principalmente por que sem uma formação adequada qualquer iniciativa no âmbito educacional fica prejudicada (ALTENFELDER, 2005) o que nos faz concluir que a falta de diretrizes claras e de uma formação continuada voltada para os clubes de protagonismo juvenil acaba gerando insegurança nos docentes e uma execução improvisada dessas atividades dentro das escolas. Nesse contexto, podemos afirmar que, para o professor, a atuação da Secretaria de Educação tem se mostrado insuficiente, quanto a oferta de formações que orientem, de maneira adequada, as práticas dos participantes e coparticipantes dos clubes de protagonismo juvenil.

Embora as diretrizes para o ano letivo de dois mil e vinte e quatro (2024) mencionem, de forma pontual, o conceito dos clubes, e suas práticas, vemos que, na prática, perdura a ausência de um processo formativo estruturado que forneça, não apenas fundamentos teóricos, mas também diretrizes práticas para a implementação e condução das atividades. A formação continuada, neste caso, deveria estar “a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento sistematizado, que possa oferecer a fundamentação teórica necessária para a articulação com a prática criativa em relação ao aluno, à escola e à sociedade” (LIMA, 2001, p. 32).

A falta de uma formação sistematizada pode trazer consequências para a efetividade das atividades dos clubes, uma vez que os estudantes, juntamente com os demais envolvidos, carecem de subsídios pedagógicos consistentes para atuar de maneira intencional e alinhada aos objetivos propostos para que o clube de protagonismo se estabeleça como espaço de construção de conhecimento com significado como Santos (2020) os apresenta.

A fala do docente também anuncia a necessidade formativa baseada em experiências, algo que ultrapasse a figura tradicionalista do professor, como que o único responsável pelo direcionamento das ações educativas, aproximando-se do que Freire(1996) discutia ao propor um processo formativo contextualizado. Tal posicionamento demonstra que o professor concorda com o entendimento de que a construção de práticas de protagonismo juvenil exige uma formação ampliada, que envolva não apenas professores, mas toda a comunidade escolar, promovendo uma cultura de corresponsabilidade (SÁ, 2019) integrando todos os interagentes desta ação educativa.

A menção direta, feita por ele, à estruturação de “documentos”, à preparação para os “pormenores” e à proposições para as “dificuldades que podem surgir” indica uma lacuna de aspectos concretos, ou seja, de fatos que acontecem no dia a dia dos clubes. Esses elementos trazem à tona a falta de um sistema formacional para a comunidade escolar, e este fato é algo preocupante, pois, “identificamos que ainda restam desafios, principalmente em se ultrapassar a dicotomia entre teoria e prática, pois, como já apontamos em estudos anteriores temos na área da formação continuada uma crise (ALTENFELDER, 2004, p.154).” Para que isso seja evitado, é preciso efetivar um melhor planejamento estratégico e metodológico, algo que deve ser apresentado a todos que fazem parte do processo formativo dos clubes de protagonismo, pois , aparentemente, tal execução não tem sido efetivada.

Outro aspecto relevante na fala do professor, é a sugestão, dada por ele, de oportunizar articulações para os clubes baseado em experiências que já lograram êxito, como com os projetos “Conexão Mundo” e “Se Liga no Enem”(PARAIBA, 2018b). Ao mencionar esses programas, ele propõe a construção de processos semelhantes aos que já estão sendo executados pela Secretaria de Educação - PB, reconhecendo, assim, que há capacidade institucional para estruturar e oferecer uma formação continuada, apontando, entretanto, que essa atenção ainda não foi direcionada, de forma sistemática, aos Clubes de Protagonismo Juvenil.

A referência trazida pelo docente, quanto à ações concretas efetivadas em outros programas que também foram propostos e estruturados pela referida Secretaria, sugere um desejo de que ocorra no Estado, de maneira institucionalizada, uma ampliação das políticas públicas voltadas ao fomento do protagonismo juvenil, com ações formativas mais democráticas, contínuas e acessíveis, de modo que as atenções da Secretaria não sejam estabelecidas de maneira setorializada, mas, sim, através de categorias horizontais de importância, onde os Clubes de Protagonismo Juvenil estejam em um mesmo patamar de importância que outros programas já desenvolvidos pela referida Secretaria de Educação.

Por fim, o docente traz a ênfase na formação dos alunos líderes e protagonistas, requerendo, assim, a valorização da autonomia juvenil. Quando o professor diz que “seria muito interessante uma formação voltada para os clubes, talvez principalmente para os alunos”, ele reconhece que o estudante é o agente ativo das atividades propostas nos clubes, e que ele é capaz de planejar, conduzir e avaliar ações neles desenvolvidas, no entanto, ressalta que é preciso que haja preparo para que tais ações sejam efetivadas, pois a autonomia juvenil deve se construir “a partir de experiências orientadas, nas quais o estudante vivencia, experimenta e reflete sobre suas próprias práticas, tendo o professor como um mediador” (COSTA, 2000), e este sendo também orientado e formado para lidar com as diversas situações que são passíveis de acontecer em um ambiente de educação não formal como os clubes de protagonismo juvenil.

A sugestão dada pelo professor, reforça a ideia de Stamato (2008) que defende que o protagonismo não pode ser apenas nominal ou simbólico, ele precisa estar sustentado em ações concretas que capacitem os jovens para esse papel. Portanto, assim, como o professor entrevistado alerta, é urgente que se preconize a construção conjunta de um padrão estruturante que oriente o desenvolvimento das atividades dos clubes de protagonismo, assim, as ações, ali desenvolvidas, serão amparadas por formações sistemáticas e poderão transcorrer com maior eficiência, o que certamente auxiliará no desenvolvimento integral dos estudantes.

Encerrando a série de entrevistas propostas, no âmbito da investigação sobre os clubes de protagonismo juvenil, dedicamos esta última fase à escuta atenta de quatro estudantes diretamente envolvidos com as atividades que ali são propostas. Essa etapa sucede as entrevistas com a coordenação pedagógica da escola, com a gestora e com um docente da instituição, fases que nos possibilitou o estabelecimento de um panorama amplo e diversificado das percepções daqueles que não atuam como os agentes principais das ações. Neste momento, nos debruçamos sobre as perspectivas dos estudantes, que vivenciam os clubes na prática, a fim de compreender, de forma mais aprofundada, os significados atribuídos à vivência nos clubes e os impactos concretos dessa participação em suas trajetórias formativas.

As entrevistas, efetivadas com os estudantes, visaram captar as nuances do funcionamento dos clubes, as motivações para o engajamento, os desafios enfrentados durante as atividades ali propostas e, sobretudo, os efeitos percebidos em termos de desenvolvimento pessoal, social, emocional e acadêmico, assim como Silva(2018), Santos(2020) e Portela(2020) elencam.

O intuito foi verificar se, e como, essas atividades favorecem a construção de competências essenciais para a vida em sociedade, como o senso crítico, a autonomia, a empatia

e a capacidade de cooperação, além de observar possíveis influências na autoestima, no sentimento de pertencimento e na construção de um caráter identitário dos jovens nos clubes.

Dessa forma, essa última fase da pesquisa é essencial para analisar o clube de protagonismo juvenil, não apenas como uma ferramenta derivada de uma estratégia pedagógica, mas como uma prática educativa com potencial transformador para realidades postas na vida dos jovens, bem como, para o desenvolvimento da formação integral dos mesmos. Para que possamos simplificar as análises, e que possamos discorrer de maneira mais fluida sobre as nossas percepções nas falas apresentadas para cada pergunta, iremos adaptar a sistemática que temos utilizado até agora na efetivação das análises.

A partir de agora, apresentaremos as questões propostas juntamente com a resposta de cada estudante de maneira individualizada, para que, assim, possamos analisar as respostas paralelamente, encontrando similaridades e discrepâncias, para que ao fim tenhamos uma análise comparativa de questão a questão, de maneira que consigamos reflexões mais profundas sobre os clubes de protagonismo juvenil. Estabelecemos que a estudante A é a que participa do Clube intitulado Clube do Enem, o B é o do Clube de Astronomia, a C é do Clube de Leitura e o D é o participante do Clube de RPG de mesa.

A primeira questão indaga os estudantes sobre seus papéis nos clubes dos quais participam, é uma indagação para apresentação, e verificação do nível de interação que cada estudante tem com os clubes.

Quadro 19 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 1

Estudantes	
1-	De quais clubes você participa e como você participa?
R- A	Primeiramente eu participo do meu, em que eu sou a líder, e eu participo também do clube do cinema, onde eu sou apenas uma aluna, não tenho função ativa nenhuma, apenas participo. E o nome do meu clube é Vai de ENEM.
R- B	Eu participo de astronomia como presidente, do de leitura como um membro e só.
R- C	Participo do clube de leitura como líder e também do clube de robótica também como líder.
R- D	Atualmente, eu só participo de um único clube de protagonismo, que é o clube de RPG de mesa, clube esse cujo eu também sou o presidente e fundador do clube.

Fonte: O Pesquisador.

Os estudantes, de maneira mais resumida, se apresentam e logo em suas primeiras respostas vemos aspectos de similaridades e de discrepâncias. Em um primeiro momento, o

aspecto que se evidencia é a presença de funções de liderança nos relatos dos quatro estudantes. Todos exercem, em pelo menos um dos clubes, o papel de liderança, seja como líderes, presidentes ou fundadores, tal constatação revela um envolvimento ativo dos estudantes com os clubes, ultrapassando a limitação de uma participação meramente operacional, demonstrando que os clubes de protagonismo juvenil instigam o desenvolvimento da autonomia, assim como, a lida com os processos gerenciais (SILVA, 2019).

Diante de todas as falas, percebemos uma semelhança fundamental, que se apresenta nas entrelinhas dos discursos dos estudantes. Todos demonstram certo grau de apropriação dos espaços formativos, revelando que os clubes, em certo grau, fomentam o desenvolvimento ativo do protagonismo juvenil. Este é um registro significativo, principalmente, por que os clubes foram idealizados para oportunizar aos jovens espaços de interação, desenvolvimento de habilidades e construção de conhecimento com significado, tendo como agente principal o estudante em seu ímpeto protagonista (SILVA, 2019) .

No entanto, há diferenças significativas quanto à profundidade da atuação e à diversidade de experiências. Santos (2020), já destacava que os clubes de protagonismo juvenil possibilitam múltiplas formas de engajamento dos estudantes, desde a participação em processos de gestão e tomada de decisão, até a inserção ativa em atividades culturais, sociais e acadêmicas, respeitando os interesses e as aptidões de cada jovem. A estudante A, por exemplo, apresenta uma participação dividida entre liderança ativa, no clube que ela mesma nomeia como “meu”, e uma presença operacional em outro clube, o que indica uma consciência sobre diferentes formas de engajamento, ainda que a ênfase, de sua fala, esteja centrada no clube voltado para o ENEM, que apresenta um viés mais acadêmico e utilitário.

O estudante B, por outro lado, trouxe, de maneira sucinta a condição de presidir um clube voltado à ciência (Astronomia), além de demonstrar que o clube possibilita “uma aproximação entre o conhecimento científico e o cotidiano dos estudantes, potencializando o interesse pela ciência” (BARBOSA E CARVALHO, 2024), revela que é possível que o jovem trabalhe com temas de alta relevância mesmo sem estar seguindo, necessariamente, o currículo da base comum ou estar em um ambiente educativo estritamente formal.

A estudante C se destaca por liderar dois clubes de naturezas distintas, de certa maneira, o engajamento, evidenciado em sua fala, sugere uma integração entre áreas humanas e tecnológicas, algo que enriquece a proposta dos clubes, pois, ao “permitirem a atuação em múltiplas áreas do conhecimento, promovem uma vivência interdisciplinar que dialoga com as competências gerais da BNCC, fomentando uma formação integral e contextualizada” (SILVA, 2019, p. 92). Assim, ao passar por experiências distintas e diversas, a estudante C demonstra

que um único estudante tem a oportunidade de experimentar uma formação mais abrangente, multidimensional, que se baseia em nuances de processos interdisciplinares e, por assim ser, a efetivação de uma formação integral fica potencializada.

Já o estudante D oferece uma fala mais elaborada e pessoal ao afirmar que foi o fundador do clube de RPG de mesa. Sobre este ponto Silva (2018), Santos (2020) e Portela (2020) concordam que o ato de fundar um clube estudantil revela uma faceta ampliada do protagonismo juvenil, pois exige do estudante não apenas o engajamento, mas também a capacidade de mobilizar pares e articular processos organizacionais, ou seja, o estudante D adiciona à sua atuação, enquanto interagente do clube, o componente da iniciativa, ou seja, o start da criatividade para que, posteriormente, a construção coletiva ocorresse, tais elementos são típicos de alguém que experienciou o clube de protagonismo juvenil, em um grau superior de vivência, ou seja, de maneira mais aprofundada (SILVA, 2018).

Podemos inferir, a partir das falas dos estudantes, que eles expressam níveis de participação que variam entre a liderança ativa, o engajamento com viés criativo e a participação operacional. É preciso salientar que “os diferentes níveis de engajamento nos clubes de protagonismo não apenas refletem as preferências dos estudantes, mas também suas trajetórias de desenvolvimento pessoal e social” (PERNAMBUCO, 2025), assim, a depender do clube nos quais se envolvem, bem como, da forma como essa interação acontece, seus processos formativos são alterados e suas perspectivas quanto a vida vão sofrendo alterações proporcionais.

A pluralidade de experiências, aqui evidenciadas, demonstram o potencial dos clubes de protagonismo juvenil como espaços propícios a experimentação da heterogeneidade, onde as aprendizagens podem se manifestar de diversas maneiras, dando aos estudantes a oportunidade de assumirem diferentes papéis em diversos contextos (SILVA, 2019). O intuito destes múltiplos contextos se funda, aparentemente, na possibilidade, dada aos estudantes, de desenvolverem diversas competências a fim de que construam seus próprios trajetos tendo como base um ambiente educativo não formal de educação como é o caso dos Clubes de Protagonismo Juvenil (PERNAMBUCO, 2025).

O próximo questionamento efetuado aos jovens tem o objetivo de compreender as motivações, objetivas e subjetivas, que levam os estudantes, que já vivenciam o ensino médio integrado, a se engajarem nas atividades dos clubes de protagonismo juvenil. Esta questão é crucial, pois nos possibilita analisar os principais fatores que impulsionam o engajamento dos jovens em atividades que não possuem recompensas imediatas, ou seja, que não geram notas nem progressão ou contenção de ano letivo. Além disso, acessar os sentidos atribuídos pelos

próprios estudantes às suas escolhas de participação e de engajamento nesta atividade extracurricular nos permite conhecer mais sobre o sentido que os clubes de protagonismos tem para os estudantes.

Quadro 20 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 2

Estudantes	
2-	Por que você decidiu participar das atividades dos clubes de protagonismo?
R- A	Eu decidi participar ano passado, quando eu participava do Outro de Astronomia, porque eu queria aprender um pouco mais sobre, já que eu não tinha tanto conhecimento e também para existir uma troca ali de uma interação entre as pessoas, e esse ano eu participo do cinema Eu gosto bastante porque é um momento entre aspas de lazer que eu tenho no horário de almoço, mas é apenas uma vez na semana É um momento de descanso para a gente aqui da escola que vai ficar o dia inteiro ativo, a mente sem parar Então, finalmente quando você tem um momento de descanso, de lazer, sua mente pode descansar um pouco E eu criei porque eu tinha bastante conhecimento sobre e eu queria compartilhar Eu acho que quando você tem um conhecimento que você pode compartilhar para as pessoas, você não dá eficácia para você, você tem que ajudar as pessoas. Pessoas, e também muita gente por já saber que eu sabia algumas coisas do Enem, né? Então muitas pessoas viam até mim, perguntavam isso, perguntavam aquilo, e aí eu tive a ideia de criar. Ah, eu vou criar, eu vou falar tudo de uma vez só.
R- B	Desde que eu cheguei na escola eu me interessei pelo Clube de Astronomia porque no acolhimento inicial foi falado da existência de clubes e especificamente do de Astronomia que foi o que eu mais me interessei porque eu gosto muito de Astronomia. E eu achei bem legal de início da apresentação, mas como eu estava me adaptando bastante a escola eu não frequentava tanto, eu vim ter mais frequência e participação lá para o fim do ano.
R- C	De início, houve o acolhimento inicial em que foram apressadas as ideias e como funcionava nos horários de almoço à escola. Para não ser aquela rotina monótona, existiam clubes, então eu participei de uma aula inaugural e aí o professor me convidou para participar do clube de robótica. E foi assim que a gente foi desenvolvendo as atividades e o clube de leitura, que é mais recente, foi a necessidade dos alunos se integrarem na leitura através de dinâmicas e de colaboração entre os estudantes..
R- D	O primeiro motivo que eu consigo pensar do porquê que eu me envolvi com os clubes de protagonismo em primeiro ponto é pra minha mente conseguir ter um descanso da carga horária da escola, que sim continua sendo bem puxada apesar das mudanças que aconteceram. Também vale citar que foi uma maneira minha de procurar interagir mais com os meus colegas da escola. Então foi uma mistura entre esses dois motivos.

Fonte: O Pesquisador.

Inicialmente é importante lembrarmos que o intuito da atividade dos clubes de protagonismo é proporcionar espaços de desenvolvimento, pois, “os clubes escolares permitem alinhar um tema de interesse ao aprendizado teórico e prático dos estudantes de uma forma ativa”(PORTELA, 2020, p. 10). Inteirados deste contexto e a partir do conteúdo das falas dos jovens, percebemos que a motivação para a participação nos clubes parte de diferentes núcleos de interesse e de necessidade, isso aponta para o caráter multifacetado dos clubes, revelando, não só a multiplicidade de motivações que levam os jovens a se engajar, mas também um potencial enorme para construção da formação integral dos mesmos devido as diversas áreas que são abrangidas por esta atividade.

Os conteúdos que foram manifestos nas falas dos estudantes, trazem à tona, segundo Bardin (2011), algumas unidades de sentido ligadas a três dimensões que se destacam, sendo elas o interesse pessoal e afinidade com o tema do clube; o desejo de interação social e de se sentir pertencente a algo, e a busca por equilíbrio emocional e bem-estar. Para que possamos compreender melhor é necessário analisar as particularidades que cada jovem suscitou em sua fala.

Inicialmente, a estudante A apresenta um relato que mostra o trajeto dos jovens que participam de mais de um clube. Ela nos revela que suas motivações iniciais estavam baseadas no interesse por aprender e interagir, no entanto, já em um outro clube, a sua motivação se baseava na intenção de obter uma postura mais ativa através de ações protagonistas mais propositivas. Ela narra que sua primeira participação se deu no clube de Astronomia, por curiosidade e desejo de troca. No entanto, ao migrar para o clube do ENEM, sua atuação se transforma e ela não apenas participa, mas cria e lidera as atividades propostas, motivada pela necessidade compartilhar conhecimento a partir de uma linguagem entre pares.

Portela (2020, p. 45) estabelece que “o protagonismo juvenil está diretamente relacionado à participação ativa dos jovens nas atividades escolares, promovendo a interação, a colaboração e o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas”, tal reflexão é percebida claramente no discurso da estudante A. Quando a estudante pondera que “quando você tem um conhecimento... você tem que ajudar as pessoas”, ela expressa uma concepção de protagonismo que transcende o individualismo e assume o compromisso com o coletivo através de um forte apelo à responsabilidade social.

Vemos, portanto, que a participação na atividade do clube de protagonismo “favorece a conscientização crítica dos estudantes sobre seu papel na escola e na sociedade, estimulando a participação reflexiva e transformadora” (PORTELA, 2020, p. 52). A fala da jovem revela que houve um amadurecimento entre os dois momentos de escolha, no primeiro era a descoberta o

contato inicial, já no segundo a motivação se ancora na necessidade de agir em benefício coletivo, evidenciando que o clube gerou, na estudante, um senso de responsabilidade, que transcendeu o comodismo.

O estudante B relata um percurso de envolvimento gradual, marcado pelo encantamento que teve através das informações que lhes foram trazidas no acolhimento inicial, onde apresentaram o clube de astronomia o que, desde já, chamou a sua atenção. Santos (2020, p. 4) estabelece que os Clubes Juvenis são “criados e geridos pelos estudantes a partir dos seus interesses” e, corroborando com a proposição de Santos (2020), vemos que a escolha pelo clube de Astronomia, feita por B, está diretamente ligada ao fato de que este tema, especificamente, faz parte de um interesse pessoal que o estudante já possuía, revelando, assim, que os clubes atuam como espaços de valorização das identidades e das vocações individuais dos jovens.

Seu relato, embora mais sucinto, permite perceber o papel que os clubes desempenham enquanto espaços pedagógicos que reconhecem e acolhem os saberes e paixões pré-existentes dos alunos. Observa-se que os clubes podem tornar o tempo na escola mais significativo, pois os estudantes são responsáveis por todas as atividades (SILVA, 2019), especialmente quando essas atividades envolvem áreas que fortalecem, não apenas o engajamento estudantil, mas também o sentimento de pertencimento, ao promover uma experiência que, além de prazerosa, é produtora de conhecimento.

Semelhantemente, a estudante C enfatiza a importância que o acolhimento inicial teve para que ela se dispusesse a vivenciar as experiências oportunizadas pelos clubes. Sua fala destaca o impacto da mediação no processo de engajamento revelando que o convite do professor, bem como a estrutura oferecida pela escola, funcionaram como alavancas importantes para o seu engajamento.

Portela (2020) reflete e estabelece que o incentivo dos educadores é indispensável para manter o engajamento dos jovens nas ações dos clubes, garantindo a continuidade das atividades, ele também reforça que a escola precisa oferecer um ambiente acolhedor e institucionalmente estruturado para que os clubes escolares possam existir e se desenvolver, pois “Escolas que valorizam os clubes juvenis ampliam as oportunidades de aprendizagem para além do currículo formal, favorecendo o desenvolvimento social dos estudantes” (PORTELA, 2020, p. 37) bem como o relacionamento entre eles.

A estudante relata que teve a oportunidade de se envolver em dois clubes de protagonismo, sendo eles o clube de Robótica e o de Leitura. Podemos destacar, a partir de sua fala, que no segundo caso, ou seja quando ela decidiu experienciar o clube de leitura, o foco era promover a integração dos alunos por meio da leitura. Ela elenca que a sua motivação estava

direcionada ao desenvolvimento de relacionamentos interpessoais, além de abranger o caráter formativo que o clube, inerentemente, possui. Verificamos que essa aspiração coaduna com a constatação de Portela (2020, p. 25) quando afirma que “os clubes escolares proporcionam um ambiente favorável para a construção de relações interpessoais entre os estudantes, promovendo a socialização e o desenvolvimento de habilidades sociais.”

Assim, o protagonismo, que a estudante passa a desenvolver, aparece articulado não só a um senso de unir camadas de um coletivo de estudantes, como também ao desejo de criar experiências compartilhadas de aprendizagem, isso sinaliza que a estudante atingiu certo grau de maturidade e consciência do papel social a ser desenvolvida em ambientes estudantis, ainda mais nos clubes que presumem uma ação protagonista intencionada em desenvolver nos jovens uma formação integral.

Por fim, o estudante D, revela que a motivação que o fez participar das atividades dos clubes de protagonismo estava centrada no autocuidado e no desejo de cultivar uma maior socialização com os demais participantes. Ele vê os clubes como alternativas para aliviar a carga mental provocada pela rotina escolar intensa e como oportunidades para fortalecer os vínculos com os colegas.

De maneira semelhante Silva (2018) vem destacar o caráter recreativo do clube, mas não meramente isso, ele relata que “os clubes escolares se configuram como ambientes propícios para a descontração dos estudantes, onde o lazer se alia à aprendizagem, proporcionando um espaço para a expressão pessoal e a formação de vínculos afetivos que aliviam as pressões do cotidiano escolar.”

No que diz respeito ao processo de interação oportunizado pelos clubes “interpretamos dentre as contribuições dos Clubes, uma valorização da importância destes contextos de educação não formal arrolada à dimensão do Conviver. Visto que esta dimensão aborda os contributos dos clubes referentes à participação do estudante no mundo por meio de suas relações com o outro” (SILVA e SCHROEDER, 2019, p. 27). Assim, podemos inferir que o valor emocional atribuído, pelo estudante D, aos clubes enquanto espaços de respiro, autocuidado, prazer e expressão pessoal, se configura como importante não apenas para a saúde mental dos estudantes que experienciam as atividades ali propostas, mas também para a constituição de um ambiente escolar mais humanizado e acolhedor.

Comparando as falas, percebemos que todos os entrevistados identificam nos clubes algo que ultrapassa a função instrucional que comumente é atribuída a um contexto escolar. Os clubes foram percebidos pelos estudantes como espaços educativos que oportunizam o desenvolvimento de habilidades que envolvem desejos ou necessidades emocionais, cognitivas

e sociais. Podemos ressaltar, também, que os Clubes “viabilizam a interação com o meio físico e social, estimulando nos estudantes a curiosidade, a problematização e a busca por soluções para questões dos seus contextos (MENEZES; SCHROEDER, 2014, p. 1)” o que, diante do que os estudantes evidenciaram em suas falas, representa um significativo impulso para uma aprendizagem que se baseie tanto em quesitos científicos, quanto na necessidade do desenvolvimento de autonomia e bem como do apelo pela construção de relações sociais mais sólidas.

Em uma perspectiva de desenvolvimento da formação integral para estes indivíduos, temos que cada atividade proposta nos clubes deve ofertar “[...]possibilidades para que o indivíduo possa evoluir, plenamente, em todas as suas dimensões cognitiva, corpórea, social, cultural, psicológica, afetiva, econômica, ética, estética, entre outras”(FELÍCIO, 2012, p. 5) assim, diante deste contexto, a formação integral por meio da integração dos clubes ao contexto do ensino médio integrado, não pode se dá, através, apenas, do conteúdo escolar ou até mesmo daquele que advém dos clubes, deve levar em consideração, também, a forma como os sujeitos se relacionam com esses espaços, seja como autores, mediadores ou como aprendizes e colaboradores em um espaço de construção compartilhado.

A próxima questão tem o intuito de nos fazer compreender os critérios, motivações e processos que orientam a definição temática para os espaços dos clubes de protagonismo juvenil. Neste ensejo, foi necessário verificar o posicionamento de estudantes que optaram por diferentes caminhos temáticos, ouvir desde estudantes que participam de clubes voltados ao rendimento acadêmico até os que participam de clubes em que o foco se direciona a interesses culturais ou lúdicos. Buscamos identificar como os estudantes estão construindo sentido em suas práticas e como as escolhas temáticas dos clubes podem contribuir para a formação integral daqueles que decidem participar de algum clube de protagonismo juvenil.

Quadro 21 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 3

Estudantes	
3-	Como vocês fazem para escolher os temas dos clubes de protagonismo?
R-	Nós escolhemos de acordo com a relevância e que vai cair no Enem, temas e assuntos importantes, ou seja, pela relevância.
A	Bem, mesmo o clube de astronomia já tendo sido criado desde 2019, se eu não me engane, a astronomia ainda continua sendo um assunto bem... na qual os alunos ainda se interessam muito, por mais que nesse ano tenha diminuído bastante o número de membros, ele ainda é bem comum de se encontrar pessoas que gostem do assunto e queiram falar sobre ele. Então, nesse mês
R-	meio foi bem mais fácil levar o clube como ele está sendo, do que meio que
B	

	recriar o clube com um novo tema, porque a maioria de temas que são ligados a astronomias, as pessoas não gostam tanto. Astronomia é meio que um tema amplo que abrange muita coisa, na qual as pessoas gostam.
R- C	O desejo pessoal e a afinidade entre os estudantes faz com que haja uma colaboração, uma junção de ideias para criar, para chegar a um determinado consenso entre criar alguma coisa e desenvolver aquela atividade para não perder a autenticidade.
R- D	A escolha dos temas, pelo menos para mim, ela é feita tanto baseada na necessidade dos alunos quanto baseado em temas, gostos que os alunos têm em comum, porque por mais que esses gostos às vezes possam não agregar tanto para a vida acadêmica deles, a dinâmica do clube vai agregar bastante para o pessoal deles, ao mesmo tempo de que é uma ótima forma de poder relaxar e acalmar a mente perante essa rotina da escola integral. E como um resultado disso, às vezes através desses gostos pessoais e relaxamento, as pessoas podem acabar desenvolvendo habilidades novas como eu consegui desenvolver meu inglês. Eu consegui aprender inglês por causa de todos os jogos em geral, então clubes de jogos também vão acabar indiretamente trabalhando. Trabalhando em dois as pessoas através dos jogos que elas Experimentam e por aí vai.

Fonte: O Pesquisador.

Inicialmente, é possível observar que as respostas dos quatro estudantes revelam dimensões particularizadas, e distintas, no que se refere ao envolvimento e a intencionalidade de suas escolhas quanto aos clubes. A comparação entre as falas dos estudantes nos concede elementos, tanto de similaridade, quanto de divergência, especialmente no que se refere à profundidade das reflexões e ao alcance das práticas vividas por eles no interior dos clubes.

Podemos constatar, por exemplo, que a estudante A apresentou uma resposta fundamentada na lógica da utilidade e da performance escolar. Mesmo que, na prática, o protagonismo juvenil esteja ocorrendo na atividade, a instrumentalização do clube como um prolongamento das atividades escolares convencionais não caracteriza o objetivo dos clubes (SILVA, 2019).

A fala da estudante evidencia a confusão referente os objetivos dos clubes ao afirmar que a escolha das atividades internas do clube ocorre “de acordo com a relevância e que vai cair no Enem”. Dessa maneira, podemos afirmar que a escolha das atividades, por consequência da temática central do clube, se ancora na funcionalidade do conteúdo e na sua aplicabilidade imediata para um fim externo, neste caso, o Exame Nacional do Ensino Médio e não na intenção de gerar ou oportunizar novas experiências e novos saberes que não necessariamente são abordados no currículo comum (PERNAMBUCO, 2025).

É nítido que a escolha da temática do clube se baseou naquilo que seria útil a fim de se usar como estratégia para o desenvolvimento acadêmico. Porém, tal escolha, instrumentaliza

o clube como espaço acadêmico de continuação das atividades do regime tradicional da educação, e se distancia do conceito inicial do clube de protagonismo juvenil que preconiza o desenvolvimento de habilidades distintas daquelas já trabalhadas no ambiente escolar tradicional (SEE-CEARÁ, 2021).

Nesse contexto, “a ênfase em habilidades utilitárias significa preparar os jovens para integrarem harmoniosamente as estruturas existentes em vez de questioná-las (TELES, 2024, p. 96), pois, dessa forma, o clube fica menos aberto à experiências formativas mais diversificadas, limitando assim a capacidade formativa desses ambientes e detendo o avanço de uma formação verdadeiramente integral.

No entanto, é preciso salientar que a escolha e proposição dos clubes não está condicionada a “inovar” no processo educativo, está condicionada ao desenvolvimento de atividades que tenham significado para os estudantes que deles participam (SANTOS, 2020), e aparentemente, mesmo sendo um tema que traz para o clube uma realidade já vivenciada na escola, o desenvolvimento interno do clube não se efetiva tal qual é na sala de aula convencional.

Por outro lado, o estudante B, que participa do Clube de Astronomia, traz uma resposta mais centrada no ímpeto de fomentar a temática, não só para que ela permaneça ativa enquanto clube de protagonismo, mas também para que seja alvo do interesse coletivo, caso semelhante ao que é descrito por Santos (2020). Ao dizer que o clube “ainda continua sendo um assunto... na qual os alunos ainda se interessam muito” e que “a maioria de temas que são ligados à astronomia... as pessoas não gostam tanto”, ele apresenta uma dicotomia aparente, mas que é, facilmente compreendida na continuação de sua narrativa.

Silva (2019), reflete que os clubes de protagonismo juvenil ligados a temas científicos enfrentam desafios na manutenção do interesse, no entanto, ao passo que as atividades vão sendo desenvolvidas o engajamento estudantil acontece e as atividades passam a gerar mais significado aos estudantes.

Essa situação é descrita também pelo estudante B quando afirma que o tema, astronomia, não possui tanta adesão de maneira inicial, no entanto, ele esclarece que ao passo que as atividades vão sendo desenvolvidas, a multiplicidade de informações chama a atenção dos seus pares, e isso acaba trazendo mais relevância para as produções do clube e gerando mais engajamento.

No momento final da fala do estudante B, ele afirma que “Astronomia é meio que um tema amplo que abrange muita coisa, na qual as pessoas gostam.” No entanto, sabemos que a valorização de áreas menos convencionais dentro do ambiente escolar depende diretamente do

protagonismo dos estudantes e da capacidade de engajar seus pares por meio de estratégias de comunicação e mediação cultural (MENEZES e MENEZES , 2024), assim, por mais que as atividades propostas no clube apresentem uma multiplicidade de conhecimentos possíveis, sem a iniciativa, ou o protagonismo de fato, de seus participantes o desenvolvimento e sustentabilidade do clube fica comprometida.

Essa constatação aponta que, se o clube de astronomia tem uma vida útil longa dentro deste espaço escolar, o principal fator gerador é o protagonismo dos estudantes, ao se comprometerem em fazer com que a atividade funcione.

A fala da estudante C, do Clube de Leitura, é marcada por um discurso mais integrador e sensível ao processo construção coletiva dos saberes. Em meio a um contexto tão individualizado, tal qual vivenciamos na sociedade atual, “os clubes de leitura, enquanto espaços de protagonismo juvenil, criam um ambiente propício para que os estudantes desenvolvam habilidades de escuta ativa e negociação de significados, fundamentais para a construção coletiva do conhecimento” (BORGES, 2024).

Esse entendimento é corroborado pela estudante quando afirma que “o desejo pessoal e a afinidade entre os estudantes faz com que haja uma colaboração, uma junção de ideias...”, assim, ela evidencia que o processo de escuta é valorizado, onde se respeita as subjetividades de cada participante com o intuito de atingir um consenso no estabelecimento do que se pretende trabalhar no clube.

Essa postura indica uma atitude protagonista madura, e revela que a tomada de decisão não deve ser centralizada, tão pouco autoritária, mas que deve ser feita por meio do diálogo, principalmente por que “o diálogo igualitário abre espaço de construção coletiva do processo educativo e de valorização do protagonismo do estudante em relação a sua própria vida” (SOUZA e GUISSO, 2021, p. 5).

A ênfase dada por C na importância de “não perder a autenticidade” aponta para um grupo de trabalho que deseja o estabelecimento de uma identidade, algo que seja personificado e nada generalista. Neste sentido, “é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida” (BNCC, 2018, p. 473). Ao proporcionar espaços colaborativos para o desenvolvimento juvenil, a escola gera nos estudantes o sentimento de que pertencem ao espaço escolar, mesmo que através do espaço não-formal de educação, como é o caso dos clubes de protagonismo juvenil. .

Por fim, a resposta do estudante D, que participa do Clube de RPG, se destaca, dentre as demais, por ser aquela que trouxe uma narrativa mais completa e articulada sobre o processo de propositura e desenvolvimento dos temas propostos.

As afirmações trazidas pelo estudante, apontam para princípios fundadores dos clubes de protagonismo. Ele ressalta, por exemplo, que a escolha dos temas é baseada “na necessidade dos alunos” e que os gostos, mesmo que “possam não agregar tanto para a vida acadêmica”, promovem “relaxamento” e desenvolvimento de “habilidades novas”, como o aprendizado do inglês.

É interessante verificar que ele não, apenas, menciona os gostos e interesses dos alunos, como um prerequisite básico para a escolha dos temas nos clubes, mas também associa essas escolhas a necessidades emocionais e ao bem-estar dos estudantes no contexto da escola de tempo integral.

Neste sentido o estudante D apresenta uma compreensão sofisticada do potencial dos clubes de protagonismo, dando outros sentidos ao processo formativo do ser, fazendo-nos refletir que esses novos sentidos são extremamente necessários, principalmente no contexto da escola em tempo integral, que, invariavelmente, tem um regime intenso de busca por resultados acadêmicos (SILVA, 2014).

Sabemos que clube de protagonismo juvenil se desdobra em “um espaço de participação e valorização da autonomia dos estudantes ao relacionar saberes diversificados em função da transformação enquanto sociedade” (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023, p. 1) Seguindo este mesmo entendimento, através de uma breve argumentação, o estudante D reconhece que a aprendizagem pode ocorrer por várias vias e não apenas através das que tradicionalmente são verificadas nas escolas.

Além disso, ele reforça o entendimento de que os clubes de protagonismo também são espaços para acolhimento, desenvolvimento criativo e fortalecimento de competências diversas, sejam elas cognitivas, emocionais, sociais e até mesmo linguísticas (ICE, 2015).

A sofisticação demonstrada na fala do estudante apresenta um alinhamento direto entre as suas percepções e os princípios da formação integral. Isso depõe a favor da atividade dos clubes pois demonstra que o clube de protagonismo juvenil pode funcionar como um território de experiências significativas (PORTELA, 2021), onde o conhecimento deve ser construído de forma transversal e conectado à vida dos estudantes (FREIRE, 1996), produzindo mais que conhecimentos pré-ordenados em um currículos postos, ao propor verdadeiras experiências formativas.

Em síntese, a partir de uma comparação entre as falas apresentadas pelos estudantes, podemos afirmar que eles vivenciam diferentes níveis de profundidade quanto as questões intencionais dos clubes. Enquanto A e B apontam para motivações mais utilitárias que nos levam a identificar situações formativas mais aproximadas ao que é desenvolvido em um contexto educacional mais tradicional, C e D demonstram uma maior sensibilidade aos processos colaborativos, valorizando as dimensões subjetivas da experiência nos clubes, indicando, assim, uma aplicação mais diversa dos processos formativos desses espaços.

É preciso ressaltar, no entanto, que o protagonismo juvenil só se efetiva em sua plenitude quando reconhecemos a pluralidade das vozes dos estudantes, suas trajetórias e suas formas singulares de se apropriarem do espaço escolar (SOUSA e GUIZO, 2021). Neste sentido, as discrepâncias nas falas dos estudantes nos permitem concluir que, por mais que um estudante tenha um posicionamento mais sofisticado que outro, as proposições e o desenvolvimento do protagonismo juvenil, verificado nos clubes, não tem se efetivado de maneira homogênea.

Este fato indica que os jovens, de fato, tem autonomia para fazerem suas escolhas, e estas escolhas, não precisam, e nem devem, ter uma mesma orientação, sentido ou causa, demonstrando que as atividades dos clubes de protagonismo devem se basear naquilo que é significativo aos jovens, se configurando como ambientes legítimos de escuta e expressão dos estudantes, respeitando a diversidade de interesses, perspectivas e formas de participação (SILVA, 2018).

Dando sequência a entrevista, a próxima questão tem o intuito de compreender os processos internos que sustentam o funcionamento dos clubes de protagonismo juvenil. É necessário identificar quais estratégias os estudantes têm adotado para garantir a continuidade e a efetividade das atividades que eles propõem e realizam.

É necessário, também, perceber o manejo de ações que conduzem a autonomia, a responsabilidade e a articulação coletiva dos estudantes. Através de tais informações, podemos obter indícios mais precisos e relevantes sobre o desenvolvimento de competências ligadas à liderança, ao trabalho em equipe e à capacidade de mobilização, que são aspectos fundamentais no processo de desenvolvimento da formação integral e que, em tese, devem estar presentes nos clubes de protagonismo (PERNAMBUCO, 2025).

Estudantes

4- Como é que vocês se organizam para que o clube funcione?

R- A O meu clube acontece toda quinta-feira, começa às 12h40, que é no intervalo do almoço, e vai até 1h10, às vezes atrasa um pouco, por problemas técnicos, e a gente vai até 1h20, sendo que nem sempre, só algumas vezes, e a professora, que é a madrinha do clube, ela não tem a aula que antecede o horário do clube, então ela já vai ajeitando, colocando data show, notebook, com material, para quando a gente chegar lá, já ligar e começar a aula para não atrasar também. Eu preparo os slides, na semana que eu vou dar o assunto, e quando eu não vou dar o assunto, outra pessoa do clube fica responsável, no caso o secretário ou o vice-líder, mas sempre os alunos, ou então, como a gente está implementando agora também, quando a gente está implementando o clube, a gente vai dar o assunto, a gente. Aumentando assuntos, conteúdos. A gente também está colocando os alunos, a plateia, para também interagir, para haver essa troca simultânea, sabe?

R- B Eu criei um cronograma que a gente está seguindo porque como é um clube de astronomia a gente tem várias Olimpíadas que participa, então com o cronograma me ajudou mais a me organizar e ajudar os outros a estudarem e se organizarem também.

R- C Os meus clubes são organizados semanalmente, no horário pós o almoço, e as atividades que são propostas nesse clube são aquelas que colaborem com o protagonismo juvenil, que é fundamental da escola.

R- D o meu clube se trata de RPG de mesa, então é um jogo interpretativo, onde um dos jogadores é selecionado para narrar um mundo ao qual os outros jogadores vão poder criar personagens para interagir. Assim a gente acaba estimulando tanto a imaginação dos integrantes, como também a capacidade deles de criar e contar histórias. Enquanto sempre tentam, ao máximo, a gente sempre tenta manter algo divertido e dinâmico para todo mundo.

Fonte: O Pesquisador.

Os posicionamentos dos estudantes demonstram particularidades que variam a depender do clube e dos interesses evidenciados em cada situação. De maneira geral, podemos categorizar as respostas dos estudantes em três grandes eixos de importância, primeiramente a estrutura organizacional que cada um vivencia em seus clubes, depois temos a autonomia juvenil verificada no processo de organização descrita por eles e, por fim, o vínculo pedagógico entre processo de organização dos clubes e a proposta do protagonismo juvenil.

Inicialmente, percebemos que a estudante A evidencia um clube com um cronograma estruturado, onde há uma distribuição clara de funções, ou seja, com liderança, vice-liderança e secretaria, além de estabelecer uma divisão de tarefas, a depender das necessidades, entre os membros. Essa sistemática de colaboração, desenvolvida através de uma repartição de tarefas, é imprescindível para a saúde e manutenção dos clubes, tendo em vista que, assim como em outros processos educativos, o clube de protagonismo também necessita de uma estruturação

precisa que estabeleça um norte para os integrantes da atividade (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

Sabemos que “a alternância de lideranças e a partilha de responsabilidades nos clubes de protagonismo configuram-se como estratégias essenciais para garantir a longevidade e a autonomia desses espaços de aprendizagem não formal” (SILVA, 2019, p. 142). Assim sendo, quando a estudante A destaca que “eu preparo os slides, na semana que eu vou dar o assunto, e quando eu não vou dar o assunto, outra pessoa do clube fica responsável” ela corrobora com a visão de Silva(2019) e demonstra que o clube funciona a partir da descentralização do domínio das tarefas propostas (SILVA, 2018).

Tal processo condiciona o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo nos estudantes de maneira mais equilibrada, dando oportunidade a todos de aplicarem suas habilidades, assim, o clube não acaba por falta de pessoas que assumam as responsabilidades e o objetivo do incentivo ao protagonismo juvenil é concretizado. Diante deste contexto, podemos dizer que os clubes que estimulam a rotatividade de funções e a corresponsabilidade dos participantes tendem a consolidar um espaço de aprendizagem horizontal, onde as experiências são compartilhadas e todos se reconhecem como sujeitos ativos do processo educativo (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

A estudante ainda cita o tipo de relação que a professora, madrinha, tem com o clube de protagonismo. Se faz necessário lembrar que a mediação docente, nos clubes de protagonismo juvenil, deve ser pautada na clareza de papéis e na corresponsabilidade, evitando tanto a omissão, quanto a sobreposição de funções (SILVA, 2018). Assim, para que ação docente se concretize de maneira coerente nos clubes, as vontades e ações dos professores nunca devem se sobrepor a dos alunos, pois é um aspecto preconizado na ideação dos clubes que a ação protagonista dos estudantes seja auxiliada pelos professores e não o contrário (SILVA, 2009).

A estudante revela que a relação da professora com o clube se baseia em uma interação funcional entre alunos e docentes, onde os papéis são estabelecidos de maneira clara para que a atividade dos clubes se efetive da melhor maneira possível, deixando sempre claro que os papéis são distintos, mas, sim, se articulam. Algo que coaduna com o pensamento de que a parceria entre estudantes e professores no processo de protagonismo não pressupõe uma hierarquia rígida, mas uma colaboração em que cada parte compreende seu papel no suporte, orientação e execução das atividades (PERNAMBUCO, 2025).

Já o estudante B, do clube de astronomia, também demonstra a estruturação de uma organização formal, no entanto, ela está centrada, especialmente, na criação de um cronograma voltado à participação em Olimpíadas. O fato de haver uma organização desenvolvida,

aparentemente, pelo líder do clube revela uma preocupação pessoal dele quanto a necessidade de se efetivar uma liderança facilitadora. No entanto, é preciso que se compreenda que a liderança, nos clubes de protagonismo juvenil, deve se posicionar através de um processo colaborativo (SANTOS, 2020), em que exista uma participação horizontalizada, onde o estudante-líder se posiciona como articulador de processos, e não como um detentor exclusivo de saberes, pois, assim, o processo de organização envolverá os demais participantes das atividades propostas e o objetivo do fomento ao protagonismo juvenil nas ações dos clubes fica satisfeito.

A fala de B não se aprofundou em aspectos relacionados à participação coletiva, à divisão de funções ou à construção conjunta das atividades. Este fato gera lacunas informacionais, pois, assim como Silva (2019, p. 65) entendemos que “os clubes de protagonismo só atingem seu pleno potencial formativo quando a gestão das atividades é partilhada entre os membros, permitindo o exercício efetivo da escuta e da participação ativa” sem as informações que nos possibilitem verificar a ocorrência, ou não, de tais fatos, a nossa percepção fica prejudicada e a inferência finda impossibilitada.

Já a estudante C, também atuante em posição de liderança no clube de leitura, apresenta uma resposta mais superficial e genérica. Ela salienta que “os clubes são organizados semanalmente, no horário pós-almoço” e que as atividades colaboram “com o protagonismo juvenil”. Sem citar nenhum processo organizativo, ela enaltece o protagonismo juvenil, no entanto, para que pudéssemos verificar, de maneira clara, o que a jovem quer dizer com “atividades que colaboram para o protagonismo juvenil” é imprescindível que saber quais ações estão sendo efetivadas. Pois assim como Silva(2009) afirma, o protagonismo juvenil, para além do discurso, precisa ser evidenciado por meio da descrição das práticas, detalhando os processos de planejamento, decisão e execução das atividades.

A resposta do estudante D, do clube de RPG de mesa, em contrapartida, oferece uma visão mais específica sobre os processos de organização. Ele volta a sua atenção para o estabelecimento de uma dinâmica mais criativa eivada de experiências lúdicas para aqueles que decidem experienciar as atividades ali propostas.

A estratégia do jovem, vai ao encontro do entendimento que estabelece que “a ludicidade tem impacto direto na motivação dos educandos, os tornando mais envolvidos no processo educacional e contribuindo para um ambiente de aprendizagem mais colaborativo”(LIMA, 2025, p. 3). Assim, ao propor estes métodos, ele evidencia uma visão de clube que se estabelece como um espaço de oportunidades e momentos de interação, que ocorrem com a clara finalidade de construir saberes que, apesar de não fazerem parte das bases

curriculares, são, notadamente, necessários para uma vida socialmente sadia (JACOBUCCI, 2008).

Ele relata que “um dos jogadores é selecionado para narrar um mundo” e os demais “criam personagens para interagir”. A organização sugestionada, nesse caso, está ligada à manutenção do engajamento e do interesse dos membros por meio de narrativas que são desenvolvidas a depender dos temas trazidos para a mesa e dos desdobramentos que os membros dão a temática apresentada.

É um boa forma de se gerar reflexões sobre temas diversos, pois segundo Frankel (2023) ao se trabalhar com assuntos contemporâneos através de um contexto gamificado, abre-se espaço para a discussão de assuntos importantes para a sociedade, o que certamente traz uma maior criticidade aos estudantes, elevando seus níveis de compreensão de si, do outro e da sociedade como um todo.

Ainda que não apresente uma estrutura tradicional de planejamento, há um claro propósito pedagógico subjacente na resposta de D, que é o de “estimular a imaginação” e “a capacidade de contar histórias”. A descrição das ações deste clube revela que o propósito formativo de sua organização é oportunizar o desenvolvimento de competências subjetivas e comunicativas dos estudantes, algo que, não vemos sendo apresentado como foco da lógica escolar nos moldes tradicionais, que comumente padroniza seus interagentes ao invés de estimular uma formação mais abrangente (FREIRE, 1996), mas que deve ser estimulada principalmente por abordar necessidades intrínsecas do ser humano quando estamos tratando do ato de socialização.

Comparativamente, dentre as falas dos estudantes, as descrições de A e D apresentam relatos mais profundos e sistemáticos. Os estudantes A e D evidenciaram dois modelos distintos, cada um com suas particularidades e com seus respectivos sistemas processuais. Mesmo que os modelos organizacionais apresentados por eles sejam diferentes, eles se apresentam como que igualmente significativos, uma vez que fomentam a autonomia dos estudantes em seus processos de organização e responsabilização, além de promoverem o protagonismo juvenil em suas múltiplas dimensões possíveis, se assemelhando ao que, assim como Brito, Silva e Duvernoy (2023) estabeleceram como padrão de efetividade para o Cube juvenil.

Podemos verificar, diante dos dados aqui apresentados, que a importância da organização nos clubes de protagonismo juvenil não está, apenas, na questão técnica, mesmo que ela seja crucial para a efetividade do que se pretende desenvolver, ela se relaciona, sobretudo, com a maturidade dos estudantes, através de suas bagagens e vivências

experienciadas nesses espaços educativos (SANTOS, 2020). Além disso, notamos que quanto mais consciente e participativa for a organização dos estudantes para com as atividades dos clubes, maiores são as possibilidades de que eles funcionem, não apenas, como um espaço de entretenimento, mas, sobretudo, como um verdadeiro laboratório de protagonismo (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023), onde os estudantes não apenas aprendem conteúdos, mas se experimentam como sujeitos de ação, decisão e transformação.

Prosseguindo com as entrevistas, a próxima questão tem o intuito de compreender sobre os modos de gestão e os arranjos organizacionais que têm sido adotados nos clubes de protagonismo. É preciso compreender como os participantes dos clubes tem estruturado o exercício da liderança, tendo em vista que os clubes se configuram enquanto espaços geradores de autonomia. Além disso, buscamos compreender como a organização efetivada tem influenciado na dinâmica de participação dos estudantes nos referidos clubes.

Quadro 23 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 5

Estudantes	
5-	Existe uma liderança ou todos se ajudam na organização das atividades dos clubes?
R-	A líder sou eu, porque eu tive a ideia desde o primeiro ano, sendo que só fui colocar agora em prática, eu basicamente que fico responsável por tudo, mas assim, também tem outros envolvidos, que no caso é o vice líder, como eu comentei, e o secretário, e também tem a madrinha, a madrinha no caso ela não dá aula, não faz nada, só me ajuda a levar as coisas lá e fica responsável pelo auditório, que é onde a gente se encontra. Devido ao grande número de alunos, e como eu falei, às vezes os alunos, que são esses da gestão, eles também dão aula, sendo que problema é questões, assim, maiores, eu fico responsável, e é questão de frequência, questão de frequência é com a
A	secretária. E, questões assim, é. Maiores, digamos assim, eu que fico responsável. Devido ao grande número de participantes, que é a média entre 70 e 80 alunos. Então, a gente tenta deixar tudo bem simples, porque exatamente por causa da quantidade ser tão elevada, para não ficar uma bagunça. Principalmente na hora que eles chegam lá no auditório, mesmo essa quantidade sendo bem insignificante, ainda assim eles ficam silenciosos, prestando atenção, porque a gente sempre tenta trazer conteúdos que façam eles focar bastante, e a gente traz por meio de slide, e a gente sempre, a gente que eu falo quem está aplicando o conteúdo naquele momento. E aí a gente sempre está interagindo com eles, perguntando se tem alguma dúvida, se eles já estiveram naquela posição, algo assim.
R-	Tem líder, sendo eu, mas pela lógica da escola tem um vice-presidente, só que ele não tá atuando como vice-presidente por seu último ano dele na escola e
B	ele tá ocupado realizando as atividades pra terminar o ano, como o TCC e as AVS. Fazemos uma separação por tópico, porque como eu já fiz um cronograma, eu meio que vou seguindo o que esse cronograma está dito. Eu

	vejo videoaulas para o pessoal do clube ver depois e aprender o assunto, e só.
R- C	Existe líder, que sou eu, e o vice-líder, que a gente consegue desdobrar as atividades com responsabilidade e compromisso. No clube de leitura, a gente tem apoio da professora de português, que ajuda a gente a planejar direitinho como vai ser cada atividade, e no de robótica, a gente consegue ir por etapas de programação e de conceitos básicos antes de começar um protótipo.
R- D	Quanto à liderança do clube existe eu sou presidente fundador então normalmente quem organiza o horário das reuniões etc. vai ter realmente uma reunião ou não é eu junto de que outras pessoas podem complementar com a ajuda de cada um para poder manter o clube organizado a gente também tem conta com dois secretários e um vice-presidente mas todo mundo é livre para fazer sua contribuição. Normalmente o meu clube ele se organiza durante o horário dos almoços tendo uma organização baseado em quão perto a nossa filha está de pegar o almoço do dia porque normalmente organizado por turma então nos dias que a gente estiver mais perto de pegar comida a gente pega comida já vai fazer o clube como a gente não nesse espaço específico a gente pode fazer enquanto come na tranquilidade agora nos dias que a gente está para os últimos da fila a gente combina todo mundo trazer um pouco da comida a gente faz enquanto come a comida que a gente trouxe todo mundo compartilhando.

Fonte: O Pesquisador.

A partir do que foi evidenciado nas respostas dos estudantes A, B, C e D, podemos identificar que eles estabelecem diferentes estruturas nos clubes de protagonismo que deixam em evidencia, não apenas seus modelos de gestão, mas também, suas concepções subjacentes sobre o que significa participar desta atividade que se desenrola em um espaço educativo de autogestão, que se destacam “como uma proposta concreta para potencializar a participação e a busca da transformação social” (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023, p. 327) .

Inicialmente, vemos que a estudante A, líder do clube Vai de Enem, apresenta um modelo altamente estruturado, no qual a liderança é centralizada, mas articulada com outras funções (vice-líder, secretário e madrinha). Podemos notar que a organização das atividades, descrita por ela, é desenvolvida de maneira meticulosa, especialmente por que ela decidiu desempenhar uma liderança mais centralizadora e enfrenta o desafio de mobilizar cerca de 70 a 80 estudantes nas atividades que propõe para serem executadas no clube.

Ela deixou clara a sua preocupação, não só com o conteúdo que vai ser aprendido nos tempos do clube, mas também, com a linguagem acessível, com a ordem do espaço e com o cuidado de trabalhar aquilo que abarca o interesse coletivo, não levando em conta apenas a sua visão de maneira isolada. Esse detalhe tem uma grande importância, pois demonstra que o desenvolvimento das ações no clube se dá de maneira participativa, existe uma preocupação

com o que é importante para o todo, o que estabelece o clube como “uma relevante estratégia de promoção do protagonismo e de construção democrática do percurso educativo” (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023, p. 327).

Inferimos, então, que, nesse sentido, a organização das atividades deve se estabelecer através de um processo mais complexo, ou seja, mais do que o estabelecimento de uma logística (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024). Tanto a SEE-Ceará(2021), quanto a SEDE-PE(2025) estabelecem que o desenvolvimento do protagonismo dos estudantes, advindos dessas atividades, é verificado nos direcionamentos e decisões que, longe de se limitarem à opinião única do líder, se efetivam na construção coletiva das atividades que são executadas ou daquelas que serão efetivadas.

O modelo de interação, apresentada por A, entre a liderança e os participantes, ainda que possua uma estrutura verticalizada, demonstra que o clube de protagonismo juvenil, por ela liderado, não quer se limitar a uma proposta que sugere o reflexo do contexto escolar tradicional, mas suscita “a mobilização de habilidades cognitivas e socioemocionais, a exemplo do autoconhecimento, que busca identificar valores que alicerçam o seu projeto de vida”(ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024, p. 16).

Mesmo que o clube em questão esteja preocupado em desenvolver conhecimento para uma prova que visa o processo de seleção clara, os procedimentos intrínsecos ao clube oportunizam um outro tipo de desenvolvimento de saberes, levando em consideração não apenas a obtenção técnica do conhecimento, mas também demandas de socialização, engajamento, trabalho em grupo que geram um entendimento, mais apurado sobre o valor das responsabilidades, especialmente no que tange ao processo de desenvolvimento de competências, sejam elas organizacionais, comunicativas ou de cunho colaborativo(SANTOS, 2020).

No caso do estudante B, o que atua no clube de Astronomia, percebemos que a liderança também é assumida, ou seja, existe um posicionamento, mas este posicionamento se apresenta de forma mais técnica e com uma ação mais solitária. Ele volta a mencionar “o cronograma”, apresentando-o como único instrumento de organização, o que, apesar de evidenciar certa organização, também demonstra uma limitação nos processos internos do clube.

Ele também aponta para a ausência do vice-presidente e a limitação da participação de outros membros, sublinhando que a maior parte das atividades ali desenvolvidas são pensadas, organizadas, estruturadas e apresentadas pelo líder, enquanto que os demais participantes vivenciam uma relação passiva e recebedora de informações preestabelecidas, algo que diametralmente oposto a prosta educativa dos clubes de protagonismo juvenil (SILVA, 2018).

Diante da realidade posta, podemos dizer que tal situação depõe contra a manutenção da atividade do clube em questão, pois, se o clube deve gerar a produção de autonomia instigando a criatividade e a responsabilização, não apenas pessoal, mas também coletiva, como bem salienta Santos(2020), o que tem sido desenvolvido no clube de astronomia tem seguido em outra direção.

Se observarmos com atenção, o relato do estudante se assemelha e muito com a tipificação de “ Educação Bancária” feita por Freire(2005), onde um professor, que aqui pode ser substituído pelo papel do líder, deposita o conhecimento nos educandos, que aqui são os participantes do clube, e os educandos assumem o papel de receptáculos demonstrando passividade e falta de criticidade na construção de seus próprios processos formativos (FREIRE, 1996).

Outro ponto, na fala do estudante, que corrobora com esta percepção, se apresenta no *modus operandi* do líder. Vemos que sua ação tem se concentrado na curadoria de conteúdos e no encaminhamento de atividades, como assistir à videoaulas por exemplo, no entanto, não foi apresentado nenhum outro elemento que corrobore com a perspectiva de produção de autonomia, autogestão ou do desenvolvimento do protagonismo juvenil que segundo Silva(2018) são aspectos essenciais aos clubes.

O que fica evidenciada, é a ação de liderança que é aparentemente ativa com liderados passivos. Esta relação apresenta estrita semelhança com procedimentos tradicionais ao demonstrar, em seus procedimentos internos, uma perspectiva de reprodução daquilo que lhes é apresentado, sem que, associado a isto, se tenha processos de reflexão nas ações que são executadas (LIBÂNEO, 2013).

Não vemos, em nenhum momento do discurso do estudante, nenhuma menção a dinâmicas colaborativas, processos de escuta ativa dos demais participantes nem mesmo a atuação de demais participantes na propositura e desenvolvimento de ações, aspectos que são fundamentais para que os princípios dos clubes, bem como do protagonismo juvenil, sejam efetivados (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023).

Vemos também que a centralidade do conteúdo abordado no clube é voltado, exclusivamente, para as Olimpíadas de Astronomia, sobrepondo-se, assim, a um processo de construção conjunta dos saberes. Essa atitude lesa a formação pretendida com o clube, que, embora válido, tem tomado uma posição mais unilateral.

Ao passo que o líder tem valorizado um modelo educativo mais tradicional, o desenvolvimento de processos que levem em consideração questões socioemocionais ou dialógicas fica comprometido, pois se limita a reprodução de um padrão posto, em detrimento

da construção dos saberes diversos que são obtidos através de um processo colaborativo entre todos os indivíduos do clube, para que, assim, ocorresse o desenvolvimento de múltiplas habilidades, cumprindo, de maneira fiel, com os objetivos preponderados pelos clubes de protagonismo Juvenil enquanto atividade educativa (SANTOS, 2020).

Já nos processos desenvolvidos pela estudante C, que participa nos clubes de Leitura e Robótica, vemos um discurso que apresenta uma visão mais equilibrada entre liderança e colaboração. A presença de um vice-líder e o apoio docente da “professora de português” apontam para uma organização que tem valorizado, resguardadas as proporções, o compartilhamento de responsabilidades com um planejamento feito em etapas.

Ela estabelece uma divisão das atividades, não só com atenção às fases dos processos que a robótica demanda, mas também em relação aos passos a serem dados no desenvolvimento das atividades propostas no clube de leitura, o que demonstra uma compreensão, minimamente, coerente com o caráter processual do conhecimento, principalmente, quando tratamos de conhecimentos desenvolvidos em ambientes não formais de educação (JACOBUCCI, 2008).

A fala de C, ainda que mais contida, revela uma intencionalidade pedagógica que se articulada com processos próprios à formação integral dos indivíduos, pois, há o estímulo à criatividade, a iniciativa e ao desenvolvimento de soluções para problemas, seja na construção de protótipos próprios, seja nas proposituras de atividades que envolvam a leitura.

Esses aspectos são apresentados, tanto por Portela (2020), como por Brito, Silva e Duvernoy (2023), como que próprios dos clubes de protagonismo, pois, para um, os alunos que participam dos clubes são mais “propensos a apresentarem melhores competências de comunicação, liderança, criatividade e habilidade de autopromoção (PORTELA, 2020, p. 22), e para os outros a participação dos jovens nos clubes “pode impactar no processo de fortalecimento da participação e desenvolvimento de diferentes aspectos de sua formação humana, ampliando a compreensão da escola como um local diverso e de experiências permanentes para o exercício cidadão” (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023, p. 327).

Tais aspectos apontam para a proposta de um trabalho que visa uma formação mais ampla, onde as diversas camadas do saber são intencionalmente instigadas, oportunizando ao jovem o aprimoramento de suas capacidades objetivas e subjetivas, se aproximando as perspectivas mais plausíveis para o desenvolvimento, ainda que embrionário, de uma formação integral que em tese deve “adotar uma prática educativa que considerasse as aptidões, os interesses individuais e as potencialidades de cada indivíduo” (SILVA, 2014, p. 16).

Neste contexto, podemos dizer que, o protagonismo desenvolvido nos clubes, os quais a estudante participa, tem se configurado como laboratórios, onde as experiências, seja quanto

a autonomia dos jovens, seja quanto as atividades propriamente ditas, tem oportunizado o desenvolvimento dos estudantes, através de um processo livre, dialógico, baseado na construção conjunta do conhecimento para que, ao fim de cada processo, os estudantes contemplem os frutos dos seus esforços, frutos esses que não se limitam a um amontoado de informações, mas se mostram como aprendizagens com significado.

Em contrapartida, analisando as perspectivas que o estudante D, presidente e fundador do clube de RPG de mesa, expos, percebemos que ele defende um modelo organizacional radicalmente horizontal, onde a liderança se dá mais como articulação afetiva e criativa do que como comando hierárquico formal.

Essa abordagem colaborativa apresenta a construção conjunta de saberes e traz, ao âmago do clube, a capacidade de gerar a apropriação de identidade, onde, esta, se relaciona diretamente com os valores, desejos e temas de cada participante inseridos neste contexto (SANTOS, 2020).

Vemos que apesar de ser reconhecido como líder, ele valoriza a liberdade dos demais membros do clube, para que possam contribuir, criar e decidir de maneira a construir os saberes de maneira colaborativa, dando espaço ao desenvolvimento da autonomia de todos os envolvidos e respeitando um dos principais aspectos característico dos clube que é o protagonismo participativo (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023).

O RPG, como prática interpretativa e criativa, como ele mesmo gosta de frisar, possibilita o exercício da imaginação, da empatia e da escuta ativa, características cruciais para o desenvolvimento de atividades protagonistas cunhadas na intenção de produzir conhecimento com significado (SILVA, 2009), o que, de certo modo, potencializa o argumento da capacidade formativa que podemos encontrar em um clube de protagonismo juvenil.

Vemos que o protagonismo aqui é experimentado como vivência coletiva, onde cada um tem voz e autoridade para agir. Este modelo, enquanto espaço educativo, se mostra como extremamente potente do ponto de vista formativo, pois demonstra, a partir do discurso do estudante D, que o clube tem o potencial para promover habilidades narrativas e criativas, resolução de conflitos, cooperação e autonomia crítica, aspectos centrais para que a formação integral dos sujeitos seja uma possibilidade real mesmo por que ela “deve articular as habilidades culturais, intelectuais e científicas no ambiente escolar” (SILVA, 2014, p. 22).

Comparando as quatro experiências, quanto ao estabelecimento de lideranças e aos processos organizacionais desenvolvidos, o que se revela é um mosaico de práticas que expressam diferentes compreensões quanto ao protagonismo e a organização dos clubes em um contexto de atividade pedagógica. Em suma, enquanto a estudante “A” representa a liderança

estruturada e com fins pedagógicos mais tradicionais, “D” defende e pratica uma liderança horizontal, apresentando a construção do clube, em todos os aspectos, através de um processo radicalmente participativo e criativo. Vemos que o estudante “B” apresenta uma liderança técnica que se mantém centrada na tarefa, e “C” expressa vivenciar um modelo equilibrado entre estrutura na organização dos processos do clube e escuta ativa, a fim de compreender a visão de seus pares.

As falas, ou discursos, dos estudantes não apenas informam, mas revelam uma multiplicidade de sentidos. Podemos perceber que, mesmo que os clubes de protagonismo sejam uma atividade proposta pelo sistema educativo do Estado da Paraíba (PARAÍBA, 2018a), como já ponderava Santos (2020), a sua efetivação não é pré-fabricada, e constatamos isso na diversidade de esquemas e estilos de organizações internas evidenciadas nas falas dos estudantes.

As falas de A, B, C e D traduzem, não só como os jovens compreendem e constroem sua participação nos clubes de protagonismo juvenil, mas também a profundidade formativa desses espaços na construção de conhecimento com significado. Vemos que o processo formativo desenvolvido nos clubes de protagonismo está diretamente relacionado à capacidade de promover experiências educativas emancipatórias, visando a construção da autonomia estudantil tão preconizada em Freire (1996), em que os sujeitos se reconheçam enquanto agentes de sua própria formação, transcendendo, assim as perspectivas limitantes de uma pedagogia bancária (FREIRE, 2005).

É preciso salientar que, os clubes, aqui apresentados, podem ser configurados como microterritórios educativos, cuja potencial formativo depende, principalmente, da intencionalidade dos estudantes e da abertura destes para práticas colaborativas e reflexivas (BRITO, SILVA E DUVERNOY, 2023). Assim como descrito por Pernambuco(2025) percebemos que a organização desses espaços não é um fim em si mesmo, mas um meio que oportuniza o desenvolvimento do protagonismo, da autonomia e da formação integral a fim de que se desenvolva uma educação comprometida, não só com a construção e a propagação de saberes diversos, mas também com os meios pelos quais podemos direcionar ações até que cheguemos a tão desejada emancipação dos indivíduos.

Continuando com as análises da entrevista com os estudantes, a quinta pergunta feita teve o intuito de explorar o potencial reflexivo que as atividades realizadas nos clubes de protagonismo tem oportunizado. Para isso é necessário que investiguemos até que ponto essas vivências possibilitam, aos estudantes, o desenvolvimento de análises críticas sobre a sociedade e o contexto em que estão inseridos. A intenção maior é a de compreender, não apenas se essas

reflexões ocorrem, mas também de que forma os clubes se posicionam no processo de desenvolvimento de pensamento crítico, a fim de que ocorram debates sobre temas presentes na sociedade, estabelecendo, assim, uma relação entre teoria a ser debatida e prática experienciada na vida cotidiana dos alunos. As respostas a essa pergunta podem trazer à tona o impacto que os clubes têm na formação cidadã, no amadurecimento das escolhas pessoais e na capacidade dos estudantes de interpretar e interagir com a realidade social ao seu redor.

Quadro 24 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 6

Estudantes	
6-	As atividades dos clubes de protagonismo geram reflexões capazes de fazer análises da sociedade e do meio no qual os alunos estão inseridos?
R- A	Sim, pois são assuntos que eles aprendem no dia a dia, porque passam o dia inteiro na escola, então aprendem durante todo o dia, toda a rotina deles, eles veem, no clube do ENEM mas precisamente, eles revisam isso e aprendem coisas novas que vão ser utilizadas logo, logo.
R- B	Acredito que a reflexão, por mais que seja iniciada totalmente por Silas falando, nosso padrinho, padrinho do clube, mas faz bastante a gente pensar e discutir sobre a relação da vida da gente mesmo, sobre as decisões que a gente quer no futuro, profissões, sobre como vai ser a nossa vida quando a gente sair daqui. Porque por mais que a gente saia daqui com um curso garantido, não quer dizer que a gente vá seguir esse curso ou que a gente vá seguir uma profissão que a gente tá pensando de agora. Pode ter muitos acontecimentos mudar pra isso e que a gente tem que estar pronto pra essas mudanças.
R- C	Sim, a questão da relação, da reflexão com a sociedade também, para entender os temas atuais e como a gente consegue, no caso o clube de leitura, como a gente consegue trazer determinados assuntos para a situação que está acontecendo no momento. E desenvolver relações com os estudantes de modo geral, de um convívio social, e é isso.
R- D	Tenho sim em mente que é muito capaz de nos trazer reflexões da nossa sociedade mesmo. Eu vou até abrir um ponto aqui pro meu, porque como eu trabalho com RPG, com histórias que são interpretadas teatralmente ali na situação, eu moralmente gosto de trazer e abordar temas que são sim relevantes pra nossa sociedade. Então, através das histórias que eu escrevo e meus jogadores experienciam, eles podem aprender noções completamente diferentes sobre preconceitos, desigualdades que são presentes na nossa sociedade, atentando a mente deles, mesmo que de forma muito mais lúdica, pra problemas que estão aí pra ser resolvidos na nossa sociedade. Então, assim como o meu clube tem esse potencial, mesmo sendo um clube criado pra entretenimento e. Relaxamento da mente muitos outros clubes também vão poder tratar esses assuntos com clubes de matemática clubes de escrita principalmente já que existem muitas obras por aí que trabalham isso então é sim é sim muito capaz eu acho que deve ser abordado em certo ponto porque são coisas que vão ser muito úteis para nossa formação pessoal interpessoal e até mesmo acadêmica considerando o tipo de coisa que vai ter que lidar

dependendo do rumo acadêmico que a gente escolha e são coisas que muitas vezes passam despercebidas no dia a dia porque não é todo mundo que vai viver a realidade das pessoas que convivem diretamente com esses problemas sociais que nos afetam hoje em dia.

Fonte: O Pesquisador.

Por se tratar de um tema importante, e que movimenta o cerne do conceito do porquê desenvolver um clube de protagonismo na escola, é necessário que nos dediquemos com afinco nos desdobramentos, claros e subjetivos, da fala dos estudantes. De antemão vemos que os discursos dos jovens revelam que os clubes de protagonismo tem exercido um papel significativo nos seus processos de formação crítica e social dos estudantes. Sá (2019, p. 9) ao refletir sobre o potencial dos clubes, vem afirmar que “para além de um momento de encontro para um bate-papo despretenso, dos clubes brotam ações intencionais, fundamentadas e com vieses pedagógicos”.

Ao verificar o pensamento de Sá (2019), diante dos relatos dos jovens, vemos que está máxima é verdadeira, pois, o simples fato dos clubes proporcionarem momentos para o desenvolvimento de reflexão, faz com que os estudantes não se limitem a uma visão única de pensamento, ultrapassando os limites que o ensino formal os impõe, gerando, assim, análises e discussões sobre experiências pessoais, escolhas de vida e questões sociais mais amplas.

A partir das respostas coletadas, podemos perceber a configuração de nuances distintas sobre a forma como cada estudante enxerga esse processo de reflexão, tal variabilidade nos ampara na produção de uma análise mais detalhada de como essas vivências podem contribuir para a construção do pensamento crítico e da consciência social daqueles que se propõem a vivenciar os Clubes de Protagonismo Juvenil.

Detalhando as percepções dos estudantes, vemos que a fala da estudante A, participante do clube do ENEM, revela uma perspectiva, visão bastante fundamentada em parâmetros funcionais e pragmáticos. Ao afirmar que os temas trabalhados são "assuntos que eles aprendem no dia a dia" e que serão utilizados em breve no exame, ou seja no ENEM, ela evidencia que a importância avultada para a escolha daquilo que é trabalhado nas atividades do clube está embasada naquilo que será útil para o ENEM.

Sabemos que, assim como Dewey (1959, p. 13) enfatiza, "A educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura." Assim, apesar de ser legítima essa preocupação com perspectivas acadêmicas, o aspecto funcional, pronunciado pela estudante A, não é, e nem deve ser, o foco da atividade dos clubes de protagonismo juvenil. Para Charão (2015),

atividades como as desenvolvidas em clubes, que apresentam abordagens não-formais devem ser empregadas para complementar e impulsionar o ensino formal, e não para se colocar como reprodutora das atividades formais de uma pedagogia mais tradicional.

Vemos que o clube tem sido um instrumento de operacionalização, ou seja, o clube se tornou um espaço onde o estudante se coloca como agente de desenvolvimento de uma organização, que pode possibilitar nuances de liderança, engajamento e participação interativa, mas que tem o conteúdo, ou as discussões trazidas, permanecendo circunscritas à lógica do pragmatismo curricular e da busca por resultados acadêmicos, algo que é válido, mas que carece de cuidado para que a proposta inicial dos clubes não seja deturpada.

É necessário salientar, no entanto, que mesmo neste contexto, existe a possibilidade de incentivar o desenvolvimento de habilidades diversas, porém, nos atendo unicamente a esta resposta da estudante, a dimensão reflexiva, abordada em Freire(2005) e que é tão necessária para o desenvolvimento do educando, aparece enfraquecida, tendo em vista que, aparentemente as discussões dos clubes tem sido direcionadas, com mais intensidade a questões meramente acadêmicas e não em uma perspectiva mais ampla e emancipatória.

Quando tratamos sobre as práticas educativas não-formais como os clubes de protagonismo, pensamos em gerar processos avançados de reflexão, processos que abarquem outras perspectivas, assim como Freire (1996, p. 43) destaca, pois para ele “a prática educativa implica uma reflexão crítica sobre a realidade, como forma de possibilitar aos educandos a compreensão do mundo em que vivem e, a partir disso, intervir para transformá-lo”. Dessa maneira, o clube de protagonismo deve fomentar discussões que tratem sobre o contexto social e cultural, sobre a aplicação prática e cotidiana de diversos saberes, e não se limitar a reprodução de conteúdos que comumente são trabalhados nos ambientes educacionais mais formais.

Em contrapartida, o estudante B, representante do clube de astronomia, amplia a discussão e nos leva a um território formativo mais subjetivo de cunho existencial. A fala do estudante B evidencia que as ações do clube não tem se limitado ao domínio técnico da astronomia meramente, ele relata que as atividades do clube acarreta reflexões sobre seus projetos de vida, suas escolhas futuras e sobre possibilidades profissionais futuras, se assemelhando em muito com o que Brito, Silva e Duvernoy (2023, p. 326) quando afirmam que o clube é “um espaço destinado ao estudante no qual ele poderá desenvolver diversas competências e habilidades fundamentais à criação do seu projeto de vida”.

Os estudos avançados sobre Protagonismo na escola do Estado do SEE- Ceará (2021, p. 41) relata que os clubes influenciam e relacionam “tanto à perspectiva do desenvolvimento do protagonismo juvenil quanto à construção dos projetos de vida por parte dos estudantes”.

Quando B afirma que as reflexões do clube o fazem pensar "sobre as decisões que a gente quer no futuro, profissões", ele aponta para as suas preocupações com quesitos do trajeto enquanto ser humano e cidadão, o que corrobora com a visão trazida pela SEE – Ceará (2021) e, evidencia que inevitavelmente, o impacto destas atividade na vida dos jovens transcende as paredes da escola, mas que, a despeito disso, deve ser impulsionada e fomentada ainda na fase escolar.

Ainda que a discussão social ampla não esteja fortemente evidenciada em sua fala, o fato de apresentar dilemas existenciais no enfrentamento da imprevisibilidade do futuro profissional, aponta para o entendimento de que, no clube, há abertura para suscitar tais discussões e que neste ambiente os estudantes encontram um espaço de acolhimento livre de julgamentos e de visões preestabelecidas.

Pernambuco (2025) discute que as contribuições dos clubes para a vida dos estudantes só são possíveis a partir do entendimento que tudo deve ser desenvolvido em comunidade, ou seja, juntos, eles partilham afinidades e áreas de interesses mediante a troca de experiências e necessidades no âmbito social. Tal realidade acaba aproximando os estudantes de processos de autoconhecimento, algo essencial para que a formação de jovens protagonistas aconteça com efetividade.

Partindo para a fala da estudante C, do clube de leitura, identificamos um mescla de alguns aspectos importantes que interagem com a proposta de uma formação integral. Mesmo ela apresentando uma fala um tanto superficial, ao destacar que o clube discute temas "atuais" e relaciona as leituras com "a situação que está acontecendo no momento", ela evidencia uma tentativa de conectar o conteúdo trabalhado no clube com a realidade social vivenciada na atualidade, dando vazão a possibilidade de gerar reflexões críticas a partir da realidade, algo que Freire(1996) e Freire(2005) estabeleciam como que extremamente necessário para a possibilidade de emancipação dos educandos.

Tanto a SEDE-PE (2025), quanto a SEE-CE(2021) ao instruir as suas redes escolares, discutem em suas considerações que, os clubes juvenis simbolizam um novo fazer educativo, sendo um espaço privilegiado para o exercício de uma educação que efetiva o protagonismo juvenil na contemporaneidade. Assim sendo, a sensibilidade de se inteirar sobre temas atuais, e trazê-los como base para instrução dos jovens que participam do clube, se caracteriza como uma ação formativa intencional por parte da estudante C.

Em outro momento, quando ela ressalta que os clubes possibilitam o desenvolvimento de “relações com os estudantes de modo geral, de um convívio social”, ela reconhece a necessidade de se ter um convívio social urbanizado, indicando que as reflexões que o clube tem possibilitado, principalmente no âmbito das relações interpessoais, pode ser considerada

como uma experiência para o desenvolvimento de criticidade, que não se limita a uma mera aquisição de conteúdos, mas desenvolve aspectos essenciais a formação humana.

Esta visão é defendida também por Santos (2020, p. 1) quando ressalta que os clubes devem oportunizar o desenvolvimento dos estudantes enquanto “sujeitos históricos e sociais, considerando tantos os aspectos da formação acadêmica como social em suas mais diversas dimensões”. Assim, vemos que tanto a estudante C, quanto Santos(2020) concordam que os clubes oportunizam o trabalho com saberes que ultrapassam a camada formal da instrução tradicional, e C ainda mais, pois, ao argumentar sobre as práticas do clube que participa, ela evidencia que para que as reflexões o convívio social ou relações interpessoais aconteçam, se faz necessário o trabalho com quesitos que dependem, e muito, de subjetividades dos sujeitos, envolvendo, principalmente, o desenvolvimento de competências comunicativas, empáticas e colaborativas (PORTELA, 2020), elementos que não são, necessariamente, trabalhados de maneira completa pelo regime formal do processo educativo atual, mas que são essenciais para que a formação integral dos estudantes seja uma possibilidade.

A fala do estudante D, por sua vez, apresenta um nível de apropriação mais elevado quanto ao processo reflexivo que envolve as atividades dos clubes. Vemos uma argumentação com uma complexidade notável, alcançando um nível elevado do que seria a consciência crítica e reflexiva. Tal comportamento dialoga profundamente com a perspectiva trazida por Freire (1987) de educação emancipadora, pois, notamos na fala do estudante, que existe o reconhecimento da educação como prática de liberdade, onde o conhecimento não é neutro, mas vinculado à realidade concreta dos sujeitos.

Quando o estudante D propõe discussões sobre temas diversos, situações sociais delicadas e contextos pouco debatidos pelo regime formal da educação, ele, assim como Freire (2005) defende, intenciona participar ativamente do processo de problematização da realidade posta no mundo, e isso se configura como um elemento central para que a formação da consciência crítica se efetive, pois permite que os participantes do clube de RPG, não apenas compreendam a realidade, mas também se percebam como sujeitos históricos, plenamente capazes de transformá-la e de ressignificá-la (FREIRE, 2005).

As problematizações realizadas no clube de RPG coadunam, perfeitamente, com a afirmação de Freire (1987, p. 99) de que “somente na medida em que o educando vai percebendo a realidade como objeto cognoscível e como uma situação-limite a ser transformada, é que ele pode iniciar o movimento de sua emancipação”.

Ao interagirem, refletirem e encenarem situações diversas da sociedade, os participantes do clube de RPG, não apenas desenvolvem senso crítico, mas também exercitam a capacidade

de analisar as contradições da sociedade, além da possibilidade de projetarem possíveis ações de transformação destas realidades, abrindo, assim, caminho para a superação dos desafios vividos no cotidiano. Experienciar isso em uma atividade prazerosa e de cunho pedagógico como o Clube de RPG, fortalece o processo de formação de indivíduos críticos, ativos e verdadeiramente emancipados, capazes de intervir de forma consciente em seu contexto social e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA).

O estudante D também demonstra plena compreensão do potencial pedagógico do RPG, enquanto instrumento de reflexão social, ao afirmar que utiliza suas narrativas para trabalhar questões como preconceito e desigualdade. A oportunidade de trabalhar tais temas no clube de RPG potencializa a possibilidade de superar problemas que se mantêm a séculos em nossa sociedade, ou, minimamente, gera consciência nos integrantes desta atividade pedagógica.

Freire (1997, p. 43) vem afirmar que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” E essa dialética, defendida por Freire, também é evidenciada na fala do estudante D, pois, vemos que ele anuncia uma prática de autorreflexão que se baseia na ação intencional de uma mediação crítica, onde o lúdico, produzido nas ações concretas do clube, não é um fim em si mesmo, mas uma poderosa ferramenta de sensibilização e de discussão de temas que atravessam o cotidiano e as tensões de uma sociedade que insiste em manter velhos hábitos.

Assim como refletido por Freire (1987, p. 99) ao afirmar que “a leitura crítica da realidade implica a possibilidade de apropriação transformadora dessa realidade, na medida em que o sujeito deixa de ser espectador e passa a ser sujeito histórico de sua própria ação”, as reflexões geradoras das histórias que serão encenadas pelos participantes do Clube de RPG dão oportunidade aos estudantes de visitar e revisitar situações diversas e que, aparentemente, os leva a refletir, não só sobre a cena que irão dramatizar, mas também, e principalmente, sobre os impactos de tais realidades para a sociedade como um todo.

Através da fala do estudante D, podemos inferir que as práticas efetivadas no Clube de RPG, associadas ao fato de serem vivenciadas em um ambiente de Ensino médio Integrado, buscam verdadeiramente oportunizar uma formação integral aos estudantes, pois, percebemos que há a intenção de produzir uma articulação de conhecimentos diversos, sejam eles sobre saberes voltados aos valores éticos e as habilidades sociais, ou aos ligados ao desenvolvimento pessoal e acadêmico, assim como preconiza o entendimento que estabelece os padrões para o desenvolvimento do Ensino Médio Integrado (RAMOS, 2008).

O estudante D manifesta seu posicionamento e apresenta as ações do clube no qual participa de maneira semelhante ao que podemos denominar, em Bardin (2011, p. 47), como uma "apropriação crítica e transformadora" do espaço do clube de protagonismo, pois, ao trazer temas sociais relevantes para o contexto das atividades do clube de RPG, os participantes, não apenas se apropriam do conhecimento de forma reflexiva, assim como era proposto por Freire (1996), mas também passam a ressignificar suas vivências, analisando a realidade que lhes é trazida na atividade proposta com mais criticidade, podendo projetar possíveis ações de intervenção e mudança concreta, seja na sua realidade escolar, ou, até mesmo, na sociedade.

Finalmente, ao traçarmos uma comparação entre as falas dos estudantes, vemos claramente uma variação progressiva nas manifestações dos participantes dos clubes, seja em seus posicionamentos quanto as ações de protagonismo que induz a gerar um pensamento crítico mais apurado através de reflexões sobre a sociedade, seja sobre as possíveis perspectivas de formação integral encontradas na fala dos jovens.

Diante de todos os contextos apresentados pelos estudantes, podemos notar que mesmo que os clubes de protagonismo estejam inseridos em uma mesma proposta pedagógica institucional, os dados nas falas dos jovens evidenciam que a metodologia do clube em si não funciona isoladamente, ela vai estar sempre dependente da mediação que é realizada por seus participantes (SEDE-PE, 2025).

O conteúdo empírico coletado não é neutro, ele reflete estruturas de pensamento, intencionalidades e práticas concretas (BARDIN, 2011), que, neste caso, demonstram uma potencial amplitude de um possível caminho que proporcione a educação integral, e vemos isso ao perceber as diversas camadas, que coexistem na sociedade, aparecendo na maneira como cada participante de clube direciona as suas ações. Uns admitem um caráter mais instrumental, outros buscam o caráter mais identitário, já outros focam nas ações que instigam os processos de relacionamento e outros veem nesse espaço um ambiente fértil para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Portanto, podemos afirmar que, em síntese, a eficácia formativa dos clubes está diretamente ligada ao grau de intencionalidade educativa dada pelos participantes a cada atividade proposta, ao nível de abertura ao diálogo encontrada em cada clube e ao processo de apropriação crítica dos jovens sobre os temas e contextos que decidem trabalhar durante as práticas vivenciadas nos Clubes de protagonismo Juvenil.

A próxima questão indaga os estudantes sobre os resultados que os clubes trazem para a escola. Apesar de ser bem objetiva, esta pergunta buscou investigar, não apenas uma percepção individual sobre os impactos das atividades desenvolvidas nos clubes, mas também

buscou identificar os efeitos coletivos aferidos pelos estudantes no dia a dia escolar, como os que SEDE-PE (2025) e SEE-CE(2021) afirmam ocorrer, efeitos pedagógicos, sociais e institucionais.

Considerando o foco da pesquisa quando relaciona os Clubes de protagonismo com a formação integral dos estudantes, a pergunta busca nos conceder informações suficiente para que compreendamos como a atuação dos jovens nos clubes ultrapassa o âmbito pessoal, muito presente na proposição e manutenção dos clubes, até se reverberar em transformações na escola enquanto uma comunidade voltada à aprendizagens diversas.

Quadro 25 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 7

Estudantes	
7- Quais resultados o clube traz para a escola?	
R- A	Eu diria que resultados muito, muito, muito bons mesmo, principalmente há um pouco, assim, daqui a pouco quando a gente for fazer o ENEM, então a gente vai realmente ver o significado, o resultado maravilhoso que vai ser, porque a gente de escola pública, assim, que não tem outra condição financeira para entrar em uma faculdade particular devido ao financeiro, então a gente tem que ir de escola pública é fazer o ENEM e fazer o ENEM, apenas isso, a gente não tem outra solução, então como aqui não é muito abordado, principalmente no primeiro, no segundo ano, pelos professores, pelas pessoas, como não é muito abordado essa temática ENEM, eles só falam por cima, caia isso e isso, mas não é apenas isso, a gente também tem que saber várias coisas que não é apenas isso que eles falam em sala de aula. A gente tinha disciplina aqui no terceiro ano, mas apenas no terceiro ano, que explica um pouco mais do ENEM, que é o pós-médio. Mas se a gente for esperar para aprender tudo no terceiro ano, no caso no nosso último ano, vai ser aprender tudo de cima da hora. Então acredito que esse clube, quem realmente aproveita ele tem muitos resultados bons. Porque vai ser algo que vai agregar muito na sua vida, principalmente desde que você for fazer o ENEM.
R- B	Seria exercer o protagonismo tanto de nós presidentes, dos alunos, trazendo reflexões sobre o que a gente faz, nossas decisões e também traz até, no meu caso, reconhecimento para a escola, já que como são olimpíadas a maioria das partes que a gente, das coisas que a gente participa, traz um certo reconhecimento para a escola.
R- C	Nos nossos clubes a gente tem o papel de desenvolver o crescimento pessoal de cada estudante e de ativar o protagonismo juvenil.
R- D	O clube, apesar de ser focado bastante no divertimento dos estudantes, ele traz benefícios para a escola através do incentivo dos alunos a serem mais expressivos, a contarem mais e escreverem mais as próprias histórias, trazendo estudantes mais imaginativos para a sociedade também, coisa que se vê em falta no mundo atual.

Fonte: O Pesquisador.

À luz da análise de conteúdo de Bardin (2011), podemos notar a presença de algumas unidades de sentido apresentadas em três pontos principais encontradas nas falas dos estudantes, sendo eles o aperfeiçoamento acadêmico, o protagonismo gerador de identidade estudantil e as transformações oportunizadas pelos clubes no ambiente escolar.

Inicialmente, podemos notar que a fala da estudante A é marcada pela preocupação da discente em oportunizar uma ambiente que possibilite uma manutenção das bases educacionais voltadas à conquista do curso superior. Essa preocupação, que é necessária e válida, e de demonstra coerência com as demais respostas da estudante A, mas, ainda limita as possibilidades formativas que o clube pode oferecer.

Freire (1996) reflete sobre o posicionamento da escola e dos professores frente aos processos acadêmicos de acesso a universidade, ele reflete que a escola, assim como o professor, não deve agir sobre o aluno com a intenção de treiná-los para o vestibular, devem agir para formar pessoas críticas, conscientes e capazes de intervir no mundo.

Se substituirmos a figura do professor pela discente líder do clube, e os educandos sendo os demais participantes das atividades ali propostas, podemos dizer que em Freire (1996) a insistência em reproduzir, no clube de protagonismo, um modelo educacional já vivenciado pelo ambiente tradicional da educação, limita o desenvolvimento de criticidade, pois inibe o contato com uma maior diversidade de saberes.

No entanto, temos que considerar outro ponto de vista, também refletido por Freire(1996), ele afirma que "estudar é um ato criador. É impossível estudar, de verdade, se não me ponho no papel de sujeito que estuda [...]" ele ainda enfatiza que "o verdadeiro estudar implica uma postura ativa, crítica, criadora"(FREIRE, 1996, p. 25). Amparados sob a égide da visão de Paulo Freire sobre o que, verdadeiramente, é estudar, vemos que ao abrir espaço para discussões e acesso a informações diversas, o clube do ENEM, demonstra que não é um ambiente de mera reprodução do método posto no ambiente escolar tradicional.

Fazendo um paralelo entre o que vemos sendo relatado pela entrevistada e o pensamento de Freire(1996), sobre o ato de estudar, podemos dizer que se o clube oportuniza discussões diversas com o intuito verdadeiro de apropriar os estudantes do elemento estudado, podemos inferir que os participantes, do referido Clube, estão assumindo o protagonismo de seus próprios processos de aprendizagem, evoluindo não só como sujeitos autônomos e críticos, mas também como sujeitos capazes de gerar transformações reais na sociedade (FREIRE, 2005).

Sendo assim, podemos deduzir que, mesmo que o clube se assemelhe ao formato já vivenciado no ambiente escolar tradicional, o fato dos estudantes se colocarem aguerridos a

insistirem no ato de estudar, por si só, já é uma ação protagonista que pode, sim, gerar criticidade e o desenvolvimento de indivíduos que estão caminhando para sua emancipação.

Além deste contexto, vemos que a estudante A, observou o seu entorno e decidiu agir para solucionar um problema local, problema este identificado no currículo. Em sua resposta, a estudante afirma que percebeu pontos que deveriam ser abordados pelo currículo escolar, e que aparentemente não seriam, tendo ciência desta situação, ela decidiu propor e implementar, no Clube do ENEM, esses tópicos faltantes. Esta lacuna identificada, apesar de representar uma falha, também abriu espaço para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, pois, acabou incentivando-os a buscar informações e conhecimentos em diferentes fontes, isto ultrapassa os limites do currículo formal e torna-os sujeitos ativos de sua formação (LIBÂNEO, 2001).

O estudante B, do clube de astronomia, direcionou sua resposta aos resultados tanto em âmbito pessoal, como àqueles que oportunizam o reconhecimento da instituição que os ampara em suas atividades. Santos(2021) reflete que o protagonismo juvenil na escola promove o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade social e do senso crítico, transformando o estudante de mero receptor em agente ativo de sua aprendizagem e de sua formação cidadã.

A resposta do estudante reverbera o entendimento de Santos(2021) e demonstra que esse melhoramento nas ações protagonistas dos jovens trazem impactos que afetam, tanto os jovens que participam das atividades propostas no clube, quanto a escola que colhe os frutos dos esforços dos jovens.

O estudante B também menciona as reflexões que as atividades proporcionam sobre escolhas de vida e futuro profissional. Nesse sentido, temos que a participação dos jovens em clubes escolares promove o desenvolvimento de habilidades sociais, de liderança e de trabalho em equipe (SEE-CEARÁ, 2021), aspectos que são fundamentais para o crescimento pessoa e uma futura inserção no mundo do trabalho.

O fato do estudante B sinalizar que o clube atua como um catalisador de autoconhecimento, ou que ele dá suporte para o desenvolvimento do projeto de vida dos participantes, nos mostra que mesmo se utilizando de meios tradicionais para medição de resultados, a experiência nos clubes tem o potencial de gerar o desenvolvimento dos estudantes de maneira ampla (SEDE-PE, 2025), além de conduzi-los a perspectivas das ações que futuramente poderão ser efetivadas em suas vidas.

Dentre todos os entrevistados, a estudante C foi a que apresentou a resposta mais concisa, no entanto, ela não deixou de alinhar a sua fala aos fundamentos do protagonismo juvenil. Ela identifica o clube como espaço que estimula, tanto o crescimento pessoal em suas particularidades, quanto a participação dos estudantes em atividades diversas de maneira ativa,

esta constatação experienciada, coaduna com o pensamento evidenciado por Santos(2021) estabelecendo que a escolha do clube pelos discentes requer a mobilização de habilidades cognitivas e socioemocionais, a exemplo do autoconhecimento, que busca identificar valores que alicerçam o seu projeto de vida.

Esses valores, por sua vez, podem contribuir para seu sucesso pessoal, acadêmico e profissional, promovendo sua cidadania (SANTOS, 2021). Podemos dizer, então, que o envolvimento no clube, que é anunciado pela estudante, não se limita à uma participação meramente recreativa, ou de caráter compulsório, se desenvolve, entretanto, na vivência de um processo educativo profundo, em que o estudante é levado a refletir sobre seus valores, habilidades e objetivos (SEDE-PE, 2025).

A perspectiva trazida pela estudante, ante sua experiência com a vivência do clube, embora tenha sido genérica, apresenta uma sinalização de que há, resguardando-se as proporções, uma consciência da função formativa que os clubes tem, mesmo que a apropriação crítica desse processo ainda esteja em desenvolvimento.

Pois, ao ocupar espaços de decisão e criação, como a vivenciada nos clubes de protagonismo, os estudantes desenvolvem uma postura protagonista que transcende os muros da escola, impactando positivamente suas trajetórias nas mais diversas áreas de suas vidas (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024).

Por fim, o estudante D, participante do Clube de RPG, apresenta uma resposta rica e com um posicionamento contundente. Ele afirma que o principal resultado que o clube tem oferecido, está no fato do clube de protagonismo juvenil oportunizar e incentivar o desenvolvimento da expressão criativa e da imaginação dos estudantes.

A percepção do estudante revela que as ações do clube do qual participa tem cumprido com os objetivos originários da proposta inicial desta atividade, e reforça o entendimento de que “os Clubes possibilitam o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, além de viabilizar a interação com o meio físico e social, estimulando nos estudantes a curiosidade, a problematização e a busca por soluções para questões dos seus contextos, representando num significativo impulso para a aprendizagem, o desenvolvimento da autonomia e das relações sociais.” (MENEZES; SCHROEDER, 2014, p. 815)

Para além disso, também verificamos que a sua fala pondera, criticamente, que essas dimensões, ou seja a criatividade e a imaginação, estão em escassez no mundo contemporâneo, e utiliza desta constatação para anunciar que o clube de RPG tem sido utilizado como um meio para remediar esta situação, demonstrando que o clube é um espaço adequado para o desenvolvimento de aspectos subjetivos do ser, abrindo caminhos para experiências que

conduzem os estudantes a saberes mais significativos que estritamente funcionais (SANTOS, 2020).

Tal ponderação demonstra, também, a sensibilidade que o jovem tem, ao refletir no clube uma ação que visa o desenvolvimento de aspectos essenciais aos indivíduos, mas que comumente não é desenvolvido em contextos escolares tradicionais. Assim como Valqueresma e Coimbra (2013, p. 135) compreendemos “a criatividade como um processo psicológico superior que se destaca pela sua complexidade e pela singular potencialidade de conduzir o sujeito humano à elaboração de novas e intrincadas estruturas, partindo da combinação de elementos existentes.”

Dessa maneira ao instigar o desenvolvimento deste processo por parte dos seus pares, o estudante leva-os a desenvolverem suas personalidades a partir daquilo que para eles é significativo, levando-os a trabalharem seus processos imaginativos com fins a trazer reflexões profundas e refletir as suas visões de mundo em uma atividade extremamente prazerosa.

O estudante D articula, no clube de RPG, a dimensão da ludicidade com a dimensão da formação humana. Assim como Silva (2018), Santos(2020) e Silva (2019) ele aponta que o desenvolvimento de uma atividade que sugere reflexão a partir de práticas prazerosas, longe de ser superficial, pode ser um motor poderoso para o desenvolvimento de competências comunicativas, afetivas e éticas, extrapolando, assim, os muros da escola, e contribuindo para a formação de sujeitos mais sensíveis às nuances e contextos postos pela realidade social vivida.

Na comparação entre as falas, podemos identificar que todos os entrevistados reconhecem os clubes de protagonismo como verdadeiros espaços de impacto, no entanto, ao destrincharmos as falas dos estudantes notamos que eles autonomamente decidiram enfatizar aquilo que mais tinha significado para eles, exatamente como é proposto nos objetivos dos clubes de protagonismo Juvenil (SEDE-PE, 2025).

Diante de todo este contexto, vemos que os resultados evidenciados não tem ligação, necessariamente, com contexto somativo das avaliações tradicionais, vemos que, para os jovens, os clubes de protagonismo juvenil possuem um enorme potencial e a capacidade de possibilitar a ampliação de experiências diversas, mesmo no ambiente escolar (SEE-CEARÁ, 2021). Esta percepção reforça a ideia de que, através das atividades dos clubes, os jovens tem a oportunidade de produzir autonomia, conhecimento, criticidade e atividades diversificadas (SILVA, 2018), a partir de uma formação que não se limita a abranger, apenas, o âmbito da cognição, mas alcança também os aspectos éticos, estéticos e sociais da educação.

No campo do desenvolvimento individual vemos que os clubes de protagonismo, enquanto atividades propositoras de autonomia, criticidade e sensibilidade social, se

apresentam como um ambiente fértil de desenvolvimento pessoal e humano, pois levam o estudante a buscar referências diversas e desenvolverem seus processos formativos a fim de agir intencionalmente, seja visando o desenvolvimento de seus próprios seres, seja para interferir positivamente na sociedade com a finalidade de transformá-la (FREIRE, 1996).

Já no fato dos clubes gerarem um impacto institucional temos a mesma posição que Paro (2000) quando reflete que as atividades extracurriculares, ao serem incorporadas pela escola de forma planejada e articulada, contribuem, não só para o fortalecimento da identidade institucional, mas também para a construção de uma cultura escolar mais participativa e, certamente, mais democrática.

Finalmente, com base nas falas dos jovens, bem como nas perspectivas já, muito bem, estabelecidas sobre a função social dos espaços escolares, podemos afirmar que os clubes têm auxiliado na efetivação desta função. Os resultados, elencados pelos estudantes, aparecem através da capacidade de desenvolverem uma leitura crítica da realidade a fim de buscar, nos clubes, opções para se remediar um problema encontrado, assim, podemos dizer que as ações dos jovens, nos clubes, oportunizam não apenas a prática do protagonismo que Costa (2000) tanto discute, mas também acarreta na construção de uma formação integral verdadeiramente emancipadora, assemelhando-se as perspectivas de educação amplamente defendidas por Freire (1996).

Dando continuidade aos questionamentos, a próxima questão indagou os estudantes sobre as contribuições dos clubes de protagonismo para suas vidas pessoais e trajetórias futuras, o intuito maior foi o de compreender como essas vivências nos clubes de protagonismo extrapolam os limites do regime de aprendizagem tradicional, e como tem favorecido o desenvolvimento dos estudantes em uma perspectiva integral.

Quadro 26 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 8

Estudantes	
8-	De maneira geral, o que você acredita que o clube de protagonismo contribuiu para a sua vida e o que você levará desta experiência para a sua trajetória fora da escola?
	Contribuiu de maneira significativa porque lá no clube eu não apenas compartilho como eu também aprendo é justamente como eu já falei anteriormente é porque não apenas eu que dou aula também os alunos dão aula então eles também tanto eu ensino quanto eu aprendo então isso é bastante e traz bastante significado para a minha vida como eu falei eu quero fazer nem preciso desses conteúdos desses ensinamentos para poder fazer e vai sim atribuir na minha vida tanto pessoal quanto acadêmica porque eu vou ter uma formação fazendo nem então eu preciso desses conhecimentos é isso.
R-	
A	Por ser uma pessoa muito tímida eu não tinha contato com muitas pessoas, a

não ser pessoas da minha sala, da minha turma, onde eu consigo deixar essa timidez de lado um pouco, então eu acho que por eu estar ali em cima do auditório falando, ensinando, compartilhando meu conhecimento, então acho que as pessoas também me conheceram um pouco e acabou que eu perdi a minha intimidade, minha timidez e acabei criando mais intimidade com as pessoas, os alunos que fazem parte do clube, então é assim, também tem outros pontos, mas eu acho que os mais importantes assim, que mais agregaram na minha vida foi isso, eu perdi minha timidez que foi muito bom para mim.

R- B Principalmente crescimento pessoal, já que desenvolve a gente a saber como organizar as coisas, como lidar com as pessoas e com as emoções dessas pessoas. E sim, planejo levar grande parte disso para a minha vida, já que ser presidente de um clube dá bastante atribuição, já que você organiza, faz um monte de coisa organizando e planeja aulas, eventos principalmente, já que fica para a gente organizar e ter que lidar com isso tudo, meio que dá para a gente um entendimento sobre como vai ser na vida adulta, já que vamos ter que fazer isso quando crescermos. Por eu ser bem introvertida antes, acho que isso me ajudou a desenvolver mais isso, já que eu tenho que falar muito com as pessoas do clube, tanto por internet, tanto pessoalmente, porque eles têm dúvidas, querem dar informações, e eles vão na maioria das vezes recorrer a mim para saber, então acho que me desenvolveu principalmente para isso.

R- C Exercer a liderança, a tomada de decisões e o crescimento pessoal, como saber lidar com diferentes pessoas e com diferentes opiniões. É... o desenvolvimento pessoal através de convívio que há entre as pessoas, entre entender cada pessoa do seu jeito e como eles se comportam e como cada um tem a facilidade ou não de aprender determinado conteúdo.

R- D O clube trouxe muitas mudanças positivas na minha vida, mas creio que a mais destacável é que ele fez eu me tornar uma pessoa muito mais comunicativa e expressiva, como alguém que deveria, a partir de agora, liderar um grupo de estudantes para atividades específicas. Por exemplo, eu não era muito comunicativo do meu quinto até o meu nono ano. Eu não realmente conversava muito com os meus colegas e estudantes. Era um grupo muito seletivo de amizades que eu quase nunca contribuía para realmente os assuntos, mas agora eu me vejo com muitas pessoas ao meu lado e tendo que liderar elas através de atividades específicas e seletas, o que trouxe um grande crescimento pessoal para mim mesmo. Creio que, de modo geral, o clube trouxe muitas contribuições para minha vida, sendo várias interpessoais, quanto pessoais e até mesmo acadêmicas. Creio que, para a minha vida mesmo, o que eu vou levar desse clube é um grandíssimo senso de cooperatividade que realmente o clube me trouxe, me ajudou a desenvolver esse senso de cooperação com os meus colegas. Também traz um pouco, vou levar um pouco do senso de liderança para eu poder realmente liderar talvez uma equipe no futuro, porque querendo não é uma experiência de liderança, então se aprende com isso. E, acima de tudo, eu vou conseguir levar para a minha carreira a minha capacidade de criar, desenvolver histórias e por aí vai. Então, se por algum acaso na minha carreira eu consiga arrumar um espaço para ser. Tornar um escritor creio eu já vou ter muito da base de já fundamentada por conta do clube que tenho aqui na escola.

Diante das respostas dos estudantes, podemos constatar que os clubes de protagonismo não só tem os auxiliado em suas formações, em um contexto científico, como também tem oportunizado a construção de habilidades diversas. Ainda que, se categorizarmos as falas dos jovens, encontramos experiencias que se relacionam diretamente com o tema tratado em cada clube em específico, a atividade em si tem produzido dentro do ambiente escolar momentos e atividades que certamente prospectam boas oportunidades quanto ao futuro. Vamos compreender de maneira particularizada a fala de cada estudante para que possamos identificar as nuances trazidas por cada um na construção desta narrativa.

De início a estudante A, seguindo o mesmo padrão e relações que estabeleceu durante toda a entrevista, nos revela fatos importantes que ela extrai a partir da experiencia no clube do ENEM. Ela destaca, não apenas a aquisição de conhecimento acadêmico, mas faz questão, também, de ressaltar quanto o clube a ajudou no processo de fortalecimento de sua autoconfiança, bem como, de suas habilidades sociais, esses dados reforçam, o poder interdisciplinar e transdisciplinar dos clubes onde eles não se preocupam unicamente com conhecimentos advindos do cientificismo, mas também aqueles que só são achados através de um vasto processo de socialização (LIBÂNEO, 2013).

Ela ressalta que durante as atividades do clubes ela "ensina e aprende", ou seja, existe reciprocidade, algo que se assemelha muito a um movimento dialógico defendido por Freire (1996, p. 34) quando afirma que "a verdadeira educação se faz no encontro de sujeitos interlocutores", ou seja, a interlocução, entre pares, efetivada pela estudante A condiciona a efetivação concreta da produção do conhecimento, o que leva, segundo Freire (1996) ao estabelecimento da verdadeira educação.

O seu depoimento também aponta que o clube de protagonismo também funcionou como espaço para que ela pudesse superar limitações que ela mesmo elenca como é o caso da timidez, mostrando, assim, que clube pôde interferir em um aspecto do desenvolvimento pessoal da estudante, algo que, segundo Libâneo (2013, p. 89), é parte integrante da formação integral, pois, "a educação não pode se restringir ao cognitivo, devendo considerar a formação da personalidade e das relações interpessoais" e ao passo que o clube assim o fez ele cumpre com quesitos formativos que visam o estabelecimento de um processo verdadeiramente educativo.

O estudante B destacou em sua fala o auxílio que o clube lhe deu no processo de crescimento pessoal, especialmente no que se refere à organização e à comunicação interpessoal, assim como vemos ser destacado pela Secretaria de Educação de São Paulo, em

seu Guia Institucional para clubes juvenis (2021, p. 8) quando ressalta justamente que os “Clubes Juvenis propicia o desenvolvimento de habilidades voltadas à construção de conhecimentos para o desenvolvimento de competências socioemocionais.

O guia dos Clubes Juvenis (2021, p. 8) ainda ressalta que o estudante após ter contato com os clubes consegue identificar “o quanto ele evoluiu e o quanto as experiências que conquistou serão importantes para modificar sua maneira de agir e a forma como entende a realidade que o cerca” algo que o estudante B deixa claro ao indicar as áreas as quais mais desenvolveu através do suporte encontrado no clube do qual participa.

O estudante B ainda atribui, ao exercício da presidência do clube, o desenvolvimento de diversas competências que transcendem o espaço escolar. Essas competências são necessárias para o lidar da vida adulta, e os meios e espaços escolares devem oportunizar aos jovens o acesso ao desenvolvimento das mesmas, assim como salienta Arroyo (2012, p. 76), quando afirma que “a escola precisa ser também um espaço de experimentação de responsabilidades coletivas, em que os sujeitos se reconheçam como produtores de cultura e mudança” para que a partir dessas experiências prospectem seus futuros e vislumbrem as perspectivas que desejam vivenciar.

Ela ainda afirmou que os saberes adquiridos no clube servirão para a sua vida adulta. Esta visão particular de B, reafirma o papel que os clubes exercem como instrumentos de formação para a cidadania se achegando a perspectivas que envolvem o mundo do trabalho. Sabemos que a formação integral exige que a escola ofereça vivências que integrem conhecimento, trabalho, cultura e cidadania (MOURA, 2013), assim, ao associar as vivências experienciadas nos clubes à um ambiente de Ensino Médio Integrado, os estudantes estão experimentando, resguardadas as proporções, uma formação baseada nos princípios da formação integral dos indivíduos.

A estudante C enfatizou em sua fala a liderança e o aprendizado interpessoal como sendo os principais frutos de sua participação nos clubes e o que consequentemente mais impactou sua vida. Ela valoriza a capacidade de lidar com diferenças e de aprender com a convivência, demonstrando assim que nos clubes a dimensão ético-social do processo formativo se mantém presente (SILVA, 2018).

Sabemos que as pessoas de um modo geral desenvolvem melhor quando são estimulados a conviverem socialmente, e consequentemente aprendem mais quando interagem em ambientes onde suas necessidades não são vistas como empecilhos, mas como desafios a serem superados (STAMATO, 2008) e essa percepção também se mostra na fala de C, uma

vez que a estudante articula a importância de compreender o outro, bem como os contextos que circunscrevem suas vidas.

Outro ponto a ser destacado parte do entendimento de que o clube, dentro de suas possibilidades, desempenha um papel social nas dependências da escola, pois, assim como Dayrell (2007, p. 123), afirma que "a escola é um espaço onde as diferenças se encontram, se confrontam e se negociam, constituindo-se como espaço privilegiado para o exercício da diversidade", a estudante C evidencia que sua experiência nos clubes contribuiu para que ela obtivesse uma compreensão mais ampla sobre as relações humanas, onde o outro, que pode divergir dela e dos pares em alguns pontos, não é um problema, e que em um compromisso articulado dentro do clube, a construção de um pensamento comum pode ser uma possibilidade, demonstrando assim que o clube, além de possibilitar o desenvolvimento científico, gera processos que visam o trato com o outro, através, principalmente, de práticas colaborativas, escuta ativa e respeito à diversidade de ideias.

Por fim, o estudante D fornece uma resposta mais robusta e com alto grau de consciência sobre sua evolução pessoal e interpessoal. Inicialmente ele revela que o clube de RPG, mais que um espaço pedagógico e instrucional, serviu como um catalisador para o desenvolvimento da expressividade, da liderança e da cooperação, destacando, inclusive, o impacto que o clube gerou nele, principalmente, quando ele se pega a pensar em sua trajetória futura, incluindo a profissional (MENEZES; SCHROEDER, 2014).

A fala do estudante revela que a participação em clubes de protagonismo não se efetivam de maneira simples, pois, além dos pontos que frisou, a abrangência do clubes na vida dos estudantes se dá através da "mobilização de habilidades cognitivas e socioemocionais, a exemplo do autoconhecimento, que busca identificar valores que alicerçam o seu projeto de vida. Esses valores, por sua vez, podem contribuir para seu sucesso pessoal, acadêmico e profissional, promovendo sua cidadania" (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024, p. 16) algo que é pontuado pelo jovem e que reforça o caráter formativo desta atividade educativa não formal.

Ele ainda estabelece uma relação entre vivência lúdica, oportunizada pelos espaços de desenvolvimento da arte, e a formação cidadã, que é explicitada no fato de que os participantes interagem no clube de RPG buscando trazer temas que impactam a sociedade. Esta relação é também evidenciada por Gadotti (2000, p. 57) ao refletir que "educar-se é formar-se humanamente, e todo espaço que favorece a expressão e a interação possui potencial pedagógico" tanto a expressão artística, que os jovens desenvolvem, quanto o processo de

interação e tratamento de temas caros a sociedade, evidenciam que o processo educativo efetivado ali tem sido eficaz.

É nítido que o estudante possui um entendimento profundo do papel formativo que o experienciar tem para a vida dos indivíduos. Assim, ele reforça que os clubes têm um papel ativo na constituição de suas identidades, enquanto estudantes, e em seus processos de assumir o direcionamento, ou as rédeas de seu projeto de vida. Isso é o que, também, afirma Candau (2012, p. 68) quando estabelece que "a educação para a diversidade passa pelo reconhecimento dos sujeitos como protagonistas de suas histórias", sendo assim, as múltiplas experiências evidenciadas pelo estudante refletem justamente o protagonismo que tem assumido de, não apenas conduzir seu processo formativo, mas também de participar da construção de espaços de aprendizagem com significado.

Depois de entendermos os posicionamentos de cada estudante, e ter percebido como os clubes têm interferido em suas vidas bem como em seus planos, podemos dizer que as respostas dos estudantes indicam que os clubes de protagonismo têm impactado significativamente, não apenas as questões que envolvem suas vidas acadêmicas, mas, principalmente, no quesito do crescimento pessoal, bem como na construção de suas habilidades socioemocionais (MENEZES; SCHROEDER, 2014).

A partir de Bardin (2011), podemos identificar algumas categorias centrais durante as falas dos quatro estudantes. Aspectos como o autoconhecimento, a liderança, a empatia, a organização e a expressividade ficaram pronunciados e revelaram que o clube não é limitado a um conceito rígido, muito pelo contrário, ele é maleável e se adapta a necessidade de cada grupo em específico, levando sempre em consideração o senso comum que partiu de um vasto processo de escuta ativa e ponderações (SANTOS, 2020).

Paro (2010) nos faz refletir que "a escola precisa ser compreendida como espaço de vida, e não apenas de ensino", assim sendo, os clubes representam uma dimensão concreta desta vida, pois este espaço, diante do que vemos nos relatos, tem sido um meio de produção de uma educação com significado, onde o que importa não é um índice, ou padrões de relevância pré-estabelecidos, mas a construção conjunta e protagonista daquilo que gera sentido para a vida e projetos dos jovens, o que se encaixa dentro das perspectivas da educação integral, revelando, assim, que os clubes têm um potencial de auxiliar na formação de sujeitos autônomos, críticos e preparados para uma vida em sociedade.

A próxima questão tratará sobre a relação entre o Ensino Médio Integrado sobre, no tocante a formação técnica dos estudantes, e a participação nos clubes de protagonismo da escola. O objetivo é o de compreender como esses espaços dialogam entre si, e se eles tem

contribuído, mutuamente, para o desenvolvimento formativo dos estudantes. Através da categorização e interpretação das unidades de sentido (BARDIN, 2011) contidas nas falas dos estudantes compreenderemos se esta relação tem sido efetivada eficazmente para os estudantes.

Quadro 27 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 9

Estudantes	
9-	Como você lida com o fato de ter que associar a sua formação técnica com os clubes de protagonismo?
R- A	Na formação técnica a gente tem disciplinas como empresa pedagógica, onde a gente aprende bastante a gerenciar questões assim profissionais e acadêmicas. Então acho que essa educação da área técnica que eu aprendo no meu dia a dia aqui na escola acaba contribuindo também para meu ensinamento e gerenciamento das atividades do clube.
R- B	Bem, meu curso é extremamente diferentes, já que minha formação profissional é design de móveis e o clube é sobre astronomia, mas acredito que envolve bastante a criatividade, já que para descobrir muita coisa a gente pode associar o espaço, a gente pode até associar o espaço para modelos de moveis mesmo não sendo tão fácil de associar os dois de um único jeito, ainda assim eles podem ter um elo para se ligarem, já que se você buscar criatividade, pensar no espaço como isso pode ser uma forma bem interessante.
R- C	Nesse caso, os meus clubes e o meu curso são diferentes, eles têm ideias e conceitos diferentes, mas se assemelham em um único ponto, na questão do crescimento pessoal, do amadurecimento e ouvir o outro participar das decisões e é isso.
R- D	Creio que a associação dos dois tá na minha formação mesmo porque o curso vai me dar noções acadêmicas muito importantes para seguir a carreira de mecânico industrial, trazendo noções como matemática e por aí vai para a minha vida, fazendo eu aprender mais elas. Enquanto o clube ele vai me instigar a trabalhar de várias formas diferentes considerando que através dos cenários hipotéticos que a gente cria durante o RPG sempre é necessário trazer alguma solução diferenciada para aquilo. Então o RPG vai me ensinar tanto a trabalhar de forma diferenciada e tentar me destacar ao máximo usando a minha imaginação. Atributos esses que eu. Que vai ser bastante importante para a minha formação não só como mecânico industrial mas também como qualquer outra formação que eu queria fazer no futuro já digo que não planejo seguir a carreira de mecânico industrial entretanto eu tenho certeza que as noções acadêmicas que vão ser dadas a mim pelo curso em junção com as noções pessoais interpessoais que eu vou receber no clube vão conseguir fazer de pelo menos um profissional com um pouco de diferencial no mercado.

Fonte: O Pesquisador.

As respostas dos estudantes clarificam o contexto da relação entre os clubes e as atividades da base comum dos cursos técnicos, fornecendo subsídios para que possamos

compreender como os estudantes articulam a experiência formativa do eixo técnico da escola com os espaços não formais de aprendizagem representados pelos clubes de protagonismo juvenil.

A articulação entre formação técnica e protagonismo juvenil, vivenciado nos clubes, encontra respaldo teórico em Arroyo (2012, p. 58), ao afirmar que "É preciso respeitar e valorizar o que os jovens fazem na escola e fora dela como parte de sua formação", desta maneira, não podemos considerar que a formação dos jovens se dá unicamente pela vertente científica, ou através de uma suposta transmissão de conhecimento.

Gadotti (2000, p. 93) complementa, que "a educação integral supõe a articulação entre saberes escolares e experiências de vida", assim sendo, se a relação entre os clubes de protagonismo e o Ensino Médio Integrado visa a formação de indivíduos de maneira integral, esta deve ocorrer através da oportunidade de se construir repertórios de experiências que oportunizam o desenvolvimento dos estudantes em diversas habilidades, sejam elas científicas, sociais ou emocionais. Cada entrevistado trouxe suas perspectivas partindo de um âmbito muito particular, no entanto é na complementariedade de suas falas que encontramos a chave para entender as contribuições trazidas pela relação das duas vivências.

A fala da estudante A nos mostra que ela se utiliza de aprendizados com as disciplinas do eixo técnico para melhorar as experiências no clube do qual participa. A articulação entre o conhecimento técnico adquirido em disciplinas como "empresa pedagógica" e sua aplicação no gerenciamento das atividades do clube evidenciam esta ação, e demonstram iniciativa aplicação daquilo que foi aprendido, algo que Libâneo (2013) enaltece, pois ele entende que a prática educativa não pode se limitar ao conteúdo frígido, ou ao conhecimento teórico adquirido em sala de aula, para ele "A prática educativa deve possibilitar ao aluno experiências de organização, liderança e tomada de decisões" (LIBÂNEO, 2013, p. 127) assim como as evidenciadas pela estudante A ao relata a aplicação prática no clube dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

O fato da estudante correlacionar as duas áreas de atuação, disciplina do eixo técnico com o clube, apresenta o que Bardin (2011) chama de unidade de sentido voltada à integração entre teoria e prática. Além disso, fica evidenciado uma práxis educativa de cunho transdisciplinar, pois ao associar saberes e momentos educativos distintos, a estudante traz a possibilidade de se produzir uma "integração efetiva entre as áreas do conhecimento para formar sujeitos capazes de lidar com a complexidade do mundo atual" (ALCÂNTARA, 2003).

O estudante B, deixa claro que ele enxerga uma considerável distância entre o conteúdo técnico do curso de design de móveis e o conteúdo específico do clube de astronomia. No

entanto ele aponta que a criatividade pode surgir como o elo que interliga esses dois campos conceituais. Ao estabelecer esta relação, ainda que de maneira simbólica, o estudante adentra em uma perspectiva, ou um movimento cognitivo, de transversalidade, que Bardin (2016, p. 119) chama de "inferência analógica entre campos conceituais distintos" onde se estabelece pontes para assuntos ou conhecimentos que estão em lados opostos de um abismo de informações.

Analisando a visão de Frigotto (2008, p.66), esse tipo de articulação pode ser caracterizado como um dos pilares da formação integral, pois para ele "é preciso que a formação técnica não se separe da formação humana, crítica e criativa" e ao estabelecer uma ponte entre sua formação técnica e outros espaços de interação, através da criatividade, o estudante faz com que sua formação abranja outros patamares, pois, além de produzir inovação, aos processos, "a criatividade é um dos elementos centrais da práxis educativa transformadora" (GADOTTI, 2000, p. 102) o que reforça a importância de integrar diferentes saberes e vivências no ambiente escolar para formar sujeitos cada vez mais críticos, atuantes e socialmente comprometidos.

Já a estudante C reconhece inicialmente que não há uma relação direta entre os conhecimentos adquiridos em seu curso técnico e os clubes dos quais participa, no entanto, ela aponta o crescimento pessoal, a escuta e a participação como pontos de interseção. Sua interpretação das aproximações entre os dois ambientes, demonstram que ela possui uma compreensão humanista do processo educativo, algo que Bardin (2016, p. 89) reconhece como uma "dimensão subjetiva presente nas manifestações discursivas" pois, ao não ver aproximações objetivas, a estudante estabelece a relação no produto subjetivo dos dois espaços, onde correlaciona os momentos e estabelece um padrão, ainda que subjetivo, para as duas atividades educativas.

Para Dayrell (2007, p. 72), o protagonismo juvenil "está em reconhecer que os jovens produzem sentidos e significados para suas experiências", desta maneira, mesmo na ausência de uma ligação objetiva direta, segundo a fala da estudante, a experiência no clube tem contribuído para a dimensão socioemocional de sua formação no curso técnico, pois, sabemos que a formação humana perpassa por distintas áreas de conhecimento, abrangendo diversos saberes (FREIRE, 1985).

Assim, ao desenvolver-se pessoalmente, trabalhando a escuta através de uma participação ativa nos clubes, a sua formação técnica acaba sendo afetada positivamente, pois assim como Libâneo (2013, p. 98) afirma a "capacidade de ouvir, dialogar e cooperar é parte essencial da formação humana", pois reflete diretamente na postura profissional que a estudante

passa a ter, nas relações interpessoais que desenvolve, bem como, na construção de uma cidadania mais consciente e colaborativa.

Por fim, o estudante D apresenta uma visão mais complexa sobre a articulação entre curso técnico e o clube de protagonismo. Para ele o regime que prepondera nesta relação é o regime da complementariedade, pois no curso técnico ele acredita que possui um maior suporte conceitual com vistas para sua vida acadêmica, já no clube ele exalta o desenvolvimento de competências criativas e interpessoais.

Essa complementaridade reflete o que Bardin (2016, p. 151) chama de "complementaridade de categorias", onde elementos distintos se somam na construção de um sentido mais complexo e amplo, ou seja, mesmo que os dois campos de atuação não se apresentem como similares, a junção dos dois em um mesmo espaço de interações oportuniza o cerceamento de lacunas em ambas experiências.

A educação integral deve promover experiências que articulem conteúdos, emoções, valores e criatividade (FELÍCIO, 2012), partindo desta visão, podemos dizer que a correlação estabelecida pelo estudante, evidencia que a vivência nos clubes de protagonismo amplia o processo formativo dos estudantes, pois a formação deles não tem se limitado a apreensão isolada dos conhecimentos técnicos, tem integrado, o desenvolvimento cognitivo às dimensões socioemocionais.

Dessa maneira o a formação dos estudantes é potencializada, pois, passam a se perceber em um trajeto formativo com mais significado, abrangendo diversas particularidades de suas vidas, evidenciando assim que a formação dos indivíduos, não é, e nem poderia ser, algo simples, mas se estabelece através de um complexo percurso que envolve experiências diversas, relações interpessoais, construção de valores e o reconhecimento de si no mundo (PARO, 2010, p. 87).

Com base nas falas dos quatro estudantes, podemos concluir que, ainda que as experiências nos clubes de protagonismo não apresentem, em todos as situações, uma conexão direta e objetiva com os conteúdos dos cursos técnicos dos estudantes, elas cumprem um papel essencial no processo de formação dos mesmos, principalmente quando o que queremos é a oportunidade de se efetivar uma formação integral para os estudantes (PARO, 2010).

As falas apresentadas revelam que os clubes também podem funcionar como espaços que propiciam a articulação entre teoria e prática, entre o cognitivo e o socioemocional, oferecendo aos jovens a possibilidade de desenvolverem competências como a escuta, a criatividade, a tomada de decisões, a liderança, a empatia, a autonomia e o senso de responsabilidade (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023), que são habilidades fundamentais,

para suas vidas no contexto acadêmico, profissional e, principalmente no âmbito das questões sociais, instigando uma formação mais robusta uma formação integral.

Maurício (2019) salienta que a educação integral não pode ser desenvolvida em um cenário de limitações, deve promover experiências diversas, que contextualizem o estudante, dando-lhe condições para a efetivação de sua formação. Assim, os clubes de protagonismo podem ser considerados como um terreno fértil para que essas experiências se efetivem, seja através de um processo de complementaridade, ou através de ligações objetivas estabelecidas entre os clubes e suas formações técnicas.

Finalmente, fica claro que as vivências dos clubes ampliam o escopo da formação oferecida pela escola, e contribui para a construção de sujeitos mais críticos, sensíveis e preparados para atuar na complexidade do mundo contemporâneo. Ao refletirmos sobre o papel dos clubes escolares, compreendemos que eles não são meros complementos ao currículo, mas sim componentes fundamentais de uma formação comprometida com a totalidade do ser humano.

Por fim, a última questão se debruça sobre o cerne desta pesquisa. Buscamos identificar as percepções dos estudantes, que já vivenciam o Ensino Médio Integrado, acerca das contribuições dos clubes de protagonismo para a formação integral a partir de um contexto mais amplo. É preciso compreender se esses espaços de educação não formal são reconhecidos pelos próprios sujeitos como possíveis vetores de um desenvolvimento multidimensional, ou se, ao contrário, esses espaços não geram esta percepção.

Quadro 28 – Entrevista com os Estudantes: Pergunta 10

Estudantes	
10-	Sabendo que a formação integral é a oportunidade que o indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências profissionais, as tecnologias, as artes, as espiritualidades, a cultura, etc., você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos e se sim, por quê?
R- A	Eu acho que sim. Aqui também tem clube de teatro, então teatro também é um curso que você faz por fora, então também tem essa questão aí da arte, não só o clube de arte como também tem outros legais que tem clube G1q, sabe o que é? Pronto, tem o meu do Enem, que também abre Horizontes, tem o do cinema também, um tipo de arte né, tem o de robótica que aí vai para ciências, agronomia, ciências também, então aqui na escola a gente tem diversos clubes que engloba as disciplinas assim e que agrega no ensino médio integrado.

R- B	Acredito que muito sim, já que o clube, especificamente a astronomia, abre uma área bem vasta de conhecimento, já que não existe especificamente uma formação pra astronomia, mas ela trabalha com diversas áreas. Existe um membro até que, mesmo cursando mecânica, ele pretende formar em astronomia. Eu acredito que o clube possa ser uma grande vontade dele aprender sobre o assunto, desenvolver e falar sobre os conhecimentos dele que ele já adquiriu sobre o assunto que ele gosta.
R- C	Sim, com certeza, porque os estudantes não ficam vinculados só a uma única coisa, que no caso eles escolheram um curso, mas não... vão abrir novas áreas para as suas vidas, vão conseguir discernir o que ele quer para a sua vida, qual campo profissional que ele deseja, e desenvolver novas habilidades e desenvolver novas ideias também.
R- D	Na minha visão sim, é crucial inclusive a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado nesse quesito, porque vai ser através dos clubes de protagonismo que os alunos vão desenvolver características interpessoais e pessoais deles, tendo que liderar, organizar e desenvolver práticas que vão não só envolver eles, mas outros alunos também, sempre procurando e visando manter uma boa organização e um bom trabalho. Isso faz com que o aluno se desenvolva não só academicamente como uma escola regular, por exemplo, ele vai desenvolver muitos outros pontos pessoais dele, então é como dizem, não vai sair dali meramente um estudante, um aluno, vai sair um cidadão preparado. Para o mercado de trabalho até mesmo os quesitos emocionais.

Fonte: O Pesquisador.

Compreendemos que a formação integral se estabelece na articulação entre diversas áreas do conhecimento principalmente quando associada a experiência humana, seja ela cognitiva, técnica, estética, ética ou social. Assim como Pátaro e Moruzzi (2011), entendemos que o currículo escolar precisa dialogar com as múltiplas dimensões da cultura e da experiência juvenil. Além disso, a escola como um todo deve oportunizar espaços e momentos para que a experiência juvenil seja evidenciada e até mesmo exaltada, até por que o conceito de “ formação integral exige que a escola desenvolva práticas pedagógicas que articulem o conhecimento acadêmico às experiências sociais, culturais e emocionais dos estudantes” (MOLL, 2012, p. 37) não se limitando a unicidade conteudista.

Iniciamos com a estudante A anunciando um posicionamento ancorado na visão de que os clubes ampliam a capacidade formativa do espaço escolar, pois, para ela, a escola passa a ser vista como um espaço destinado ao desenvolvimento de múltiplas linguagens formativas. Essa percepção se assemelha com a percepção de Freire(1985) sobre as possibilidades do espaço escolar, onde a escola se apresentaria como um ambiente aberto a discussão e ao contato com diversas áreas do conhecimento.

Ao citar diversos clubes, como teatro, arte, cinema, robótica, ENEM e GIQ, ela reconhece a pluralidade de áreas envolvidas na produção de conhecimento que é efetivada nos clubes. Esse contexto remete a uma concepção de educação interdisciplinar, podendo até a desenvolver características de um processo educativo transdisciplinar, tendo em vista que as atividades que visam uma ação transdisciplinar, favorecem a construção de saberes mais integrados e contextualizados, permitindo que o aluno compreenda a complexidade dos fenômenos aparentes e estabeleça conexões mais significativas entre as diferentes áreas do conhecimento (ALCÂNTARA e SCHMIDT, 2003).

A diversidade elencada, como aspecto da formação integral produzida pelos clubes no contexto da escola que vivencia o EMI, contribui para o que Gadotti (2000, p.78) denomina como “formação politécnica”, que para ele se estabelece na articulação entre diferentes áreas do saber para o desenvolvimento global do sujeito. É importante ressaltar que “a formação integral não significa saber tudo, mas integrar os saberes de modo significativo para a vida”, principalmente, daqueles que se dispõem a vivenciar momentos e espaços diversificados de construção conjunta de conhecimento (MOLL, 2012).

Diante disso, ao oportunizar a interação entre diversas áreas das vidas dos sujeitos, o clube, enquanto espaço pedagógico, funciona como meio para a construção da formação integral, o que depõe a favor de sua manutenção e o estabelece como potencial instrumento no processo de transformação da sociedade (SILVA, 2018).

A resposta da estudante revela, portanto, que o impacto que a escola gera na vida dos estudantes se amplia quando se abre para experiências estéticas, tecnológicas e colaborativas, como as vivenciadas no clubes. Aparentemente, isso contribui para uma formação mais completa, uma formação que não se limita as paredes do enciclopedismo, ultrapassando, assim, os limites impostos por uma cultura curricular com viés tradicional, e trazendo um novo modo de ver e fazer educação.

Vemos que o estudante B, assim como a estudante A, destaca o clube, neste caso o de astronomia, como um espaço de desenvolvimento transdisciplinar. Evidencia, de maneira mais contundente, o campo de conhecimentos oportunizados pela astronomia em si, pois, para ele, a astronomia é um campo mobilizador de interesses pessoais que extrapolam o curso técnico formal. A formação integral se concretiza na possibilidade de o sujeito apropriar-se criticamente de múltiplas referências culturais e científicas (MOLL, 2012) tal percepção ecoa na fala do estudante B quando menciona um colega de curso, ele relata que seu colega pretende seguir carreira na área por influência do clube, sugerindo, assim, que a experiência extracurricular

vivenciada no clube de astronomia, se mostrou, também, formadora de desejos e projetos de vida.

A fala do estudante evidencia que o protagonismo estudantil, ao permitir contato com áreas não previstas no currículo oficial, contribuiu para a construção de identidades profissionais e pessoais, gerando interesse a partir do inesperado, do, até então, desconhecido. Frigotto (2008, p. 114) também salienta esse aspecto ao afirmar que “uma educação omnilateral exige práticas pedagógicas que articulem conhecimento, trabalho e projeto de vida” assim, o fato do clube inspirar seus participantes sobre as suas demandas profissionais, e pessoais, futuras, associando a isso uma formação integrada vivenciada através do Ensino médio integrado, revela que o clube de protagonismo, não apenas amplia horizontes, mas também reafirma a escola como um lugar de construção de sentido e de projetos de vida, onde o estudante deixa de ser mero receptor de conteúdos, para se tornar sujeito ativo de sua própria trajetória.

Já a estudante C compreende os clubes de protagonismo como uma oportunidade de diversificação das experiências escolares, permitindo ao jovem não se restringir apenas à formação técnica que ele escolhe ao entrar na escola. Sua fala sugere que os clubes possibilitam a descoberta de novas áreas de interesse, assim como o exemplo citado por B, e a construção da autonomia para a escolha profissional.

Essa perspectiva está em sintonia com o que Paro (2010, p. 104), defende, pois, para ele “a escola deve possibilitar ao educando a construção de seu projeto de vida, ultrapassando os limites da formação utilitarista”, assim sendo, ao permitir que os estudantes explorem diferentes campos do saber, a partir do que é significativo para eles em uma participação voluntária, os clubes de protagonismo se tornam espaços de experimentação geradores de autoconhecimento, sendo essenciais para que os jovens compreendam suas potencialidades e aspirações.

Nesse processo, a escola deixa de ser apenas um lugar de preparação para o mercado e passa a assumir seu papel formador pleno, onde o sentido da aprendizagem está diretamente ligada à construção de um futuro com mais propósito e autonomia (GADOTTI, 2000). O destaque para o desenvolvimento de habilidades e ideias, trazido pela estudante, remete à noção que possuímos sobre a perspectiva da formação integral dos indivíduos, algo que “implica articular os conhecimentos científicos, técnicos e culturais com as dimensões éticas, estéticas e políticas da existência, possibilitando que o educando se compreenda como ser histórico, situado e capaz de transformar a realidade” (LIBÂNEO, 2012, p. 37), assim, a proposta da associação dos clubes com os espaços escolares mais tradicionais, oportunizam a vivência de um processo formativo estabelecido através de uma proposta mais aberta, que não se encerra

no trato com os conteúdos simplesmente, mas se concretiza na vivência ativa e reflexiva que o estudante tem a partir de suas experiências.

Finalmente, o estudante D apresenta uma resposta bem estruturada, apontando o papel dos clubes no desenvolvimento de competências interpessoais como liderança, organização e trabalho colaborativo. Desde início, sua fala reforça a tese de que a formação integral envolve tanto os aspectos acadêmicos quanto os emocionais, sociais e éticos (LIBÂNEO, 2013). Ao afirmar que o aluno “não sai meramente como estudante, [...] mas como cidadão preparado”, ele expressa uma concepção de educação que coaduna com o que Dayrell (2007, p. 96) defende ao afirmar que “a escola deve ser um espaço de formação ética, política e cultural, onde o jovem possa se constituir como sujeito social”, assim, as palavras do estudante D, reconhecem que o processo educativo deve abranger o desenvolvimento pleno do sujeito, em todas as suas dimensões e não se estabelecer através da unicidade do conteudismo.

Assim como Arroyo (2012, p. 72), afirma ao dizer que “as juventudes não são só destinatárias de políticas e saberes; são produtoras de sentidos, de saberes e de culturas” a experiência nos clubes de protagonismo, como relatada pelo estudante D, demonstra que esses espaços vão além do processamento comumente efetivado pela pedagogia tradicional, e promovem vivências que estimulam aspectos intra e interpessoais, tais como a empatia, a responsabilidade, pessoal e coletiva, bem como o engajamento com contextos diferentes que os seus.

Podemos, então, asseverar que a escola deve se afirmar como um território de construção de identidade e cidadania, onde o jovem aprende a agir de forma crítica, participativa e solidária, fortalecendo-se como sujeito ético e socialmente comprometido com a transformação da realidade (FREIRE, 2005), algo que, aparentemente tem se efetivado no contexto escolar dos estudantes-respondentes, pois, foi evidenciado que por meio da interação entre os clubes e o Ensino Médio Integrado, os estudantes estão tendo a oportunidade de planejar, propor e desenvolver possibilidades formativas realmente significativas.

5.5 PROTOTIPAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE): DO PLANEJAMENTO À AÇÃO NO ENSINO

Os produtos educacionais, “[...] são caracterizados como ferramentas pedagógicas, elaboradas pelos próprios profissionais em formação que comportam conhecimentos organizados objetivando viabilizar a prática pedagógica” (FREIRE; GUERRINE; DULTRA, 2016, p. 102). Eles estão relacionados ao resultado de uma vasta pesquisa e se apresentam,

muitas vezes, como solução para determinados problemas no âmbito educacional. Acima de tudo, surgem como a materialização sistemática dos conhecimentos acumulados durante a pesquisa, a fim de trazer um retorno à sociedade que ultrapasse o conceito, e que seja acessível a todos, para que se democratize os avanços obtidos em cada pesquisa. Diante disso, passamos a apresentar as contribuições que trazemos com o produto educacional, fruto desta pesquisa.

5.5.1 Tipologia do PE escolhido

O Produto Educacional (PE) que foi desenvolvido trata-se de um Workshop. De acordo com o Ministério da Educação (2017, p. 16) , workshop é uma “apresentação de tema seguido por atividade prática, troca de experiências sobre uma tarefa, assunto, sistema ou uma área de especialização, na qual os participantes aplicam as informações recebidas”. Um workshop é um evento ou uma sessão interativa e prática, geralmente realizada em um curto período, com o objetivo de explorar um tema específico, adquirir novas habilidades, compartilhar conhecimento ou resolver problemas.

Os Workshops podem ser conduzidos em uma variedade de contextos, incluindo ambientes educacionais, empresariais, comunitários e artísticos. Em um workshop típico, os participantes têm a oportunidade de se envolver ativamente por meio de discussões, atividades práticas, exercícios de grupo, simulações, estudos de caso e outras técnicas de aprendizado colaborativo (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p. 2017). Eles são frequentemente projetados para serem altamente participativos e envolventes, permitindo que os participantes aprendam fazendo e interagindo com outros.

Com este produto educacional pudemos proporcionar à comunidade escolar, da Escola Cidadã Integral Técnica Local, um momento de apresentação interativa que culminou em uma atividade prática. Buscando trazer bastante dinamicidade, desenvolvendo um espaço de compartilhamento e de construção de ideias concebidas a partir de um processo colaborativo, focamos principalmente no processo sistematizado de proposição, organização, estruturação e avaliação dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Isso se deu, principalmente, por percebermos, durante a fase de coleta de dados desta pesquisa, que a escola não recebia nenhum tipo de instrução ou amparo metodológico para que pudessem estruturar uma formação com os estudantes, docentes e demais participantes do conjunto escolar. Decidimos intervir nesta lacuna tendo em vista que as atividades dos clubes, assim como qualquer atividade pedagógica, tem melhores resultados se é precedida de um acurado planejamento, pois sem o mesmo o que resta é a insegurança quanto aos processos

necessários à execução plena da atividade dos Clubes de protagonismo Juvenil. Munidos deste entendimento intitulamos o workshop como: Clube em ação – da teoria a prática.

Intencionamos, com o workshop, estender os conhecimentos dos estudantes, no que tange a sistematização dos Clubes de Protagonismo, ajudando-os a consolidar um norte metodológico para a concepção da ideia de um clube, da organização desta ideia de clube, da estrutura que sustentaria este clube ativo e das avaliações tão necessárias para verificar possíveis erros e sagrar os acertos. Entendemos que, desta forma, é possível nortear os processos de aprendizagem dos estudantes, nos clubes, e intensificar, neles, a importância do planejamento para todo e qualquer projeto.

O workshop, neste sentido, se apresenta como um caminho metodológico capaz de articular a teoria, da proposta dos Clubes, com a prática, dos processos que antecedem a sua execução. Dessa maneira, pudemos oferecer aos estudantes, não apenas um roteiro de construção, mas também, e principalmente, um espaço formativo que estimula a criatividade, a cooperação e a capacidade de reflexão crítica, aspectos que são necessários para o desenvolvimento de todo indivíduo e principalmente para aqueles que pretendem vivenciar os Clubes de Protagonismo Juvenil.

5.5.2 Estruturação do PE: pensando a aplicação do Workshop

Após a efetivação das observações, das aplicações dos questionários e da realização das entrevistas, pudemos perceber que, apesar de todo o empenho da comunidade escolar, existia uma dificuldade em fazer com que a atividade dos clubes acontecessem de maneira efetiva, eles eram desenvolvidos, e muitos tiveram resultados significativos, como pudemos contemplar com as entrevistas, no entanto, a organização dos processos se dava de maneira livre, sem o estabelecimento de padrões metodológicos que nortegassem os jovens durante as atividades desenvolvidas nos e pelos os clubes. Este fato, segundo os professores e os alunos participantes, acarretava problemas para os clubes, como falta de foco, ingerência em questões básicas, pouca longevidade, e falta de apropriação do caráter pedagógico desta atividade.

Cientes deste contexto, estruturamos um plano de trabalho que usa do Workshop: Clube em Ação – da teoria a prática para suprir as necessidades supracitadas. Primeiramente, decidimos que iríamos trabalhar com os estudantes do primeiro ano do ensino médio. A partir disso, decidimos fazer uma divulgação ampla do Workshop, através de convite oral nas salas de aula dos primeiros anos do ensino médio, assim como também através de post digital. Foi

neste momento que os alunos, do primeiro ano do ensino médio integrado da escola local, foram convidados a participar do evento.

A escolha desse público foi feita por conveniência, tendo em vista que eles são estudantes que estão iniciando o convívio com o Ensino Médio Integrado, assim como, também, a metodologia dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Os estudantes nesta etapa escolar, foram os que menos tiveram contato com os clubes de protagonismo, fato esse importante para o processo de avaliação que estabelecemos. Ficou estabelecido também, que o Workshop ocorreria no horário da disciplina de Práticas Integradoras. Esta disciplina é direcionada para o desenvolvimento de ações que visam gerar protagonismo e autonomia nos estudantes, algo que é, essencialmente, o foco do Workshop que propomos.

A proposta do Workshop considerou a seguinte divisão: começando com uma avaliação diagnóstica obtida através de um questionário, depois desenvolvendo uma parte informacional, expositiva para que os processos de proposição, organização, estruturação e avaliação sejam ensinados. Passado este momento expositivo, os estudantes aplicam, em uma atividade prática, o que foi aprendido na fase anterior, e por fim, realiza-se uma outra aplicação de questionário para que possamos gerar uma avaliação final, onde podemos comparar as respostas do primeiro com as do segundo questionário, verificando, assim as contribuições que o Workshop trouxe para o entendimento da sistematização da atividade dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Toda a estrutura foi pensada para oportunizar um evento que perpassasse por todas as fases necessárias ao desenvolvimento dos Clubes, abordando o diagnóstico, apresentação, execução e avaliação dos processos inerentes a esta atividade pedagógica.

5.5.3 Execução do PE: Desenvolvendo a teoria na prática

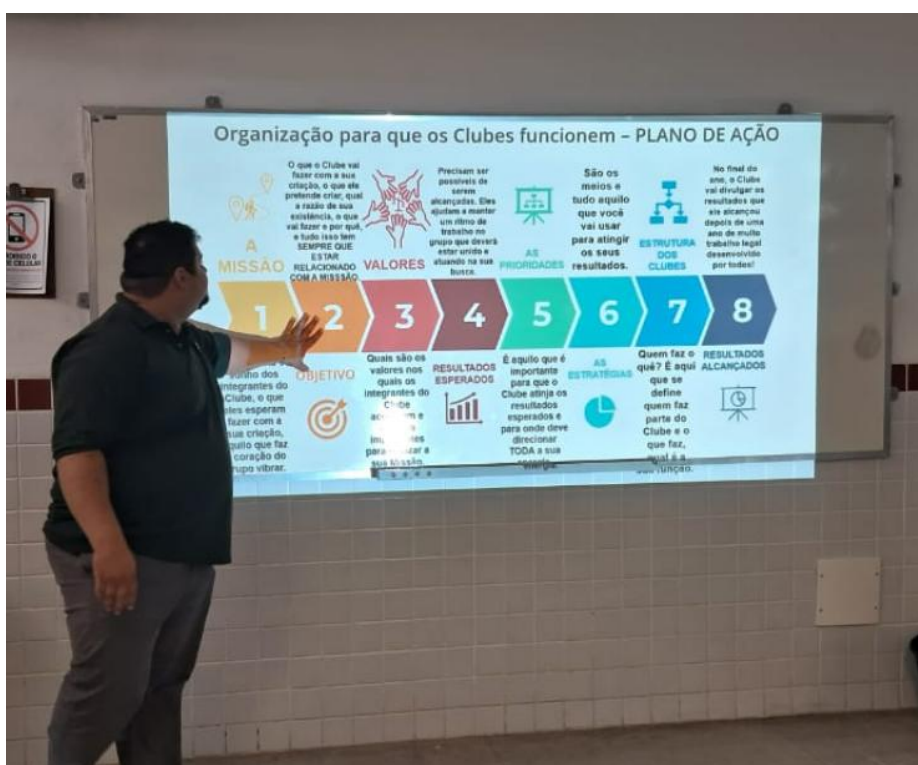
O PE foi aplicado em uma Escola Cidadã Integral Técnica do município de Bayeux/PB. A aplicação do PE iniciou com a instrução dos estudantes dos primeiros anos do ensino médio integrado ao técnico da escola local. Inicialmente, como já havíamos estabelecido no planejamento, realizamos o convite aos estudantes, para participarem do workshop. Deixamos claro quais ações ocorreriam no workshop e o que ele poderia trazer de benefício para os estudantes no que tange aos processos que antecedem a efetivação de um Clube de Protagonismo Juvenil.

Após esse momento, reforçamos a divulgação do workshop através de cartazes, para relembrar os estudantes das datas, bem como dos horários em que o evento aconteceria. Aos que aceitaram o convite, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

para pais e responsáveis em conjunto com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para que cada responsável, assim como, os estudantes, estivessem cientes dos riscos e dos benefícios da sua participação, e para que tudo que ocorresse no evento estivesse respaldado no consentimento, tanto dos estudantes, quanto de seus responsáveis legais.

No dia do Workshop, os estudantes foram levados ao espaço, que foi previamente definido entre o pesquisador e a direção da escola. Lá os estudantes puderam participar da palestra: “Clube em Ação: da teoria à prática”. Esta palestra, que representa a parte expositiva do Workshop, tratou dos processos necessários para que os clubes de fato se efetivem dentro do ambiente escolar. Abordamos os processos de proposição de temas significativos, a organização de projetos visando a efetividade da atividade, a estruturação funcional dos Clubes de Protagonismo e propomos mecanismos de avaliação em ciclo.

Figura 20 – Parte expositiva do Workshop Clube em Ação : da Teoria a Prática



Fonte: O pesquisador.

Em um primeiro momento, abordamos os processos de autoconhecimento, de olhar para si e perceber-se enquanto ser de capacidades, potencialidades e de vontades próprias. No segundo momento da apresentação, tratamos sobre os processos supracitados, evidenciando que uma ideia inicial de tema de clube só pode se concretizar através de ações sistematicamente

planejadas. Tratamos do ato de Planejar, mostrando aos estudantes o passo a passo, de como o acreditamos ser o processo mais viável para que o desenvolvimento das ações de um clube possa ocorrer com efetividade.

As informações que trouxemos aos jovens possuem um aspecto generalista, podendo, assim, ser replicadas para com os mais diversos temas de clubes com os quais os jovens decidam trabalhar. O foco foi mostrar aos estudantes a importância da sistematização dos processos dos Clubes de Protagonismo Juvenil, demonstrando que, a partir dela, a atividade pode ocorrer de maneira mais lógica, com uma direção fundamentada e um sentido claro. Este primeiro momento teve um tempo total de uma hora e trinta minutos (1h 30min.). Sublinhamos que todos as informações buscaram trazer discussões, não se tratou de um monólogo portanto, mas de uma condução dialógica onde o conhecimento foi construído gradativamente.

Passado este primeiro momento – parte expositiva do workshop – foi ofertado um Coffee break em um intervalo de 30 minutos, para que o evento não ficasse tão cansativo e maçante. Passado o intervalo, os estudantes participaram de uma pesquisa rápida. O formador – o pesquisador – lhes fez o seguinte questionamento: Se você pudesse escolher um tema para ser trabalhado em um clube de protagonismo, qual seria ele? Pedimos para que resumissem em no máximo três (3) palavras.

Depois deste momento, os estudantes foram divididos em grupos, e cada grupo teve vinte (20min.) minutos para escolher, dentro das opções trazidas por cada integrante do grupo, com qual tema a equipe deveria trabalhar durante o desenvolvimento desta atividade prática. Foi esclarecido que ali iriam desenvolver cada aspecto trazido na parte expositiva, e que todas as escolhas e construções deveriam atender o princípio da colaboração.

Tendo, cada grupo, escolhido o tema, foi disponibilizada a ficha da atividade prática (ANEXO II) contendo espaços específicos para o planejamento de cada parte do plano de ação, bem como da estruturação do hipotético Clube. Todos os grupos tiveram que, a partir da temática escolhida para o hipotético clube do grupo, desenvolver os seguintes pontos do plano de ação: A *Missão* que representa o sonho dos integrantes do Clube, o que eles esperam fazer com a sua criação ou aquilo que faz o coração do grupo vibrar ao pensar em desenvolvê-lo. Os *Objetivos* que trata sobre o que o Clube vai fazer a partir da sua criação, o que ele pretende desenvolver, qual a razão de sua existência, o que vai fazer e por que, lembrando que todos os objetivos deveriam estar intimamente relacionados com a missão que foi proposta.

O próximo ponto construído em conjunto pelos estudantes, abordou os *Valores* do Clube, que representam os valores nos quais os integrantes do Clube acreditam e que são importantes para realizarem a sua Missão. Seguindo, os estudantes buscaram prospectar os

Resultados Esperados. Frisamos na parte expositiva que estes resultados precisam ser possíveis de serem alcançados. Esse ponto ajuda o Clube a manter um ritmo de trabalho no grupo pois é o estabelecimento de metas construídas em conjunto. O próximo ponto trabalhado pelos jovens foi estabelecer as *Prioridades* do Clube, devendo descrever o que é sumariamente importante para que o Clube atinja os resultados esperados, para que os integrantes do clube direcionem a sua energia a partir de uma escala de urgência.

O próximo ponto do planejamento dos jovens estabelece as *Estratégias* que usarão para que as ações do Clube se efetivem a contento. São os meios e tudo aquilo que os estudantes desejam usar para atingir os seus resultados, são os meios, métodos e metodologias. Por fim, os estudantes tiveram que propor conjuntamente a *Estrutura* de seus hipotéticos Clubes. Este ponto tem singular importância, pois Estruturar um Clube é o processo que faz com que todos os participantes trabalhem, em funções e hierarquias por eles estabelecidas, buscando a transformação das metas que estabeleceram em resultados para todos. Todas estas informações foram desenvolvidas pelos jovens em seus respectivos clubes como vemos na Figura 21:

Figura 21 – Parte prática do Workshop Clube em Ação: da Teoria a Prática



Fonte: O pesquisador.

Depois que os jovens desenvolveram seus respectivos planos de ação, eles expuseram suas construções compartilhando com o grande grupo a maneira como planejaram a organização e estruturação do Clube escolhido. Esta etapa foi necessária para que fosse possível

verificar se os jovens conseguiram desenvolver o que lhes foi proposto, se o que lhes foi exposto foi apreendido e se trouxe resultados para a atividade. Cada grupo teve a oportunidade de, não só apresentar suas ideias e estratégias, mas também, puderam contemplar as proposições dos colegas, gerando, assim, compartilhamento de conhecimentos e estratégias que cada grupo elencou em seu próprio processo de auto-organização. É o que verificamos na Figura 22:

Figura 22 – Parte prática do Workshop : Compartilhamento de Ideias



Fonte: O Pesquisador

O Workshop – Clube em Ação: da Teoria a Prática, trouxe não só as informações necessárias para que os jovens, de maneira autônoma, desenvolvessem as atividades propostas, mas também oportunizou momentos práticos necessários ao estabelecimento de um norte metodológico com a finalidade clara de fazer com que os Clubes de Protagonismo Juvenil se concretizem com efetividade. Os materiais produzidos pelos estudantes (ANEXO II) abordaram temas diversos. Tivemos ao todo quarenta e oito (48) estudantes que participaram da parte prática do Workshop, estes, divididos em cinco (5) equipes, cada uma representando um clube.

Como ficou estabelecido, a meta ao fim desta atividade prática, era que em conjunto os jovens desenvolvessem o planejamento do plano de ação e a estrutura do clube escolhido, a fim de aplicar, na ficha de atividade, os conhecimentos apreendidos na parte expositiva do Workshop – Clube em Ação: da Teoria a Prática. Cada estudante teve a oportunidade de colocar

suas opiniões e seus posicionamento, o que Segundo Santos (2020) é um fato que só enriquece a atividade, pois mostra seu caráter dialógico e colaborativo. O primeiro tema de clube trazido pelos jovens se ligou ao desenvolvimento acadêmico e ao processo de facilitação no novo sistema educativo, no caso o Ensino Médio Integrado (Figura 23).

Figura 23 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 1

Workshop
Clube em Ação: da Teoria à Prática
Mestrando: Wanderley de Sousa Silva
Orientador: Prof. Dr. Luis Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Reforço Geral

Integrantes:
Clarice, Danielly, Lilian, Samuel, Paulo Ricardo, Nayanna, Mizacl, Mayara e Eduardo.

A Missão:
- Desenvolver uma educação mais clara e compreensiva.
- Avaliar os conhecimentos dos integrantes e auxiliar nas dificuldades gerais.

Objetivo:
Desenvolver -mais- aprende métodos de ensino de uma forma.

Valores:
Respeito, Ensino, Paciência, Compreensão.

Resultados Esperados:
Melhor desempenho em provas, concursos, vestibulares...

As Prioridades:
Conhecer o integrante e conhecer as suas dificuldades.
Trabalhar para superar a dificuldade.

As Estratégias:
- Vídeo aulas (Aulas online)
- Apostilas
- Fichas
- Aulas práticas e teóricas

A Estrutura dos Clubes:
Lider (Planejamento)
Auxiliar de Pesquisa (fornecer: fórmulas, apostila e vídeos aulas)
Auxiliar de Ensino (ajudar o integrante em relação a dificuldade)
Auxiliar Técnico (conversar com o integrante para resolver sobre a sua necessidade/dificuldade)

Fonte: O pesquisador

Apesar de tratarem sobre questões majoritariamente acadêmicas, os estudantes explicaram que a intenção com o clube “Reforço Geral” é oportunizar momentos diversos, momentos que gerassem a manifestação prática do conteúdo ora aprendido em sala de aula. Para que que assim ocorresse, os estudantes construíram em conjunto os pontos abordados na parte expositiva do Workshop.

No que se refere a Missão do clube, eles estabeleceram que buscarão desenvolver uma educação mais clara e “compreensiva”, eles alertaram que muitas vezes os conhecimentos que são passados da maneira tradicional são apreendidos por uns, mas por outros não, assim, propuseram este clube na intenção de que, através da colaboração de todos os estudantes, eles, entre si, possam se ajudar e, utilizando a mesma linguagem, possam se juntar para fazer com que o que o professor expõe em sala de aula seja reverberado para todos, de maneira que o conhecimento não se limite a apenas aqueles que conseguem se adequar ao modelo tradicional de ensino, mas também àqueles que aprendem através de outros métodos.

Pontuam ainda que a missão também será direcionada a gerar evolução aos conhecimentos dos integrantes do clube auxiliando-os nas possíveis dificuldades. Tal

preocupação denota um apreço pelo desenvolvimento coletivo, colocando-o acima do individualismo no processo de evolução acadêmica, o que mostra que, mesmo em um clube com um tema tão academicista, é possível desenvolver outros aspectos do ser humano, aspectos do trato humano e da necessidade da colaboração para efetivação do desenvolvimento de todos.

Para isso, os estudantes focaram a sua visão, quanto aos Objetivos, ao desenvolvimento de métodos de ensino a fim de lhes dar suporte para que a missão se efetive. Nos Valores os estudantes trazem o respeito, a paciência e a compreensão, como nortes que direcionarão as ações no referido clube. Nos Resultados Esperados, temos uma visão mais utilitarista do clube que estão criando. Colocam que esperam melhores desempenhos em avaliações e processos seletivos, demonstrando que a meta objetiva é a ascensão através da educação, que, longe de ser algo danoso, demonstra um interesse claro em resultados práticos e úteis que do ponto de vista da atividade dos Clubes de Protagonismo é completamente válido, mas ao mesmo tempo limita o clube a reprodução do mesmo sistema tradicional.

No entanto, quando os jovens estabeleceram as Prioridades eles elencaram como maior prioridade o Conhecer o outro, entender suas limitações e dificuldades para que, a partir disso, pudessem em conjunto ajuda-lo. Vemos aqui que mesmo que as intenções dos estudantes, quanto aos resultados, se assemelhem e muito com as perspectivas do processo educativo tradicional, a forma pela qual eles pretendem desenvolver todo esse processo é completamente humano, baseado em um processo de escuta ativa e a fim de desenvolver uma ação conjunta de ensino. Tais aspectos foram evidenciados na parte expositiva do Workshop, e, ao que tudo indica, foi apreendida por esses estudantes, estudantes.

Nas estratégias decidiram voltar a visão para os meios que utilizarão no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com dificuldades, e, para tanto, decidiram estruturar o clube estabelecendo a seguinte divisão: uma liderança, que seria escolhida através de votação; um auxiliar de pesquisa, que ficaria responsável pela operacionalização dos processos de planejamento das aulas, buscando os materiais necessários; um auxiliar de ensino, que ficaria responsável pelo processo de ensino em si e que segundo os jovens essa vaga de auxiliar em ensino, em especial, poderia ser ocupada por qualquer estudante do clube e que a escolha, sobre qual auxiliar de ensino ajudaria qual estudante com dificuldade, se daria através da afinidade do estudante-auxiliar com o conteúdo que compõe a dificuldade do estudante com dificuldades.

Por fim, estabeleceram um auxiliar social que ficaria responsável pela interlocução entre o estudante com dificuldade e os demais integrantes do clube, identificando suas necessidades e dificuldades no processo de aprendizagem dos conteúdos. Verificamos que as diversas camadas que compõe o “fazer” os clubes, que foram apresentadas durante a parte expositiva do

colaboração, mas também através de iniciativas metodológicas que, segundo eles, buscam facilitar a compreensão dos conteúdos do eixo técnico da escola.

Os Valores com os quais se identificam, e prospectam a necessidade para o bom desenvolvimento das atividades futuras do clube, estão alinhados a ética, ao comprometimento com a atividade proposta e com os integrantes do clube, demonstrando disciplina e respeito ao compromisso assumido. Quando trataram sobre os Resultados Esperados, eles se utilizaram de uma perspectiva longínqua, mas que pode ser aplicada em um futuro próximo. Em suma esperam que “as futuras gerações” tenham a possibilidade de apreender o conhecimento sobre eletrotécnica em um melhor nível que o que eles tiveram.

Este ponto chama atenção, pois eles estão contando com a sustentabilidade do clube para um momento em que eles mesmos não estarão mais fazendo parte. Esta atenção, ou menção dada pelos estudantes, coaduna com visão de Almeida, Oliveira e Oliveira (2024) mostrando que o clube não deve importar, apenas para aqueles que estão ativos no momento, mas que esta significância se estenda aos demais estudantes que interagem na instituição.

Nos tópicos das Prioridades e das Estratégias, os estudantes criam um uníssono e estabelecem que iriam utilizar, prioritariamente, de atividades práticas, buscando apoio no padrinho do clube. Este fato é interessante, pois, o clube ainda está em fase de planejamento e os estudantes já prospectaram a pessoa com a qual eles poderiam se ancorar, para que assim, estrategicamente, eles consigam os materiais necessários bem como o suporte nas ações as quais queiram desenvolver, mas não estejam totalmente seguros. Santos (2020) já alertava para a importância do padrinho para estas atividades, e aqui vemos que, em determinados contextos, eles podem ser mais que um suporte para a efetivação das ações propostas no clube.

Por fim os estudantes estabeleceram a estrutura do clube seguindo o mesmo padrão que os estudantes do grupo 1, ou seja, através de complexo de funções bem delineadas. Inicialmente, eles estabeleceram um coordenador geral, que segundo eles será o interlocutor entre os anseios do clube e o apoio dado pelo padrinho. Estabeleceram também uma equipe de pesquisa, que seriam os responsáveis por trazer atividades, e projetos para que os integrantes do clube desenvolvam. Estabeleceram também uma equipe de comunicação, esta seria responsável por propor eventos, e também anunciar os progressos do clube, tanto para a escola enquanto instituição, como também para os demais estudantes da escola.

Decidiram ainda que era necessário o estabelecimento de uma equipe de recursos humanos, para que, em havendo conflitos, pudessem mediá-los e propor caminhos para manter a unidade do clube. Por fim, estabeleceram uma equipe para gestão de materiais visando que o

clube conseguirá matérias primas para o desenvolvimento de projetos e, assim sendo, é preciso que estes recursos sejam geridos com parcimônia e de maneira equilibrada.

Ao observar o plano de ação desta equipe, verificamos que, de maneira semelhante a equipe 1, buscaram no ambiente já vivenciado por eles, a inspiração para a proposição da temática do clube. Mesmo que a princípio o foco do clube seja o de trazer conhecimentos que vão além do que os estudantes já vivenciam no currículo escolar, ele também é direcionado ao desenvolvimento de protagonismo na busca da autonomia de processos.

Além disso, apenas o fato de se intentar desenvolver uma atividade que se propõe a ajudar o outro em suas limitações, já demonstra, que esta atividade está disposta a trabalhar muito mais que apenas conhecimentos acadêmicos, o desejo é melhorar os futuros indivíduos que aspiram a eletrotécnica como carreira, fazendo com que possam aprender mais e melhor que os que os antecederam. Diante de todo este contexto constatamos que os estudantes do Grupo 2 também conseguiram efetivar na parte prática, o que apreenderam na parte expositiva, demonstraram que, mesmo em suas zonas de conforto, conseguiram trabalhar o conhecimento compartilhado e transformá-lo em um projeto promissor.

O próximo grupo traz ideias arrojadas, pensando no bem-estar da sociedade no que tange a manutenção e preservação do meio ambiente. O grupo intitulou o clube como: Intervenções Ambientais.

Figura 25 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 3

Workshop
Clube em Ação: da Teoria à Prática
Mestrando: Wanderley de Sousa Silva
Orientador: Prof. Dr. Luis Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Intervenções Ambientais

Integrantes: Eleuscia Paulino, Jeyanne, Diuam Dionel, Maria Edson, Guaranaldo, Basi, Joannim, Isaac, Anna Clara

A Missão:

- Desenvolver projetos e trabalhos por meio da conscientização e preservação do meio ambiente
- Busca de recursos de combate a poluição
- Publicação de matérias usadas para a melhoria do meio ambiente

Objetivo:

- Incentivar os jovens a climes a praticar a reciclagem de materiais; e preservação nos espaços

Valores:

Ética, ~~respeito~~ humildade, responsabilidade, respeito, união, empatia, e cooperação

Resultados Esperados:

- Ambiente público mais limpo e saudável
- Melhor organização de certos lugares
- Conscientização dos jovens em relação ao meio ambiente

As Prioridades:

- Obter recursos para a elaboração de projetos
- Incentivar a participação na escola
- Administrar o site dos alunos na preservação ambiental

As Estratégias:

- Realização de ações para melhor administração da limpeza de áreas públicas
- Buscar parcerias para a colaboração com a escola
- Organização de matérias para uma melhor limpeza

A Estrutura dos Clubes:

- Presidente: Diuam + Administração do clube
- Secretária: Maria Edson, Jeyanne + Responsável pela divulgação do clube
- Secretária: Guaranaldo, e Basi + Administração financeira
- Equipe de comunicação: Basi, Isaac e Jeyanne + Responsáveis pelas

Fonte: O pesquisador.

Em uma proposta mais próxima do que se espera nos clubes de protagonismo, com a proposição de temas diversos, não necessariamente ligados aos conteúdos já vivenciados

através do currículo escolar, os estudantes do grupo três se dispõem a trabalhar um tema de extrema importância para sociedade e o mundo em um contexto geral. Os jovens pontuaram que, para além das grandes metas com as quais o mundo, como um todo, tem se comprometido a efetivar com vistas a preservação ambiental, os estudantes, ainda em fase escolar, também devem contribuir, e uma das formas encontradas por eles foi através da proposição deste clube.

Tal atitude denota uma perspectiva amadurecida, não só do contexto socioambiental, mas também da capacidade que o clube tem de se estabelecer como meio eficaz de desenvolvimento de atividades que auxiliarão neste processo. Brito, Silva e Duvernoy (2023) discutem que o clube é essencialmente um ambiente para o desenvolvimento de consciência, seja ela social, ambiental ou crítica. Ao passo que estes jovens propõem uma temática tão relevante, o potencial formador deste espaço é elevado e pode gerar impactos verdadeiramente significativos, a depender de como o clube se organizará e como proporá suas ações.

Diante disso, os estudantes iniciam a proposição de suas ações estabelecendo que a Missão deste clube se fincará no ato de desenvolver projetos com a finalidade de torná-los em ações práticas, trazendo conscientização e a tão esperada preservação do meio ambiente. Eles estabelecem que pretendem criar recursos de combate à poluição, e difundir a reutilização de materiais usados, a fim de criar um melhor entendimento sobre tudo que produzimos e consumimos no dia a dia.

Quanto ao Objetivo do clube, os estudantes estabeleceram que o maior intuito é o de incentivar os estudantes a praticarem ações de preservação, principalmente no ambiente da escola. Este ponto marca a atuação que o clube propõe, tendo em vista que, além da causa socioambiental defendida pelos estudantes, eles usaram disso para trazer consciência sobre patrimônio e ambiente coletivo, abordando, assim, diversos aspectos necessários ao indivíduo, e que não, necessariamente, é vivenciado em um regime tradicional de ensino.

Os Valores que norteiam esta proposição de clube, e com os quais os jovens se identificam estão embasados principalmente na ética, na responsabilidade e no respeito. Que, segundo eles, são valores extremamente necessários para que a preservação do meio ambiente aconteça com efetividade. Tais valores são complementados, pela humildade em entender nossos erros, a união na construção de meios para que juntos possam atingir o objeto e da colaboração, sem a qual nada do que foi posto no planejamento poderá ser executado.

Diante disso, o grupo espera ter como Resultados Esperados, os ambientes públicos mais limpos, por conta dos projetos que pretendem desenvolver com os interagentes desses espaços. Pretendem ter conseguido aumentar a arborização em locais que eles identifiquem que

precisam e de maneira geral, e através das ações que planejarão, trazer maior conscientização ao maior número de pessoas possível.

Para alcançar esses resultados, os estudantes ponderam que as Prioridades estão atrapalhadas em obter recursos para que estes projetos sejam possíveis de serem executados. Além disso, para eles é imprescindível que haja alguma ação, por parte do clube, para desenvolver o incentivo da preservação dos espaços escolares, resguardando o coletivo em todos os sentidos, também pretendem priorizar o acompanhamento das ações dos alunos, verificando suas atitudes e se as instruções trazidas pelo clube tem surtido efeito.

Quanto as Estratégias, tomaram uma posição de operacionalizar os processos necessários. Silva (2018) cita que o clube serve para que nele os estudantes trabalhem a autogestão e, através dela, consiga desenvolver ações que concretize as proposições iniciais dos clubes. Seguindo esta intenção, percebemos que os estudantes traçaram três caminhos que, ao fim do processo, convergem até o objetivo do clube. O primeiro caminho se estabelece em criar uma subdivisão no clube, criando equipes de fiscalização e administração dos espaços que costumeiramente ficam poluídos na escola e no seu entorno.

O segundo se estabelece em uma campanha informacional sobre a necessidade de preservarmos o meio ambiente, mas também o meio em que todos estão convivendo, para que, através de um espírito de colaboração, todos se unam com a intenção clara de gerar melhores condições para todos. E por fim o terceiro caminho se estabelece em produzir uma organização nos materiais colhidos e preservados no ambiente escolar a fim de construir e manter um ambiente sempre limpo e agradável, mostrando a todos, como nossas ações, por mais simples que sejam impactam no ambiente do qual fazem parte.

Para que todo o processo seja executado, o grupo estabeleceram uma presidência, que estaria responsável pela administração das ações que conjuntamente decidissem efetivar. Uma secretaria compartilhada, composta por mais de um integrante, que teria o papel de tratar das burocracias inerente aos desenvolvimento de todo e qualquer projeto sugerido pelo clube. Decidiram também estabelecer uma tesouraria que estaria incumbida de buscar e cuidar dos recursos que porventura conseguirem, a fim de que, se necessário for, tenham recursos que impulsionem suas ações, e por fim decidiram estabelecer uma equipe de comunicação que estaria responsável por criar, e divulgar os projetos que o clube se propuser a desenvolver.

Diante de toda a produção do grupo 3, percebemos que este grupo conseguiu desenvolver de maneira satisfatória o que fora proposto pelo Workshop. Assim como Brito, Silva e Duvernoy (2023) refletem, percebemos que a proposição, organização e estruturação de um Clube de Protagonismo Juvenil não se limita a uma proposta de atividades escolares, mas

se consolida como um processo de formação cidadã, em que os estudantes assumem o protagonismo e constroem coletivamente soluções para desafios reais (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024). Percebemos, com clareza, que ao aliarem a consciência socioambiental, com os valores éticos e as práticas colaborativas, eles demonstram que o Clube de Protagonismo pode ser um terreno fértil para mudanças significativas, capazes de impactar positivamente não apenas o ambiente escolar, mas também a comunidade ao seu redor.

A quarta equipe decidiu alinhar a proposta dos clubes de protagonismo com a maquiagem, trazendo um ambiente de afeto, profissionalização alternativa e de ressignificação de narrativas (Figura 26).

Figura 26 – Parte prática do Workshop : Plano de Ação grupo 4

Workshop
Clube em Ação: da Teoria à Prática
Mestrando: Wanderley de Sousa Silva
Orientador: Prof. Dr. Luis Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Makcup in Action

Integrantes: Yánnim, Bianca, Andréelly, Allana, Alestondra, Camilly, Fátima, João, Gabriel, Janna, Juliana

A Missão:
A missão principal é agir em conjunto e trabalhar de maneira organizada (e!).
A maquiagem não define feminilidade genuína.

Objetivo: Desafio é que as pessoas que não sabem nada sobre o assunto aprendam de uma forma fácil e eficaz e também se sentir bem sobre o assunto e entender que a maquiagem é uma escola.

Valores: tolerância, responsabilidade, respeito e foco.

Resultados Esperados: que as meninas e meninos aprendam de uma forma leve e compreensiva bem a pressão da sociedade.

As Prioridades:
- LUCTO
- autoconhecimento
- autoestima
- sustentabilidade

As Estratégias:
Técnicas avançadas de maquiagem e tutoriais postados na internet ou na prática.

A Estrutura dos Clubes: do primeiro ao último
de
- Equipe de trabalho - Yánnim
A nossa missão dos clubes é ajudar a criar
- trabalhar como se maquiagem
- relações públicas
- mídia
- arte

Fonte: O pesquisador.

Os integrantes do Clube “Makcup in Action” expuseram que as pessoas acreditam que trabalhar, ou lidar com maquiagem é algo supérfluo, sem relevância. Eles querem, com este Clube demonstrar que, ao contrário do que muitos pensam, a maquiagem pode abrir caminhos que vão além do desenvolvimento de autoestima, mas pode trazer discussões significativas para a formação do ser humano, trabalhando com diversos aspectos com a empatia, o acolhimento, a profissionalização e a apreensão de técnicas.

Para tanto, os estudantes deste clube decidiram estabelecer como Missão produzir acolhimento para todos os jovens, meninos ou meninas, que se interessem pela arte da maquiagem, deixando claro para toda a comunidade escolar que maquiagem não define feminilidade. Neste ponto os estudantes do grupo quatro trazem não só a proposição de uma

atividade técnica, trazem a possibilidade de através deste ambiente associar o conhecimento técnico de uma arte, com a responsabilidade social do acolhimento e produção de consciência crítica sobre um tema ainda tão estigmatizado.

Estabeleceram como Objetivo trazer informação sobre o mundo da maquiagem, desmistificando certos pressupostos e preconceitos que estão estabelecidos na sociedade. Para que seja alcançado, os estudantes elencaram que desenvolverão os Valores da tolerância, do respeito e associar a isso o senso de responsabilidade com as atividades propostas mantendo o foco na proposição inicial do clube. Eles estabeleceram que os Resultados Esperados se resumem em um único, que seria o desenvolvimento da arte da maquiagem, por parte dos estudantes, tanto meninas quanto meninos, através de uma abordagem leve e sem se deixarem influenciar pelas pressões impostas pela sociedade.

Dando continuidade, os estudantes traçaram as Prioridades se baseando no que o clube pode proporcionar aos integrantes. Estabeleceram que através do clube os estudantes poderão apreender uma profissão, por isso, uma das prioridades é poder gerar benefícios financeiros aos integrantes do clube. Além disso elencaram a produção do autocuidado e da autoestima como pontos de principal importância. E com o foco na proteção ambiental, eles explicaram que o clube irá promover debates que interliguem o mundo da maquiagem e a sustentabilidade, mostrando como esses mundos, aparentemente distintos, podem interagir e se ajudar.

Para tanto, afirmaram que as Estratégias se voltaria no ato de auxiliar o processo de aprendizagem trazendo não apenas as informações superficiais, mas também apresentariam técnicas avançadas da arte de maquiar, e isso tanto presencialmente em momentos práticos, quanto através da internet em tutoriais postados na rede. Já no tocante a Estrutura de funcionamento do clube os estudantes subdividiram o clube em cinco comandos. A primeira é a equipe de debate, que ficará responsável por trazer a tona temáticas que agreguem informações, tanto para o mundo da maquiagem quanto fora dele, unindo assuntos que reverberem em indivíduos mais abertos, empáticos e acolhedores.

Com a clara intenção de desmistificar preconceitos e seus desdobramentos. Decidiram estabelecer também um equipe de relações públicas, que ficaria responsável pela gerência da comunicação e da imagem do clube Makcup in Action, para construir e manter uma reputação positiva perante diversos públicos, destruindo certas barreiras informacionais e preconceitos. Associada a ela estaria a equipe de mídia que seria responsável pelo planejamento, gerência e análise das campanhas de divulgação das ações do clube, visando sempre atingir os objetivos que sumariamente foram estabelecidos. Por fim, estabeleceram uma equipe de apoio que estaria incumbida de auxiliar nos processos operacionais das atividades propostas no e pelo clube.

Os integrantes desse grupo sublinharam que é necessário haver um espaço dentro do ambiente escolar que seja direcionado para o desenvolvimento de debates, conversas e palestras sobre os mais diversos temas sociais, para que os estudantes possam ampliar sua visão de mundo, fortalecer valores de respeito e empatia, e desenvolver senso crítico diante das diferentes realidades que os cercam (FREIRE, 1985).

Dessa forma, ao proporem um Clube com uma temática tão abrangente, eles situam a escola, não apenas como um lugar de transmissão de conteúdos, mas também como um ambiente de formação cidadã, capaz de preparar jovens mais conscientes, participativos e comprometidos com a transformação social (BORGES, 2024).

Para que este fim seja alcançado, os estudantes estabeleceram que a Missão deste clube seria educar, informar e sensibilizar as pessoas sobre as causas sociais, com o intuito de promover mudanças significativas em suas atitudes e comportamentos. O maior Objetivo é promover aspectos necessários ao convívio social sadio, abordando a necessidade de vivermos em relações empáticas, a compreensão sobre as diferenças deve interferir na mudança de comportamentos inapropriados.

A fim de que haja coerência entre o discurso e a prática do clube proposto, os integrantes do grupo cinco decidiram estabelecer que os valores que os norteariam seriam o respeito para e com todos, a tolerância a diferenças, a responsabilidade social, a compreensão e empatia com o outros, a humildade, a igualdade e como era de se esperar a justiça social.

Tais valores evidenciam a preocupação que o grupo teve em alinhar as práticas que pretendem efetivar através do clube, àquilo que acreditam, o que reforça o compromisso que eles aparentemente tem com a transformação social a partir de atitudes concretas e coletivas ainda na fase escolar.

Os estudantes pontuaram que quanto aos Resultados Esperados, eles pretendem que o clube seja meio para que haja uma mudança de mentalidade em seus integrantes. Onde aqueles que possuem pensamentos limitantes “abram a mente” para um novo mundo de conceitos e realidades.

Esperam também debater sobre o poder da escuta, para que o respeito as diferenças seja desenvolvido, e que, por consequência, haja a melhoria nos processos interpessoais, melhorando o diálogo entre os sujeitos e extirpando qualquer preconceito que esteja enraizado dentro daqueles que decidirem vivenciar o clube que eles propõem.

Eles entendem que as Prioridades do clube se estabelecem no combate de qualquer tipo de discriminação, para que isso se efetive eles estabeleceram que usariam como Estratégias de

ação a utilização de palestras instrutivas que se deem de maneira dialógicas com construção conjunta do conhecimento debatido.

Também propuseram fazer momentos de cinema onde poderiam assistir produções que trouxessem temáticas relevantes para a sociedade. Também citaram o desenvolvimento de campanhas de conscientização sobre temas relevantes embasados em casos reais para trazer uma maior credibilidade as informações trazidas pelo clube. Por fim, decidiram utilizar as mídias sociais, tanto como meio de divulgação das ações que os clubes efetivarão, quanto como canal de reverberação dos conhecimentos ali construídos.

Diante deste contexto, vemos que a proposição do clube “Mente Aberta” representa um passo significativo na tentativa de ressignificar o papel da escola como espaço de formação cidadã.

A proposta revela coragem ao enfrentar preconceitos e ao propor o diálogo como ferramenta de transformação, assim como Freire (2005) sugere, proposta que exige maturidade e constância para que não se restrinja a intenções inexecutáveis ou a ações pontuais.

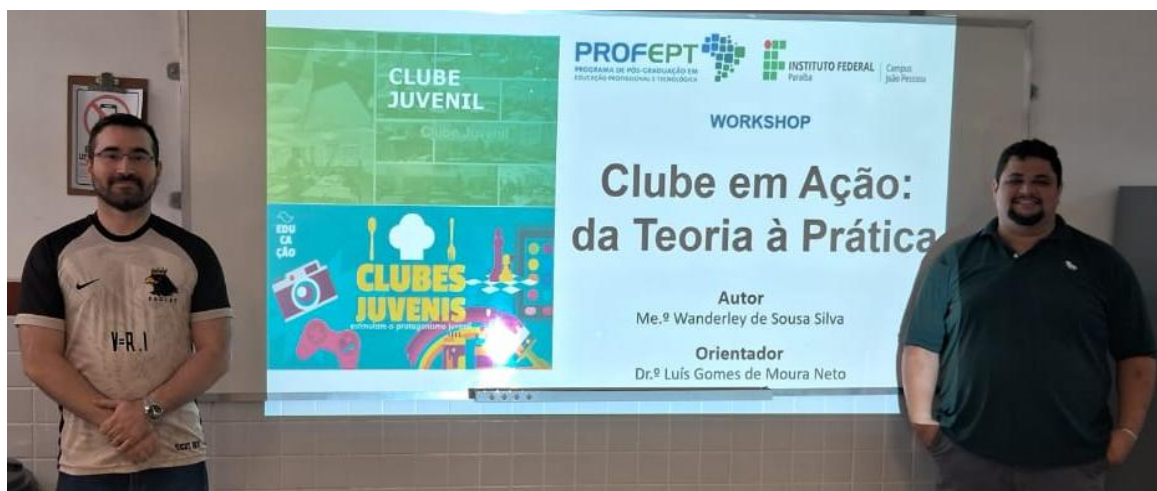
Ao colocar no centro de sua atuação o combate a preconceitos, a valorização das diferenças e a promoção da justiça social, os estudantes revelam consciência crítica sobre os desafios contemporâneos e sobre o papel da escola como espaço de diálogo e transformação (CARRANO e DAYRELL, 2010).

Assim, o clube não apenas abre espaço para debates relevantes, mas também se consolida como um instrumento de mudança cultural e social, capaz de formar indivíduos mais sensíveis, engajados e preparados para intervir positivamente na realidade que os cerca.

Após todos terem registrado suas ideias em seus respectivos Planos de Ação, os estudantes socializaram suas produções, tanto para os demais estudantes, quanto para representantes da comunidade local.

É importante frisar que todos os procedimentos foram desenvolvidos com a supervisão de um responsável da própria instituição de ensino local, alternando entre um professor padrinho de três clubes já instalados e ativos e a coordenadora local. Assim, os estudantes puderam sentir segurança e estavam cientes do consentimento que a escola nos deu para o desenvolvermos o Workshop do qual participavam (Figuras 28 e 29).

Figura 28 – Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática – Professor



Fonte: O pesquisador.

Figura 29 – Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática – Coordenação



Fonte: O pesquisador.

Todo o Workshop foi planejado com o intuito de verdadeiramente dar condições aos estudantes de, não só, pôr no papel as suas ideias e vontades, mas também, refletirem sobre todo o processo necessário ao desenvolvimento desta atividade pedagógica. O Workshop se propôs a ser o meio pelo qual os estudantes, em um regime de colaboração eivado de

protagonismo, construiriam estratégias necessárias com a finalidade de efetivarem, no ambiente escolar, através dos clubes de protagonismo, o desenvolvimento de temas diversos, significativos, produtores de pensamento crítico e autonomia nos estudantes.

A partir do que pudemos constatar em toda participação dos jovens, quer na parte expositiva, quer na prática, podemos afirmar que obtivemos sucesso quanto ao objetivo inicialmente estabelecido.

Pudemos verificar que a experiência proporcionada pelo Workshop, não apenas atendeu às expectativas, mas também fomentou nos participantes um sentido ampliado de responsabilidade e pertencimento, tal qual Silva (2014), Santos (2020) Silva (2018) Almeida, Oliveira e Oliveira (2024) e Brito, Silva e Duvernoy (2023) relatavam.

Tal resultado reforça a importância de iniciativas que valorizem o desenvolvimento do protagonismo juvenil e do trabalho coletivo, pois, evidencia que a construção de saberes e práticas significativas se torna mais sólida quando os próprios estudantes se reconhecem como agentes de transformação, e não meramente como receptores passivos de conhecimentos.

5.5.4 Desdobramentos do Workshop : Clube em Ação da Teoria a Prática - Manual

Após todo o desenvolvimento do Workshop, tanto na fase expositiva, através da interações e das discussões que tivemos entre o formador e os estudantes, quanto na fase prática, através do engajamento e empenho que dispensaram na execução da atividade proposta, pudemos perceber que o Workshop pode contribuir positivamente.

Os estudantes, não apenas puderam compreenderam os processos necessários ao desenvolvimento dos clubes, mas trabalharam em conjunto para que a teoria se transformasse em uma prática significativa.

Cientes disso, notamos que este produto educacional – o Workshop Cube em Ação da Teoria a Prática – não poderia ficar recluso a um único experimento, a uma única aplicação prática. Assim, como Silva(2014) e Silva(2018) relatam, estas metodologias estão, a cada dia, sendo implementadas Brasil a fora, e isso demanda suportes teóricos para que estas metodologias sejam replicadas com efetividade onde quer que seja.

Para que pudéssemos contribuir com o processo formativo sobre a proposição, organização, estruturação e avaliação dos clubes que serão implantados pelo país, desenvolvemos um manual contendo todas as informações necessárias para que formadores de

todo o Brasil possam replicar a mesma experiência que aqui vivenciamos, mas agora em suas respectivas escolas (Figura 30).

Figura 30– Manual para o desenvolvimento do Workshop



Fonte: O pesquisador.

Este material apresenta um passo a passo, uma descrição de cada momento que deve ser efetivado para que o evento – Workshop – Clube em Ação da Teoria a Prática – ocorra com naturalidade, atingindo, assim, o mesmo objetivo que buscamos aqui alcançar: preparar os estudantes para que assumam, de maneira autônoma, o processo de criação, manutenção e avaliação dos clubes, gerando produções eivadas de protagonismo, e com robusto potencial pedagógico.

Assim como no Workshop que desenvolvemos no lócus da pesquisa, o manual traz todas as etapas. Inicialmente buscamos trazer as informações em ordem cronológica, para que o leitor se situe diante de tantos processos. Logo no início do Manual decidimos apresentar uma definição coerente sobre o que de fato seria um Clube de Protagonismo, Juvenil, tal definição está firmemente apoiada em autores que já discutem a temática (Figura 31).

Figura 31– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Definição



Fonte: O pesquisador

Após este momento introdutório, apresentamos todos os materiais necessários para que o workshop se efetive com tranquilidade. Trazemos também, nesta mesma fase do manual, uma proposta de tempo de duração para cada etapa do workshop, estabelecendo um padrão que pode, ou não, ser seguido pela equipe que desenvolverá o evento.

Ainda nesta mesma fase do Manual, disponibilizamos o Link do Drive contendo todo o material digital, sendo eles: Os Slides do Workshop – para o desenvolvimento da parte expositiva do evento – A estrutura do Livreto já montada – pronta para impressão e confecção, a fim de disponibilizar um exemplar para cada estudante para que após o evento ele tenha o passo a passo sempre a mão a fim de tirar dúvidas.

A ficha da atividade prática – que servirá como base para registro das ideias dos jovens no processo de desenvolvimento dos planos de ação dos clubes que idealizarão – e As fichas de avaliação 1 e 2 – que servirão para que a instituição possa avaliar o nível de impacto que o workshop gerou nos estudantes, se foi relevante ou não, podendo constatar quais os pontos que podem melhorar para que em uma próxima formação os erros sejam sanados e os acertos replicados (Figura 32).

Figura 32– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Materiais necessários

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Quadro branco;
- Piloto (Canetão) para quadro;
- Datashow;
- Caixa de som;
- Slides do Workshop;
- Vídeo instrucional;
- Fichas da avaliação do Workshop;
- Ficha da atividade Prática;
- Certificados para serem preenchidos ao final do Workshop.

VAMOS COMEÇAR?

Informações básicas para o desenvolvimento do Workshop

Tempo total estimado:	Cinco (5) horas
Primeira parte da Avaliação (Tempo):	Trinta (30) minutos
Tempo estimado para a exposição inicial:	Uma (1) hora e trinta (30) minutos
Coffee Break:	Trinta (30) minutos
Tempo estimado para a parte prática:	Dois (2) horas
Segunda parte da Avaliação (Tempo):	Trinta (30) minutos
Público-alvo:	Estudantes do 1º ano do Ensino Médio
Título/tema do Produto Educacional:	Clube em Ação da teoria a prática

DRIVE com os arquivos necessários. Clique no link ao lado!

https://drive.google.com/drive/folders/1NrL_wlhnZniErLCiqWcWa6NrenY_a4M?usp=drive_link

INSTITUTO FEDERAL Paraíba

PROFEPT

4

Fonte: O pesquisador.

Após este momento, apontamos, de maneira contundente, inclusive imagetivamente, que é necessário dar certa importância para a fase da divulgação do Workshop. Deixamos claro que Antes que o workshop aconteça, o formador, que está responsável pelo evento, deve fazer uma ampla divulgação do evento no ambiente escolar.

Deve estabelecer data, local e informações gerais sobre o evento. Pois, assim como o Clube de protagonismo é uma metodologia que leva em consideração a livre participação dos estudantes, ou seja, não é impositivo, o evento do Workshop também deve ser. Portanto é mais que necessário haver uma ampla divulgação para que os estudantes tomem ciência e possam participar livremente (Figura 33).

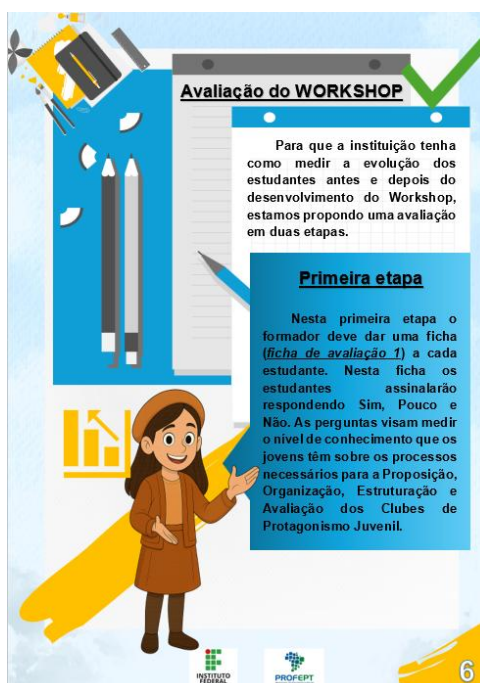
Figura 33– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Divulgação



Fonte: O pesquisador.

Trazemos, após a divulgação, o primeiro ato que deve ocorrer durante o Workshop – Clube em Ação da Teoria a Prática, que é a primeira etapa de avaliação. El dará a instituição um diagnóstico dos estudantes antes de sua participação no evento (Figura 34).

Figura 34– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Avaliação 1ª etapa



Fonte: O pesquisador

Após esse momento apresentamos uma sequência de dezoito páginas apresentando o passo a passo do que está se tratando, do que frisar e de como comunicar as informações de cada slide da parte expositiva do workshop (Figura 35).

Figura 35– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Parte Expositiva



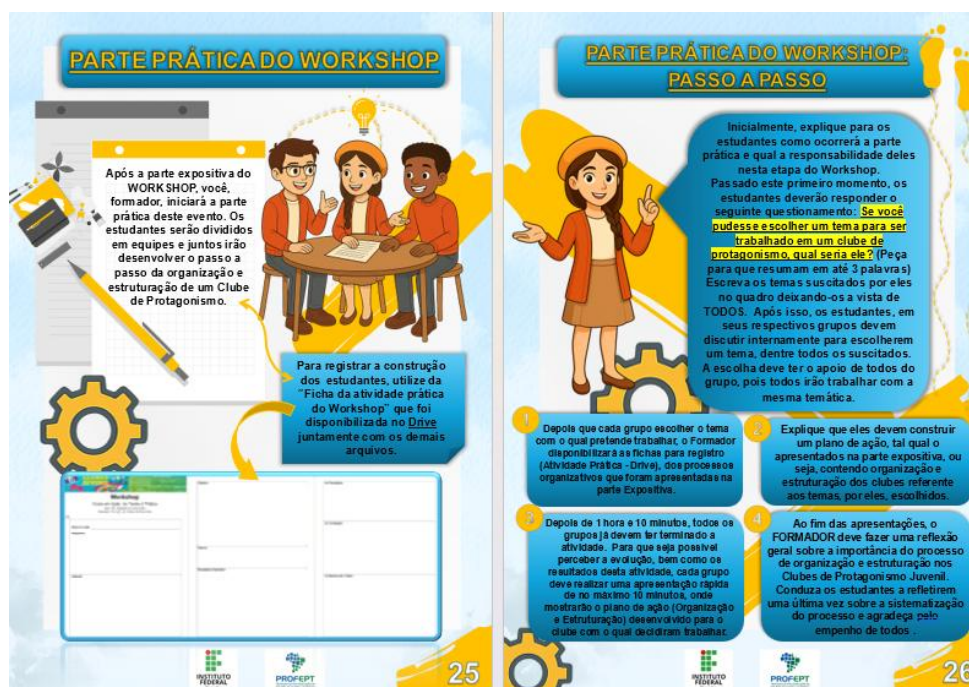
Fonte: O pesquisador.

Decidimos frisar bem cada detalhe apostando na linguagem simples e objetiva. Cada slide foi identificado, numerado e detalhado para que qualquer leitor que tenha acesso a este material saiba utilizá-lo e que esta utilização seja efetivada sem adversidades informacionais.

Propomos para cada slide uma articulação de etapas, estabelecendo o que o formador deveria fazer primeiro e quais as fases subsequentes. Assim estabelecemos uma ordem que dificilmente confundirá qualquer detentor deste manual.

Passado o momento expositivo, partimos para o detalhamento da parte prática do Workshop (Figura 36).

Figura 36– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Parte Prática



Fonte: O pesquisador.

Decidimos apresentar os materiais necessários, bem como apresentar detalhadamente cada etapa desta fase tão decisiva. É importante frisarmos que nesta etapa dos workshop os estudantes, não só aplicarão os conhecimentos apreendidos na parte expositiva, eles terão que trabalhar em colaboração para que, em conjunto, consigam construir uma proposta de clube coerente com o conceito apresentado, assim como também, deve respeitar a construção gradativa proposta pelo plano de ação e estruturação dos clubes de protagonismo.

Por fim, na última fase do Workshop, trazemos a segunda etapa do processo de avaliação do Workshop. Se a primeira etapa teve o foco voltado para o diagnóstico sobre o nível de conhecimento dos estudantes no que tange os Clubes de Protagonismo Juvenil, a segunda etapa se debruça sobre uma avaliação pós-evento. Apresentamos ao detentor do manual que, através dessa segunda ficha de avaliação, ele poderá compreender os verdadeiros impactos que o workshop gerou nos estudantes que dele participaram.

Poderá também fazer uma comparação entre os dados da primeira etapa gerando assim um relatório que servirá para que a instituição tenha ciência da efetividade do evento ali desenvolvido (Figura 37).

Figura 37– Manual para o desenvolvimento do Workshop : Avaliação 2ª etapa



Fonte: O pesquisador.

Diante de tudo que expomos sobre o Workshop: Clube em Ação da Teoria a Prática, podemos afirmar que a experiência que suscitamos com este evento oportuniza um percurso rico em aprendizagens e conquistas, pois possibilita aos estudantes o desenvolvimento de competências essenciais como autonomia, pensamento crítico e responsabilidade coletiva, aspectos que, basicamente, são o centro da proposta dos Clubes de Protagonismo Juvenil. O Workshop dá condições para que o protagonismo se materialize efetivamente na criação dos Clubes, pois tanto o planejamento que estabelecemos para o desenvolvimento do evento, quanto os resultados aqui descritos, confirmam a importância dessas iniciativas que integram o planejamento consistente, o diálogo e as ações colaborativas, oportunizando, assim, caminhos para a consolidação de práticas permanentes que visam o fortalecimento da cidadania, ampliando as possibilidades de transformação no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, estimulando a continuidade de projetos, como os Clubes de Protagonismo, que mantém vivo o espírito de participação ativa e de inovação entre os estudantes.

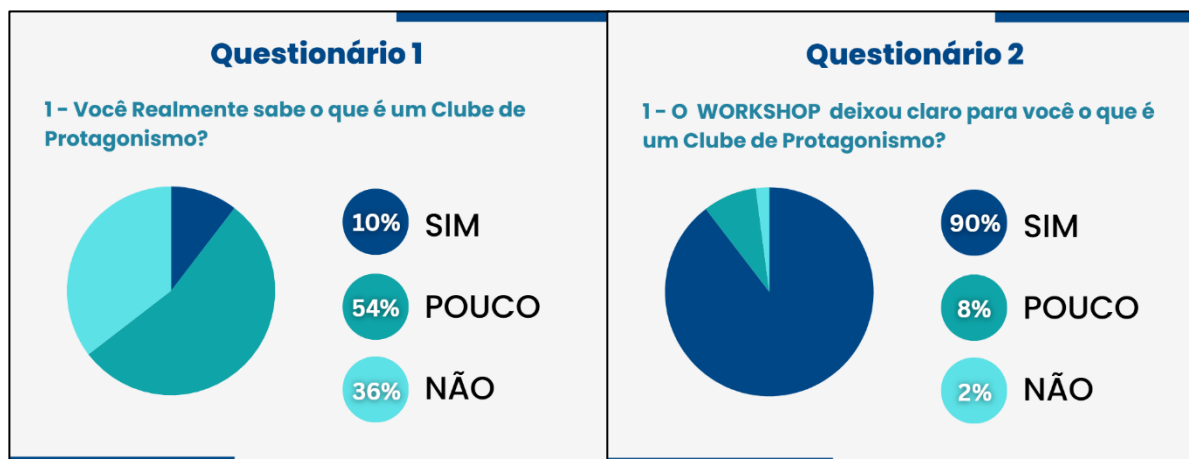
5.5.5 Avaliação do PE

Diante de toda a produção desenvolvida, nos resta avaliar se a proposta deste produto educacional trouxe resultados significativos ao público-alvo. Para que pudéssemos averiguar tais resultados, decidimos desenvolver a avaliação a partir de uma análise comparativa que se deu através da verificação das respostas dos participantes do Workshop em dois momentos distintos. Antes do workshop, os estudantes receberam um questionário (APÊNDICE E) que trouxe indagações sobre os seus conhecimentos em relação aos clubes de protagonismo, sobre a percepção que eles possuem sobre si, em relação ao processo de proposição, organização, estruturação e avaliação dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Após esse primeiro momento da avaliação, os estudantes participaram do Workshop, e, após terem experienciado o evento, foram convidados a responder outro questionário (APÊNDICE F) que seguiu os mesmos temas das perguntas iniciais, no entanto, os questionamentos levaram em consideração o fato de que os estudantes acabaram de vivenciar o Workshop. Tanto no primeiro questionário, quanto no segundo, os estudantes responderam uma ordem de perguntas que tratava sobre o mesmo assunto, porém, o primeiro focava nos conhecimentos prévios dos estudantes, enquanto que o segundo direcionava-os a uma autoanálise do pós-Workshop.

Para que pudessem registrar suas autoanálises, os estudantes deveriam marcar uma das alternativas da escala ofertada, que, neste caso foi a que apresenta o Sim, representando uma afirmação positiva ao questionamento, Pouco, que conota neutralidade e Não, que sugere uma afirmação negativa ao questionamento posto. A comparação entre o primeiro e o segundo questionário nos permite realizar uma análise do antes e depois da aplicação do PE, verificando sua qualidade, seu impacto e sua relevância.

O primeiro questionamento busca verificar se os estudante possuem o conhecimento sobre o conceito do Clube de Protagonismo Juvenil. Santos(2020), Silva (2018) e Brito, Silva e Duvernoy (2023), estabelecem, de maneira clara este conceito, o qual também foi apresentado aos jovens na parte expositiva do evento. Com tal indagação suscitamos o questionamento, será que os estudantes já possuíam tal conhecimento, ou passaram a ter ciência depois do Workshop? (Figura 38)

Figura 38– Avaliação do PE : Questão 1

Fonte: O pesquisador

Objetivamente, vemos que no questionário aplicado antes do workshop, apenas dez (10%) dos participantes afirmaram saber realmente o que é um Clube de Protagonismo. A maioria, cinquenta e quatro por cento (54%), declarou conhecer “pouco”, enquanto que, trinta e seis por cento (36%) admitiu que não possuem conhecimento sobre o tema. Este panorama inicial revela que os estantes, antes de participarem do evento, possuíam um baixo nível de conhecimento prévio sobre os Clubes, que variavam entre percepções superficiais ou a inexistência de conhecimento a respeito dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Após a realização do workshop, os resultados mudaram de forma marcante. No questionário do pós-evento, noventa por cento (90%) dos respondentes afirmaram que a atividade deixou claro o que é um Clube de Protagonismo Juvenil. Apenas oito por cento (8%) disseram que entenderam “pouco” e somente dois por cento (2%) continuaram sem compreender. Essa mudança mostra que o Workshop – Clube em Ação: da Teoria a Prática teve um impacto positivo na formação dos estudantes, indicando que o conteúdo que apresentamos foi capaz de sanar dúvidas e ampliar significativamente a compreensão dos participantes.

Em síntese, podemos concluir que no quesito compreensão teórica quanto a atividade dos Clubes de Protagonismo, a comparação entre as duas respostas evidencia que houve uma evolução expressiva no nível de conhecimento dos estudantes. O grupo que antes se declarava sem entendimento sólido (90% quando somamos os que responderam “pouco” e “não”) praticamente se inverteu, passando a dez por cento (10%) após o Workshop. Esses dados apontam que a metodologia aplicada no evento – que se baseou nas discussões de Silva(2018) Silva(2014), Santos(2020), SEE- Ceará (2021), Brito, Silva e Duvernoy(2023), Almeida Oliveira e Oliveira (2024), e SEDE – Pernambuco (2025) – logrou êxito, sendo capaz de

esclarecer conceitos e fortalecer a segurança dos estudantes em relação ao que verdadeiramente é um Clube de Protagonismo Juvenil.

A próxima questão quer verificar se os estudantes possuem a capacidade de propor temas exequíveis em um ambiente educativo não-formal como são os clubes de protagonismo Juvenil. (Figura 39)

Figura 39– Avaliação do PE : Questão 2



Fonte: O pesquisador.

O gráfico do questionário 1 nos mostra que antes do Workshop, dezoito por cento (18%) dos participantes afirmaram que conseguiam propor algum assunto, tema ou conteúdo a ser trabalhado em um Clube de Protagonismo. Outros quarenta e quatro por cento (44%) disseram que “pouco” conseguiriam, enquanto que trinta e oito por cento (38%) responderam que não conseguiam sugerir. Sumariamente podemos perceber que a maioria dos estudantes tinha dificuldades em criar ou estruturar ideias que gerassem clubes. Este fato indica a existência de carência na produção de estímulos ou falta de segurança em possíveis proposições.

Após a realização do evento, o cenário mudou radicalmente. No questionário pós-workshop, noventa e um por cento (91%) dos respondentes declararam que a atividade facilitou o processo de construção de ideias para proposição de temas de potenciais Clubes. Apenas sete por cento (7%) indicaram que o efeito do Workshop foi “pouco” relevante e, dois por cento (2%) disseram que o evento não ajudou em nada. Essa transformação revela que o workshop foi altamente eficaz em despertar a criatividade e em fornecer ferramentas teóricas e práticas para a elaboração de propostas relevantes a atividade dos Clubes.

Por fim, ao realizarmos a comparação, verificamos que houve uma evolução expressiva na capacidade de geração de ideias dos estudantes. O grupo que antes se sentia inseguro ou

incapaz (82% se somarmos os que responderam “pouco” e “não”) foi reduzido para apenas nove por cento (9%) após a experiência obtida com o evento. Tal resultado indica que a metodologia que aplicamos no Workshop conseguiu estimular a proatividade dos estudantes, além de ampliar a sua confiança, oportunizando um ambiente mais participativo e inovador para a efetivação das ideias geradoras dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Tal desenvolvimento é decisivo, pois, projeta efeitos que vão além do momento do Workshop, favorecendo a continuidade das propostas dos estudantes e o surgimento de clubes mais consistentes e inovadores. Ao fortalecer a autoconfiança, conseguimos ampliar a capacidade de liderança e de trabalho coletivo, criando condições para que os jovens assumam papéis ativos na vida escolar e comunitária. Dessa forma, os resultados alcançados apontam para impactos duradouros na cultura de participação e na consolidação de práticas que estimulam cidadania, criatividade e transformação social, que se assemelha e muito ao que Freire(1996) sugestionava ao estruturar os princípios de uma pedagogia que tinha como objetivo a construção do conhecimento através de processos autônomos e participativos.

A próxima questão abordará questões pessoais dos estudantes. Com a visão voltada as potencialidades intrínsecas de cada jovem, a questão busca saber se os jovens compreendem o potencial que eles tem, e como este potencial, se identificado, pode se valer do Clube para produzir neles mais e mais conhecimento (Figura 40)

Figura 40– Avaliação do PE : Questão 3



Fonte: O pesquisador.

No levantamento pré-workshop, quarenta e dois (42%) dos participantes disseram já ter refletido sobre os pontos fortes da própria personalidade e como aplicá-los em um clube de protagonismo juvenil. Outros vinte e quatro por cento (24%) afirmaram ter feito isso “pouco” durante sua trajetória, e trinta e quatro por cento (34%) nunca haviam pensado a respeito. Esse

quadro indica que, embora parte do grupo já demonstrasse certa consciência sobre suas potencialidades, havia ainda um grande espaço para aprofundar o autoconhecimento e para relacioná-lo à participação em um Clube.

Nos dados posteriores a realização do Workshop, observamos um avanço considerável. No questionário final, sessenta e três por cento (63%) dos estudantes disseram que a atividade os ajudou a identificar seus pontos fortes, enquanto trinta e cinco por cento (35%) consideraram que o auxílio ocorreu de maneira parcial (“pouco”), e apenas dois por cento (2%) não perceberam benefício. Essa mudança mostra que as experiências vivenciadas no evento foram significativas no sentido de estimularem a reflexão pessoal, tornando mais claro, para os jovens, quais qualidades poderiam ser mobilizadas em ações de protagonismo como propõem os Clubes.

A comparação, entre os dois cenários, demonstra que houve um verdadeiro fortalecimento do autoconhecimento e da confiança nos estudantes a soma dos que não haviam refletido ou que o fizeram de forma muito limitada (58% antes) caiu para trinta e sete por cento (37%) depois da vivência oportunizada no Workshop. Isso evidencia que o workshop teve papel relevante no que trata sobre o aprofundamento da consciência dos jovens sobre seus talentos e características individuais. Tal aprofundamento acaba favorecendo a aplicação dessas qualidades nas atividades dos clubes, principalmente por que, ao reconhecerem suas potencialidades, eles podem usar deste espaço educativo para a promoção de aspectos essenciais a todo indivíduo, como liderança, autonomia e autogestão (SILVA, 2018) .

O próximo questionamento vai verificar se os jovens percebem, neles mesmos, a capacidade de produzir estratégias para que as ações dos clubes se efetivem (Figura 41).

Figura 41– Avaliação do PE : Questão 4



Fonte: O pesquisador.

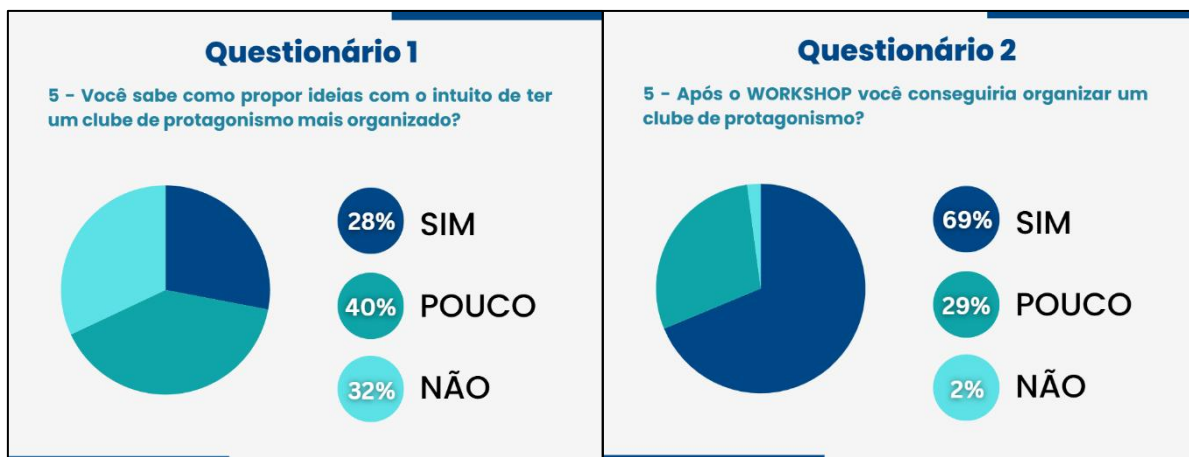
No questionário aplicado antes do Workshop, apenas dez por cento (10%) dos estudantes afirmaram saber como criar estratégias para desenvolver um Clube de Protagonismo Juvenil. Uma parcela de trinta e oito por cento (38%) declarou ter “pouco” conhecimento e a maioria, cinquenta e dois por cento (52%), reconheceu não saber como desenvolver tais ações. Esses números revelam uma grande lacuna de compreensão e prática sobre o ato de planejar e desenvolver estratégias voltadas aos Clubes.

Após a experiência do Workshop, o cenário se inverteu de maneira expressiva. No segundo questionário, oitenta e dois por cento (82%) dos participantes afirmaram que a atividade lhes deu condições de desenvolver estratégias para gerar ideias de fortalecimento do clube. Outros dezesseis por cento (16%) disseram ter obtido essa capacidade apenas em parte (“pouco”) e apenas dois por cento (2%) se mantiveram na condições de inoperância. Essa mudança nos evidencia que evento proposto aos estudantes foi altamente eficaz, no que diz respeito, em oferecer ferramentas, métodos e estímulos para que houvesse a compreensão do processo de construção de um planejamento estratégico.

Vemos, portanto, que a evolução foi clara, pois, o grupo que antes apresentava conhecimento insuficiente (90% somando os que responderam “pouco” e “não”) caiu para apenas dezoito por cento (18%) após terem experienciado o Workshop. Ao observarmos os aspectos que Brito, Silva e Duvernoy (2023) descrevem como resultantes do desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil, podemos dizer que os resultados colhidos com o desenvolvimento do Workshop – Clube em Ação da Teoria a Prática seguem a mesma direção.

Percebemos que os resultados aqui evidenciados nos mostram que as atividades, ali desenvolvidas, contribuíram, significativamente, para empoderar os estudantes na construção de estratégias, favorecendo, assim, aspectos como a autonomia, o protagonismo e a capacidade de liderança na criação e no desenvolvimento de Clubes de Protagonismo, que coaduna com a atividade fim ao evidenciar o tom que prepondera nas atividades que pelos Clubes são propostas e efetivadas (SANTOS, 2020).

Assim como Almeida, Oliveira e Oliveira (2024) pontuam sobre o processo de organização das atividades dos clubes, a fim de que seus resultados sejam positivos, decidimos verificar se os jovens detêm dessa capacidade antes do evento, ou se só a desenvolveram após o Workshop (Figura 42).

Figura 42– Avaliação do PE : Questão 5

Fonte: O pesquisador.

Antes do workshop, vinte e oito por cento (28%) dos estudantes afirmaram saber como propor ideias para tornar um clube de protagonismo mais organizado. Outros quarente por cento (40%) disseram que tinham “pouco” conhecimento sobre os processos organizativos, e trinta e dois por cento (32%) reconheceram que não sabiam como contribuir nesse sentido. Esse resultado deixa evidente que a maioria dos estudantes carecia de clareza ou segurança para desenvolver propostas que gerassem a proposta de organização de um clube.

Já quando verificamos os dados do questionário efetivado após a realização do workshop, observamos que houve uma melhora marcante. No questionário pós-evento, sessenta e nove por cento (69%) dos participantes disseram que se sentem capazes de organizar um clube de protagonismo, vinte e nove por cento (29%) indicaram que poderiam fazê-lo apenas parcialmente (“pouco”) e apenas dois por cento (2%) afirmaram não se sentir preparados para tal processo. Essa mudança de tom, por parte dos estudantes, revela que o conhecimento compartilhado no evento foi altamente eficaz, demonstrando que ele ofereceu referências e métodos para suscitar a confiança, da maioria dos jovens, para afirmar, que após do Workshop eles conseguem, sim, planejar e organizar atividades para os Clubes de forma prática .

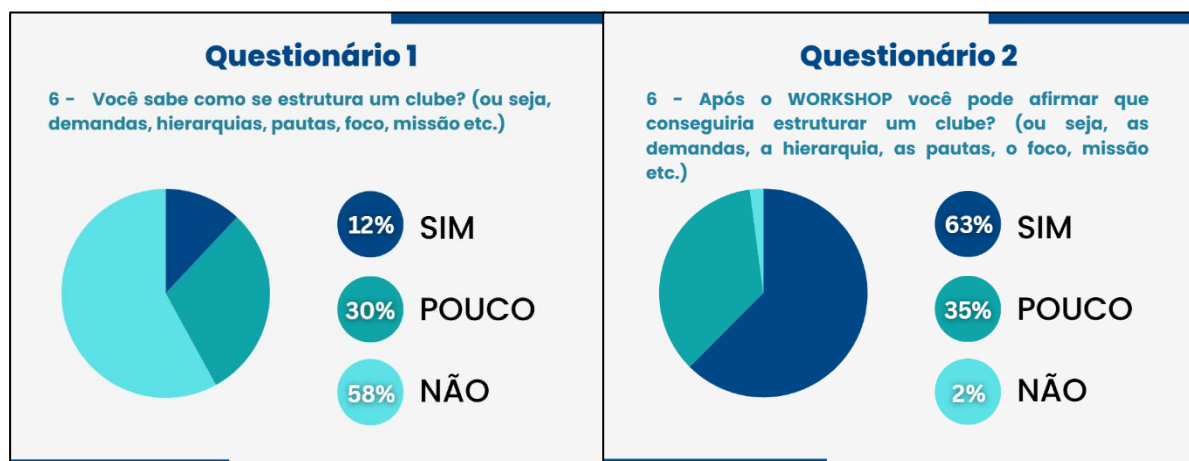
Em resumo, a comparação, entre os dados, evidencia uma forte evolução na capacidade de planejar as ações organizativas dos clubes. O grupo que antes se declarava pouco apto ou inapto (72% somando os que responderam “pouco” e “não”) foi reduzido para apenas trinta e um por cento (31%). Os resultados confirmam que o Workshop foi fundamental para estimular a organização, o protagonismo e a autonomia dos estudantes.

A consolidação dessas competências garantem que os Clubes de protagonismo poderão interferir, de maneira efetiva, na formação dos jovens, e assim como Menezes e Menezes (2024,

p. 3) afirmam, demonstrará que “a formação cidadã e o protagonismo juvenil são pilares essenciais no contexto educacional contemporâneo” pois agem na juventude, para que ela aja na sociedade e a transforme.

O próximo questionamento vai aprofundar nos processos que antecedem o desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Santos (2020), Silva (2018), além de Borges (2024), ao citarem exemplos de clubes em suas discussões, abordaram os processos estruturantes que devem constar nos clubes para que suas ações possam ser efetivadas eficazmente. Tendo em vista esse contexto, também precisamos verificar se os estudantes, antes e depois do Workshop – Clube em Ação da Teoria a Prática, possuem este conhecimento ou se não tinham, ou obtiveram, tal formação.

Figura 43– Avaliação do PE : Questão 6



Fonte: O pesquisador.

No questionário que ocorreu antes do Workshop, apenas doze por cento (12%) dos participantes afirmaram saber como estruturar um clube ao refletirem sobre aspectos como demandas, hierarquias, pautas, foco e missão. Outros trinta por cento (30%) declararam ter “pouco” conhecimento sobre este processo, enquanto que cinquenta e oito por cento (58%) admitiram não saber como realizar essa estruturação. Esses números demonstram que existe um déficit considerável de entendimento prático sobre a criação e a estruturação necessária para que as atividades propostas nos clubes se efetivem.

Já quando observamos os dados colhidos depois do Workshop, a situação muda e traz perspectivas importantes. Podemos notar que, sessenta e três por cento (63%) dos estudantes afirmaram sentir-se capazes de estruturar um clube depois dos aprendizados colhidos no evento, trinta e cinco por cento (35%) relataram ter adquirido essa habilidade apenas parcialmente

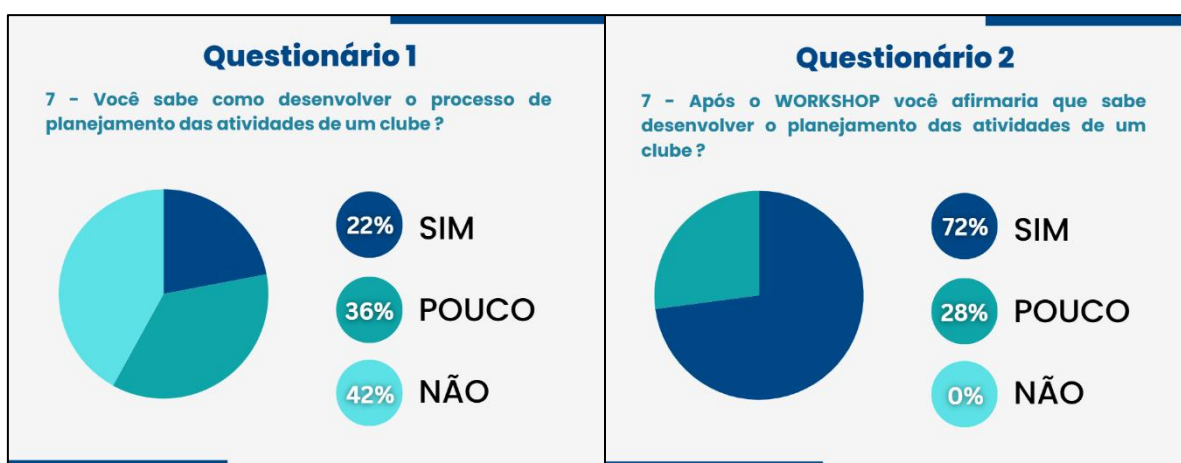
(“pouco”), e apenas dois por cento (2%) disseram não ter alcançado tal capacidade. Essa mudança de posicionamento indicado nas respostas dos estudantes, indica que os aprendizados desenvolvidos no evento surtiram o efeito desejado, pois conseguiu transmitir os conceitos e estratégias essenciais para o desenvolvimento da estrutura que mantenha um clube ativo.

Por fim, vemos que a comparação, entre os dados, evidencia que o Workshop proporcionou um grande salto de conhecimento e de segurança nos jovens sobre o ato de planejar a estruturação de seus hipotéticos clubes. Vemos que a parcela de estudantes que apresentaram um domínio limitado ou inexistente sobre a estruturação dos clubes (88% somando os que responderam “pouco” e “não”) foi reduzida chegando a marca de trinta e sete por cento (37%) dos respondentes, após o workshop.

Esta evidencia nos ampara na conclusão de que a atividade que propusemos desempenhou um papel fundamental no processo de capacitação dos participantes sobre a temática suscitada. Inferimos, também que através dessas aprendizagens os jovens puderam fortalecer as competências de planejamento, liderança e gestão que são tão necessárias para que o clube funcione com eficiência (BRITO, SILVA e DUVERNOY, 2023).

A próxima questão, de maneira muito objetiva, busca compreender se os jovens sabem como desenvolver o planejamento das atividades dos clubes. Esse planejamento é essencial, pois, assim como SEDE–Pernambuco (2025, p. 12) apresenta diversas ações de planejamento como que “necessárias ao pleno desenvolvimento dos clubes”, precisamos verificar se os respondentes sabem desses processos e em qual momento isso passou a ficar evidenciado.

Figura 44– Avaliação do PE : Questão 7



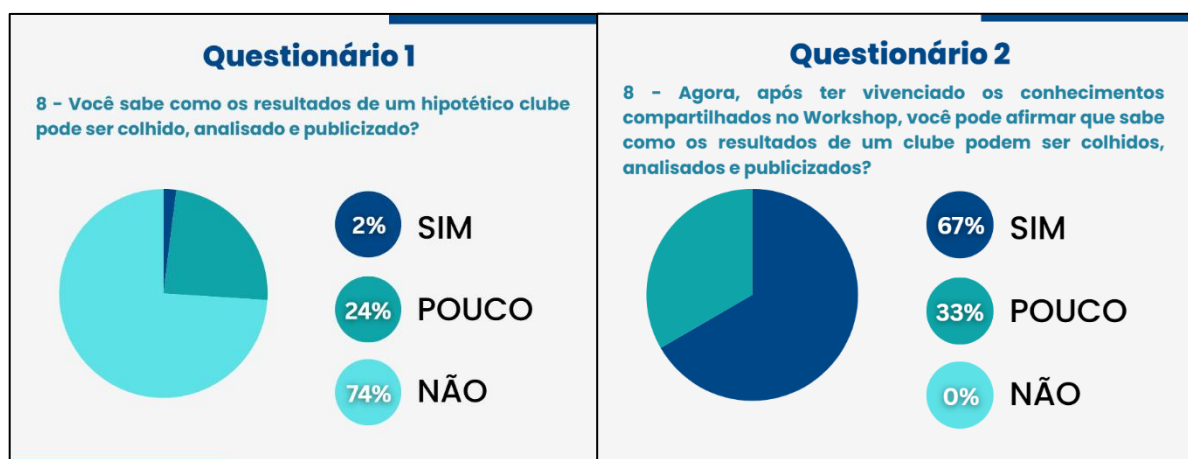
Fonte: O pesquisador.

No levantamento efetivado no pré-workshop, vinte e dois por cento (22%) dos participantes afirmaram saber como desenvolver o processo de planejamento das atividades de um clube. Outros trinta e seis por cento (36%) disseram ter “pouco” conhecimento sobre este processo, enquanto que quarenta e dois por cento (42%) reconheceram não saber como fazer esse tipo de planejamento. Esse quadro inicial é suficientemente claro ao revelar que a maioria dos respondentes carecia de aprendizados sobre práticas e métodos de planejamento que produzam ações estruturadas.

Após a realização do workshop, os resultados mostram que houve uma transformação significativa. No questionário final, setenta e dois por cento (72%) dos estudantes declararam que, agora, sabem desenvolver o planejamento das atividades de um clube, enquanto que vinte e oito por cento (28%) afirmaram ter conquistado essa habilidade apenas em parte (“pouco”). Notavelmente, nenhum participante permaneceu na categoria “não sabe”. Essa mudança nos intui que o evento foi muito eficaz no processo de ensino de técnicas e estratégias de planejamento, o que aumenta, de forma significativa, a confiança dos participantes, produzindo a noção da atividade autônoma que é uma marca dos Clubes de Protagonismo como já fora evidenciado por Santos (2020), Silva (2018) e, também, por Silva (2014).

Em resumo, vemos que ao fazer a comparação, podemos constatar que após o contato com o Produto Educacional que propomos, houve uma significativa evolução na capacidade de planejamento dos participantes. O grupo que antes apresentava pouco ou nenhum domínio (78% somando todos os que responderam “pouco” e “não”) caiu para apenas 28% após o workshop. Esses dados demonstram que esta atividade contribuiu de maneira decisiva para capacitar os estudantes no desenvolvimento e na organização das atividades de um clube de protagonismo, gerando nos jovens a capacidade de efetivar as ações que vierem a propor, dando-lhes um norte, para que as atividades ali desenvolvidas tenham um porquê objetivo, assim como preconizam Brito, Silva e Duvernoy (2023).

Vemos nas orientações dadas por SEDE – Pernambuco (2025), assim como também, por SEE – Ceará (2021), que são estabelecidos momentos próprios para que os clubes possam fazer a devida divulgação dos resultados que colheram durante as atividades que propuseram durante suas atividades. Cientes de que o processo de compartilhamento de resultados faz parte das atividades próprias dos clubes, finalizamos a avaliação quanto a qualidade, o impacto e a relevância do produto educacional proposto por esta pesquisa, verificando se os conhecimentos desenvolvidos no Workshop sobre a coleta, a análise e a publicização dos resultados se efetivaram a contento (Figura 45).

Figura 45– Avaliação do PE : Questão 8

Fonte: O pesquisador.

Ao analisarmos os dados de antes da realização do Workshop, vemos que apenas dois por cento (2%) dos participantes afirmaram saber como os resultados de um clube hipotético podem ser colhidos, analisados e divulgados. Outros vinte e quatro por cento (24%) disseram ter “pouco” conhecimento sobre este processo, e a ampla maioria, sendo setenta e quatro por cento (74%) dos respondentes, admitiu não saber como executar efetivamente essas etapas. Tal panorama revela a existência inicial de uma grande carência de entendimento sobre os processos de avaliação, mensuração e comunicação de resultados que são desenvolvidos em um Clube de Protagonismo Juvenil.

Analisando os dados colhidos depois da vivência do Workshop, podemos constatar que houve uma mudança muito significativa. No questionário pós-evento, sessenta e sete por cento (67%) dos estudantes declararam que agora sabem como os resultados de um clube podem ser colhidos, analisados e publicizados, enquanto que trinta e três por cento (33%) afirmaram ter obtido essa habilidade apenas parcialmente (“pouco”). Nos chama a atenção, mais uma vez, que nenhum participante afirmou que permanece sem conhecimento sobre o assunto suscitado no questionamento. Esse resultado demonstra que o evento se mostrou altamente eficaz em oportunizar os meios de transmitir os métodos de coleta de dados, análise de informações e estratégias para sua devida divulgação. Vemos portanto que houve o fortalecimento de competências essenciais para a transparência e a sustentabilidade das ações dos clubes.

Por fim, a comparação evidencia que ocorreu um salto expressivo no domínio de processos avaliativos e de comunicação por parte dos participantes do Workshop. Assim como nos outros questionamento, o grupo que antes apresentava conhecimento insuficiente (98% somando todos que responderam “pouco” e “não”) foi reduzido, chegando a marca de trinta e

três por cento (33%) apenas, após o workshop. Esses dados comprovam que as informações, bem como a atividade proposta pelo Workshop, contribuíram, de forma decisiva, para capacitar os estudantes na avaliação e no compartilhamento de resultados, sem deste um aspecto fundamental para consolidar e dar visibilidade a um Clube de Protagonismo como bem sugerem SEE – Ceará (2021) e SEDE – Pernambuco (2025) em seus planos para o desenvolvimento do protagonismo juvenil através do desenvolvimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

Finalmente, realizando uma análise integrada de todas as oito questões que proporcionaram a avaliação deste Produto Educacional, fica claro que o Workshop alcançou pleno êxito como meio de formação dos estudantes para a criação e o fortalecimento dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Em todos os tópicos avaliados — desde o entendimento básico do conceito até as etapas mais complexas, como planejamento, estruturação, avaliação e divulgação de resultados — observamos que houve um avanço consistente e expressivo.

Em termos de qualidade e de impacto, o PE não apenas transmitiu informações, mas também transformou percepções e competências. Dados que inicialmente revelaram grande desconhecimento por parte dos estudantes (com percentuais superiores a 70% de respostas “não” em alguns casos), inverteram-se após o Workshop, passando a registrar maiorias amplas de respostas “sim”(ultrapassando até a casa dos 90% em alguns casos). Isso demonstra que o Workshop foi capaz de gerar um aprendizado efetivo, sendo fiel ao intuito maior dos Clubes de Protagonismo Juvenil, que segundo SEDE – Pernambuco (2025, p. 4), deve ir além da simples sensibilização, para que haja o “desenvolvimento de atividades que proporcionem trocas de informações e experiências diversas”.

No que se refere à relevância para o desenvolvimento dos estudantes, os resultados apontam que tivemos ganhos na produção de autonomia, liderança, capacidade de planejamento, criatividade e autoconhecimento, algo extremamente positivo, pois, nos mostra que o evento que se destinou a formar os estudantes sobre a proposição, organização, estruturação e avaliação dos clubes de protagonismo conseguiu refletir os resultados que, Santos(2020), Silva (2018), SEE – Ceará (2021) e SEDE – Pernambuco(2025) apontam como sendo próprios de um trabalho bem executado nesta atividade pedagógica não formal.

Além disso, os dados revelam que o evento que estruturamos teve a capacidade de transmitir segurança aos estudantes, não somente na proposição de ideias ou na organização dos clubes, os influenciou, também, no processo de desenvolvimento de estratégias, na ação de planejar atividades exequíveis e no processo de avaliação dos resultados, competências que em Almeida Oliveira e Oliveira (2024), Borges(2024), Silva(2014), Brito, Silva e Duvernoy(2023), Santos(2020) e Silva(2018) se apresentam como sendo fundamentais para que o protagonismo

juvenil aconteça com efetividade. A redução expressiva das respostas “não” e a elevação maciça das respostas “sim”, em todas as questões, comprovam que os participantes saíram mais preparados, confiantes e motivados para atuar de maneira ativa e transformadora no ambiente escolar, através dos clubes que certamente proporão a partir das experiências oportunizadas por este Produto Educacional.

Afirmamos, portanto, que o conjunto dos dados, aqui expostos, evidencia que o Workshop – Clube em Ação: da Teoria à Prática foi altamente eficaz e relevante, não apenas para o contexto escolar que o acolheu, mas também para cada estudante que dele participou. O evento pôde proporcionar um impacto qualitativo profundo, pois, fomentou o desenvolvimento integral dos jovens, consolidando-se como uma experiência formativa de grande valor para a promoção e a sustentabilidade dos Clubes de Protagonismo Juvenil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo o que já foi discutido até aqui, podemos concluir que os Clubes de Protagonismo Juvenil emergem como verdadeiros instrumentos pedagógicos que visam oportunizar a consolidação da formação integral no contexto do Ensino Médio Integrado. A percepção que fica evidenciada é a de que os clubes promovem verdadeiras aprendizagens significativas ao integrarem teoria, prática, identidade e participação juvenil (SEDE – PERNAMBUCO, 2025).

A análise integrada das observações, questionários e entrevistas revela que os Clubes de Protagonismo Juvenil se constituem como um dispositivo privilegiado de Formação Integral e Cidadã, pois despertam motivações diversas, promovendo aprendizagens significativas. Os dados mostram que o principal motor para a criação e manutenção dos clubes é o de ordem afetiva, evidenciando a busca dos estudantes por experiências com significado pessoal, capazes de proporcionar prazer e pertencimento (SANTOS, 2020). Essa vivência, segundo os próprios jovens, integra teoria, prática, identidade e participação, articulando de forma concreta saberes técnicos, científicos, éticos, estéticos e políticos.

Além disso, é importante compreender que a proposta dos Clubes de Protagonismo Juvenil se insere em uma perspectiva educacional contemporânea que valoriza o desenvolvimento integral do estudante, conforme defendem autores como Antunes e Padilha (2010) e Appio, Ewald e Silva (2020). Nessa ótica, a educação deve ser capaz de articular o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser, de modo a

formar sujeitos capazes de atuar de forma crítica e solidária na sociedade. Os clubes, portanto, materializam esses pilares ao criarem espaços em que o estudante não apenas adquire conhecimento, mas também o ressignifica a partir de suas experiências e relações com o mundo.

Esse fato reforça o entendimento de que tais espaços extrapolam o papel acessório que por vezes lhes é atribuído, e assumem certa centralidade no processo educativo dos estudantes. Nesse contexto, eles oportunizam a vivência genuína de diversos aspectos constituintes do ser humano, assemelhando-se, assim, as perspectivas formativas preconizadas também pela BNCC. Assim fica demonstrado que, no ambiente escolar, muitas são as possibilidades e estratégias que podem ser usadas a fim de desenvolvermos, nos estudantes, os aspectos que consideramos essenciais.

Tal realidade fica ainda mais evidente quando verificamos os procedimentos que são efetivados neste espaços de educação não-formal. Ao reconhecer o protagonismo juvenil e integrar diferentes dimensões da experiência humana, os Clubes proporcionam verdadeiras experiências que favorecem, não só o processo de autoconhecimento, mas também a construção de projetos de vida, através do desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais (SANTOS, 2018).

Outro aspecto relevante observado é a dimensão comunitária e colaborativa que os Clubes de Protagonismo Juvenil assumem ao longo de suas práticas. Muitas vezes, esses espaços ultrapassam os muros da escola, alcançando a comunidade local e estabelecendo parcerias com instituições, movimentos sociais e projetos culturais. Tal característica amplia o impacto social da proposta, fortalecendo a noção de que a escola é também um espaço de transformação coletiva. Assim, o protagonismo juvenil deixa de ser apenas uma vivência individual para se tornar uma experiência de compromisso social e de exercício efetivo da cidadania.

Da mesma forma, ao ampliar o escopo da aprendizagem, para além do conteúdo formal vivenciado no tradicionalismo das escolas regulares brasileiras, os Clubes de Protagonismo Juvenil possibilitam uma prática educativa que rompe com o modelo enciclopedista, ainda tão presente em muitas instituições escolares, e se aproxima do que Moll (2012) define como um currículo que considera as experiências culturais e emocionais dos sujeitos como parte legítima da aprendizagem.

No entanto, verificamos também durante a investigação, a existência de algumas lacunas estruturais que precisam ser enfrentadas para que o potencial formativo dos Clubes se concretize plenamente. Professores, coordenação e gestão demonstram entusiasmo e compromisso, mas reconhecem limitações no conhecimento sobre criação, organização e

avaliação dos clubes, o que dificulta a consolidação de práticas consistentes. Embora valorizem a iniciativa dos clubes, é necessário que exista um posicionamento contundente, avançando de uma postura meramente reconhecedora para uma atuação planejada e propositiva, com compromissos claros e sustentáveis (SEDE – PERNANBUCO, 2025).

Para que os Clubes de Protagonismo Juvenil possam se consolidar de forma sustentável, é indispensável que as políticas públicas de educação reconheçam e apoiem institucionalmente essas iniciativas. Isso implica investir na formação continuada dos professores, na criação de espaços adequados e no estabelecimento de diretrizes pedagógicas claras que orientem a integração entre currículo formal e práticas de protagonismo. Sem esse suporte institucional, corre-se o risco de que tais experiências permaneçam pontuais ou dependentes da boa vontade individual de gestores e docentes, comprometendo a continuidade das ações e o alcance de seus objetivos formativos.

Diante deste contexto, a intervenção materializada no Workshop Clube em Ação: da Teoria à Prática foi estratégica, pois tentou transformar o protagonismo juvenil de uma experiência vivenciada através de meios fluidos, em uma ação pedagógica de suporte sistemático. Os resultados evidenciaram o sucesso do evento, pois elevou a capacidade autopercebida dos estudantes, que antes se consideravam incapazes de estruturar um clube de modo autônomo, e depois do evento, a maioria afirmou estar apto a fazê-lo.

Ao articular teoria e prática através de tarefas autênticas e necessárias ao desenvolvimento dos Clubes – proposição, organização, estruturação e avaliação – o workshop pôde desenvolver competências-chave próprias da formação integral. Trazendo informações e práticas sobre liderança, planejamento, trabalho colaborativo, comunicação, pensamento crítico, resolução de problemas e gestão do tempo, pôde ancorar essas aprendizagens em contextos reais demonstrando na prática o conceito ora aprendido.

O manual de replicação, que surgiu a partir do evento concretizado, amplia a escalabilidade e equidade entre as escolas que desenvolvem a metodologia dos clubes de protagonismo em todo o território nacional. Tal iniciativa garante fidelidade de implementação entre estas escolas, facilitando a formação de novos estudantes ou participantes da comunidade escolar que queiram desenvolver a formação proposta no evento, gerando a consolidação de uma cultura de melhoria contínua através de ciclos de planejamento, ação e reflexão.

Nesse sentido, a sistematização metodológica das práticas vivenciadas nos clubes representa um avanço significativo para a inovação pedagógica. A existência de um manual e de procedimentos replicáveis garante não apenas a disseminação da experiência, mas também sua capacidade de adaptação a diferentes realidades escolares. A educação contemporânea

demanda metodologias que sejam dinâmicas, abertas e contextualizadas, e os Clubes de Protagonismo Juvenil oferecem um exemplo concreto de como é possível articular inovação, autonomia e rigor pedagógico em um mesmo processo formativo.

Finalmente, constatamos que todos os dados aqui suscitados, não validam, apenas, a efetividade dos Clubes de Protagonismo Juvenil, enquanto estratégia educativa coerente com os princípios da formação integral, eles também revelam a capacidade, que esta metodologia educativa, tem, de fomentar um novo paradigma pedagógico. Os Clubes não cumprem, portanto, apenas uma função complementar ao ensino formal, mas se configuram como espaços de ressignificação das práticas escolares, onde o conhecimento se constrói a partir do diálogo entre saberes acadêmicos e vivências subjetivas (ALMEIDA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2024).

Ao reconhecer o jovem como sujeito ativo no processo educativo, essa metodologia desafia estruturas engessadas e aponta para a urgência de uma escola que, mais do que transmitir conteúdos, seja capaz de formar indivíduos críticos, criativos e socialmente engajados (FREIRE, 2005). Portanto, podemos afirmar que os Clubes de Protagonismo Juvenil, quando bem planejados, executados e acompanhados, são capazes de inspirar mudanças estruturais na concepção pedagógica já, há muito, estabelecida no Brasil. Eles apontam para um modelo educacional mais integrado, vivencial, democrático e centrado no estudante (SILVA, 2018), o que acaba contribuindo com o rompimento do paradigma de uma educação tradicional, conteudista e disciplinar.

A partir dessas constatações, abre-se um campo fértil para novas investigações e práticas educativas que possam aprofundar o potencial dos Clubes de Protagonismo Juvenil. Estudos futuros podem explorar, por exemplo, o impacto dessas experiências na redução da evasão escolar, no fortalecimento da identidade estudantil e na promoção de uma cultura de paz e diálogo dentro das instituições. Além disso, torna-se essencial compreender como as tecnologias digitais e os ambientes virtuais podem se integrar aos clubes, ampliando suas possibilidades de comunicação, colaboração e protagonismo em uma sociedade cada vez mais interconectada.

Eles propõem um novo olhar sobre as práticas pedagógicas e o currículo, apontando para o verdadeiro papel que o aluno tem em seu próprio processo formativo e na construção de uma sociedade mais justa e participativa. Assim, ao deslocar o foco da mera transmissão de conteúdos para a valorização da experiência, da autonomia e do engajamento crítico, os Clubes de Protagonismo Juvenil reafirmam que transformar a escola é, antes de tudo, transformar as relações que nela se estabelecem, tornando, assim, a educação um ato desbravador e socialmente relevante para toda a comunidade, reforçando o compromisso ético e político da

escola com a construção de sujeitos críticos, autônomos e solidários. Desse modo, a educação se afirma como um processo vivo e transformador, capaz de articular conhecimentos, valores e práticas que extrapolam os limites da sala de aula, fortalecendo, assim, a participação cidadã e a responsabilidade social dos jovens estudantes e de todos os envolvidos em sua formação.

Portanto, após tudo o que aqui foi discutido, podemos concluir que os Clubes de Protagonismo Juvenil representam uma prática educativa inovadora e profundamente coerente com os princípios da formação integral e cidadã, pois eles se configuram como espaços legítimos de aprendizagem significativa, transformação pessoal e engajamento coletivo. Ao promoverem o diálogo entre saberes, a autonomia estudantil e a vivência concreta dos valores democráticos, os Clubes de Protagonismo reafirmam a escola como território de construção de sentidos, de emancipação e de exercício pleno da cidadania. Mais do que uma metodologia pedagógica, os Clubes de Protagonismo Juvenil se consolidam como um movimento que ressignifica o papel da educação na contemporaneidade, apontando para a urgência de uma escola humanizadora, inclusiva e comprometida com o desenvolvimento integral dos sujeitos e com a transformação social de seu entorno.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Interdisciplinariedade e transdisciplinariedade**. Imaginário, n. 9, p. 9-14, 2003.
- ALMEIDA, Raniere de Carvalho; OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro de; e OLIVEIRA, Luciana Souza de. **Clube estudantil: processo sociocultural e juventude**. 2024. p. 16. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/384197406_CLUBE_ESTUDANTIL_PROCESSO_SOCIOCULTURAL_E_JUVENTUDE. Acesso em: 1 jul. 2025.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de ; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. Edições Loyola, 2009. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bSm-DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=PLACCO+2010&ots=rH9_T-4moD&sig=jLEUUAMrQEpBvCvuhm5W0zgpjtE&redir_esc=y#v=onepage&q=PLACCO%202010&f=false Acesso em: 08/08/2025
- ALTENFELDER, Anna Helena. **Formação Continuada: os sentidos atribuídos na voz do professor**. São Paulo: PUCSP (Dissertação de mestrado), 2004. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16351m> Acesso em: 08/08/2025.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo : Atlas. 2002.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.nelsonreyes.com.br/Marli%20Andr%C3%A9.pdf>. Acesso em: 20/09/2025.
- ANDRÉ, Marli Eliza. DALMAZO Alfonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ANTUNES, Ângela. PADILHA, Paulo Roberto. **Educação Cidadã, Educação Integral: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.
- APPIO, Célia Regina; EWALD, Izilene Conceição Amar; SILVA, Valdelino de Carvalho. **A formação integral na educação profissional e tecnológica: alguns apontamentos**. Metodologias e aprendizados. v.1. 2020. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/1100/935> Acesso em: 15/08/2023
- AQUINO, J.P. Da “crise” da educação formal ao fulgor dos processos de governamentalização educacional. In: Anais do XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Campinas: UNICAMP, 2012.
- ARROYO, Miguel. **Ofícios do mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AVANCI, S., Assis, S., Santos, N. & Oliveira, R. (2007). **Adaptação transcultural da Escala de Autoestima de Rosenberg para adolescentes**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 397-405. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/vFYmpGXxSbJ4szKVC9gjwSq/?format=html&lang=pt> Acesso em: 20/09/2025

BARBOSA, Kelly Rahna; CARVALHO, Luana Oliveira de. **Explorando o mundo científico: o clube de ciência como ferramenta para promover a educação científica e popularização das ciências no ensino médio**. CONEDU, 2024. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_E_V200_MD4_ID11680_TB3472_22102024230107.pdf Acesso em: 07/08/2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910/11692>. Acesso em: 20/08/2023

BEANE, James A. **Integração curricular: a essência de uma escola democrática**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.2, pp. 91-110, Jul/Dez 2003. Disponível em: <https://www.projectrise.eu/system/files/2019-04/Beane.%20Beane.%20J.%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20curricular%20a%20ess%C3%Aancia%20de%20uma%20escola%20democr%C3%A1tica.pdf> Acesso em: 08/08/2025.

BORGES, Gislane Pedroso. **Letramento literário: o clube de leitura na formação do leitor juvenil**. 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/85bfdc6a-017b-458b-90cf-7c8ae990b42a> Acesso em: 07/08/2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Revista Sociedade e Cultura. V. 10. n. 1. 2007. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70310103.pdf>. Acesso em: 17/08/2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Profissional**. Brasília: MEC, 2017. p. 45. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EdProfissional.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Curricular Comum**: Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de eventos, cerimonial e protocolo**: para a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. 2. ed., rev. e ampl. Brasília: Ed. IFB, 2017. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/Guia-de-Eventos.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRITTO, Luiz Percival Leme; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini di. **“Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire**. Educação & Sociedade, v. 43, p. e258577, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QZBhvBTZYjsjJTpgm3Tbgzs/> Acesso em: 09/08/2025

BRITO¹, Anays Pereira; SILVA¹, Maria Andressa Chaves da; DUVERNOY, Doriele Silva de Andrade Costa. **Os clubes juvenis: para quem fazer? por que fazer?** um olhar para o protagonismo juvenil. Anais da Semana Universitária da UPE. 2023 Ciência, Democracia e Justiça Social, p. 326. Disponível em: <https://www.edupe.upe.br/images/livros/Anais%20da%20Semana%20Universitaria%20da%20UPE%202023.pdf#page=326> Acesso em: 04/08/2025

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em direitos humanos: desafios da interculturalidade**. São Paulo: Cortez, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; DAYRELL, Juarez. Relatório Final–Pesquisa **“Diálogos com o Ensino Médio”**. Observatório da Juventude–UFMG, Observatório Jovem–UFF, Ministério da Educação, 2010.

CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira. RODRIGUES, Raphaela Barbosa de Farias. **Gerencialismo privado na educação pública: o instituto de corresponsabilidade pela educação** (ice) na Paraíba. 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: Políticas, Linguagens e Trajetórias. 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3237/3102>. Acesso em: 17/08/2023

CASTRO, A.S.; DUARTE NETO, J.H.; **Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica**: a relação entre o currículo integrado e a prática pedagógica docente. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 1, n. 20, p. e11088, jan. 2021. ISSN 2447-1801. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/issue/view/192> Acesso em: 26/01/2024.

CEARÀ, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO (SEE- Ceará). **Protagonismo Juvenil na escola**. V. 1. Ebook, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/2319> Acesso em: 25/07/2025

CHARAO, A. S., Patrícia, P. d. A., de Azevedo, B. R., and Lima, J. C. D. **Clube de computação para alunos de ensino medio: um relato de experiencia**. Anais WEI / ^ Congresso Sociedade Brasileira da Computacao. 2015.

CIAVATTA, Maria. **Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral. Por que lutamos?** Revista Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 09/06/2023.

CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. **Ensino médio e educação profissional no Brasil**. Revista Retratos da Escola, v. 5, p. 27-41, 2011. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45/42> Acesso em: 26/01/2024.

COSTA A.C.G. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht; 2000.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa**. 2. ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Senna, 2001.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol.28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out.2007

DEWEY, Jhon. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educ. rev., Curitiba, n. 24, p. 213-225, Dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357> . Acesso em: 27/10/2023.

ESCÁMEZ, Juan e GIL, Ramón. **O Protagonismo na Educação**. Tradução por Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos. **Análise curricular da escola de tempo integral na perspectiva da educação integral**. Revista e-curriculum, v. 8, n. 1, 2012.

FRANCO, Maria Ciavatta (Org.). **Trabalho e educação de jovens e adultos**. 1. ed. Brasília, DF: Liber Livro e Editora UFF, 2011. p. 165-198.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FRANKEL, Susanna et al. **Promovendo empatia social: um método gamificado**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/20321/1/2023%20-%20Susanna%20Frankel.pdf> Acesso em: 10/08/2025.

FREIRE, Gabriel Gonçalves; GUERRINE, Daniel; DULTRA, Alessandra. **O Mestrado Profissional em Ensino e os Produtos Educacionais: A Pesquisa na Formação Docente**. Revista Porto das Letras. v. 2. n. 1. 2016 Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/2658/9381>. Acesso em: 20/08/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 213 p. 2005.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Tradução e revisão técnica de Antônio Faundez. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e comunicação, v. 15)

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?** Revista de Estudos da Linguagem. v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>. Acesso em: 20/08/2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 03-11, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12/08/2025.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

HELOANI, Roberto. **A dança da garrafa: assédio moral nas organizações**. GV-executivo, v. 10, n. 1, p. 50-53, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/22947> Acesso em: 07/08/2025

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. Cortez editora, 2022. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Xz6AEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=imbern%C3%B3n+&ots=VANRZLqLlY&sig=HUJFuHud6fn7M0v6nD_tbd0oalY&redir_esc=y#v=onepage&q=imbern%C3%B3n&f=false Acesso em: 09/08/2025.

INSTITUTO CIDADANIA. **Projeto Juventude**: documento de conclusão. São Paulo, 2004.

ICE. Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. **Cadernos de Formação Escola Viva**. Modelo Pedagógico: Metodologias de Êxito da Parte Diversificada do Currículo - Componentes Curriculares Ensino Médio. Vol. 5 e 6. Recife: ICE, 2015.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. Revista em extensão, v. 7, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390/10860> Acesso em: 08/08/2025.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. **Pesquisa Documental**: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Investigación Cualitativa em Educación. v. 2. Simpósio ibero-americano em pesquisa qualitativa. 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em: 19/08/2023

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática**. Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, p. 61-76, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar em revista, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. Revista ANDE. n. 6. 1982. Disponível em: https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/tendencias_pedagogicas_libaneo.pdf. Acesso em: 17/08/2023

LIMA, Joseli Maria Silva de. **O PAPEL DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Revista Educação Contemporânea, v. 2, n. 2, p. 917-922, 2025. Disponível em: <http://editoraverde.org/portal/revistas/index.php/reca/article/view/429/575> Acesso em: 10/08/2025

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. (Tese de doutorado) São Paulo: Faculdade de Educação, USP, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001183634> Acesso em: 07/08/2025

LINO, Dymithra Kelly de Souza. **Escola de tempo integral na perspectiva de um novo paradigma**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2465/1/DYMITHRA%20Monografia%20Atualizada.pdf>. Acesso em: 15/08/2023

LÜCK, Heloísa. **Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores**. aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11-33, 2000. Disponível em: https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/gestao_democratica/kit5/perspectivas_da_gestao_escolar_e_implicacoes.pdf Acesso em: 07/08/2025

LÜCK, Heloísa et al. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, v. 1, p. 18, 2009. Disponível em: https://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2017/08/dimensoes_livro.pdf Acesso em: 09/08/2025

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAGALHÃES, Marcos Nascimento. **A juventude brasileira ganha uma nova escola de Ensino Médio. Pernambuco cria, experimenta e aprova**. São Paulo: Albatroz, 2008.

Disponível em: <https://alfredoreisviegas.files.wordpress.com/2017/07/ice.pdf>. Acesso em: 14/08/2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8º ed. Editora Atlas. São Paulo, 2017.

MARX, Karl. **Instruções para os delegados do Conselho Central Provisório**: as diferentes questões. Lisboa: Avante Edições, 1982a. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1866/08/instrucoes.htm> . Acesso em: 15/08/2023.

MARX, Karl. **O capital** (livro 1). 10. ed. São Paulo: Difel. v. I e II, 1985.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Educação Integral e Tempo Integral**. Em Aberto Brasília. v. 22, n. 80. p. 1-165. abr. 2009.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Artmed, 2005.

MEDRI, Waldir. **Análise Exploratória de Dados**. [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~benitoag/apostilamedri.pdf>. Acesso em: 19/09/2025.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Universidade degli Studi di Milano Tradução de Angelina Teixeira Peralva Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a02.pdf> Acesso em: 09/08/2025.

MENEZES, Antonio Carlos Magalhaes de; MENEZES, Maria Rosemeire Moreira da Costa. **Estratégias de engajamento: capacitando os docentes para promover o protagonismo juvenil e a autonomia dos alunos no novo ensino médio**. X CONEDU. 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD4_ID3189_TB373_04042024120137.pdf Acesso em: 07/08/2025

MENEZES, C.; SCHROEDER, E. **Clubes de Ciências: contribuições para a educação científica e o desenvolvimento da criatividade nas escolas**. IN: SCHROEDER, E.; SILVA, V. L. de S. Novos Talentos: Processos Educativos em Ecoformação. Blumenau: Nova Letra, 2014.

MESQUITA, Afonso Mancuso de; BATISTA, Jéssica Bispo; SILVA, Márcio Magalhães da. **O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores**. Revista: Obutchénie - revista de Didática e Psicologia pedagógica, Uberlândia, MG.v.3, n.3, p.1-25, 2019. Disponível em: <https://share.google/n9aMcJlGuYQVqGq6L> Acesso em: 20/08/2025

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./sep.1993.

MOLL, Jaqueline. **Educação integral: uma política em construção**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOREIRA, M. A. **Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente**. 2010. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Abandonoport.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2025

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Currículo, conhecimento e cultura. Indagações sobre o currículo**. 2007. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p.17-48.

MOURA, D. H. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração**. Revista holos, Natal, v.2, p. 1-27, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110> Acesso em: 26/01/2024

MOURA, Dante. Henrique. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?** Educação e Pesquisa. V. 39, n. 03, p. 705 – 720, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v39n03/v39n03a10.pdf>. Acesso em: 15/08 /2023.

MOURA, Marilene da Silva. **Coordenação pedagógica: uma luz para a qualidade do ensino** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Tocantins. 2025. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/7683/1/Marilene%20da%20Silva%20Moura%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 09/08/2025.

Neiva KMC, Silva MB, Miranda VR, Esteves C. **Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos de ensino médio**. Revista Brasileira de Orientação Profissional. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203016890002.pdf> Acesso em: 19/09/2025.

NETO, Pedro Luiz de Oliveira Costa. **Estatística**. Ed. Blucher Ltda, 1977.

NÓVOA, António. História da educação: percursos de uma disciplina. **Análise psicológica**, v. 4, n. 14, p. 417-434, 1996.

NÓVOA, António. **“Os professores na virada do milénio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas”**. Educação e Pesquisa, 25(1), pp. 11-20. 1999.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola**. Educação & Realidade, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08/09/2025.

PACHECO, Eliezer Moreira. SETEC/MEC: **Bases para uma Política Nacional de EPT** (2008). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/artigos_bases.pdf . Acesso em 26/01/2024.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais : uma revolução na educação profissional e tecnológica**. – Natal : IFRN, 2010. 28 p. ISBN 978-85-89571-68-5. E-book. Disponível em:

<https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf> . Acesso em: 26/01/2024.

PARAÍBA, Governo da. Secretaria de Estado da Educação. Lei nº 11.100/18a, que cria o Programa de Educação Integral na Paraíba **Diário Oficial do Estado da Paraíba**, João Pessoa - PB, 09 de fevereiro de 2018. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1LGQHD5tiNsvMV4CugWGV0mGRjIxcD_Zm/view. Acesso em: 20/08/2022.

PARAÍBA. **Medida Provisória** Nº 267 de 07 de Fevereiro de 2018b. Disponível em: <http://static.paraiba.pb.gov.br/2018/02/Diario-Oficial-09-02-2018.pdf> Acesso em: 09/06/2023.

PARO, Vitor Henrique. **A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola**. Educação e Pesquisa, v. 36, n. 03, p. 763-778, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v36n03/v36n03a08.pdf> Acesso em: 09/08/2025

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MORUZZI, Andrea Braga. **Culturas juvenis e currículo: valorização dos sujeitos jovens no trabalho escolar**. Revista Teias, v. 12, n. 26, p. 21 pgs.-21 pgs., 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24212/17191> Acesso em: 12/08/2025.

PAZ, Luciana Athayde; ICLE, Gilberto. **Currículo-documento, currículos performance**. Educação em Revista, v. 36, p. e222728, 2020.

PELIZZARI, Adriana. **Pedagogia de projetos: uma forma de garantir a aprendizagem significativa**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86537/256503.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 09/08/2025

PERNAMBUCO, SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DE (SEDE- Pernambuco). **Clubes de Protagonismo Gestor e professores**, Ebook, 2025. Disponível em: <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2025/02/CLUBE-DE-PROTAGONISMO-GESTOR-E-PROFESSORES.pdf> Acesso em: 07/08/2025

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=t3b6KaPD7gAC&oi=fnd&pg=PA5&dq=O+coordenador+pedag%C3%B3gico+e+quest%C3%B5es+da+contemporaneidade&ots=RNIf-QGChJ&sig=LNerLb9tT54fYgGSTTofuY6jv7c&redir_esc=y#v=onepage&q=O%20coordenador%20pedag%C3%B3gico%20e%20quest%C3%B5es%20da%20contemporaneidade&f=false Acesso em: 09/08/2025

PLACCO, Vera M. N. S; SILVA, Helena S. S. **A formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas**. In: O coordenador pedagógico e a formação docente. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

PORTELA, Marcelo Vieira. **Clubes escolares: percepções sobre a implementação no contexto brasileiro**. 2020. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28670/1/2020_MarceloVieiraPortela_tcc.pdf. Acesso em: 24/06/2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=Metodologia+do+trabalho+cient%C3%ADfico+%5Brecurso+eletr%C3%B4nico%5D:+m%C3%A9todos+e+t%C3%A9cnicas+da+pesquisa+e+do+trabalho+acad%C3%AAmico&ots=dc4ldgA7BP&sig=9VrPLocL3mJRXwAJSxY8eetNqvk#v=onepage&q=Metodologia%20do%20trabalho%20cient%C3%ADfico%20%5Brecurso%20eletr%C3%B4nico%5D%3A%20m%C3%A9todos%20e%20t%C3%A9cnicas%20da%20pesquisa%20e%20do%20trabalho%20acad%C3%AAmico&f=false>. Acesso em: 19/08/2023.

RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 8 e 9 de maio de 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 15/08/2023

RAMOS, Marise Nogueira. **Ensino Médio Integrado : da conceituação à operacionalização**. Cadernos de pesquisa em educação. Vitória - ES. P. 15 – 29. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/10243/7029>. Acesso em: 15/08/2023

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências**. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2006. Disponível em: https://d1wqtxtslxzle7.cloudfront.net/35790526/Cap_3_Como_Elaborar-libre.pdf?1417423214=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCap_3_Como_Elaborar.pdf&Expires=1692473157&Signature=ETuMemvXk4cXEhCNc2r1ju~C8i4A9kSg9tSIOTg4bUUz1SS3r~mSrJPh3QIFdgoh1Jl-yPBO~Ey3VZZLBdstMn9prEUq~~IAfwLiM4WtKcBUxp2S2PeMff35QQZQ2tAg4BBoX-Q--H1Y3vpQLHdZz33Roz9PrPUvqVww5jVl-3AY1716m~GxLEkYnztjEkuBAca2wo3a4efo7XsRIKR7203jT0JN65UpDds87Yt1tXE7yoU6ESbaD4gGF4x8UikfInoVbp4Lqhr~uGRYeTY9JUOvS0pOxMBN~1BUEc7AsuODdkYqPozl0Cf6xdkFxW3~OiDogplGdnnkIZR5j1dQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 19/08/2023.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 403-412, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVvsRc> Acesso em: 09/08/2025.

SÁ, Robson Gomes de. **A escola e o seu papel na construção do protagonismo juvenil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 08, Vol. 03, pp. 74-83. Agosto de 2019. ISSN: 2448-0959 Disponível em: https://pt.scribd.com/document/650664710/protagonismo-juvenil?utm_source=chatgpt.com acesso em: 23/06/2025

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Edvaldo Albuquerque dos. **Clube Juvenil: Tempo e espaço de participação juvenil no ensino médio público de alagoas**. CONEDU – VII congresso Nacional de educação. Maceió – AL . 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID240_31082020110322.pdf. Acesso em: 14/08/2023.

SANTOS, Flávia Melina Azevedo Vaz dos. **O componente curricular projeto de vida como experiência formativa em uma escola cidadã integral no município de João pessoa – PB**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João pessoa. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22654>. Acesso em: 15/08/2023

SILVA, Ivanilso S. da. **Coordenação Pedagógica: Saberes, Competências e Habilidades**. Freitas Bastos, 2024. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=krEcEQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT1&dq=delegar+n%C3%A3o+%C3%A9+abdicar+%3B+%C3%A9+distribuir+responsabilidades+com+crit%C3%A9rios+e+acompanhamento+sistem%C3%A1tico,+assegurando+a+coes%C3%A3o+das+a%C3%A7%C3%B5es+pedag%C3%B3gicas&ots=dV7tpYJ7s8&sig=jDXjsHF2_swPb99vUtlUoCSks_8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em: 25/07/2025

SILVA, Juliana Menezes da; SCHROEDER, Laura. **O clube de ciências como prática educativa na escola: uma revisão sistemática acerca de sua identidade educadora**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338239832_O_CLUBE_DE_CIENCIAS_COMO_PRATICA_EDUCATIVA_NA_ESCOLA_UMA_REVISAO_SISTEMATICA_ACERCA_DE_SUA_IDENTIDADE_EDUCADORA. Acesso em: 24/06/2025.

SILVA, Lilian Bartira Santos. **DA GESTÃO À ESCUTA - uma análise sobre as experiências de clubes de rádio em escolas públicas de fortaleza**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35836/1/2018_dis_lbssilva.pdf. Acesso em: 14/08/2023

SILVA, Oberdan da. **Uma trajetória de educação integral em Pernambuco: os limites e as possibilidades de opções metodológicas e organizações de espaço e tempo**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade

Estadual da Paraíba. 2014. Disponível em:

<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2100#preview-link0>. Acesso em: 17/08/2023

SILVA, Thais Gama da. **PROTAGONISMO NA ADOLESCÊNCIA: A ESCOLA COMO ESPAÇO E LUGAR DE DESENVOLVIMENTO HUMANO**. Dissertação(Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. 2009. Disponível em:

http://www.ppge.ufpr.br/teses/teses/M09_gamasilva.pdf Acesso em: 02/11/2024.

SOUSA, Luciana Karine de. *Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v71n2/05.pdf>. Acesso em: 19/09/2025

SOUZA, Marcia Vania Lima de; GUISSO, Luana Frigulha. **PROJETO DE VIDA E PROTAGONISMO: Representações significativas para qualificar a construção dos sonhos dos estudantes**. 1ª edição. Vitória – ES. Diálogo Comunicação e Marketing. 2021. E-book. Disponível em: <https://dialogocom.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Ebook-protagonismo-Marcia-Souza.pdf>. Acesso em: 14/08/2023

STAKE, Robert E. *Investigación con estudio de casos*. 2. ed. Madrid: Morata, 1999. Disponível em: https://edmorata.es/wp-content/uploads/2022/06/STAKE.InvestigacionEstudioCasos_prw-1.pdf. Acesso em: 20/09/2025.

STAMATO, Maria Izabel Kalil. **Protagonismo Juvenil: Uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude**. 2008. Tese (Doutorado em psicologia social) - Universidade Católica de São Paulo. 2008. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/17308/1/Maria%20Izabel%20Calil%20Stamato.pdf>. Acesso em: 14/08/2023

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Enise Barth. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em questão. Editora: UNIJUI. 2003.

Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>

Acesso em: 02/11/2023

TELES, Marlene Correia . **Estudantes do ensino médio e o protagonismo juvenil**. (Dissertação de Mestrado) 2024. Disponível em:

<https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/2319/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o.%20Marlene%20Correia%20Teles.pdf> Acesso em: 06/08/2025

TEIXEIRA, Antônio Zenon Antunes; PEREIRA, Wilma Freire Arriel. **Incentivando a motivação e o engajamento do aluno nos estudos: estratégias eficazes**. Revista Contemporânea, v. 4, n. 1, p. 3359-3374, 2024. Disponível em:

<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2996/2392> Acesso em: 08/09/2025.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição**, avaliação e reconstrução. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 49, p. 45-50, 1984.

VALQUARESMA, Andreia; COIMBRA, Joaquim Luís. **Criatividade e educação: A educação artística como o caminho do futuro?**. Educação, Sociedade & Culturas, n. 40, p. 131-146, 2013. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/306> Acesso em: 12/08/2025

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Coordenação do trabalho pedagógico: **do projeto político- pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582603531>. Acesso em: 20/09/2025.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -
IFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

Pesquisador: WANDERLEY DE SOUSA SILVA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 77372724.3.0000.5185

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Final

Detalhe:

Justificativa: O Parecer Consubstanciado do CEP de N° 7.616.237 nos informou que no relatório

Data do Envio: 17/06/2025

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.720.980

Apresentação da Notificação:

Este texto refere-se à análise do relatório final da pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). A investigação teve como objetivo analisar como os Clubes de Protagonismo Juvenil, articulados ao Ensino Médio Integrado (EMI), contribuíram para a formação integral dos estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) de Bayeux - PB.

A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa, organizada em três etapas: levantamento documental, observação direta das atividades dos clubes e aplicação de instrumentos com os participantes. A amostra foi composta por 112 sujeitos, sendo até 100 estudantes, 10 professores, um coordenador pedagógico e um gestor escolar.

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo

Bairro: Jaguaribe

CEP: 58.015-020

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3612-9725

Fax: (83)99940-0685

E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -
IFPB



Continuação do Parecer: 7.720.980

Foram utilizados dois questionários aplicados aos estudantes, um instrumento de observação estruturada e entrevistas semiestruturadas com representantes da escola. O primeiro questionário abordou cinco eixos temáticos: afetividade, realidade local, carreira acadêmica, problemas emocionais e vida profissional. O segundo utilizou a Escada da Participação Juvenil, permitindo autoavaliação do nível de protagonismo. As entrevistas foram realizadas com um aluno, um professor, o coordenador pedagógico e o gestor escolar.

Os dados qualitativos foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin, e os dados quantitativos foram submetidos à análise estatística descritiva. Toda a pesquisa foi realizada conforme os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Como resultado prático da pesquisa, foi desenvolvido um Produto Educacional (PE) intitulado Revista Digital „Clube em Ação“, concebida como um espaço virtual de divulgação das experiências dos Clubes de Protagonismo Juvenil. A revista permitiu a publicação de produções textuais e audiovisuais por parte de alunos e tutores, após orientação e acompanhamento do pesquisador. A avaliação do produto foi realizada por meio de questionário aplicado aos participantes, com foco em critérios como qualidade, aplicabilidade, relevância e impacto formativo.

A análise deste relatório final evidencia que a pesquisa foi conduzida com responsabilidade ética, clareza metodológica e contribuição social significativa.

Objetivo da Notificação:

Apresentação de ajustes no RELATÓRIO FINAL de pesquisa

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Durante a realização da pesquisa, foram previstos riscos éticos e metodológicos compatíveis com os procedimentos adotados, e descritas estratégias para seu manejo. Entre os riscos identificados estavam: invasão de privacidade, exposição a temas sensíveis (atos ilegais, violência, sexualidade), possibilidade de revitimização emocional, discriminação decorrente de informações reveladas, exposição da imagem pessoal e perda de tempo dos participantes.

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo

Bairro: Jaguaribe

CEP: 58.015-020

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3612-9725

Fax: (83)99940-0685

E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -
IFPB**



Continuação do Parecer: 7.720.980

Esses riscos foram minimizados por meio de estratégias como: garantia de sigilo e anonimato; liberdade para não responder a perguntas sensíveis; coleta de dados em ambientes reservados; atenção a sinais de desconforto; presença de pesquisadores capacitados; assistência integral em caso de danos; respeito aos valores culturais e sociais dos participantes; e arquivamento seguro dos dados conforme a LGPD e as Resoluções CNS nº 510/2016 e nº 466/2012. Além disso, foram adotados códigos para separar dados pessoais das respostas, bem como prevista a devolutiva individual por e-mail.

Em relação aos benefícios, a pesquisa permitiu avaliar a eficácia dos Clubes de Protagonismo como ferramentas pedagógicas voltadas à formação crítica, cidadã e emancipada dos estudantes do Ensino Médio Integrado. Os resultados possibilitaram identificar pontos fortes a serem mantidos e aspectos que exigem aprimoramento, contribuindo para o fortalecimento das práticas educativas e para o bem-estar discente.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

Segundo o pesquisador, a pesquisa transcorreu sem dificuldades e apresentou resultados condizentes com a proposta aprovada pelo Comitê de Ética do IFPB.

Acerca da devolutiva dos resultados, tópico da pendência do parecer consubstanciado anterior, o pesquisador informa que, na fase de aplicação dos questionários, foi perguntado aos estudantes se estariam dispostos a fornecer seus endereços de e-mail para que, posteriormente, pudessem receber os resultados da pesquisa.

Nenhum participante manifestou objeção à coleta dessas informações, motivo pelo qual os e-mails foram registrados. Assim, a devolutiva dos resultados será realizada por meio dos e-mails pessoais dos estudantes, adotando-se o mesmo procedimento previsto para os profissionais envolvidos. Os participantes serão notificados de que os resultados foram concluídos e poderão acessá-los por meio de um link para o Google Drive, disponibilizado no corpo do e-mail.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Relatório final apresentado, com a inclusão das informações sobre a devolutiva dos resultados inserida

Recomendações:

Não se faz necessário.

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo			
Bairro: Jaguaribe		CEP: 58.015-020	
UF: PB	Município: JOAO PESSOA		
Telefone: (83)3612-9725	Fax: (83)99940-0685	E-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br	

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -
IFPB**



Continuação do Parecer: 7.720.980

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após avaliação do parecer apresentado pelo relator, o Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB analisou o Relatório Final da pesquisa submetida, conforme os princípios da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e deliberou pelo parecer de APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Final	RELATORIO_FINAL_WANDERLEY_DE_S_SILVA_ASS.pdf	17/06/2025 11:23:16	WANDERLEY DE SOUSA SILVA	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 23 de Julho de 2025

**Assinado por:
LEANDRO JOSE MEDEIROS AMORIM SANTOS
(Coordenador(a))**

Endereço: Avenida João da Mata, 256, Bloco PRPIPG, térreo
Bairro: Jaguaribe **CEP:** 58.015-020
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3612-9725 **Fax:** (83)99940-0685 **E-mail:** eticaempesquisa@ifpb.edu.br

Anexo II

Produção dos estudantes na parte prática do Workshop



Workshop
Clube em Ação: da Teoria à Prática
Mestrando: Wanderley de Sousa Silva
Orientador: Prof. Drº Luís Gomes de Moura Neto

Nome do clube: ReForço Geral

Integrantes:

Clarice, Danielly, Lilyan, Samuel, Paulo Ricardo, Nayanna, Mizaël, Mayssa e Eduardo.

A Missão:

- Desenvolver uma educação mais clara e compreensiva.
- Evoluir os conhecimentos dos integrantes e auxiliar nas dificuldades gerais.

Objetivo:

Desenvolver ~~mais~~ aprendi métodos de ensino de uma forma.

Valores:

Respeito, Ensino, Paciência, Compreensão.

Resultados Esperados:

Melhor desempenho em provas, concursos, vestibulares...

As Prioridades:

Conhecer o integrante e conhecer as suas dificuldades.

Trabalhar para sanar a dificuldade.

As Estratégias:

- Video aulas (Aulas online)
- Apostilas
- Pdfs
- Aulas práticas e teóricas

A Estrutura dos Clubes:

Lider (Planejamentos)

Auxiliar de Pesquisa (Fornecer: Pdf, apostila e

Auxiliar de Ensino (ajudar o integrante em relação a dificuldade.)

Auxiliar Social (conversar com o integrante para saber sobre a sua necessidade/dificuldade)



Workshop

Clube em Ação: da Teoria à Prática

Mestrando: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Drº Luis Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Reparco de Eletrotécnica / Aprendizagem eletrotécnica

Integrantes: Marlio Patrício, Joel Neto, Vitor Gabriel, Emmanuel Calsson, João Rafael, Jonas Max, Vitor Eduardo, Jucelam Lucena, Arthur Xavier.

A Missão: Ajudar os próximos eletrotécnicos, dar conselhos e guia para os iniciantes e aprimorar o conhecimento em eletrotécnica e ter uma boa estrutura para aprendizagem. Ex: aulas práticas.

Objetivo: O curso vai auxiliar o ensino e o aprendizado de nossos alunos que escolhem o curso de eletrotécnica, facilitando o ~~aprendiz~~ aprendizado, para melhorar o aprendizado.

Valores: Ética, compromisso, disciplina, respeito, Fazer e harmonia.

Resultados Esperados: OS RESULTADOS ESPERADOS, SÃO DE QUE AS PROXIMAS GERAÇÕES TENHAM UMA BASE DE CONHECIMENTO MELHOR QUE O NOSSO, TENDO UM DESEMPENHO MELHOR

As Prioridades: Ajudar os estudantes na matéria de eletrotécnica, priorizar as aulas práticas e teóricas.

As Estratégias: Utilizar o conhecimento do nosso padrinho, e conseguir o material de estudo com o nosso padrinho (nosso professor do curso).

A Estrutura dos Clubes: Coordenador geral (Tulio), Equipe de pesquisa (João, Emanuel e Jéssica), Equipe de comunicação (João, Vitor), Equipe de recurso humano (Vitor e Kauã), e gestão de materiais do grupo (Márcio).



Workshop

Clube em Ação: da Teoria à Prática

Mestrando: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Drº Luís Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Interações Ambientais

Integrantes: Elvira Paulino / Jaiyanne
Duan Otomiel
Maria Elisa
Gervanildo
Dani
Yasmin
Isaac
Maria Clara

A Missão:

- Desenvolver projetos e praticá-los por meio da conscientização e preservação do meio ambiente
- Criação de recursos de combate à poluição
- Reutilização de materiais usados para a melhoria do meio ambiente

Objetivo:

- Incentivar os jovens e alunos a praticar a reciclagem de materiais, e preservação nos escolas.

Valores:

Ética, ~~humilha~~ humildade, responsabilidade, respeito, união, empatia e cooperação.

Resultados Esperados:

- Ambientes públicos mais bem cuidados
- Maior organização de certos lugares
- Conscientização das pessoas em relação ao meio ambiente.

As Prioridades:

- Obter recursos para a elaboração de projetos
- Incentivar a preservação na escolas
- Administrar o ato dos alunos na preservação ambiental

As Estratégias:

- Subdivisão de equipes para melhor administração da limpeza de áreas poluídas
- Criar campanha para a colaboração com clube
- Organização de materiais para uma melhor limpeza

A Estrutura dos Clubes:

- Presidente: Luam → Administração do clube
- Secretária: Maria, Edusa, Yasmin → burocracia para a realização dos projetos
- Tesouraria: Geniamilde, e Davi → Administração financeira "
- equipe de comunicação: Edusa, Isaac e Jojanne → divulgação dos projetos



Workshop

Clube em Ação: da Teoria à Prática

Mestrando: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Drº Luís Gomes de Moura Neto

Nome do clube: makeup in action

Integrantes: Yasmin
Bianca
andrielly
allana
alessandra
camilly
Fábio
João
gabriel
Aryna Inlains

A Missão:

- A nossa missão é que as meninas e meninos se sentiam acolhidos (+).
- A maquiagem não define ~~feminilidade~~ feminilidade.

Objetivo: Nesse objetivo é que as pessoas que não sabem nada sobre o assunto aprendam de uma forma fácil e eficaz e também se sentir bem sobre o assunto e entender que a maquiagem é uma escolha.

Valores: tolerância, responsabilidade, respeito e ~~eco~~.

Resultados Esperados: que as meninas e meninos aprendam de uma forma leve e compreensiva bem a pressão da sociedade.

As Prioridades:

- lucro
- autocuidado
- autoestima
- Sustentabilidade

As Estratégias:

técnicas avançadas de maquiagem e tutoriais postados na internet e aula prática.

A Estrutura dos Clubes:

~~Os membros ficam encarregados~~
de

- Equipe de debate - Yasmim

A nossa função do clube é debate e aprender sobre como se maquiar.

- relações públicas.
- mídia -
- apoio -



Workshop

Clube em Ação: da Teoria à Prática

Mestrando: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Drº Luís Gomes de Moura Neto

Nome do clube: Mente aberta

Integrantes: Airlany Suellem
 Claudianny
 Dayany
 Isalrille Kawany
 Kauê
 Kauã
 Lucas
 Mauza
 Thaís Oliveira

A Missão: Educar, informar e sensibilizar as pessoas sobre causas sociais, com intuito de promover mudanças de atitude comportamentais ou ação.

Objetivo: Promover compreensão, empatia, mudança de comportamento e debates sobre diversos assuntos sociais.

As Estratégias:

- Roleplay
- Diálogos
- Relatos de filmes
- Campanhas
- Debates
- Relatos reais

Valores: Respeito, tolerância, responsabilidade, compreensão, humildade, igualdade e justiça.

Resultados Esperados:

- Mudança de mentalidade
- Saber ouvir
- Respeitar as diferenças
- Melhorar no diálogo/debates
- Menos preconceitos

As Prioridades: • Combate a qualquer tipo de ~~contingência~~ discriminação.

As Estratégias:

- Palestras
- Diálogos
- Relatos de filmes
- Campanhas
- Debates
- Relatos reais
- Uso de mídia sociais

A Estrutura dos Clubes:

- 2 Coordenador Geral
- 3 Orientador
- Equipe Mídia 2
- Equipe de pesquisa 2

Apêndices

Apêndice A: Roteiro de Observações

Para se ter uma contextualização que oportunize uma boa visualização do fenômeno estudado, os pontos a serem observados se aportarão em quatro pontos estruturantes, dados abaixo:

1. Na estrutura oportunizada aos estudantes para efetivação das ações dos clubes, seja na questão de materiais ou espaços,
2. Na organização, desenvolvimento e resultados dos clubes de protagonismo,
3. No suporte dado pela gestão escolar para seu funcionamento (se houver),
4. Na relação desta prática pedagógica com o eixo técnico da escola, identificando interações e/ou complementações entre os conhecimentos desenvolvidos na educação profissional e os desenvolvidos nos clubes de protagonismo.

Observações Gerais : A escola, que comporta os clubes analisados, possui atualmente quatrocentos e treze (413) estudantes matriculados, nos três anos do ensino médio, possui atualmente vinte e dois (22) professores, uma (1) gestora e uma (1) coordenadora. Por fazer parte da matriz de escolas de ensino técnico integrado ao médio da Paraíba, a escola conta com a disponibilidade de oferta de três (3) cursos técnicos, sendo eles o curso de Edificações, o curso de Eletrotécnica e o curso de Designer de interiores. A escola conta com oito (8) clubes de protagonismo no total, sendo eles: Clube de Astronomia, Clube de Cinema, Clube de handebol, Clube Leitura do Mundo, Clube Leitores sem fronteiras, Clube de Robótica , Clube reforço escolar, Clube de RPG e por fim o Clube Vai de ENEM. Os clubes se dividem entre os espaços da escola e seguem cronogramas próprios de organização. Todos os clubes possuem lideranças, mas as tais não são fixas, pois os clubes promovem a votação para escolha de suas lideranças periodicamente. Os temas escolhidos pelos estudantes variam entre temas voltados a vida acadêmica, como o clube vai de Enem, e temas que buscam a expressão mais particular de suas personalidades e ideologias, como é no caso do clube de RPG e o clube leitores do mundo. Cada clube possui um padrinho, que é um professor que tem a função de auxiliar os estudantes em demandas específicas, como sanar dúvidas e levar petições a gestão. A gestão se apresenta atuante e atenta as produções dos estudantes, mas essa atuação é intermediada pelos padrinhos que ficam com a responsabilidade de informa-la sobre tudo o que ocorre dentro das dependências da escola concernente aos clubes. A coordenação assim como a gestão também

se mostra atuante, no entanto, não de maneira terceirizada. A coordenação se apresenta como mais um ponto de intercessão entre os clubes e a gestão escolar, ela se mostrou sempre atenta em relação as atividades, a organização de momentos e de espaços para o desenvolvimento das atividades dos clubes. É um ponto pacífico que sem a coordenação pedagógica da escola, não seria possível o desenvolvimento de tais atividades.

Observações a partir dos pontos estruturantes:

Ponto estruturante 1:

- A escola tem espaços para que a prática dos clubes aconteça?

Fatos observados: Sim, a escola dispõe de diversos ambientes temáticos e espaços vagos nos quais os estudantes podem desenvolver as atividades dos clubes. Existem salas temáticas como a sala de robótica, as salas de experimentações científicas, o auditório, a quadra, os laboratórios, a biblioteca e os demais espaços vazios da instituição.

- Cada clube, dentro de sua especificidade, tem acesso a materiais essenciais para o desenvolvimento das atividades dos Clubes?

Fatos observados: A partir das observações, assim como da escuta, foi percebido que a maioria dos clubes tem acesso a materiais e artefatos que condicionam a efetivação das atividades proposta em cada clube. Alguns materiais disponíveis com os quais tivemos contato foi: robôs programáveis, materiais esportivos, livros, e impressões e material didático comum a todas as escolas, como piloto, papeis, data show e televisores.

- É necessário algum investimento monetário? Se sim, como aparentemente se resolvem questões que envolvem valores?

Fatos observados: Vai depender da necessidade de cada clube. Por exemplo, o clube de robótica precisa de materiais para que os estudantes possam desenvolver as programações e verem o fruto dos seus esforços aplicados em um protótipo real. Para tanto, eles decidiram fazer parcerias com organizações sociais, que viabilizaram os robôs, que, a posteriori, foram utilizados pelos alunos nas atividades desenvolvidas no clube. Já o clube de RPG não necessita de nenhum investimento expressivo, já que o intuito do clube é fomentar o desenvolvimento de histórias criadas pelos próprios estudantes e vivencia-las de maneira teatral. Segundo eles, não se faz necessário investimento monetário para que o clube ocorra eficazmente. assim como nos dois clubes aqui citados, os demais irão necessitar de um investimento monetário mais expressivo de acordo com as intrínsecas referente a cada clube.

- Quanto a estruturação enquanto atividade pedagógica, como é organizado os tempos dos clubes dentro das dependências da escola? Levando em consideração os demais momentos de aprendizado.

Fatos observados: A partir do ano de 2024, a secretaria de educação do estado da Paraíba (SEE/PB), através das diretrizes operacionais para o ano letivo de 2024, em seu ponto 4.4.2.1.4 estabelece um novo integrante da base curricular das Escolas Cidadãs Integrais, este denominado: Práticas Integradoras. Segundo SEE/PB (2024, p. 73) As Práticas Integradoras se constituem como um “período destinado para a autogestão do(a) estudante (ou atividades que promovam a autogestão), sob supervisão docente.” No entanto, a partir do observado, verificou-se que apesar desse período letivo poder comportar atividades como tutoria; desenvolvimento de projetos; feiras de ciências; gincanas; simulado(s); esportes; bandas; progressão parcial; recomposição de aprendizagem; grêmio estudantil; estudos, leitura, entre outras atividades, o foco dado pela instituição para esse período pedagógico foi o desenvolvimento dos clubes de protagonismo. Os argumentos que se apresentam para que assim ocorra foi o fato de, estipulando um período único para os alunos desenvolverem os clubes, se oportuniza um momento fixo para que as atividades dos clubes aconteçam, o que é melhor do que o que ocorria anteriormente, uma vez que, até então, os horários dos clubes eram diversos e difusos, variando conforme a disponibilidade dos estudantes. Um fato interessante a salientar é que as únicas turmas que tem esse espaço na grade de horários para o desenvolvimento dos clubes são as turmas do 1º ano do ensino médio de 2024, porém, em 2025 serão os primeiros e segundos anos, até que em 2026 todas as turmas do ensino médio possuam esse espaço na grade curricular para o fortalecimento e o desenvolvimento desta atividade pedagógica, que por escolha da escola se funda nos Clubes de Protagonismo Juvenil. Falando agora, um pouco, sobre os demais estudantes que não possuem esse espaço na grade curricular, ou seja os segundos e terceiros anos do ensino médio, eles se organizam no contraturno ou nos intervalos, sendo um pela manhã, o horário do almoço e o último intervalo a tarde. Dessa maneira, os estudantes podem desenvolver as atividades dos clubes sem que, estas, afetem o transcorrer das atividades compulsórias da instituição de ensino.

Ponto estruturante 2:

- Como as atividades dos clubes são organizadas?

Fatos observados: As atividades ocorrem de maneira variada. Na realidade cada clube tem a autonomia para decidir como definirão o desenvolvimento de suas atividades. Mas, de maneira

geral, os clubes devem estipular um roteiro de atividades que pretendem desenvolver, este pode ser mensal, trimestral ou semestral. Esse roteiro é apresentado a coordenação e gestão da escola e assim as atividades iniciam. Os estudantes possuem liberdade para direcionarem o decorrer dessas atividades e propor caminhos possíveis para a sua efetivação. No período em que tive contato com os estudantes e com os clubes que aceitaram participar da pesquisa, pude perceber que o desenvolvimento da dinâmica das atividades, geralmente, recaem sobre aqueles que possuem algum papel de liderança mais pronunciado, assim os coparticipantes esperam direcionamento, mas, sem haver nenhum impedimento que os demais participantes proponham atividades ou momentos a serem vivenciados.

- Existe algum documento que direcione como os estudantes devem se organizar?

Fatos observados: Não. Através de conversas informais com os estudantes eles informaram que não tinham recebido nenhum direcionamento documentado, e que o proceder de cada clube ocorre de acordo com o que é estabelecido pelos integrantes, com o auxílio do “padrinho do clube” que é um professor escolhido pelos próprios estudantes. Este exerce o papel de ajudador e deve se limitar a isso, porém, nos clubes observados por este pesquisador, ficou clara a atuação dos professores como participantes ativos dos clubes, muitas vezes, em alguns clubes, até direcionando as atividades que haveriam de efetivar.

- Existem hierarquias dentro do clube?

Fatos observados: Sim. Esse é um ponto muito importante na composição das estruturas dos clubes. Observei que eles ainda não possuem um processo de planejamento bem delineado, e isso dificulta na tomada de decisões, o que acarreta muitas vezes na sobrecarga daqueles que receberam alguma posição hierárquica dentro do clube. Por exemplo, a maioria dos clubes possuem, ao menos três posições de destaque, ou hierárquicos, sendo eles: presidente, vice presidente e secretário. Na maioria das vezes o presidente tem ficado com as demandas de organização, e divulgações de ações a serem efetivadas, bem como outras necessidades dos clubes, algo que dificulta, de certa maneira, o transcorrer destas atividades, no entanto, o presidente e o vice presidente são, na grande maioria das vezes, as pessoas que propuseram o tema do clube, e quando há a eleição, são quase que automaticamente indicados para ocupar estas posições, tendo em vista que como propuseram o tema, os demais participantes dos clubes esperam que eles tenham ideias para que o clube funcione. Foi observado também que, apesar deste contexto, todos os presidentes dos clubes, com os quais tive contato, faziam reuniões periódicas para discutirem os próximos passos, e o nível de satisfação dos integrantes dos

clubes, além de, nestas reuniões, abrir espaços para indicações de ideias ou sugestões para que pudessem ser colocado em votação para aceitação ou não dos participantes dos clubes.

- Como as despesas internas são administradas?

Fatos observados: Alguns clubes possuem uma pessoa responsável por esta demanda. Em alguns clubes é o tesoureiro, e na maioria a responsabilidade de lidar com as finanças recai sobre o secretário do clube. Para qualquer despesa nova, todos os integrantes dos clubes precisam estar cientes e aceitar, o novo gasto, em votação, onde a maioria simples escolhe onde e como os recursos serão utilizados.

- Como é realizada a tomada de decisões em cada clube?

Fatos observados: Sempre acontece através de votação, onde a maioria simples vence o tema abordado. É bom frisar que, mesmo o clube tendo autonomia para direcionar suas ações, estas ações estão condicionadas a supervisão da coordenação da escola com a tutela da gestão.

- Existe entusiasmo durante as ações dos clubes?

Fatos observados: Sim! Como os clubes não são uma imposição, longe disso, é uma escolha livre que os estudantes fazem, os temas que são trabalhados, geralmente, abordam situações e temas em que a grade comum da escola não consegue abordar plenamente. Temas novos como o Clube de RPG de mesa, por exemplo, é algo que a escola, em seus padrões normais não abordam, e lá os estudantes trabalham de maneira direcionada a criatividade e o trato com temas e situações reais da sociedade. Os estudantes apresentavam grande interesse em fazer com que os clubes funcionassem em sua plenitude, para ser mais exato, os clubes que têm como liderança os estudantes veteranos tinham mais dinamicidade. Este fato se dava principalmente por falta de experiência no desenvolvimento dos clubes, e por falta de um documento ou algo que orientasse os novos estudantes das instituições os processos necessários para o desenvolvimento de um clube de protagonismo.

- A participação é ativa de todos os integrantes?

Fatos observados: Na grande maioria dos clubes observados, Sim! Todos, não só realizavam as atividades que eles mesmos planejavam, mas também a grande maioria fazia questão de propor novas atividades e novos temas a serem trabalhados dentro da temática central de cada clube. Por exemplo, no clube de Cinema, não poucas vezes, era proposto obras de filmes

baseados em fatos reais e geralmente com contextos históricos importantes para a sociedade, os integrantes sempre renovavam os filmes e os temas que seriam discutidos a partir deles. Por certo que em alguns casos, alguns estudantes não se engajavam tanto quanto poderiam, mas esta não é a regra.

- Como é realizado o estudo sobre os resultados dos clubes?

Fatos observados: Os clubes observados não fazem estudos sobre resultados. Os resultados são apresentados de maneira fragmentada durante o ano. Porém, a cada semestre, os alunos desenvolvem um dia D. Neste dia, cada clube tem que preparar uma apresentação mostrando os frutos das atividades do clube do qual faz parte. Apesar deste momento de culminância, não existe algo esquematizado, ou organizado, que direcione os estudantes a, periodicamente, avaliarem suas ações, conferir os resultados para analisarem a eficácia das atividades desenvolvidas até então.

- Existe algum ambiente em que os resultados dos clubes são publicizados?

Fatos observados: São publicizados na culminância que ocorre semestralmente.

Ponto estruturante 3:

- Como a Gestão Escolar auxilia para a eficácia dos clubes?

Fatos observados: Apesar da secretaria de educação da Paraíba designar os gestores como a parte fiscalizadora mais ativa em relação aos clubes, na prática ela exerce um papel mais voltado a liberação ou não das atividades dos clubes, vendo se a execução dos mesmos irá contribuir de alguma forma para o desenvolvimento dos estudantes, ou se a intenção com o clube está voltado unicamente a “passa tempo”. Diante disso, a gestão fiscaliza as intenções de clubes, a manutenção dos clubes já existentes e trabalha, a partir da escuta, com as necessidades dos clubes, seja em questão de material. Ou disponibilização dos espaços, ou de busca de parcerias. Também é ela quem direciona os “padrinhos” sobre a atenção com os clubes em suas atividades, e é ela que exige também retornos, de cada clube, em forma de relatos, eventos, ou atividades práticas.

- É disponibilizado algum suporte pedagógico para direcionar os estudantes?

Fatos observados: Sim, porém existem ressalvas. A gestão, juntamente com a coordenação pedagógica, se apresentou bem atuante e muito entrosados, não apenas com os jovens, mas

também com seus responsáveis, deixando claro aos pais e responsáveis quais atividades seus filhos praticam na escola e como essas atividades se desenrolam no dia a dia. Apesar de haver este zelo da coordenação pedagógica com os estudantes, verificou-se também que o direcionamento da atividade dos clubes enquanto atividade pedagógica ainda está em desenvolvimento na escola. Um dos motivos é a falta de informações sobre os procedimentos como na organização, estruturação e devolutiva das atividades dos clubes. Fato este que faz com que alguns clubes se apresentem mais como um momento de diversão pela diversão, do que um ambiente de diversão sim, mas com discussões, reflexões e aprendizados que corroborem para a formação ativa daqueles que constituem os clubes.

- Em clubes que envolvem muita emoção e sentimentos, a gestão tem a preocupação de acompanhar as atividades através de algum profissional especializado?

Fatos observados: Dentre todos os clubes existentes na escola, nenhum se apresenta com este perfil. No entanto, ficou nítido que ao passo que qualquer estudante precise de algum acompanhamento especializado tanto a gestão como a coordenação pedagógica se mobiliza para assim oferecer. Caso seja preciso de um acompanhamento de um especialista para além das paredes da escola, elas mesmo fazem questão de fazer o direcionamento para a família do estudante, e, também, trabalham com reuniões periódicas de acompanhamento estudantil, o que aproxima as famílias com a instituição.

- Os estudantes têm acesso a equipe gestora?

Fatos observados: Sim. A gestão sempre se apresentou atuante e disponível. Os próprios estudantes elogiavam a disponibilidade da gestão, inclusive quando era necessário a mediação de conflitos e soluções de problemas.

- Existe alguma movimentação por parte da gestão para incentivar os estudantes a criarem ou participarem dos clubes?

Fatos observados: No início do ano a gestão, juntamente com a coordenação pedagógica e os professores, fazem indicações, e dão informações gerais. Fazem o que podem diante das formações que recebem do governo do estado, bem como, das orientações recebidas.

Ponto estruturante 4:

- Existem ligações entre os cursos ofertados e algum clube de protagonismo no que se refere a temática escolhida?

Fatos observados: Sim, porém não é algo comum. A maioria dos estudantes que fazem parte do clube de robótica são oriundos do curso técnico em Eletrotécnica. A associação é direta com a área de atuação que os estudantes têm e terão a partir da conclusão do curso. No entanto, é bom salientar que, na maioria dos casos os estudantes não escolheram temáticas que são frutos de seus cursos. Eles argumentam que nestas atividades eles gostam de desenvolver algo que não necessariamente tem a ver com sua formação técnica, algo que lhes dê prazer, ou que tenha uma importância para eles sem que envolva a parte profissional.

- Algum clube aplica conceitos aprendidos e desenvolvidos nos cursos técnicos?

Fatos observados: Sim, mas se limita apenas ao clube de robótica, onde os estudantes do curso técnico de Eletrotécnica podem aplicar diversos conceitos aprendidos na grade disciplinar do curso técnico.

- Aparentemente, tem algum clube que foi criado a partir dos conhecimentos adquiridos nos cursos técnicos?

Fatos observados: Não. Apesar do clube de robótica estar intimamente ligada ao curso de eletrotécnica, verificou-se que o clube não se originou por causa do curso, e sim por conta de desejos pessoas de diferentes estudantes, mesmo que, atualmente, o clube seja formado, quase que totalmente, por estudantes do curso técnico em eletrotécnica.

Apêndice B: Questionário 1

Apresentação

Este questionário será utilizado para análise de dados na pesquisa CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL? Do pesquisador **Wanderley de Sousa Silva** Mestrando do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa, e é garantido ao respondente, deste questionário, total sigilo quanto a sua identificação ou qualquer que seja o indício ou característica que indique ou evidencie a sua imagem. Os dados aqui colhidos, serão tratados e divulgados, após análise detalhada, na versão final da dissertação desta pesquisa, seguindo todo o rito e os procedimentos descritos no compromisso firmado entre este pesquisador e o respondente desta pesquisa no ato de entrega, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Desde já, agradecemos imensamente a vossa participação em nossa pesquisa e saiba que trataremos dos dados aqui expostos com todo respeito e profissionalismo que nos compete.

Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

Pesquisador: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto

Clube do qual faz parte: _____

Bayeux ____ / ____ /2024

Questionário 1

Responda abaixo como você entende a importância das atividades dos clubes de acordo com as opções.

1- Você se satisfaz durante as atividades do clube por que elas te fazem desenvolver habilidades que você gosta e isso te realiza?				
Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

2- No clube, você encontrou um espaço para desenvolver uma atividade em que em nenhum outro lugar você havia encontrado e isso é importante para você?				
Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

--	--	--	--	--

3- Você gostaria de ter mais contato com a temática do seu clube no seu dia a dia, ou seja, fora da escola?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

Responda abaixo como você descreve a relação dos clubes com a sua vida no seu dia a dia e na sua realidade local de acordo com as opções.

4- Você, observando questões culturais, sejam costumes, crenças, hábitos, decidiu cultivar esses elementos culturais dentro do ambiente do clube, pois, para você, gera uma questão de pertencimento e de representatividade ?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

5- Algum problema que você tenha identificado na sua realidade local te instigou a participar deste clube de protagonismo?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

6- Decidiu desenvolver no clube de protagonismo algo que queira trazer para sua vida a fim de ajudar a sua comunidade?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

Responda abaixo como você relaciona os clubes de protagonismo com o que você projeta para os seus estudos futuros de acordo com as opções.

7- Decidiu desenvolver no clube de protagonismo alguma atividade que pretende estudar com mais profundidade futuramente?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

8- Você decidiu desenvolver alguma atividade no clube relacionando-a ao curso técnico que você cursa nesta escola, pois pretende seguir carreira nesta área?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

9- Algum clube te fez mudar de ideia sobre o caminho que você deseja trilhar depois que se formar na escola, academicamente falando?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

Responda abaixo como você relaciona os clubes de protagonismo com as situações problemas da vida de acordo com as opções.

10- Algum trauma ou momento difícil pelo qual você passou te motivou a participar de um dos clubes de Protagonismo?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

11- No clube, você discutiu sobre aflições, angústias, ansiedades, ou sentimentos parecidos, os quais você já passou e como fez para lidar com eles?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

12- Você encontra um espaço de acolhimento no clube de protagonismo para lidar com sentimentos que muitas vezes não costuma expressar?

Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

Responda abaixo como você relaciona os clubes de protagonismo com o seu projeto de vida no que diz respeito a vida profissional de acordo com as opções.

13- Você criou ou decidiu participar de um clube de protagonismo já pensando no que você pretende desenvolver profissionalmente?				
Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

14- A organização vivenciada dentro dos clubes de protagonismo te auxiliarão futuramente durante os processos necessários no mundo do trabalho?				
Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

15- A junção: Clube de protagonismo e Curso técnico tem te ajudado na escolha de qual caminho seguir profissionalmente?				
Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	concordo	Concordo Totalmente

Apêndice C: Questionário 2

Apresentação

Este questionário será utilizado para análise de dados na pesquisa CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL? Do pesquisador **Wanderley de Sousa Silva** Mestrando do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa, e é garantido ao respondente, deste questionário, total sigilo quanto a sua identificação ou qualquer que seja o indício ou característica que indique ou evidencie a sua imagem. Os dados aqui colhidos, serão tratados e divulgados, após análise detalhada, na versão final da dissertação desta pesquisa, seguindo todo o rito e os procedimentos descritos no compromisso firmado entre este pesquisador e o respondente desta pesquisa no ato de entrega, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Desde já, agradecemos imensamente a vossa participação em nossa pesquisa e saiba que trataremos dos dados aqui expostos com todo respeito e profissionalismo que nos compete.

Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

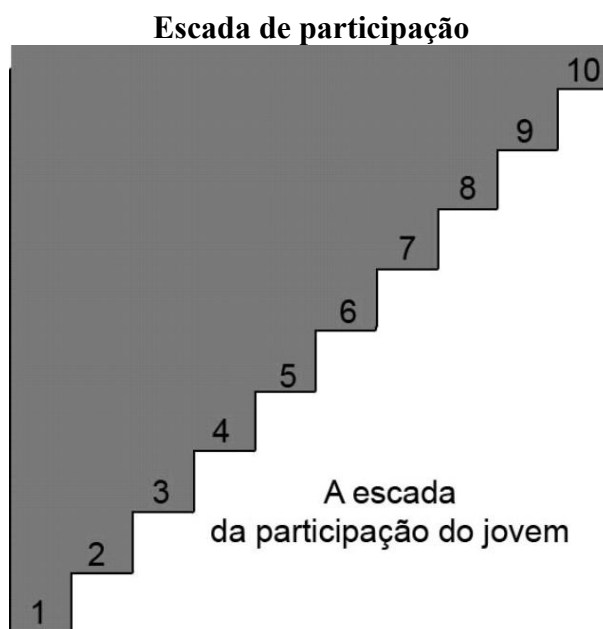
Pesquisador: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto

Clube do qual faz parte: _____

Bayeux ____ / ____ /2024

Este questionário está baseado na proposta apresentada por Antônio Carlos Gomes da Costa (2000) que trata da escada da participação juvenil. A escada de participação juvenil é formada por dez degraus, cada degrau significa um nível a mais de desenvolvimento no ato de protagonizar e de participação nas ações desenvolvidas. Segundo Costa(2000) a escada de participação está dividida da seguinte maneira:



Fonte: Costa, 2000

- 1. Participação manipulada** – Os adultos determinam e controlam o que os jovens deverão fazer numa determinada situação.
- 2. Participação decorativa** – Os jovens apenas marcam presença em uma ação, sem influir no seu curso e sem transmitir qualquer mensagem especial aos adultos.
- 3. Participação simbólica** – A presença dos jovens em uma atividade ou evento serve apenas para mostrar e lembrar aos adultos que eles existem e que são considerados importantes. A participação é, ela mesma, uma mensagem.
- 4. Participação operacional** – Os jovens participam apenas da execução de uma ação.
- 5. Participação planejadora e operacional** – Os jovens participam do planejamento e da execução de uma ação.
- 6. Participação decisória, planejadora e operacional** – Os jovens participam da decisão de se fazer algo ou não, do planejamento e da execução de uma ação.
- 7. Participação decisória, planejadora, operacional e avaliadora** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução e da avaliação de uma ação.
- 8. Participação colaborativa plena** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução, da avaliação e da apropriação dos resultados.

9. Participação plenamente autônoma – Os jovens realizam todas as etapas.

10. Participação condutora – Os jovens, além de realizar todas as etapas, orientam a participação dos adultos.

Questionário 2

De acordo com Costa(2000) e observando as suas atividades nos clubes de protagonismo e o seu dia a dia dentro de uma escola de Ensino Médio Integrado ao Técnico, responda as seguintes perguntas:

1-	Se considerarmos apenas suas ocupações cotidianas da escola, com as disciplinas, bem como projetos e os cursos técnicos, em qual dos degraus de participação (protagonismo) você estaria enquadrado??									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

2-	Se considerarmos apenas as atividades dos clubes de protagonismo, em qual dos degraus de participação (protagonismo) você estaria enquadrado?									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

3-	Agora, fazendo a junção dos dois momentos, tanto dos clubes quanto das atividades próprias da escola (disciplinas, projetos e cursos técnicos), observando tudo, em qual dos degraus de participação (protagonismo) você estaria enquadrado?									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Apêndice D: Roteiro de Entrevistas

Roteiro de Entrevistas

Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

Pesquisador: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr. Luís Gomes de Moura Neto

Apresentação

Este roteiro será utilizado para realização das entrevistas a serem realizadas em uma ECIT de Bayeux, a fim de servirem de dados para a pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL. Do pesquisador **Wanderley de Sousa Silva** Mestrando do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa, e é garantido aos entrevistados, total sigilo quanto as suas identificações ou quaisquer que sejam os indícios ou características que indiquem ou evidenciem as suas imagens. Os dados aqui colhidos, serão tratados e divulgados, após análise detalhada, na versão final da dissertação desta pesquisa, seguindo todo o rito e os procedimentos descritos no compromisso firmado entre este pesquisador e os entrevistados, desde o ato de entrega, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Vale salientar que as entrevistas ocorrerão através de uma de um roteiro semiestruturado, dando-se abertura e maleabilidade a intervenções e novos questionamentos, mesmo que estes não estejam pautados ou previamente estabelecidos no roteiro. Desde já, os pesquisadores envolvidos neste trabalho agradecem a todos que participarão em nossa pesquisa deixando o compromisso firmado de que trataremos dos dados, que, a partir daqui serão expostos, com todo respeito e profissionalismo que nos compete.

Roteiro das Entrevistas

Estudante A – Clube do ENEM	
1-	De quais clubes você participa e como você participa?
R-	Primeiramente eu participo do meu, em que eu sou a líder, e eu participo também do clube do cinema, onde eu sou apenas uma aluna, não tenho função ativa nenhuma, apenas participo. E o nome do meu clube é Vai de ENEM.
2-	Por que você decidiu participar das atividades dos clubes de protagonismo?
R-	Eu decidi participar ano passado, quando eu participava do Outro de Astronomia, porque eu queria aprender um pouco mais sobre, já que eu não tinha tanto conhecimento e também para existir uma troca ali de uma interação entre as pessoas,

	e esse ano eu participo do cinema Eu gosto bastante porque é um momento entre aspas de lazer que eu tenho no horário de almoço, mas é apenas uma vez na semana É um momento de descanso para a gente aqui da escola que vai ficar o dia inteiro ativo, a mente sem parar Então, finalmente quando você tem um momento de descanso, de lazer, sua mente pode descansar um pouco E eu criei porque eu tinha bastante conhecimento sobre e eu queria compartilhar Eu acho que quando você tem um conhecimento que você pode compartilhar para as pessoas, você não dá eficácia para você, você tem que ajudar as pessoas. Pessoas, e também muita gente por já saber que eu sabia algumas coisas do Enem, né? Então muitas pessoas viam até mim, perguntavam isso, perguntavam aquilo, e aí eu tive a ideia de criar. Ah, eu vou criar, eu vou falar tudo de uma vez só.
3-	Como vocês fazem para escolher os temas dos clubes de protagonismo?
R-	Nós escolhemos de acordo com a relevância e que vai cair no Enem, temas e assuntos importantes, ou seja, pela relevância.
4-	Como é que vocês se organizam para que o clube funcione?
R-	O meu clube acontece toda quinta-feira, começa às 12h40, que é no intervalo do almoço, e vai até 1h10, às vezes atrasa um pouco, por problemas técnicos, e a gente vai até 1h20, sendo que nem sempre, só algumas vezes, e a professora, que é a madrinha do clube, ela não tem a aula que antecede o horário do clube, então ela já vai ajeitando, colocando data show, notebook, com material, para quando a gente chegar lá, já ligar e começar a aula para não atrasar também. Eu preparo os slides, na semana que eu vou dar o assunto, e quando eu não vou dar o assunto, outra pessoa do clube fica responsável, no caso o secretário ou o vice-líder, mas sempre os alunos, ou então, como a gente está implementando agora também, quando a gente está implementando o clube, a gente vai dar o assunto, a gente. Aumentando assuntos, conteúdos. A gente também está colocando os alunos, a plateia, para também interagir, para haver essa troca simultânea, sabe?
5-	Existe um líder no clube ou todos se ajudam e como ocorre a organização das atividades dos clubes?
R-	A líder sou eu, porque eu tive a ideia desde o primeiro ano, sendo que só fui colocar agora em prática, eu basicamente que fico responsável por tudo, mas assim, também tem outros envolvidos, que no caso é o vice líder, como eu comentei, e o secretário, e também tem a madrinha, a madrinha no caso ela não dá aula, não faz nada, só me ajuda a levar as coisas lá e fica responsável pelo auditório, que é onde a gente se encontra. Devido ao grande número de alunos, e como eu falei, às vezes os alunos, que são esses da gestão, eles também dão aula, sendo que problema é questões, assim, maiores, eu fico responsável, e é questão de frequência, questão de frequência é com a secretária. E, questões assim, é. Maiores, digamos assim, eu que fico responsável. Devido ao grande número de participantes, que é a média entre 70 e 80 alunos. Então, a gente tenta deixar tudo bem simples, porque exatamente por causa da quantidade ser tão elevada, para não ficar uma bagunça. Principalmente na hora que eles chegam lá no auditório, mesmo essa quantidade sendo bem insignificante, ainda assim eles ficam silenciosos, prestando atenção, porque a gente sempre tenta trazer conteúdos que façam eles focar bastante, e a gente traz por meio de slide, e a gente sempre, a gente que eu falo quem está aplicando o conteúdo naquele momento. E aí a gente sempre está interagindo com eles, perguntando se tem alguma dúvida, se eles já estiveram naquela posição, algo assim.
6-	As atividades dos clubes de protagonismo geram reflexões capazes de fazer análises da sociedade e do meio no qual os alunos estão inseridos?
R-	Sim, pois são assuntos que eles aprendem no dia a dia, porque passam o dia inteiro na escola, então aprendem durante todo o dia, toda a rotina deles, eles veem, no clube do ENEM mas precisamente, eles revisam isso e aprendem coisas novas que vão ser utilizadas logo, logo.

7-	Quais resultados o clube traz para a escola?
R-	Eu diria que resultados muito, muito, muito bons mesmo, principalmente há um pouco, assim, daqui a pouco quando a gente for fazer o ENEM, então a gente vai realmente ver o significado, o resultado maravilhoso que vai ser, porque a gente de escola pública, assim, que não tem outra condição financeira para entrar em uma faculdade particular devido ao financeiro, então a gente tem que ir de escola pública é fazer o ENEM e fazer o ENEM, apenas isso, a gente não tem outra solução, então como aqui não é muito abordado, principalmente no primeiro, no segundo ano, pelos professores, pelas pessoas, como não é muito abordado essa temática ENEM, eles só falam por cima, caia isso e isso, mas não é apenas isso, a gente também tem que saber várias coisas que não é apenas isso que eles falam em sala de aula. A gente tinha disciplina aqui no terceiro ano, mas apenas no terceiro ano, que explica um pouco mais do ENEM, que é o pós médio. Mas se a gente for esperar para aprender tudo no terceiro ano, no caso no nosso último ano, vai ser aprender tudo de cima da hora. Então acredito que esse clube, quem realmente aproveita ele tem muitos resultados bons. Porque vai ser algo que vai agregar muito na sua vida, principalmente desde que você for fazer o ENEM.
8-	De maneira geral, o que você acredita que o clube de protagonismo contribuiu para a sua vida e o que você levará desta experiência para a sua trajetória fora da escola?
R-	Contribuiu de maneira significativa porque lá no clube eu não apenas compartilho como eu também aprendo é justamente como eu já falei anteriormente é porque não apenas eu que dou aula também os alunos dão aula então eles também tanto eu ensino quanto eu aprendo então isso é faz bastante e traz bastante significado para a minha vida como eu falei eu quero fazer nem preciso desses conteúdos desses ensinamentos para poder fazer e vai sim atribuir na minha vida tanto pessoal quanto acadêmica porque eu vou ter uma formação fazendo nem então eu preciso desses conhecimentos é isso. Por ser uma pessoa muito tímida eu não tinha contato com muitas pessoas, a não ser pessoas da minha sala, da minha turma, onde eu consigo deixar essa timidez de lado um pouco, então eu acho que por eu estar ali em cima do auditório falando, ensinando, compartilhando meu conhecimento, então acho que as pessoas também me conheceram um pouco e acabou que eu perdi a minha intimidade, minha timidez e acabei criando mais intimidade com as pessoas, os alunos que fazem parte do clube, então é assim, também tem outros pontos, mas eu acho que os mais importantes assim, que mais agregaram na minha vida foi isso, eu perdi minha timidez que foi muito bom para mim.
9-	Como você lida com o fato de ter que associar a sua formação técnica com os clubes de protagonismo?
R-	Na formação técnica a gente tem disciplinas como empresa pedagógica, onde a gente aprende bastante a gerenciar questões assim profissionais e acadêmicas. Então acho que essa educação da área técnica que eu aprendo no meu dia a dia aqui na escola acaba contribuindo também para meu ensinamento e gerenciamento das atividades do clube.
10-	Sabendo que a formação integral é a oportunidade que o indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências profissionais, as tecnologias, as artes, as espiritualidades, a cultura, etc., você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos e se sim, por quê?
R-	Eu acho que sim. Aqui também tem clube de teatro, então teatro também é um curso que você faz por fora, então também tem essa questão aí da arte, não só o clube de arte como também tem outros legais que tem clube Giq, sabe o que é? Pronto, tem o meu do Enem, que também abre Horizontes, tem o do cinema também, um tipo de arte né, tem o de robótica que aí vai para ciências, agronomia, ciências também, então

aqui na escola a gente tem diversos clubes que engloba as disciplinas assim e que agrega no ensino médio integrado.

Estudante B – Clube de Astronomia

1-	De quais clubes você participa e como você participa?
R-	Eu participo de astronomia como presidente, do de leitura como um membro e só.
2-	Por que você decidiu participar das atividades dos clubes de protagonismo?
R-	Desde que eu cheguei na escola eu me interessei pelo Clube de Astronomia porque no acolhimento inicial foi falado da existência de clubes e especificamente do de Astronomia que foi o que eu mais me interessei porque eu gosto muito de Astronomia. E eu achei bem legal de início da apresentação, mas como eu estava me adaptando bastante a escola eu não frequentava tanto, eu vim ter mais frequência e participação lá para o fim do ano.
3-	Como vocês fazem para escolher os temas dos clubes de protagonismo?
R-	Bem, mesmo o clube de astronomia já tendo sido criado desde 2019, se eu não me engane, a astronomia ainda continua sendo um assunto bem... na qual os alunos ainda se interessam muito, por mais que nesse ano tenha diminuído bastante o número de membros, ele ainda é bem comum de se encontrar pessoas que gostem do assunto e queiram falar sobre ele. Então, nesse mês meio foi bem mais fácil levar o clube como ele está sendo, do que meio que recriar o clube com um novo tema, porque a maioria de temas que são ligados a astronomias, as pessoas não gostam tanto. Astronomia é meio que um tema amplo que abrange muita coisa, na qual as pessoas gostam.
4-	Como é que vocês se organizam para que o clube funcione?
R-	Eu criei um cronograma que a gente está seguindo porque como é um clube de astronomia a gente tem várias Olimpíadas que participa, então com o cronograma me ajudou mais a me organizar e ajudar os outros a estudarem e se organizarem também.
5-	Existe um líder no clube ou todos se ajudam e como ocorre a organização das atividades dos clubes?
R-	Tem líder, sendo eu, mas pela lógica da escola tem um vice-presidente, só que ele não tá atuando como vice-presidente por seu último ano dele na escola e ele tá ocupado realizando as atividades pra terminar o ano, como o TCC e as AVS. Uma separação por tópico, porque como eu já fiz um cronograma, eu meio que vou seguindo o que esse cronograma está dito. Eu vejo vídeo-aulas para o pessoal do clube ver depois e aprender o assunto, e só.
6-	As atividades dos clubes de protagonismo geram reflexões capazes de fazer análises da sociedade e do meio no qual os alunos estão inseridos?
R-	Acredito que a reflexão, por mais que seja iniciada totalmente por Silas falando, nosso padrinho, padrinho do clube, mas faz bastante a gente pensar e discutir sobre a relação da vida da gente mesmo, sobre as decisões que a gente quer no futuro, profissões, sobre como vai ser a nossa vida quando a gente sair daqui. Porque por mais que a gente saia daqui com um curso garantido, não quer dizer que a gente vá seguir esse curso ou que a gente vá seguir uma profissão que a gente tá pensando de agora. Pode ter muitos acontecimentos mudar pra isso e que a gente tem que estar pronto pra essas mudanças.
7-	Quais resultados o clube traz para a escola?
R-	Seria exercer o protagonismo tanto de nós presidentes, dos alunos, trazendo reflexões sobre o que a gente faz, nossas decisões e também traz até, no meu caso, reconhecimento para a escola, já que como são olimpíadas a maioria das partes que a gente, das coisas que a gente participa, traz um certo reconhecimento para a escola.

8-	De maneira geral, o que você acredita que o clube de protagonismo contribuiu para a sua vida e o que você levará desta experiência para a sua trajetória fora da escola?
R-	Principalmente crescimento pessoal, já que desenvolve a gente a saber como organizar as coisas, como lidar com as pessoas e com as emoções dessas pessoas. E sim, planejo levar grande parte disso para a minha vida, já que ser presidente de um clube dá bastante atribuição, já que você organiza, faz um monte de coisa organizando e planeja aulas, eventos principalmente, já que fica para a gente organizar e ter que lidar com isso tudo, meio que dá para a gente um entendimento sobre como vai ser na vida adulta, já que vamos ter que fazer isso quando crescermos. Por eu ser bem introvertida antes, acho que isso me ajudou a desenvolver mais isso, já que eu tenho que falar muito com as pessoas do clube, tanto por internet, tanto pessoalmente, porque eles têm dúvidas, querem dar informações, e eles vão na maioria das vezes recorrer a mim para saber, então acho que me desenvolveu principalmente para isso.
9-	Como você lida com o fato de ter que associar a sua formação técnica com os clubes de protagonismo?
R-	Bem, meu curso é extremamente diferentes, já que minha formação profissional é design de móveis e o clube é sobre astronomia, mas acredito que envolve bastante a criatividade, já que para descobrir muita coisa a gente pode associar o espaço, a gente pode até associar o espaço para modelos de móveis mesmo não sendo tão fácil de associar os dois de um único jeito, ainda assim eles podem ter um elo para se ligarem, já que se você buscar criatividade, pensar no espaço como isso pode ser uma forma bem interessante.
10-	Sabendo que a formação integral é a oportunidade que o indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão incluídos as ciências profissionais, as tecnologias, as artes, as espiritualidades, a cultura, etc., você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos e se sim, por quê?
R-	Acredito que muito sim, já que o clube, especificamente a astronomia, abre uma área bem vasta de conhecimento, já que não existe especificamente uma formação pra astronomia, mas ela trabalha com diversas áreas. Existe um membro até que, mesmo cursando mecânica, ele pretende formar em astronomia. Eu acredito que o clube possa ser uma grande vontade dele aprender sobre o assunto, desenvolver e falar sobre os conhecimentos dele que ele já adquiriu sobre o assunto que ele gosta.

Estudante C – Clube de Leitura

1-	De quais clubes você participa e como você participa?
R-	Participo do clube de leitura como líder e também do clube de robótica também como líder.
2-	Por que você decidiu participar das atividades dos clubes de protagonismo?
R-	De início, houve o acolhimento inicial em que foram apanhadas as ideias e como funcionava nos horários de almoço à escola. Para não ser aquela rotina monótona, existiam clubes, então eu participei de uma aula inaugural e aí o professor me convidou para participar do clube de robótica. E foi assim que a gente foi desenvolvendo as atividades e o clube de leitura, que é mais recente, foi a necessidade dos alunos se integrarem na leitura através de dinâmicas e de colaboração entre os estudantes.
3-	Como vocês fazem para escolher os temas dos clubes de protagonismo?
R-	O desejo pessoal e a afinidade entre os estudantes faz com que haja uma colaboração, uma junção de ideias para criar, para chegar a um determinado

	consenso entre criar alguma coisa e desenvolver aquela atividade para não perder a autenticidade.
4-	Como é que vocês se organizam para que o clube funcione?
R-	Os meus clubes são organizados semanalmente, no horário pós o almoço, e as atividades que são propostas nesse clube são aquelas que colaborem com o protagonismo juvenil, que é fundamental da escola.
5-	Existe um líder no clube ou todos se ajudam e como ocorre a organização das atividades dos clubes?
R-	Existe líder, que sou eu, e o vice-líder, que a gente consegue desdobrar as atividades com responsabilidade e compromisso. No clube de leitura, a gente tem apoio da professora de português, que ajuda a gente a planejar direitinho como vai ser cada atividade, e no de robótica, a gente consegue ir por etapas de programação e de conceitos básicos antes de começar um protótipo.
6-	As atividades dos clubes de protagonismo geram reflexões capazes de fazer análises da sociedade e do meio no qual os alunos estão inseridos?
R-	A questão da relação, da reflexão com a sociedade também, para entender os temas atuais e como a gente consegue, no caso o clube de leitura, como a gente consegue trazer determinados assuntos para a situação que está acontecendo no momento. E desenvolver relações com os estudantes de modo geral, de um convívio social, e é isso.
7-	Quais resultados o clube traz para a escola?
R-	Nos nossos clubes a gente tem o papel de desenvolver o crescimento pessoal de cada estudante e de ativar o protagonismo juvenil.
8-	De maneira geral, o que você acredita que o clube de protagonismo contribuiu para a sua vida e o que você levará desta experiência para a sua trajetória fora da escola?
R-	Exercer a liderança, a tomada de decisões e o crescimento pessoal, como saber lidar com diferentes pessoas e com diferentes opiniões. É... o desenvolvimento pessoal através de convívio que há entre as pessoas, entre entender cada pessoa do seu jeito e como eles se comportam e como cada um tem a facilidade ou não de aprender determinado conteúdo.
9-	Como você lida com o fato de ter que associar a sua formação técnica com os clubes de protagonismo?
R-	Nesse caso, os meus clubes e o meu curso são diferentes, eles têm ideias e conceitos diferentes, mas se assemelha em um único ponto, na questão do crescimento pessoal, do amadurecimento e ouvir o outro participar das decisões e é isso.
10-	Sabendo que a formação integral é a oportunidade que o indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências profissionais, as tecnologias, as artes, as espiritualidades, a cultura, etc., você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos e se sim, por quê?
R-	Sim, com certeza, porque os estudantes não ficam vinculados só a uma única coisa, que no caso eles escolheram um curso, mas não... vão abrir novas áreas para as suas vidas, vão conseguir discernir o que ele quer para a sua vida, qual campo profissional que ele deseja, e desenvolver novas habilidades e desenvolver novas ideias também.

Estudante D – Clube de RPG

1-	De quais clubes você participa e como você participa?
R-	Atualmente, eu só participo de um único clube de protagonismo, que é o clube de RPG de mesa, clube esse cujo eu também sou o presidente e fundador do clube.
2-	Por que você decidiu participar das atividades dos clubes de protagonismo?

R-	O primeiro motivo que eu consigo pensar do porquê que eu me envolvi com os clubes de protagonismo em primeiro ponto é pra minha mente conseguir ter um descanso da carga horária da escola, que sim continua sendo bem puxada apesar das mudanças que aconteceram. Também vale citar que foi uma maneira minha de procurar interagir mais com os meus colegas da escola. Então foi uma mistura entre esses dois motivos.
3-	Como vocês fazem para escolher os temas dos clubes de protagonismo?
R-	A escolha dos temas, pelo menos para mim, ela é feita tanto baseada na necessidade dos alunos quanto baseado em temas, gostos que os alunos têm em comum, porque por mais que esses gostos às vezes possam não agregar tanto para a vida acadêmica deles, a dinâmica do clube vai agregar bastante para o pessoal deles, ao mesmo tempo de que é uma ótima forma de poder relaxar e acalmar a mente perante essa rotina da escola integral. E como um resultado disso, às vezes através desses gostos pessoais e relaxamento, as pessoas podem acabar desenvolvendo habilidades novas como eu consegui desenvolver meu inglês. Eu consegui aprender inglês por causa de todos os jogos em geral, então clubes de jogos também vão acabar indiretamente trabalhando. Trabalhando em dois as pessoas através dos jogos que elas Experimentam e por aí vai.
4-	Como é que vocês se organizam para que o clube funcione?
R-	o meu clube se trata de RPG de mesa, então é um jogo interpretativo, onde um dos jogadores é selecionado para narrar um mundo ao qual os outros jogadores vão poder criar personagens para interagir. Assim a gente acaba estimulando tanto a imaginação dos integrantes, como também a capacidade deles de criar e contar histórias. Enquanto sempre tentam, ao máximo, a gente sempre tenta manter algo divertido e dinâmico para todo mundo.
5-	Existe um líder no clube ou todos se ajudam e como ocorre a organização das atividades dos clubes?
R-	Quanto à liderança do clube existe eu sou presidente fundador então normalmente quem organiza o horário das reuniões etc vai ter realmente uma reunião ou não é eu junto de que outras pessoas podem complementar com a ajuda de cada um para poder manter o clube organizado a gente também tem conta com dois secretários e um vice-presidente mas todo mundo é livre para fazer sua contribuição. Normalmente o meu clube ele se organiza durante o horário dos almoços tendo uma organização baseado em quão perto a nossa filha está de pegar o almoço do dia porque normalmente organizado por turma então nos dias que a gente estiver mais perto de pegar comida a gente pega comida já vai fazer o clube como a gente não nesse espaço específico a gente pode fazer enquanto come na tranquilidade agora nos dias que a gente está para os últimos da fila a gente combina todo mundo trazer um pouco da comida a gente faz enquanto come a comida que a gente trouxe todo mundo compartilhando.
6-	As atividades dos clubes de protagonismo geram reflexões capazes de fazer análises da sociedade e do meio no qual os alunos estão inseridos?
R-	Tenho sim em mente que é muito capaz de nos trazer reflexões da nossa sociedade mesmo. Eu vou até abrir um ponto aqui pro meu, porque como eu trabalho com RPG, com histórias que são interpretadas teatralmente ali na situação, eu moralmente gosto de trazer e abordar temas que são sim relevantes pra nossa sociedade. Então, através das histórias que eu escrevo e meus jogadores experienciam, eles podem aprender noções completamente diferentes sobre preconceitos, desigualdades que são presentes na nossa sociedade, atentando a mente deles, mesmo que de forma muito mais lúdica, pra problemas que estão aí pra ser resolvidos na nossa sociedade. Então, assim como o meu clube tem esse potencial, mesmo sendo um clube criado pra entretenimento e. Relaxamento da mente muitos outros clubes também vão poder tratar esses assuntos com clubes de matemática clubes de escrita principalmente já que existem muitas obras por aí que trabalham isso então é sim é sim muito capaz eu acho que deve ser abordado em certo ponto porque são coisas que vão ser muito

	úteis para nossa formação pessoal interpessoal e até mesmo acadêmica considerando o tipo de coisa que vai ter que lidar dependendo do rumo acadêmico que a gente escolha e são coisas que muitas vezes passam despercebidas no dia a dia porque não é todo mundo que vai viver a realidade das pessoas que convivem diretamente com esses problemas sociais que nos afetam hoje em dia.
7-	Quais resultados o clube traz para a escola?
R-	O clube, apesar de ser focado bastante no divertimento dos estudantes, ele traz benefícios para a escola através do incentivo dos alunos a serem mais expressivos, a contarem mais e escreverem mais as próprias histórias, trazendo estudantes mais imaginativos para a sociedade também, coisa que se vê em falta no mundo atual.
8-	De maneira geral, o que você acredita que o clube de protagonismo contribuiu para a sua vida e o que você levará desta experiência para a sua trajetória fora da escola?
R-	O clube trouxe muitas mudanças positivas na minha vida, mas creio que a mais destacável é que ele fez eu me tornar uma pessoa muito mais comunicativa e expressiva, como alguém que deveria, a partir de agora, liderar um grupo de estudantes para atividades específicas. Por exemplo, eu não era muito comunicativo do meu quinto até o meu nono ano. Eu não realmente conversava muito com os meus colegas e estudantes. Era um grupo muito seletivo de amizades que eu quase nunca contribuía para realmente os assuntos, mas agora eu me vejo com muitas pessoas ao meu lado e tendo que liderar elas através de atividades específicas e seletas, o que trouxe um grande crescimento pessoal para mim mesmo. Creio que, de modo geral, o clube trouxe muitas contribuições para minha vida, sendo várias interpessoais, quanto pessoais e até mesmo acadêmicas. Creio que, para a minha vida mesmo, o que eu vou levar desse clube é um grandíssimo senso de cooperatividade que realmente o clube me trouxe, me ajudou a desenvolver esse senso de cooperação com os meus colegas. Também traz um pouco, vou levar um pouco do senso de liderança para eu poder realmente liderar talvez uma equipe no futuro, porque querendo não é uma experiência de liderança, então se aprende com isso. E, acima de tudo, eu vou conseguir levar para a minha carreira a minha capacidade de criar, desenvolver histórias e por aí vai. Então, se por algum acaso na minha carreira eu consiga arrumar um espaço para ser. Tornar um escritor creio eu já vou ter muito da base de já fundamentada por conta do clube que tenho aqui na escola.
9-	Como você lida com o fato de ter que associar a sua formação técnica com os clubes de protagonismo?
R-	Creio que a associação dos dois tá na minha formação mesmo porque o curso vai me dar noções acadêmicas muito importantes para seguir a carreira de mecânico industrial, trazendo noções como matemática e por aí vai para a minha vida, fazendo eu aprender mais elas. Enquanto o clube ele vai me instigar a trabalhar de várias formas diferentes considerando que através dos cenários hipotéticos que a gente cria durante o RPG sempre é necessário trazer alguma solução diferenciada para aquilo. Então o RPG vai me ensinar tanto a trabalhar de forma diferenciada e tentar me destacar ao máximo usando a minha imaginação. Atributos esses que eu. Que vai ser bastante importante para a minha formação não só como mecânico industrial mas também como qualquer outra formação que eu queria fazer no futuro já digo que não planejo seguir a carreira de mecânico industrial entretanto eu tenho certeza que as noções acadêmicas que vão ser dadas a mim pelo curso em junção com as noções pessoais interpessoais que eu vou receber no clube vão conseguir fazer de pelo menos um profissional com um pouco de diferencial no mercado.
10-	Sabendo que a formação integral é a oportunidade que o indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências profissionais, as tecnologias, as artes, as espiritualidades, a cultura, etc., você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir

	horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos e se sim, por quê?
R-	Na minha visão sim, é crucial inclusive a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado nesse quesito, porque vai ser através dos clubes de protagonismo que os alunos vão desenvolver características interpessoais e pessoais deles, tendo que liderar, organizar e desenvolver práticas que vão não só envolver eles, mas outros alunos também, sempre procurando e visando manter uma boa organização e um bom trabalho. Isso faz com que o aluno se desenvolva não só academicamente como uma escola regular, por exemplo, ele vai desenvolver muitos outros pontos pessoais dele, então é como dizem, não vai sair dali meramente um estudante, um aluno, vai sair um cidadão preparado. Para o mercado de trabalho até mesmo os quesitos emocionais.

Professor(a)	
1-	Qual a sua relação com as atividades dos Clubes de Protagonismo?
R-	Eu sou padrinho de três clubes de protagonismo, o clube de robótica, o clube de astronomia e o clube de reforço escolar, e eu acompanho as atividades dos clubes.
2-	Você desempenha alguma função em Algum Clube? Se sim qual?
R-	Então, nos dois clubes que já são mais antigos na escola, o Clube de Astronomia e o Clube de Robótica, eu acompanho as atividades presencialmente, outras acompanho por meio das presidentes dos clubes, e eu aplico também a Olimpíada Brasileira de Astronomia no Clube de Astronomia, eu sou um aplicador, e no de Robótica eu acompanho a participação em torneios, e no Clube de Reforço Escolar, como é um clube novo ainda na escola, eu tô orientando a presidente, passando tarefas e supervisionando o que ela tá executando durante as reuniões do clube.
3-	De acordo com o acompanhamento que você tem feito, como anda o desenvolvimento dos estudantes na disciplina? O rendimento tem caído, se manteve ou melhorou?
R-	É, como eu acompanho o clube de astronomia há mais tempo, então eu percebo que os alunos que são frequentes no clube, aqueles que estão desde o início, eles geralmente têm um desempenho melhor em física, em matemática e até em inglês, em língua inglesa eles também são bons, assim como os alunos do clube de robótica. Alguns alunos do clube, eles têm bons desempenhos em física, matemática, língua inglesa. O clube de reforço escolar, como é um clube ainda novo, eu ainda não tenho esse dado, ainda estou acompanhando os alunos do primeiro ano, então eu ainda não sei dizer se o clube está desempenhando um papel, está influenciando de uma forma positiva nas notas, no rendimento dos alunos.
4-	No que diz respeito ao ensino médio integrado, ou seja, ao fato dos estudantes estarem desenvolvendo os clubes em um ambiente onde já existe uma coabitação do propedêutico com o técnico, qual a sua percepção quanto ao desenvolvimento dos estudantes quando você observa essa relação Ensino médio integrado e Clubes de Protagonismo?
R-	Então, quando a gente trata do ensino médio integrado e a gente sabe que os alunos vão passar o dia inteiro na escola, então os clubes muitas vezes funcionam como espaços em que eles podem sair daquela rotina escolar, estudar, ver, aprender outras coisas que muitas vezes durante as aulas eles não vão aprender. Então, é o que eu observo nos clubes aqui da escola em que nos momentos de reuniões de clube eles buscam espaços, buscam algum se organizando em tempos. Neste ano, como a gente tem uma disciplina de práticas integradoras, então eles têm quatro aulas para se dedicar à criação e reunião em clubes de propriedade. Protagonismo. Então, o que eu percebo é que, neste ano, a realidade aqui da Paraíba está contribuindo para a

	formação e acompanhamento desses clubes, é importante mencionar que nas reuniões de clube, muitas vezes, os alunos vão buscar aquilo que eles não aprendem na sala de aula, que eles têm interesse e que eles gostariam de aprender ou estudar ou estar fazendo uma atividade que eles sintam prazer. Então, como durante o ensino integral eles se dedicam a tantas disciplinas, muitas vezes de uma forma exaustiva, durante as reuniões do clube são momentos em que eles podem trabalhar com conhecimentos e ter outras aprendizagens que eles não teriam na sala de aula. Então, o que eu percebo é que quando a reunião de clube é bem orientada e supervisionada por um professor, ou padrinho, os alunos vão conseguindo manter uma regularidade e isso também afeta no desempenho deles, nas disciplinas. Então, eu tenho visto principalmente nos clubes em que eu acompanho mais de perto, mas tem um clube que ele é chamado clube de RPG. Então, eu observei no ano passado em que os alunos desenvolviam habilidades e competências de língua portuguesa durante as reuniões do clube de RPG e eles estavam pensando, imaginando e aprendendo sobre histórias que eles não viam durante as aulas. Então, tem alguns clubes que podem contribuir de forma decisiva no aprendizado dos alunos.
5-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	Eu acredito que sim, mas é importante mencionar alguns pontos para que o clube proporcione esse desenvolvimento integrado nos alunos. Em um clube de protagonismo, quando ele está iniciando e quando a gente trata de alunos de primeiro ano, essas questões emocionais, sociais, ainda estão começando, eles ainda estão aprendendo algumas habilidades de colaboração, cooperação, autonomia. Então, durante o início do clube, é muito difícil falar, afirmar se o clube vai proporcionar esse tipo de integração e formação nos alunos. Mas eu acredito que quando o clube já está maduro, quando isso, vamos dizer, em alguns anos, quando um clube já está maduro e os próprios alunos desenvolveram uma autonomia, uma maturidade, são alunos protagonistas que colaboram, pesquisam, fazem projetos, buscam soluções para problemas sem o professor estar a todo tempo acompanhando. Então assim, quando o clube está maduro, eu acredito que o clube pode sim desenvolver uma formação e contribuir para a integração entre a formação integral e técnica, ou eu posso dizer, a formação profissional, então, claro. Observando todas as dimensões sociais, pessoais, emocionais e acredito que o clube precisa estar maduro, ele precisa ter alunos que já tiveram várias experiências e já passaram por talvez vários projetos e erraram muitas vezes durante esse processo e aprenderam sendo acompanhados por professores e então eles vão chegar a um ponto em que eles não vão precisar mais de um professor acompanhando, eles já vão ter uma autonomia, aí sim eles podem, esses alunos que formam o clube podem proporcionar momentos nas reuniões, nos projetos a serem desenvolvidos no clube que proporcionem essa Formação. Um clube é composto por alunos, então assim, quando os alunos ensinam outros alunos, quando os alunos já têm uma certa autonomia, já aprenderam com os erros, muitas vezes acertaram durante esse processo e foram aprendendo. Então esses alunos que estão mais maduros, eles contribuem para aqueles alunos que estejam chegando ao clube, desenvolvam alguns valores, algumas habilidades e competências. Então um clube é feito por alunos protagonistas para que esse clube continue crescendo e amadurecendo.
6-	Qual papel essencial que o professor desenvolve para que os clubes aconteçam?
R-	Eu acredito que é a presença. O professor presente, principalmente durante o início de um clube, é imprescindível. Então, a presença do professor nas motivações, nas atividades que o clube vai fazer, os alunos vão passar. Então, muitos alunos do ensino médio, no terceiro ano alguns até abandonam o clube para se dedicar a outras

	atividades, como o Enem. E aí, o clube acaba? Precisa ver a presença de um tutor, um professor, para que motivo. Outros alunos a conhecerem o clube, a participarem das atividades, envolverem projetos e para que esses alunos desenvolvam também autonomia, colaboração, algumas habilidades, inclusive sociais, emocionais, físicas também que serão úteis, enfim, na própria formação deles, mas também na aplicação da própria administração do clube, então acredito que é importante, o papel essencial do professor é um acompanhamento sistemático e algumas vezes acompanhando de perto, outras vezes se dançando, mas o professor nunca pode abandonar o clube, acredito que o professor ele. Ele faz um papel sim de supervisor. E para que um professor tenha um papel essencial, ele precisa ter algumas características, inclusive profissionais. O professor favorece, contribui para o desenvolvimento do clube se o professor tem um vínculo efetivo com a escola. Então, em qualquer clube, para que um clube inicie a maturação, acredito que pode levar anos. Então, precisa haver esse acompanhamento de um professor, de preferência que ele seja efetivo. Claro que um professor temporário pode desenvolver uma atividade, só que não tem uma garantia que o clube que o professor acompanhe vai ser sempre orientado por ele. Clube é orientado por um professor efetivo, isso aumenta as chances de o clube sobreviver ao longo dos anos, dele continuar vivo com atividades, com projetos, com alunos, então assim, principalmente quando a gente trata de alunos ensino médio, então a presença de um professor é fundamental, embora ele não seja a peça central nos clubes de protagonismo, mas o acompanhamento de um professor ele é importante, é essencial.
7-	A Secretaria da Educação do Estado da Paraíba desenvolve alguma formação para nortear a equipe escolar sobre o funcionamento dos clubes, se sim, qual?
R-	Eu penso que a Secretaria de Educação poderia proporcionar mais formações, mais documentos para que oriente a escola, o gestor, os professores e os próprios alunos a como conduzir um clube, planejar, estruturar os pormenores, as dificuldades que podem surgir e realmente eu gostaria que tivessem informações produzidas ou pela Secretaria de Educação ou por outros institutos que a Secretaria pudesse disponibilizar, formações nessa área de desenvolvimento de clubes de protagonismo, talvez principalmente para os alunos. Alguns alunos com. Líderes de turma, alguns alunos protagonistas, se inscrevessem em informações. Como acontece em projetos como o Conexão Mundo, projetos de como se liga no Enem, outros projetos que a Secretaria desenvolve, acredito que uma informação voltada para clubes de protagonismo seria muito interessante para o desenvolvimento dos clubes no estado da Paraíba.

Coordenador(a)	
1-	Como a coordenação pedagógica dá o suporte introdutório para que os jovens e adolescentes possam iniciar as atividades dos clubes?
R-	- A gente organiza junto com os alunos protagonistas para a gente criar um cardápio daqueles clubes que eles acham que se identificam como uma escola, e a gente faz esse feirão para que os alunos possam escolher que clubes eles se identificam.
2-	Como são administrados os níveis de controle das ações dos adolescentes nos clubes?
R-	- Através dos presidentes dos clubes, eles fazem esse levantamento de frequência, de atividades que são realizadas no clube, e depois eles fazem um levantamento e passam para a gestão, a gestora principal da escola, que é quem faz esses acompanhamentos nos clubes.

3-	Como a coordenação interage com os clubes de protagonismo para realizar as cobranças necessárias, do que diz respeito as atividades e resultados dos clubes em questão?
R-	- A gente faz o acompanhamento, aqui a gente tem um hábito de fazer geralmente quinzenal, até porque eles pedem materiais para poder utilizar nos clubes. E a gente vai fazendo esses levantamentos de atividades que são realizadas para ver se, através desse feedback que eles dão, se está sendo positivo.
4-	Sabendo que esta atividade é uma atividade sistematicamente pedagógica e que não é dirigida por professores, no entanto, necessita de supervisão, como a coordenação age para que seu fim não seja meramente recreativo, mas que se torne um ambiente de aprendizagem significativa?
R-	- Acompanhamos de forma bem periódica mesmo, até para não perder o foco do que é o clube, de protagonismo na escola. Ele tem que dar um resultado de conhecimento também, não é só uma questão prática de descanso ou de coisas desse tipo. Então a gente faz esse acompanhamento para ver como o clube do Enem, outros clubes de reforço que a gente tem, o que está sendo positivo para a escola e para os estudantes que neles estão participando.
5-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	- Eu acredito que sim, até porque pelo conhecimento que eles adquirem de forma interdisciplinar dentro dos clubes, as trocas de experiências, situações que tornam fantásticos a nível de conhecimento, então os clubes são muito importantes sim para essa etapa da vida do estudante, principalmente estudante protagonista.

Gestor(a)	
1-	Como a gestão tem trabalhado para oportunizar meios, sejam materiais ou até mesmo espaços, para que as atividades dos clubes de protagonismo ocorram em sua plenitude?
R-	É, bem, em relação à forma da gestão trabalhar, para que esses clubes venham a acontecer, nós contribuímos em tudo, né? Nós contribuímos doando espaço, disponibilizando espaço, disponibilizando materiais. Nós perguntamos para eles, eles vêm até nós, pergunta o que é, fala o que é que eles vão precisar. O que é que é necessário para que o clube venha a fluir. Então, nós contribuímos em tudo.
2-	A gestão acredita que os clubes de Protagonismo são ambientes de emancipação e de desenvolvimento humano? Se sim, explique o porquê.
R-	Sim, eu acredito. Acredito que esses clubes dão uma grande contribuição para que haja esse desenvolvimento humano, e, também, essa emancipação. Porque a partir Dali, eles trabalham de uma forma mais humanizada, eles veem mais a questão do outro.
3-	A gestão considera importante existir um espaço como o do clube de protagonismo dentro de uma escola que trabalha o ensino médio propedêutico integrado ao técnico? Se sim, por quê?

R-	Bom, eu considero importante sim, uma vez que você contribua para que o aluno ele procure compreender como é que ele dá a vida, né? E outra coisa também, em relação ao ensino, aprendizagem, a gente vê que tem uma, assim, como é que eu posso falar, uma forma mais ampla e uma forma bem mais viável para que eles procurem a compreender as coisas. É muito importante que haja esses clubes dentro das escolas integrais e técnicas, porque elas, assim, dão... uma maior chance para que o aluno desenvolva suas habilidades
4-	A gestão acompanha os resultados desenvolvidos pelos clubes? De acordo com a sua visão particular, são válidos? Valem o investimento? Trazem verdadeiramente alguma contribuição significativa na intenção de proporcionar uma melhor formação para nossos jovens?
R-	Sim, como gestora, eu acompanho o resultado que são desenvolvidos por esses clubes. E como exemplo, eu posso até citar um clube que nós temos na escola que usa muito o lado criativo do estudante. Posso citar também, o ano passado, um estudante que ele tem do espectro autista e esse estudante desenvolveu um livro sobre dinossauros, que foi uma coisa maravilhosa. Então, a partir daí, vemos que tudo é muito válido e que serve muito, que contribui muito para o desenvolvimento do adolescente do estudante. Se vale o investimento, o investimento vale sim, porque a gente vê que todo o material que é da contribuição, que a gente tem para investir nesses estudantes, nesses clubes. Para que eles venham a desenvolver as suas potencialidades, é muito válido, porque a gente vê o resultado. Como eu falei, que realmente traz uma verdadeira contribuição, que é muito significativa. E como exemplo, eu continuo citando esse estudante que tem um aspecto autista e que ele desenvolveu muito. Inclusive, os professores estavam até pensando em lançar esse livro dele.
5-	Sabendo que esta atividade é uma atividade sistematicamente pedagógica e que não é dirigida por professores, no entanto, necessita de supervisão, como a gestão tem agido para que seu fim não seja meramente recreativo, mas que se torne um ambiente de aprendizagem significativo?
R-	Bom, em relação a essas atividades, para que ela não seja meramente recreativa, quem fica mais responsável por essa parte são os padrinhos dos clubes. Os estudantes o procuram, são desenvolvidas essas atividades, e ele sempre está de dentro de tudo que vai acontecer. Ele sempre está sabendo de tudo que vai acontecer, inclusive ele não chega a dar sugestões, mas ele orienta.
6-	Sabendo que formação integral é a oportunidade que indivíduo tem de formar-se em seus mais distintos aspectos e que nestes estão inclusos as ciências, o profissional, as tecnologias, as artes, as espiritualidades a cultura etc. Você acredita que a associação dos clubes de protagonismo ao ensino médio integrado pode abrir horizontes para a formação integral dos jovens que experienciam tais momentos? Se sim, por quê?
R-	Sim, eu acredito que tais momentos podem, sim, abrir novos horizontes, abrir um leque para a formação do estudante. Uma vez que, aqui, ele está colocando os seus dons, as suas habilidades, e isso tudo vai contribuir para que ele venha a ser um sujeito idealizador e que pode realmente expandir todo esse conhecimento que ele adquiriu, tanto através das tecnologias, do profissional, das ciências, das espiritualidades, da cultura e das artes, inclusive de suas aptidões.

Apêndice E: Ficha de Avaliação do Produto Educacional 1

Tipo de Produto: WORKSHOP

Vinculada a Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

Pesquisador responsável: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr.º Luiz Gomes de Moura Neto

Você é: ☐ Estudante que já participa ou participou de algum clube
☐ Estudante que ainda não participou de nenhum clube

Apresentação

Este questionário será utilizado para análise de dados na pesquisa CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL? Do pesquisador **Wanderley de Sousa Silva** Mestrando do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa, e é garantido ao respondente, deste questionário, total sigilo quanto a sua identificação ou qualquer que seja o indício ou característica que indique ou evidencie a sua imagem. Os dados aqui colhidos, serão tratados e divulgados, após análise detalhada, na versão final da dissertação desta pesquisa, seguindo todo o rito e os procedimentos descritos no compromisso firmado entre este pesquisador e o respondente desta pesquisa no ato de entrega, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Desde já, agradecemos imensamente a vossa participação em nossa pesquisa e saiba que trataremos dos dados aqui expostos com todo respeito e profissionalismo que nos compete.

RESPONDA AS SEGUINTE QUESTÕES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL
WORKSHOP CLUBE EM AÇÃO: DA TEORIA A PRÁTICA.

Questionário inicial

1- Você Realmente sabe o que é um Clube de Protagonismo?				
	Não	Pouco	Sim	

2- Você consegue propor algum assunto/tema/conteúdo, que, você considera possível ser trabalhado em um espaço de aprendizado como os Clubes de Protagonismo?				
	Não	Pouco	Sim	

3-	Você já parou para refletir sobre os pontos fortes da sua personalidade e como trabalhar eles em um clube de Protagonismo Juvenil ?			
	Não	Pouco	Sim	
4-	Você sabe como criar estratégias para desenvolver um Clube de Protagonismo?			
	Não	Pouco	Sim	
5-	Você sabe como propor ideias com o intuito de ter um clube de protagonismo mais organizado?			
	Não	Pouco	Sim	
6-	Você sabe como se estrutura um clube? (ou seja, demandas, hierarquias, pautas, foco, missão etc.)			
	Não	Pouco	Sim	
7-	Você sabe como desenvolver o processo de planejamento das atividades de um clube ?			
	Não	Pouco	Sim	
8-	Você sabe como os resultados de um hipotético clube pode ser colhido, analisado e publicizado?			
	Não	Pouco	Sim	

Apêndice F: Ficha de Avaliação do Produto Educacional 2

Tipo de Produto: WORKSHOP

Vinculada a Pesquisa: CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL?

Pesquisador responsável: Wanderley de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr.º Luiz Gomes de Moura Neto

Apresentação

Este questionário será utilizado para análise de dados na pesquisa CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM HORIZONTE PARA FORMAÇÃO INTEGRAL? Do pesquisador **Wanderley de Sousa Silva** Mestrando do Programa de pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa, e é garantido ao respondente, deste questionário, total sigilo quanto a sua identificação ou qualquer que seja o indício ou característica que indique ou evidencie a sua imagem. Os dados aqui colhidos, serão tratados e divulgados, após análise detalhada, na versão final da dissertação desta pesquisa, seguindo todo o rito e os procedimentos descritos no compromisso firmado entre este pesquisador e o respondente desta pesquisa no ato de entrega, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Desde já, agradecemos imensamente a vossa participação em nossa pesquisa e saiba que trataremos dos dados aqui expostos com todo respeito e profissionalismo que nos compete.

RESPONDA AS SEGUINTE QUESTÕES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL
WORKSHOP CLUBE EM AÇÃO: DA TEORIA A PRÁTICA.

Questionário Final

1-	O Workshop deixou claro para você o que é um Clube de Protagonismo?		
	Não	Pouco	Sim

2-	O workshop facilitou o seu processo de construção de ideias para algum assunto/tema/conteúdo de clube?		
	Não	Pouco	Sim

3-	O Workshop conseguiu te ajudar no processo de identificação dos pontos fortes da sua personalidade?		
	Não	Pouco	Sim

4- O workshop te deu condições de desenvolver estratégias a fim de ter ideias para desenvolver um Clube de Protagonismo?				
	Não	Pouco	Sim	

5- Após o workshop você conseguiria organizar um clube de protagonismo?				
	Não	Pouco	Sim	

6- Após o WORKSHOP você pode afirmar que conseguiria estruturar um clube? (ou seja, as demandas, a hierarquia, as pautas, o foco, missão etc.)				
	Não	Pouco	Sim	

7- Após o WORKSHOP você afirmaria que sabe desenvolver o planejamento das atividades de um clube ?				
	Não	Pouco	Sim	

8- Agora, após ter vivenciado os conhecimentos compartilhados no Workshop, você pode afirmar que sabe como os resultados de um clube podem ser colhidos, analisados e publicizados?				
	Não	Pouco	Sim	